

Sebastião Camelo da Silva Filho

POLISSEMIA NOMINAL DIACRÔNICA

Do conceitual ao linguístico:

Relações lexicais a partir dos corpora de especialidade

Tese de Doutorado em Linguística

Especialidade – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia

Junho/2013

Tese de Doutoramento em regime de cotutela
entre a
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
e a
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Doutor em Linguística – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia,
na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
realizada sob a orientação científica da
Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

e

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Doutor em Filologia e Língua Portuguesa
na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
realizada sob a co-orientação científica da
Professora Doutora Ieda Maria Alves

Apoio financeiro da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito da Bolsa de
Doutoramento (SFRH / BD / 62593 / 2009)

À minha mãe Francisca Fernandes (in memoriam)
à minha avó Maria Laurindo Freitas (in memoriam)
e ao meu avô João Freitas (in memoriam),
estão sempre presentes em minhas lembranças.

AGRADECIMENTOS:

A Deus pela força e persistência.

Às senhoras, Professora Doutora Maria Teresa Lino e Professora Doutora Ieda Maria Alves, orientadora e co-orientadora da Tese de Doutorado.

Ao Professor Doutor Philippe Thoiron da Université Lumière Lyon II – CRTT.

À Professora Doutora Rosa Estopà da Universidade Pompeu Fabra, Barcelona.

À Professora Doutora Enilde Faulstich da Universidade de Brasília (UnB).

Ao Professor Doutor Antônio Luciano Pontes da Universidade

À Professora Doutora Stela Tagnin da Universidade de São Paulo (USP).

À Professora Doutora Isabelle Oliveira da Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3

À Professora Doutora Pascaline Dury da Université Lumière Lyon II – CRTT.

À Professora Doutora Suzanne Lervard do CRTT.

À Dr^a Paula Andrade do SICAD.

À FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia)

À minha família, Cacai (Maria Das Graças), Guilherme, Danilo, Danielle, Julianna, José Alves, Simone, Scheila e em especial ao mais novo membro da família, Heitor, meu sobrinho afeiçoado.

A todos, que de certo modo, contribuíram para a concretização deste projeto.

POLISSEMIA NOMINAL DIACRÔNICA:

Do conceitual ao linguístico:

Relações lexicais a partir dos corpora de especialidade

Sebastião Camelo da Silva Filho

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: polissemia, nominal diacrônica, terminologia, corpora especializado, ontologia, organização do conhecimento

A presente pesquisa tem por objeto a análise e a descrição da polissemia nominal numa perspectiva diacrônica. Este estudo insere-se no âmbito das perspectivas recentes em Terminologia e articula-se a várias disciplinas tais como a Semântica Lexical, a Linguística de Corpora e a Ontologia.

Apresentamos o estado da arte sobre a polissemia, sem no entanto esquecer a perspectiva diacrônica em Terminologia.

A polissemia é descrita através dos textos de especialidade. Dessa maneira, apresentação de uma metodologia referente à constituição de *corpora* a partir de textos de especialidades pertencentes a distintos períodos do tempo, relativos a uma diacronia de cerca de vinte anos.

A diacronia é caracterizada como um processo dinâmico, que apresenta novas perspectivas à teoria e às metodologias da Terminologia. Através da Terminologia diacrônica é possível descrever o percurso das instabilidades provocadas pelas mudanças de um conceito que se refletem numa unidade terminológica até à sua estabilização.

Diante dos estudos diacrônicos, podemos referir sobre a relação entre a Ontologia e a Organização do Conhecimento. O conhecimento advém do contato e da experiência que o indivíduo estabelece com a realidade que integra. Tanto a observação, quanto a percepção, como a compreensão são características inerentes ao processo de conceitualização do conhecimento.

ABSTRACT

KEY-WORDS: diachronic nominal polysemy, terminology, specialized corpora, ontology, knowledge organization

This research aims at the analysis and description of nominal polysemy in a diachronical perspective. This study falls within the framework of recent perspectives on Terminology and articulates the various disciplines such as Lexical Semantics, Corpus Linguistics and Ontology.

For the beginning of this study, we present a state of the art on polysemy, without forgetting the diachronic perspective in Terminology.

The polysemy is described from specialized corpora. In this way, we present a methodology for covering the establishment of corpora from specialized texts belonging to different periods of time relating to a diachrony about twenty years ago.

The diachrony is characterized as a dynamic process, which presents new perspectives on the theory and methodologies of Terminology. Through diachronic Terminology is possible to describe the route of instabilities caused by changes in a concept that is reflected in a terminological unit until its stabilization.

Considering the diachronic study, we can refer to the relationship between Ontology and Knowledge Organization. The knowledge comes from experience and contact that individual establishes with the reality that integrates. Both observation and perception, such as understanding are inherent characteristics in the conceptualization of knowledge.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	17
1. POLISSEMIA NOMINAL DIACRÔNICA	23
1.1. A polissemia em Terminologia: de Wüster à atualidade	23
1.1.1. A polissemia e a perspectiva normativa da Teoria Geral da Terminologia	23
1.1.2. Reflexões em torno da TGT: a variação terminológica em questão	25
1.1.3. A ocorrência da polissemia em terminologia	28
1.1.4. Polissemia e homonímia – delimitação de uma fronteira	33
1.2. Reflexões em torno do conceito de polissemia	35
1.2.1. O “ponto de vista” em polissemia	35
1.2.2. Polissemia: um conceito difícil de delimitar	37
1.3. Polissemia: um fenômeno relacional	42
1.4 Polissemia e neologismo semântico	44
1.4.1. Neologia semântica: aspectos socioculturais do processo de criação terminológica	44
1.4.2. Neologia semântica: fonte de polissemia em Terminologia	46
1.4.2.1. Neologismo semântico: a complexidade da identificação e da descrição	48
1.5. A significação e o sentido dos termos polissêmicos	51
1.5.1. Termo: uma unidade sujeita à polissemia	51
1.5.2. A significação e o sentido polissêmicos de um termo	56
1.6. Tratamento informático da polissemia: por que da necessidade de desambiguação?	58
1.7. Polissemia Nominal Diacrônica	63
2. LINGUÍSTICA DE <i>CORPORA</i> E DIACRONIA: METODOLOGIA DE TRABALHO PARA A IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS POLISSEMIAS DE UM TERMO	69

2.1. <i>Corpora</i> diacrônicos: um conceito a ser explorado	69
2.1.1 Tratamento automático dos <i>corpora</i> diacrônicos	74
2.2. Constituição dos <i>corpora</i> : uma perspectiva diacrônica	77
2.2.1. <i>Corpora Diacrônicos</i> : uma metodologia de trabalho	77
2.2.2. Reflexões sobre o processo de constituição dos <i>corpora diacrônicos</i>	80
2.2.3. Critérios para a constituição dos <i>corpora</i>	82
2.3 Contexto: da ocorrência das polissemias nominais diacrônicas	86
2.4. Terminologia textual: os artigos científicos como fontes de terminologias	91
2.4.1. Artigos científicos: inovações e reformulações sobre o conhecimento	94
2.4.2. Os artigos científicos e a estabilização do conhecimento	95
2.4.2.1 O papel do marcador linguístico na análise diacrônica	98
 3. TERMINOLOGIA DIACRÔNICA	 103
3.1. O conceito como uma unidade sujeita à evolução	103
3.1.1. Para uma revisão do conceito em terminologia	103
3.1.2. A evolução e o dinamismo do conceito	108
3.2. A variação conceitual, uma realidade que deve ser revisitada em terminologia	112
3.3. Especialização e Interdisciplinaridade no domínio de especialidade: processos que concedem ao conceito as características evolutivas	116
3.3.1. A formação do conceito nos domínios de especialidade	116
3.3.2. A especialização e a interdisciplinaridade entre domínios e subdomínios de especialidade: uma fonte de variação conceitual	118
3.4. Terminologia e Neologia: uma relação de sistematização nos domínios de especialidade	121
3.4.1. Processos de criações neológicos destinados a sistematização no domínio de especialidade	121

3.4.2. Os processos de Normalização e Harmonização em Terminologia diante do fenômenos variacionistas	124
3.5. Perspectiva linguística da terminologia:	
do conceitual ao linguístico	131
3.5.1. A abordagem linguística para a terminologia	131
3.5.2. Do conceitual ao linguístico:	
a necessidade de estabelecimento de uma fronteira	133
3.6. Terminologia Diacrônica	137
3.6.1. O fator tempo, os processos de evolução e mudança em terminologia diacrônica	137
3.6.2. A sincronia e a diacronia: fenômenos complementares em terminologia	140
3.6.3. Da necessidade de uma abordagem diacrônica em terminologia	142
4. ONTOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	149
4.1. Reflexões sobre a ontologia	149
4.1.1. Ontologia: perspectiva terminológica em questão	149
4.1.2. Ontologia: um conceito em constante evolução	153
4.2. Ontologias e Organização do conhecimento	159
4.2.1. Da necessidade de organização para a difusão do conhecimento	159
4.2.2. A sistematização do processo de evolução do conhecimento	163
4.3. Relações semânticas e relações conceituais	165
4.3.1. A relação conceitual em terminologia	165
4.3.2. As relações semânticas entre os conceitos em terminologia	167
4.3.3. Grafos conceituais	170
4.4. Construção de ontologias a partir de textos	171
4.4.1. Ontologias e <i>corpora de especialidade</i>	171
4.4.2. Ontologias lexicais	173
4.5. A ontologia como uma ferramenta evolutiva	175

4.6. Ontologia e sistematização de polissemias a partir de textos de especialidade	178
5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DA POLISSEMIA NOMINAL DIACRÔNICA - ENTRE O CONCEITUAL E O LINGUÍSTICO	181
5.1. Critérios e Desenvolvimento Metodológico para o Tratamento da Polissemia Nominal Diacrônica	181
5.1.1 Organização dos <i>corpora</i>	181
5.1.2 Marcadores linguísticos	185
5.1.3 Critérios e metodologias de análise e descrição da polissemia nominal diacrônica	196
5.1.4 Caracterização da polissemia	198
5.2 Análise e Descrição de Dados	205
5.2.1 Análise e descrição dos sentidos polissêmicos	205
5.2.1.1 Polissemias	232
5.2.1.1.1 Variante brasileira	232
5.2.1.1.2 Variante portuguesa	235
6. CONCEPÇÃO DE MODELOS DE PROTÓTIPOS (COMPONENTE BRASILEIRA, COMPONENTE PORTUGUESA) A PARTIR DOS <i>CORPORA DE ESPECIALIDADE</i> PARA O TRATAMENTO DA POLISSEMIA NOMINAL DIACRÔNICA	241
6.1 Implementação dos modelos de protótipos para a gestão da polissemia nominal diacrônica	241
6.1.1. Base de dados textual	244
6.1.2. Base de dados	249
6.1.3. Dicionário Terminológico Contextual da Toxicomania (Br) e da Toxicodependência (Pt)	256
6.1.3.1. Metodologia para a concepção do Dicionário Terminológico Contextual da Toxicomania (Br) e da Toxicodependência (Pt)	258

6.1.4. Ontologia	267
7. CONCLUSÃO	273
BIBLIOGRAFIA	277

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objeto a análise e a descrição da polissemia nominal numa perspectiva diacrônica. Este estudo insere-se no âmbito das perspectivas recentes em Terminologia e articula-se a várias disciplinas tais como a Semântica Lexical, a Linguística de Corpora e a Ontologia.

Nos primeiros quatro capítulos desenvolveremos princípios de caráter teórico, através dos quais refletiremos acerca da relevância da polissemia nominal diacrônica, no âmbito da Terminologia.

Observa-se que de maneira tímida, as pesquisas de base diacrônica começam a ganhar espaço, em Terminologia. Desse modo, disponibilizamo-nos a dar a nossa contribuição a esse estudo, considerando a sua relevância para o desenvolvimento de teoria da Terminologia.

No **primeiro capítulo** intitulado de “**Polissemia Nominal Diacrônica**” apresentaremos um estado da arte sobre a polissemia, sem no entanto esquecer a perspectiva diacrônica em Terminologia. Embora reconhecida a sua ocorrência nas línguas de especialidade, a polissemia é desconsiderada dos estudos realizados sob a perspectiva wusteriana. Atualmente, apesar do forte legado deixado por Wüster, é possível encontrar alguns trabalhos relativos à polissemia enquadrados nos estudos variacionistas.

Neste capítulo, abordamos a problemática sobre as fronteiras pouco claras entre a polissemia e a homonímia. Julgamos que a adoção do conceito de “ponto de vista” pode contribuir para resolver, em parte, esta complexidade, uma vez que este conceito permite observar, analisar e descrever o objeto de uma dada realidade, tendo em conta os aspectos socioculturais, sincrônicos e diacrônicos.

O presente estudo é realizado tendo em conta o nível conceitual e o nível linguístico. O primeiro tem em conta os conceitos e seus constituintes, isto é, as propriedades e os atributos (cf. ponto 3). No segundo nível, tratamos as significações e os sentidos referentes a um determinado termo. A observação, análise e descrição

dessas unidades é realizada a partir dos contextos linguísticos provenientes dos textos de especialidade que por sua vez, constituem os *corpora de especialidade* (cf. ponto 2).

Desse modo, deparamo-nos com dois níveis de análise distintos e que não devem ser situados num mesmo patamar de descrição. Considerando esses distintos níveis, podemos referir que, a verbalização do conceito permite o seu estudo a partir do texto de especialidade. Essa passagem do nível conceitual ao linguístico permite-nos falar em propriedades do conceito e em significações do termo.

O termo é uma unidade que veicula o conceito, elemento que faz parte do sistema conceitual do especialista e/ou de uma comunidade de especialistas. Por sua vez, esse mesmo termo pode ser estudado a partir de um texto escrito de especialidade, onde um sentido ou os sentidos são atualizados em contexto discursivo (cf. ponto 3 e 4).

Ainda neste capítulo, abordaremos a polissemia que pode resultar de um processo de neologia semântica, devido ao fato de que um termo já existente adquirir um novo sentido.

Tendo em conta estes princípios teóricos e metodológicos, podemos ainda afirmar que, embora o estudo diacrônico tenha por objeto a análise e descrição das significações atuais e/ou antigas – relativas ao passado recente e/ou remoto –, esse mesmo estudo pode ser situado num espaço de tempo recente/contemporâneo e, por isso, é imprescindível realizar uma análise das significações de caráter sincrônico.

O capítulo 2, **“Linguística de *corpora* e Diacronia: Metodologia de trabalho para a identificação e descrição das polissemias de um termo”** tem por objeto o conceito de *corpora diacrônicos*, a apresentação de uma metodologia referente à constituição de *corpora* a partir de textos de especialidades pertencentes a distintos períodos do tempo, relativos a uma diacronia de cerca de vinte anos.

A reflexão sobre a constituição de *corpora diacrônicos de especialidade* incide sobre os critérios e pertinência que estão intimamente relacionados com os objetivos específicos do trabalho a ser realizado. Os *corpora diacrônicos de especialidade* são constituídos por artigos científicos altamente especializados, redigidos por especialistas para especialistas, referentes a área da Toxicomania (Br) /

Toxicodependência (Pt), na variante brasileira e na variante portuguesa da língua portuguesa.

É a partir destes artigos científicos que podemos ter acesso ao conhecimento verbalizado; a partir dos *corpora* é possível identificar as relações entre termo e sentidos e ainda as interações entre os sentidos.

Acrescentamos que nestes textos de especialidade os sentidos encontram-se estabilizados, não apresentando um carácter neológico. Para esse trabalho, o termo estabilizado significa que ocorre anteriormente e pode ser consultado nos próprios *corpora* através da base textual.

É no quadro teórico da Terminologia textual, que nos apoiamos para identificar, analisar e descrever as relações polissêmicas referentes a um certo termo. Nos textos de especialidade não encontramos conceitos, mas os sentidos de um termo que podem resultar da verbalização do conhecimento do especialista.

No capítulo 3, “**Terminologia Diacrônica**”, a diacronia caracteriza-se como um processo dinâmico, que apresenta novas perspectivas à teoria e às metodologias da Terminologia. Através da Terminologia diacrônica é possível descrever o percurso das instabilidades provocadas pelas mudanças de um conceito que se refletem numa unidade terminológica até à sua estabilização.

Desse modo, podemos referir que o conceito caracteriza-se por uma evolução no tempo, isto é, o conceito adquire novas propriedades; por vezes assistimos a conceitos nômades ou peregrinos que se movimentam entre áreas do conhecimento. É através do conceito que se identificam as experiências do passado que de certo modo, contribuem também para a renovação desse mesmo conceito.

A abordagem diacrônica contribui para a sistematização dos domínios especializados, considerando que cada mudança que ocorre a nível do conceito e a nível do léxico especializado é provocada por uma mudança no sistema conceitual; consequentemente, essa mudança afeta as relações entre conceitos, acarretando uma alteração nas definições dos termos.

A Terminologia, por excelência, privilegia a sistematização dos conceitos em qualquer domínio de especialidade. Desse modo, podemos falar sobre uma

sistematização e organização dos conceitos sob uma abordagem sincrônica ou diacrônica.

Os conceitos estabelecem uma interação, num mesmo domínio de especialidade, isto é, entre as propriedades que integram uma mesma classe ou classes distintas. Essa ocorrência pode ser observada sob a ótica da dimensão sincrônica e diacrônica.

Assim, de maneira continua, o léxico especializado resulta de forma dinâmica das necessidades que surgem nas atividades desenvolvidas nos domínios de especialidade.

Nesta perspectiva, no capítulo 4, abordaremos a relação entre **“Ontologia e Organização do Conhecimento”**: o conhecimento advém do contato e da experiência que o indivíduo estabelece com a realidade que integra. Tanto a observação, quanto a percepção, como a compreensão são características inerentes ao processo de conceitualização do conhecimento. Cada especialista produz uma série de documentos através dos quais veicula a sua experiência sobre um certo domínio de especialidade. Essa prática constante resulta no desenvolvimento da própria área do conhecimento. Consequentemente, é necessário organizar e sistematizar a evolução e a mudança do conhecimento que ocorrem em determinadas áreas de especialidade.

Um sistema de organização do conhecimento é constituído por relações conceituais entre conceitos que representam um domínio de especialidade. Através dessas relações são constituídos os sistemas que representam a estrutura de um domínio especializado sob um determinado ponto de vista.

Dessa forma, tanto a ontologia quanto a terminologia apresentam um senso comum uma vez que ambas as áreas têm em conta o estudo das relações entre conceitos e entre o conceito e o termo com o objetivo de estruturá-los e sistematizá-los.

Considerando o caráter evolutivo dos domínios de especialidade, é necessário referir a necessidade de reflexão sobre a evolução da ontologia, uma vez que essa ferramenta necessita acompanhar a mudança que ocorre nas relações conceito/termo.

Dessa maneira, as ontologias como ferramentas concebidas para a representação do conhecimento devem ser adaptadas a esta realidade.

No capítulo 5 **“Análise e descrição da Polissemia Nominal Diacrônica – entre o conceitual e o linguístico”**, são apresentados as análises e descrições das relações polissêmicas extraídas dos *corpora de especialidade*, tendo em conta o enquadramento teórico apresentado nos capítulos anteriores. Apresentamos uma metodologia que descreve as polissemias e as relações polissêmicas entre os sentidos dos termos atualizados em contexto discursivo.

Assim, o quinto capítulo apresenta duas etapas: a primeira tem em conta a seleção de critérios necessários à análise e descrição dos dados extraídos dos corpora. Na segunda etapa, os dados são descritos mediante esses critérios.

Realizada a etapa de análise e descrição das relações polissêmicas o capítulo 6, **“Concepção de modelos de protótipos (componente brasileira, componente portuguesa) a partir dos corpora para o tratamento da polissemia nominal diacrônica”** tem em conta a construção de modelos de protótipos para inserção e veiculação dos dados. Essas ferramentas como é o caso das bases de dados textuais, bases de dados, dicionários e ontologias, para cada uma das variantes, auxiliam a sistematização, tratamento e disponibilização da polissemia nominal diacrônica. São recursos terminológicos que tem a sua gênese a partir da identificação dos termos e das suas relações a partir dos *corpora de especialidade*.

O capítulo 7 dedicado às conclusões a que chegamos neste presente trabalho é seguido pela apresentação da bibliografia.

1. POLISSEMIA NOMINAL DIACRÔNICA

1.1. A polissemia em Terminologia: de Wüster à atualidade

1.1.1. A polissemia e a perspectiva normativa da Teoria Geral da Terminologia

A releitura e a reflexão efetuadas, nestes últimos anos, sobre a obra de Wüster têm revelado a importância que o autor atribui aos fenômenos de variação, sob a forma de polissemia, nas línguas de especialidade, fenômenos que segundo o autor, geram grandes barreiras na comunicação especializada.

Na Teoria Geral da Terminologia (doravante TGT) de Wüster, a polissemia é um tipo de processo linguístico que não é tido em consideração (cf. ponto 1.1.3), pois o objetivo do seu trabalho é a eliminação da ambiguidade nas línguas técnicas e científicas, através da normalização terminológica, a fim de obter uma comunicação precisa e eficaz. Outro objetivo patente na sua obra é a identificação dos aspectos específicos, relativamente ao uso de um termo, que denomina um conceito, numa determinada época.

Wüster refere-se à relação entre o conceito e o termo, às relações de monossemia, de biunivocidade e de monorreferencialidade, fundamentos importantes das bases teóricas da TGT.

É importante mencionar que, sob a perspectiva normativa, a obra de Wüster atende e satisfaz aos objetivos e aos requisitos que se referem ao uso de um termo para denominar um conceito numa certa realidade, considerando o contexto da época onde foi desenvolvida.

O autor deixa claro que a polissemia pode ocorrer no discurso especializado; a título de exemplo, apresentamos alguns excertos, onde o autor aborda a ocorrência desse fenômeno:

1) Wüster refere-se à ausência da biunivocidade absoluta entre o conceito e o termo; segundo o autor, esse fato ocorre em virtude de dois motivos: a desproporcionalidade entre a quantidade elevada de conceitos em relação ao número de termos e a transferência de significados entre as unidades terminológicas: “En

terminologia,... la exigencia de biunivocidad absoluta no es mas que una ilusion. Este hecho se debe primordialmente a que, en un campo tecnico determinado, el numero de conceptos es aproximadamente mil veces mas elevado que el numero de raices lexicas. Esta desproporcion se puede reducir parcialmente mediante la combinacion de morfemas y la transferencia del significado, pero nunca se podra eliminar. Ademas, la transferencia de significado en si ya es una forma de polisemia.” (Wüster, 1979/1998: 137).

2) Nesta outra citação, afirma que o termo homonímia de transferência – termo utilizado pelo autor – está associado à ocorrência de casos de polissemia no discurso especializado: “On doit dans ce cas-là éviter d'employer l'expression homonyme de transfert. On parle plutôt de polysémie (= plurisignification par transfert). Les homonymes de transfert classés les uns par rapport aux autres sont ensuite regroupés sous l'appellation de polysème.” (Wüster, 1985:81, apud Candel, 2004:22)¹.

Assim, Wüster procura delimitar o conceito de polissemia no discurso de especialidade ao estabelecer a distinção entre monosssemia e univocidade; o autor pressupõe que uma dada relação entre o conceito e o termo pode apresentar características unívocas quando limitada num certo momento de seu uso: “La distinction entre, d'une part, monosémie et, d'autre part, univocité au sens plus étroit, permet de limiter l'exigence théorique de clarté dans la terminologie à la seule exigence économique: les dénominations doivent être univoques, elles n'ont absolument pas besoin d'être monosémiques.” (Wüster, 1985:82, apud Candel, 2004:22)².

O autor sublinha que embora um termo polissêmico possa ser delimitado, ao atualizar um só sentido, num dado contexto, esse traço de significação ainda pode ser considerado polissêmico: “Une dénomination monosémique dans un sens plus étroit

¹ “Die Verwendung des Ausdrucks Übertragungshomonym vermeidet man in diesem Falle. Man spricht dann lieber von Polysemie (= Mehrsinnigkeit durch Übertragung). Die einander zugeordneten Übertragungshomonyme werden dann unter der Benennung Polysem zusammengefasst.” (Wüster, 1985:81).

² “Die Unterscheidung zwischen einerseits Einsinnigkeit und andererseits Eindeutigkeit im engeren Sinne ermöglicht es, die theoretische Forderung nach Eindeutigkeit in der Terminologie auf die allein wirtschaftliche Forderung einzuschränken: Die Benennungen sollen eindeutig sein, brauchen aber keinesfalls einsinnig zu sein.” (Wüster, 1985:82).

est une dénomination qui, dans un contexte donné, n'a qu'une seule signification actualisée, bien qu'elle puisse être polysémique” (Wüster, 1985:82, apud Candel, 2004:22)³.

O reconhecimento da existência da polissemia em língua de especialidade, por parte de Wüster, proporciona uma abertura teórica para a abordagem deste fenômeno e de outros denominados variacionistas nas línguas de especialidade. Este fato tem como consequência uma renovação da teoria da Terminologia que começa a ter em conta os usos dos termos, nos contextos reais das línguas de especialidade.

1.1.2. Reflexões em torno da TGT: a variação terminológica em questão

Assim, como há necessidade de refletir acerca dos trabalhos desenvolvidos por Wüster sobre a polissemia e outros fenômenos variacionistas que permeiam a língua de especialidade, é imprescindível também reconhecer que o autor deixou uma obra relevante no que diz respeito ao estudo sobre o léxico especializado.

A TGT é o ponto de partida para a concepção de outras perspectivas que visam o trabalho terminológico. É impossível falar sobre a Terminologia atual sem dar relevo à obra de Wüster.

Em defesa do reconhecimento dos trabalhos desenvolvidos por Wüster, Candel critica a ausência de uma análise pormenorizada da sua obra; e afirma que uma releitura atenta permite situar a contribuição desse autor, que através da gênese de uma teoria terminológica, dá um estatuto à nova disciplina, a Terminologia, no seio das ciências da linguagem; essa teoria resulta da interação de outras teorias advindas de distintas áreas do conhecimento: “cet auteur n’a sans doute pas été lu assez souvent “dans le texte”. Lire E. Wüster peut être un moyen sûr de situer la terminologie à la place qui lui revient, dans un ensemble de disciplines, au coeur des sciences du langage, ou bien par rapport à elles.” (Candel, 2004:15).

³ “Eine eindeutige Benennung im engeren Sinne ist eine solche, die in einem gegebenen Sprachzusammenhang nur eine einzige aktuelle Bedeutung hat, obwohl sie vielleicht mehrsinnig ist.” (Wüster, 1985:82).

Anterior ao comentário de Candel (2004), Cabré (1998) afirma que uma reflexão sobre a obra de Wüster deve ser realizada a partir do contexto histórico e intelectual em que foi produzida, pois só assim, pode haver uma maior compreensão sobre a mesma.

Lembramos que a TGT foi desenvolvida no âmbito da área do conhecimento da engenharia, nos anos 30, e conforme referido, o seu objetivo consiste na normalização da língua científica e técnica a fim de atender a necessidades de uma comunicação especializada objetiva.

A TGT tem a sua gênese no estudo do conceito, fundamentando-se numa abordagem onomasiológica: a identificação de estruturas conceituais permitem representar um conjunto sistemático de conceitos para descrever um domínio especializado.

Por outro lado, Cabré destaca o caráter comunicativo da TGT, afirmando que esta teoria apresenta um corpo sistemático único de princípios que pode ser aplicado à resolução de situações de comunicação, em contextos especializados: “Su importancia reside en el hecho de que hasta ahora es el único corpus sistemático de principios que puede considerarse una teoría sobre la terminología, que permite aplicaciones destinadas a resolver situaciones comunicativas e informativas en contextos especializados.” (Cabré, 1998:11).

Conforme referido anteriormente, Wüster tem plena consciência da ocorrência da polissemia e também de outros fenômenos variacionistas, referindo que a variação pode ser um fenômeno linguístico que causa mudança tanto na significação quanto na denominação de um termo. Implicitamente, Wüster faz referência às evoluções linguísticas como mudanças que ocorrem ao longo do tempo: “L’évolution linguistique, appelée également changement linguistique, est le changement naturel de la signification ou de la dénomination.” (Wüster, 1985:96, apud Candel, 2004:26)⁴.

Wüster (1998) sublinha que, em Terminologia, uma evolução sem controle da língua permite a criação de conceitos e de termos, resultando numa confusão intolerável. A relação entre o conceito e o termo é regida por uma relação de

⁴ “Sprachentwicklung, auch Sprachwandel genannt, ist der natürliche Bedeutungs- und Benennungswandel.” (Wüster, 1985:96).

biunivocidade que representa a maneira não ambígua de observar a realidade do mundo.

A esse respeito, Holzem considera a Terminologia como uma fonte de estabilização do vocabulário especializado, num dado momento do conhecimento: “La terminologie, comme la classification d'un champ disciplinaire, se fixe comme but la stabilisation du vocabulaire d'un domaine lui-même figé à un moment donné des connaissances.” (Holzem, 1999:44).

Nesta perspectiva, a Terminologia assume um caráter de prática institucional (cf. ponto 3.4.2), na qual a relação conceito/termo é uma equação destinada a denominar apenas e exclusivamente um objeto que se refere a uma dada realidade.

Assim, o trabalho desenvolvido por Wüster contribui também para uma reflexão em torno das teorias e das práticas terminológicas e para o conhecimento e o entendimento da evolução da Terminologia ora como teoria, ora como prática.

Nesse sentido, destacamos alguns pontos, que ainda hoje continuam a ser objeto de discussão na teoria e na prática terminológica: 1) o reconhecimento da variação em língua de especialidade (cf. ponto 1.1.3); 2) como tratar a harmonização e/ou a normalização diante da ocorrência de variação nas línguas de especialidade (cf. ponto 3.4.2); 3) como a biunivocidade entre conceito/termo pode satisfazer os princípios da Terminologia atual.

Estudar a variação terminológica pressupõe o reconhecimento de que a língua de especialidade está sujeita a este tipo de fenômeno, sendo, por isso, possível identificar através de estudos de ordem quantitativa as variações que caracterizam o conceito e o termo. Por seu turno, os estudos de ordem qualitativa têm em conta os conceitos e os termos preferencialmente aceitos, adotados e veiculados por uma dada comunidade de especialistas (cf. ponto 3.2).

Assim, tanto a identificação quanto a descrição dos fenômenos de variação podem apoiar o trabalho do terminólogo na organização conceitual dos domínios de especialidade, permitindo a identificação de novos tipos de variação relativos à evolução de conceitos e de termos numa dada área do conhecimento.

Desse modo, comprova-se a necessidade de ter a variação como um fenômeno que deve ser incorporado aos estudos terminológicos.

Diante da perspectiva defendida por Wüster e, tendo em conta a ocorrência da polissemia, colocamos as seguintes questões que serão discutidas ao longo deste trabalho: 1) uma teoria da polissemia, numa perspectiva diacrônica, beneficiará de uma sistematização da relação conceito/termo, objetivando uma melhor descrição do domínio de especialidade? 2) De que modo um estudo diacrônico de caráter terminológico pode contribuir para a Terminologia atual?

No entanto, relembramos que o estudo da evolução do conceito e do termo em Terminologia, bem como a ocorrência de polissemia no discurso especializado, ainda são questões contestadas por parte de alguns especialistas em Terminologia.

1.1.3. A ocorrência da polissemia em terminologia

O pensamento wusteriano, de certo modo, ainda é partilhado por muitos teóricos em Terminologia no que diz respeito ao tratamento da polissemia, que, por sua vez, a excluem dos estudos em terminologia.

Esta constatação pode ser observada nas Normas ISO (704, 2009), onde o termo polissemia não é mencionado. A instituição opta por utilizar o termo homonímia para referir-se ao uso de um termo, já existente, que passa a designar um outro conceito e/ou significação.

A ISO (704, 2009) reconhece que os termos já existentes nos vocabulários especializados originam novas unidades terminológicas, através de processos como: terminologização, transferência semântica e empréstimos transdisciplinares. Segundo a instituição standardizadora, a criação de novas unidades a partir desses processos pode resultar numa homonímia, que por sua vez, pode ser responsável por criar ambiguidade nos domínios de especialidade.

Diante do descaso pelos estudos da polissemia, podemos retroceder, no tempo, o nosso estudo e elencar alguns pontos de vista em relação à polissemia, observando a sua importância na disciplina da Terminologia.

Pavel refere que durante muito tempo a polissemia foi contestada por muitos especialistas em Terminologia. Numa perspectiva de fenômenos de neologia, a autora reconhece que vários são os termos criados através da neologia de sentido e que o surgimento dos novos conceitos resultam da interpenetração e/ou da interdisciplinaridade que ocorre no seio dos domínios científicos: “les termes créés par néologie de sens se comptent en dizaines de milliers et des concepts nouveaux surgissent sans cesse aux points de convergence des disciplines établies, que ce soit par la récupération partielle des contenus significatifs préexistants, par la migration et l’appropriation interdisciplinaire de concepts en place, ou encore par leur substitution pure et simple” (Pavel, 1991:41).

De acordo com a autora, podemos levantar a seguinte questão: se o ideal de monossemia e biunivocidade são fenômenos almejados em terminologia, por que e com que finalidade referir-se à produtividade do neologismo semântico em Terminologia que, por sua vez, pode originar a polissemia?

Béjoint et Thoiron (2000), no prefácio da obra “Le sens en terminologie”, afirmam que as bases da Terminologia são fundamentadas em ideais como o da monossemia, por exemplo, que desconsideram o comportamento real da língua; sublinham ainda que o comportamento do termo, idêntico a uma etiqueta, estabelecendo uma relação fixa com o significado, que ele designa, assim como as definições terminológicas, frequentemente convencionais, são pressupostos que contribuem para a construção de uma língua fabricada, controlada por uma comunidade de especialistas.

Assim, a relação “fixa” e “estabilizada” entre o conceito e o termo é posta em causa devido ao fato de a monossemia, a biunivocidade e a monorreferencialidade serem características que perdem a sua eficácia, quando ocorre a variação diante da conexão simbiótica conceito/termo.

Segundo Béjoint, as discussões em torno da monossemia não são claras, existindo uma ausência de uma definição precisa desse termo: “Il faut bien reconnaître que les discussions sur ce point ne sont pas toujours d’une clarté exemplaire: on ne dit pas, ou peu, ou mal, ce qu’il faut entendre par monosémie. On ne dit pas non plus si la prétendue monosémie du terme est une caractéristique nécessaire et suffisante, si

tous les termes sont monosémiques et si tous les signes linguistiques monosémiques sont des termes.” (Béjoint, 1989:406).

Por seu turno, Faulstich aponta para a necessidade de se refletir sobre a relação de biunivocidade, em Terminologia, tendo em conta os três níveis distintos de análise: conceito/conceito, conceito/termo e termo/termo. Diante desses três distintos níveis de relação, a autora refere que o conceito deve ser analisado com precaução devido à existência de “variáveis textuais, discursivas, sociais e lingüísticas capazes de negar certos pressupostos tidos como verdadeiros no que se refere à uniformidade da comunicação, na análise das terminologias científicas, técnicas e de vulgarização.” (Faulstich, 1998:11).

Condamines (1999) salienta que a ocorrência dos fenômenos da polissemia e da homonímia não são raros em Terminologia, contestando a visão idealizada diante desses fenômenos, em virtude de a relação conceito/termo não representar sempre uma característica biunívoca.

Nessa linha de pensamento, Temmerman (2000) refere-se à funcionalidade da polissemia nas línguas de especialidade. Segundo a autora, é através do discurso do especialista que se obtêm os dados para se observar e analisar esse fenômeno. Desse modo, apoiada na perspectiva diacrônica, Temmerman nota que a característica de biunivocidade proposta para o termo, num dado período do tempo, está sujeita a tornar-se numa relação de polissemia em função do tipo de unidade e de como esta mesma unidade é compreendida pelo indivíduo.

Segundo Quemoun (2010), as mudanças de significação de uma unidade demonstram o quanto é fragil a relação de fidelidade entre uma forma e o seu conteúdo. O autor acrescenta que as significações evoluem e a ocorrência de polissemia pode modificar a relação entre as unidades em situação de contexto.

Tendo em conta que é em contexto discursivo que a dinâmica da relação conceito/termo pode gerar uma polissemia, sentimos a necessidade de refletir sobre esse fenômeno, não apenas sob a perspectiva sincrônica, mas também, sob a perspectiva diacrônica.

Para a realização deste estudo, partimos do pressuposto de que a língua de especialidade é um sistema que está em constante evolução e que necessita de abordagens teóricas para fundamentar metodologias que possam descrever as variações diacrônicas, mais precisamente, a polissemia que resulta de atualizações inerentes à relação conceito/termo e/ou termo/sentido.

Contrapondo-se às teorias que desconsideram o estudo sobre a polissemia e outros tipos de variação, podemos elencar alguns trabalhos de cunho variacionista, que apresentam contribuições para os estudos em polissemia diacrônica, dentre esses podemos citar os estudos desenvolvidos no seio da teoria comunicativa da terminologia, nos quais se encontram os trabalhos desenvolvidos por Cabré (2009, 2008, 2007, 2004), Cabré *et al.* (2002, 2001), Freixa (2005, 2002), Kostina (2009); a perspectiva socioterminológica na qual se encontram os trabalhos desenvolvidos por Faulstich (1998/1999, 1998, 1995, 1991), Gaudin (1993, 2000, 2003) e Bouveret (1998); a teoria sociocognitiva defendida por Temmermann (2000); o ponto de vista da terminologia cultural defendida por Diki-Kidiri (2002); os estudos sobre a terminologia diacrônica desenvolvidos por Dury (2006, 2005), Picton (2009), Dury e Picton (2009), Tartier (2004) e ainda os trabalhos desenvolvidos por Condamines e Rebeyrolle (1997), Alves (1996, 2000), Lino (2007), Bertels (2005), Silva Filho (2009) dentre outros.

Assim, é através das diferentes perspectivas que integram as distintas escolas terminológicas que o estudo sobre a polissemia adquire contornos particulares. Podemos falar sobre a polissemia como um fenômeno idiossincrático, que resulta da penetração de conceitos procedentes de um mesmo domínio de especialidade ou de subdomínios que integram uma mesma especialidade ou ainda de outros domínios, que, necessariamente, devem partilhar alguma característica em comum (cf. ponto 3.3.1).

Para Dogan, o conceito de polissemia, em Terminologia, está condicionado à transferência de conceitos de um domínio de especialidade para outro: “Numerous scholars have denounced the conceptual confusion and the polysemy of terms in various disciplines. This semantic problem comes from the peregrination of concepts from one discipline to another.” (Dogan, 1997:440). Este autor reconhece que o conceito necessita adaptar-se à nova área de conhecimento de que faz parte; partindo

de um estudo realizado sobre a peregrinação dos conceitos que dão origem à criação de neologismos conclui que, ao invés de considerar esses conceitos como novos, será mais conveniente tratá-los como empréstimos intralinguísticos.

Discordamos da perspectiva deste último autor, uma vez que um determinado conceito peregrino proveniente de outro domínio de especialidade, é possível que ele possa apresentar uma nova característica ao integrar um outro domínio. Como é sabido, cada área de especialidade, mesmo aquelas que se apresentam relativamente próximas, manifestam características próprias que as particularizam. Desse modo, o conceito ao integrar um outro domínio adquire novas propriedades que antes lhe eram alheias.

Por seu turno, Mougin *et al.* (2009) referem que a associação entre conceitos provenientes de distintos subdomínios da Biomedicina tem como consequência o aparecimento de termos polissêmicos. Porém, os autores reconhecem a dificuldade em representar a polissemia dos termos no “Unified Medical Language System” (UMLS). Segundo estes autores, essa tarefa nem sempre é consistente; para tentar resolver a polissemia, têm em conta a representação dos termos através de conceitos independentes ou agrupados num único conceito. Assim, o tratamento da polissemia realizado por Mougin *et al.* demonstra alguma falta de precisão, tanto a nível teórico quanto a nível metodológico.

A polissemia, nos domínios especializados, ultrapassa o princípio de que esse fenômeno seja uma fonte de riqueza e de economia para a língua. A polissemia pode ter a sua gênese no processo de conceitualização, ou seja, no momento de denominar o conceito referente a um dado objeto de uma certa realidade, o especialista de um determinado domínio pode optar pela utilização de um termo que já existe.

É necessário referir que o estudo sobre as relações polissêmicas em língua de especialidade é bastante mencionado, porém é um tema que necessita ser aprofundado, considerando a sua dinâmica, complexidade e singularidade.

Partindo desta síntese de várias perspectivas teóricas, lembramos que é através da interface com a Linguística, fundamentada em teorias de disciplinas como a semântica, a morfologia, a pragmática, a linguística textual, as teorias da linguagem,

dentre outras, que a polissemia, em Terminologia, passou a ter uma nova abordagem, no âmbito do estudo do termo e do sentido (cf. ponto 1.5).

Com o advento da Linguística, os termos científicos e técnicos passaram a ser observados e analisados tendo em conta a sua variação, em função de seu uso nas linguagens especializadas.

Assim, falar sobre a polissemia pressupõe a delimitação de uma fronteira em relação à homonímia, conforme veremos nas alíneas seguintes.

1.1.4. Polissemia e homonímia – delimitação de uma fronteira⁵

Falar sobre os fenômenos da polissemia e da homonímia é ter em conta a observação e a descrição do comportamento de um termo, considerando ou não a existência de relação de semelhança entre os sentidos atribuídos a essa mesma unidade. Desse modo, podemos apontar distintas teorias que procuram explicar através de pontos de vista singulares, o que cada um desses fenômenos exprime.

De acordo com a etimologia, se dois termos possuem um étimo em comum, essas unidades são consideradas polissêmicas. De acordo com os critérios morfológicos, se os diferentes sentidos corresponderem a formas idênticas, estaremos perante um caso de homonímia. Já sob a ótica da semântica, pode haver polissemia se pelo menos existir um sentido em comum entre as unidades em questão.

Sob o ponto de vista da lexicografia, a questão da delimitação da fronteira entre a polissemia e a homonímia apresenta também algumas divergências. Como nota Kleiber (1984), não há um entendimento entre os lexicógrafos no que diz respeito ao tratamento de uma unidade lexical, ou como polissêmica ou como homonímica. Considerar os termos que apresentam formas idênticas, como unidades polissêmicas ou como unidades homonímicas é arbitrária; tal procedimento resulta de critérios linguísticos estabelecidos pelo lexicógrafo ao representá-los no dicionário, ou seja, os

⁵ A título de referência, este subcapítulo é parte integrante de um dos capítulos de nossa dissertação de Mestrado. Assim, a necessidade de estabelecermos uma fronteira entre a homonímia e a polissemia, conduziu-nos a fazer uma síntese para esse trabalho.

termos podem apresentar apenas uma entrada com divisões e/ou subdivisões ou várias entradas distintas.

Esse procedimento demonstra o desinteresse e a falta de uma metodologia, ou até mesmo a ausência de conhecimento sobre as teorias linguísticas, por parte de alguns lexicógrafos e/ou terminógrafos, em relação ao estabelecimento de critérios, que sejam capazes de fundamentar a existência de uma fronteira entre esses dois fenômenos.

Na perspectiva de Lyons (1977), é mais fácil apontar a distinção entre a polissemia e a homonímia, em termos gerais, do que delimitar o objetivo e os critérios operacionais que envolvem cada um dos fenômenos.

Para estabelecer uma fronteira entre a polissemia e a homonímia é necessário explicitar o que se entende por sentido e sentidos diferentes e ainda por relações de parentesco que justificam as semelhanças entre sentidos (cf. Kleiber, 1999).

Kleiber faz-nos refletir em primeiro lugar sobre a relação entre os sentidos de um termo e, em segundo lugar, sobre a maneira como é disponibilizada a relação entre os sentidos desse mesmo termo.

Em contrapartida, alguns autores destacam que a inexistência de fronteira entre a polissemia e a homonímia não impede o estudo de ambos os fenômenos (cf. Victorri e Fuchs, 1996).

Referindo-se a essa problemática, Fuchs (1996) destaca que a ausência de consenso entre os especialistas tem como consequência a inexistência de fronteiras entre os sentidos que não partilham uma relação de parentesco.

A esse respeito, Sablayrolles afirma que a dificuldade em utilizar um dicionário para se chegar à nova significação de um termo reside na organização ou macro-estrutura lexicográfica: “tant dans la macro-structure, dans le choix du dégroupement homonymique ou du regroupement polysémique, que dans l’organisation interne des acceptions des articles” (Sablayrolles, 2008:27).

Por sua vez, Mejri (2004) destaca que a oposição entre a polissemia e a homonímia repousa sobre os seguintes pontos: a divergência entre os critérios fundamentados em perspectivas distintas e a complexidade da descrição das línguas.

Portanto, consideramos que estamos diante da falta de um consenso entre os especialistas-linguistas no que se refere ao tratamento da relação entre a polissemia e a homonímia; tal fato contribui, em parte, para a anulação de fronteira.

Tendo em conta esse panorama é necessário refletir sobre a disponibilização dos sentidos polissêmicos de um termo, no eixo diacrônico (cf. ponto 6).

Numa tentativa de estabelecer a fronteira entre a polissemia e a homonímia, falaremos sobre a complexidade do conceito de polissemia; a delimitação deste conceito poderá contribuir para o tratamento desse fenômeno e ainda proporcionar de maneira objetiva a disponibilização de entradas polissêmicas no dicionário.

1.2. Reflexões em torno do conceito de polissemia

1.2.1. O “ponto de vista” em polissemia

A polissemia situa-se na encruzilhada de distintas teorias que tentam explicar esse fenômeno de características complexas. A dificuldade de delimitar a polissemia pode ser observada a partir do “ponto de vista” expresso pelo linguista-terminólogo que observa, analisa e descreve esse fenômeno. A sua abordagem pode situar-se a nível cognitivo, linguístico, semântico, pragmático e ainda sob a perspectiva computacional que, fundamentada por uma das abordagens acima referidas, servirá de suporte para a identificação e extração de informações referentes a um dado termo. A esse respeito, a polissemia situa-se como “uma realidade natural, conceptual e linguisticamente necessária.” (Silva, 2006:1).

No âmbito das distintas perspectivas que se referem ao tratamento da polissemia, retomamos o conceito de “ponto de vista” utilizado em Silva Filho (2006) para mostrar a relevância desse termo nos estudos sobre a polissemia em língua de especialidade. O termo “ponto de vista” é abordado nos estudos desenvolvidos por Condamines e Rebleyrolles (1997) em relação à polissemia na língua especializada que, segundo as autoras, pode ser considerada como a atualização do sentido de um termo, em situação de contexto, tendo em conta um ponto de vista.

Condamines e Rebleyrolles (1997) referem que o “ponto de vista” expressa um olhar subjetivo sobre a ocorrência de polissemia no discurso especializado. Segundo as autoras, o “ponto de vista” pode ser veiculado por uma única opinião ou ainda por uma opinião partilhada por um grupo de especialistas que pertence a uma mesma corrente de pensamento.

Assim, o “ponto de vista” apresenta um aspecto social em que a sua formação é partilhada pelas opiniões dos membros de uma comunidade científica.

Por outro lado, a existência do “ponto de vista” provoca incompatibilidade de opiniões. A maneira como se descreve um dado objeto da realidade gera conflitos entre os especialistas de perspectivas diferentes.

A esse respeito, lembramos Poibeau (2005) que afirma que mesmo para um domínio estruturado como a medicina, a sua modelização apresenta “pontos de vistas” que divergem entre os especialistas que integram esse domínio de especialidade, pelo fato de apresentarem opiniões e restrições de aplicação, que na maioria das vezes são divergentes: “La modélisation d’un domaine donné, même d’un domaine a priori bien structuré comme la médecine, est une activité difficile, partielle et parfois partiale, parce qu’elle doit rendre compte de points de vue et de contraintes applicatives souvent divergents.” (Poibeau 2005:35)

Por sua vez, Rastier (2008:13) entende que o “ponto de vista” não se resume a uma simples maneira de observar uma realidade. Conforme o autor, o “ponto de vista” é determinado por uma prática que é desempenhada por um agente individual ou coletivo a fim de analisar e descrever os dados, tendo em conta um objetivo.

Assim, o conceito de “ponto de vista” é um fator que pode fundamentar o levantamento de hipóteses e de questões relacionadas ao estudo, à teorização, à análise e à descrição da polissemia.

Entendemos que a existência do “ponto de vista”, em Terminologia, para se estudar a polissemia, coloca-nos diante de distintas perspectivas, pelo fato de as escolas terminológicas apresentarem óticas diferentes em relação ao estudo desse fenômeno e até mesmo a sua aceitação no discurso de especialidade.

Nesse contexto, o “ponto de vista” é uma escolha de abordagem teórica e de uma prática metodológica para alcançar o objetivo proposto em relação ao estudo deste fenômeno.

1.2.2. Polissemia: um conceito difícil de delimitar

Delimitar a polissemia não se refere apenas à enumeração de sentidos que apresentam elementos comuns e que são referentes a um dado termo. Antes de tudo, essa tarefa consiste na adoção de uma perspectiva que possa fundamentar a descrição e análise da sua complexidade.

É necessário estabelecer um “ponto de vista” para descrever o que se entende por polissemia e a que nível esse fenômeno deve ser estudado.

No que se refere à delimitação das significações, essa tarefa deve ser fundamentada em critérios claros a fim de conceber fronteiras mais nítidas e precisas entre cada um desses elementos (cf. Lopez, 2002:75).

A polissemia é um conceito complexo que engloba os aspectos seguintes: formulação de critérios que tenham em conta a sua identificação e descrição; o tratamento dispensado às relações entre as significações de um mesmo termo, considerando as características em comum entre esses elementos; e ainda o estudo realizado a nível diacrônico.

Tendo em conta a amplitude do conceito de polissemia, levantam-se várias questões em relação ao seu tratamento.

Kleiber enumera algumas questões acerca da polissemia, de forma resumida: a) como a polissemia deve ser definida; b) em qual nível esse fenômeno deve ser analisado: semântico ou pragmático; c) é possível considerar que há ocorrência de polissemia quando um sentido é derivado a partir de um sentido já existente, e que o autor denomina de sentido de base; d) qual o papel do contexto na delimitação dos sentidos múltiplos de um termo; e) como tratar a polissemia tendo em conta a dimensão diacrônica (cf. Kleiber, 1999:54).

Por sua vez, Demange-Paillet refere que a polissemia é um fenômeno que levanta as seguintes questões: a) quais os elos que unem os vários sentidos de um “polissema” ? – denominação utilizada pelo autor; b) como passar de uma pluralidade de sentidos a um sentido unívoco a nível do discurso? (cf. Demange-Paillet, 2005:22).

Segundo Silva (2006), a polissemia é uma questão de representação mental e os usos de uma mesma unidade linguística estão polissemicamente – termo utilizado pelo autor – representados na mente dos indivíduos.

Considerando este quadro de reflexões em relação ao conceito de polissemia, retomamos a seguinte questão levantada por Kleiber (1999): como tratar a polissemia tendo em conta a dimensão diacrônica. Este estudo permite-nos refletir sobre a reutilização de uma mesma unidade em espaço e tempo distintos da língua. Desse modo, estaremos diante de conceitos e/ou significações que apresentam características tanto sincrônicas quanto diacrônicas (cf. ponto 1.7).

Essa reflexão remete-nos para uma outra questão: caso uma significação de um dado termo que é utilizada num período “x” seja idêntica à ocorrência da significação desse mesmo termo num tempo “y”, podemos considerá-la como polissemia? Ou apenas como significações referentes a um termo que ocorrem e se situam em tempo e espaço distintos da língua? Contudo essas significações podem agregar um constituinte que pode diferenciá-las e assim conceder a cada uma dessas significações as particularidades que só podem ser identificadas, analisadas e descritas através de metodologias de ordem diacrônica (cf. ponto 6).

Assim, questões como essas serão discutidas ao longo deste trabalho, no qual, pretendemos apontar algumas resoluções para o tratamento desse fenômeno.

A análise sobre a polissemia é uma maneira de se investigar a estrutura do léxico e, portanto, indiretamente, do conhecimento humano (cf. Kilgariff, 1992).

Para Temmerman (2000), a polissemia é causada pela mudança ocorrente em três níveis: mudança da compreensão da categoria (concepção); mudança na categoria, por exemplo, inovação tecnológica ou sociológica (percepção) e a mudança nos meios de expressão do que se percebe e compreende, ou seja, o resultado dos mecanismos de mudança na língua.

Por sua vez, Alves (2000) observa que a ocorrência de polissemia pode resultar de dois fatores, são eles: a utilização frequente de um termo e o caráter transparente desse mesmo termo.

Diante desse panorama, é necessário referir que a reflexão em torno da polissemia é maioritariamente realizada na língua corrente, onde se diz que esse fenômeno constitui a regra e a monosssemia, por sua vez, comporta-se como um caso de idealização no que se refere à relação entre conceitos e objetos da realidade por parte dos domínios de especialidade (cf. Honeste, 1999:27).

Nessa mesma linha de pensamento, Alves (2000) aponta que a polissemia, em língua de especialidade, apresenta um tratamento que não se diferencia muito em relação à língua comum; o conceito desse termo em Terminologia é definido de maneira análoga às definições referidas na língua comum.

A título de informação, elencamos alguns trabalhos onde o fenômeno da polissemia é objeto de investigação na língua corrente, segundo perspectivas diferenciadas por parte de vários autores, dentre eles, Cusimano (2008), Rastier (2006, 2003, 2000), Gaston Gross (2005, 1997), Mejri (2004), Kleiber (2002, 1999, 1984), Martin (2001), Victorri e Fuchs (1996), Cadiot e Habert (1997), Récanati (1997), Pustejovisk (1995), Mel'čuk, Clas e Polguère (1995), Kilgarrieff (1992), Ullmann (1957).

Tendo em conta a analogia referida entre a polissemia na língua corrente e na língua de especialidade, acrescentamos que o estudo sobre esse fenômeno pode ser delimitado a partir dos estudos da semântica, conforme apontam Ullmann (1957), Kleiber (2002) e Girardin (2004).

Para a análise e descrição desse fenômeno, Ullmann (1957) tem em conta as abordagens sincrônica e diacrônica. A citação do autor revela o dinamismo que caracteriza o sentido de uma dada unidade quando esse elemento é descrito nessas distintas abordagens: "Polysemy is the pivot of semantic analysis. Couched in synchronistic terms, it means that one word can have more than one sense. Translated into diachronistic terminology, it implies that a word may retain its previous senses or senses and at the same time acquire one or several new ones." (Ullmann, 1957:117).

Por sua vez, Kleiber chama a atenção para a dificuldade da delimitação desse fenômeno e acrescenta que, o tratamento da polissemia é uma questão de um “ponto de vista”: “La polysémie comme un ingrédient central de la sémantique du langage, elle ne se laisse pas facilement domestiquer, étant donné qu'elle amène, tôt ou tard, à une position.” (Kleiber, 2002:89-90).

Kleiber revisita o conceito de polissemia e diz-nos que a sua ocorrência deve ser considerada em função das propriedades das significações de uma unidade, que de certo modo, estabelecem uma relação em comum: “Nous nous proposons de reprendre de problème de la multiplicité de sens associée à une unité lexicale pour essayer de voir quelles sont les propriétés que doivent présenter de tels sens pour mériter le label de polysémie ou non.” (Kleiber, 2008:87).

Por último, Girardin refere que a dificuldade de redefinição do conceito de polissemia concentra-se em termos teóricos. Conforme nota o autor, “la polysémie est au centre de toutes les études sémantiques et la place décisive qu'elle occupe actuellement pose des questions théoriques de fond qui conduisent à une redéfinition du concept, les divergences apparaissant dès lors qu'il s'agit de s'entendre sur les termes définitoires” (Girardin, 2004:133).

Observamos uma constante revisitação do conceito de polissemia, em virtude de suas bases teóricas apresentarem uma insuficiência para explicar a complexidade e dinamicidade desse fenômeno, muito em especial, nas línguas de especialidade.

Refletir sobre a polissemia é uma maneira de compreender a relação estabelecida entre significações que estão ligadas por algum tipo de relação de semelhança tanto a nível sincrônico quanto a nível diacrônico. O seu estudo e a análise permitem identificar os variados e distintos tipos de relações polissêmicas com o objetivo, dentre outros, de desenvolver ferramentas computacionais que sejam pertinentes às distintas necessidades de representação dos tipos de relações polissêmicas, sejam elas sincrônicas e diacrônicas.

Assim, delimitar a polissemia é uma tarefa difícil, considerando que a inexistência de fronteiras, mesmo tênues, entre as significações de um termo implica também a ausência de relações entre as referidas significações. Essa mesma

dificuldade pode ser observada a nível conceitual, pelo fato de os conceitos assumirem distintas funções: ora como uma propriedade, ora como uma característica, ou ainda como um atributo, enfim, esses elementos apresentam-se num mesmo nível de tratamento, isto é, são tratados apenas e exclusivamente como conceitos.

De acordo com o parágrafo acima, a ocorrência da polissemia em língua de especialidade deve ser tratada de maneira distinta, quando nos referimos tanto ao nível linguístico, quanto ao nível conceitual (cf. ponto 2.5.2).

A delimitação da polissemia não consiste apenas em estabelecer uma fronteira com a homonímia, conforme referido anteriormente (ponto 1.1.4). Essa problemática reincide sobre uma questão de níveis de significações, isto é, cada elemento que constitui uma significação deve estar e ocupar uma determinada posição de hierarquia em relação a outros elementos.

Desse modo, para desenvolvermos a nossa perspectiva de análise e descrição da polissemia, tanto a nível sincrônico quanto a nível diacrônico, recordamos a perspectiva de Pottier, através da qual, o autor utiliza os conceitos de semas, sememas, taxemas, etc, para classificar cada um dos elementos que compõem cada significação de uma unidade lexical. Assim, cada traço distintivo de uma unidade estabelece uma relação de semelhança ou diferença com os outros elementos que pertence a esse mesmo nível.

No entanto, é difícil identificar e denominar semas e sememas referentes aos termos em situação de contexto.

Sob a abordagem diacrônica, as significações polissêmicas ocupam distintos espaços no tempo e a sua disponibilização pode ocorrer de diferentes maneiras nesse mesmo eixo temporal. No entanto, essas mesmas significações ocupam determinados espaços que as delimita tendo em conta os intervalos de tempo nesse mesmo eixo. (cf. ponto 1.7).

Dessa maneira, defendemos que a polissemia ocorre quando há uma relação de semelhança ou proximidade entre as significações que integram cada um dos espaços delimitados no eixo temporal. A título de informação, Geeraerts (1997)

sublinha que as polissemias não apresentam um estatuto igual, isto é, pode haver elementos centrais e periféricos.

Por assim dizer, de certo modo, a polissemia sincrônica e a polissemia diacrônica, apesar de apresentarem uma fronteira tênue, complementam-se no sentido de que, no eixo diacrônico, é possível identificar polissemias que comportam-se como sincrônicas no momento em que se delimita o espaço para observá-las e descrevê-las.

Nesse contexto, falar sobre a polissemia é ter em conta um “ponto de vista” para analisar e descrever a ocorrência desse fenômeno.

1.3. Polissemia: um fenômeno relacional

É indiscutível que a polissemia seja considerada um fenômeno que estabelece relações entre as significações de um termo. Porém, essa mesma relação entre as significações de uma dada unidade pode ser a fonte da complexidade da polissemia, pois é a partir da conexão entre esses elementos que se pode considerar que uma unidade terminológica seja polissêmica.

A esse respeito, Silva refere-se à necessidade de identificar como as significações de uma unidade lexical estabelecem relações: “Saber que sentidos tem uma palavra e como é que eles estão semanticamente relacionados são, pois, as grandes questões qualitativas da polissemia.” (Silva, 2006:1).

Assim, como em Silva Filho (2006), partimos do pressuposto de que a polissemia resulta da relação de semelhança e até mesmo de parentesco entre as significações de um termo. A título de ilustração, citamos alguns autores que demonstram esse ponto de vista.

A perspectiva de Récanati refere-se ao estabelecimento de relações de parentesco entre as distintas significações de uma unidade lexical: “La polysémie a ceci de particulier qu'il y a un «air de famille» ou des «relations de parenté» entre les différents sens dont est susceptible l'expression polysémique.” (Récanati, 1997:111).

Victorri também refere-se ao estabelecimento de parentesco entre os sentidos distintos de uma dada unidade: “On définit la polysémie comme la propriété pour une unité linguistique de posséder plusieurs sens différents mais apparentés.” (Victorri, 1997:1).

Por fim, Kleiber tem em conta que os sentidos de uma unidade lexical mesmo sendo distintos são ligados por uma certa característica semelhante: “des sens qui ne paraissent pas totalement disjoints, mais se trouvent unis par tel ou tel rapport” (Kleiber, 1999:55).

Sendo a polissemia um fenômeno de ordem relacional, é possível identificar os tipos de relações entre os sentidos de um termo. Nesse caso, cada tipo de relação pode apresentar distintos tipos de polissemia que podem ocorrer tanto a nível sincrônico, quanto diacrônico.

Adelstein (2007) refere que os estudos sobre os tipos de polissemia apresentam uma estreita relação com os mecanismos explicativos da determinação do sentido em situação de contexto. Segundo a autora, esse estudo tem em conta os procedimentos que explicam a interpretação dos enunciados nos quais ocorrem a unidade polissêmica.

Por sua vez, Buitelaar refere-se à sistematização da relação das significações polissêmicas, como uma maneira de identificar as semelhanças e assim poder agrupá-las em classes que partilham características em comum. Assim, diz-nos o autor: “The study of systematic polysemy explains why most lexical items have a number of related senses and how these relations are somehow systematic and can therefore be generalized over classes of similar lexical items.” (Buitelaar, 1998:1).

Nessa mesma linha de pensamento, Park refere-se à sistematização das relações semânticas polissêmicas, afirmando que a polissemia resulta de um núcleo de base que é partilhado por vários sentidos e, como consequência, esses elementos estão sujeitos ao estabelecimento de relações com outros elementos, devido à sua permeabilidade e/ou fronteiras tênues: “Polysemic semantic relations are systematic and non-arbitrary (logical) and these multiple senses share a basic core sense.

Semantic senses in this case are permeable, overlapping and fuzzy to a certain extent owing to this shared core sense.” (Park, 2007:974).

Gangemi *et al.* falam sobre a polissemia, sob o nível conceitual, e reforçam que a sua representatividade é viabilizada, dentre outros aspectos, pela teoria das partes, pela conexidade estabelecida entre elementos e pelo tempo. Desse modo, a polissemia “partly depends on some systematic conceptual structures that can be represented within ontology libraries with the aid of general theories of parts, connexity, time, localization, actors, etc.” (Gangemi *et al.*, 2000:289).

A polissemia pode ser considerada como uma “rede flexível de sentidos flexíveis” (Silva, 2006:5): a flexibilidade da polissemia é observada tanto a nível sincrônico, pelo fato de as distintas significações partilharem uma só unidade lexical, quanto a nível diacrônico, quando as significações podem apresentar afinidades em diferentes estados da língua. Por flexibilidade podemos considerar o dinamismo intrínseco aos termos, em situação de contexto, pois as unidades lexicais não são estáticas, estão sujeitas a incorporar novos sentidos.

No âmbito do estabelecimento de relações entre as significações de um termo, podemos situar o estudo da neologia semântica como uma possível fonte de polissemia.

1.4. Polissemia e neologismo semântico

1.4.1. Neologia semântica: aspectos socioculturais do processo de criação terminológica

O léxico de uma dada língua de especialidade está em constante evolução, isto é, muda no tempo e no espaço, adaptando-se às necessidades socioculturais, políticas, ideológicas e científicas. É no discurso que constatamos a renovação do léxico.

Sob a perspectiva social da neologia semântica, o uso da língua não é considerado apenas através das regras do sistema linguístico, em questão; o uso desse sistema é determinado por um grupo de indivíduos que integram uma comunidade científica.

Os especialistas que pertencem a uma mesma comunidade científica, além de poderem partilhar experiências, através do léxico especializado, ainda têm a possibilidade de sistematizar, classificar, descrever e denominar a realidade que lhes é comum.

Porém, no que se refere à língua portuguesa, as variantes brasileira e portuguesa podem apresentar realidades distintas em relação ao léxico especializado.

Sob o ponto de vista cultural, Carvalho (2001) destaca a proximidade entre as culturas brasileira e portuguesa, referindo que a formação da cultura brasileira apresenta uma forte componente portuguesa e que a miscigenação com outros povos provocou uma modificação na variante do português do Brasil.

Carvalho (2001) ainda lembra que ambas as variantes possuem normas que se diversificaram ao longo da história, refletindo as distintas culturas dos povos que a falam.

Nesse sentido, Finatto (2001) lembra-nos que Brasil e Portugal fazem uso de uma mesma língua, a língua portuguesa que apresenta duas realidades que motivam grandes discussões: a unidade e a variação.

Finatto (2001) acrescenta que, no âmbito de uma cooperação terminológica entre Brasil e Portugal, não se pode ter em conta apenas uma discussão em relação à designação ou descrição mais apropriada referente a uma dada realidade que integra um domínio de especialidade. Esta cooperação, acima de tudo, pode contribuir para o conhecimento e a compreensão da natureza da variedade, “sem o que não há diálogo possível numa mesma língua, a Língua Portuguesa” (Finatto, 2001:154).

Podemos falar em cultura como um aspecto inerente à língua que é expresso pela interação e partilha do conhecimento e experiência entre os indivíduos que integram um mesmo ambiente social, como se refere Diki-Kidiri: “Consideramos la cultura como el conjunto de las experiencias vividas, producciones realizadas, y conocimientos generados por una comunidad humana que vive en un mismo espacio, a un mismo tiempo.” (Diki-Kidiri, 2006:7).

Contudo, salientamos que o conceito de cultura é muito amplo e dinâmico, considerando a existência de uma interação entre os costumes, as ideologias, a

organização social comum a um grupo social.

Os aspectos culturais e sociais podem estar presentes na variação terminológica de um domínio científico que diz respeito às realidades geográficas distintas, como é o caso do português - variante do Brasil e variante de Portugal- (cf. Silva Filho, 2009).

Quando os aspectos socioculturais convergem para a gênese de perspectivas que têm em conta a denominação de termos, que integram um dado domínio de especialidade, falaremos em neologia semântica como um processo que caracteriza a flexibilidade e o dinamismo diante da relação conceito/termo e/ou termo/ significação.

1.4.2. Neologia semântica: fonte de polissemia em Terminologia

A neologia semântica é um fenômeno amplo, que envolve os processos da metáfora, metonímia e extensão, redução e ampliação de semas de um termo já existente.

É sabido que a neologia semântica é um fenômeno difícil de detectar. Desse modo, a identificação do neologismo semântico como o processo de criação neológica resultante do fenômeno da polissemia é uma tarefa complexa. Porém, essa dificuldade pode ser contornada tendo em conta os seguintes critérios:

- i) saber se o termo que já existe, faz parte da terminologia em questão;
- ii) identificar os sentidos, polissêmicos ou não, do termo que está sendo analisado;
- iii) analisar a relação entre o novo sentido com os sentidos existentes.

Com base nesses critérios, fundamentamos o nosso ponto de vista na definição de neologia semântica, apresentada por Bastuji. A autora tem em conta que esse

processo resulta no fenômeno da polissemia e que apresenta como característica, um traço diacrônico: “La néologie sémantique est un cas particulier de la polysémie, avec un trait diachronique de nouveauté dans l'emploi, donc dans le sens” (Bastuji, 1974:6).

Na sequência da definição desta autora, referimos que esse processo de criação neológica está intimamente relacionado com os estudos diacrônicos. Partimos do pressuposto de que a absorção de um novo sentido e/ou de um novo conceito por um termo é um processo que apresenta uma sucessão no tempo, ou seja, a gênese de um termo obedece a uma ordem que pode desencadear uma trajetória ao longo do tempo (cf. ponto 1.7).

Por mais que um termo apresente duas significações, num curto espaço de tempo, cada uma dessas significações apresenta-se em momentos distintos, relativos à sua gênese, que por sua vez, são acompanhadas de seus contextos históricos.

Mencionamos ainda que, por se tratar de polissemias situadas em períodos distintos do tempo, as significações apesar de apresentarem características em comum conservam traços que identificam o contexto histórico ao qual pertencem. Desse modo, o tipo de polissemia pode variar em função dessas características.

A esse respeito, Candel (2003) fala sobre a tipologia de neologismos de sentido. Conforme a autora, o neologismo de sentido é uma unidade na qual a mudança pode ocorrer de maneira total ou parcial; como consequência, essa mudança reflete-se no próprio significante.

Contudo, é necessário observar se essas mudanças que ocorrem nos constituintes de um conceito e/ou de uma significação de um termo podem resultar numa unidade polissêmica ou homonímica.

A relação estabelecida entre a polissemia e a neologia semântica tem contribuído para o surgimento de novas perspectivas. Desse modo, Rastier e Valette (2009) quando abordam a relação entre a polissemia e a neologia denominam-na de neosemia e a designam como uma inovação semântica, ou seja, uma maneira de descrever a criatividade semântica e os novos empregos de uma unidade lexical.

Ainda no que se refere à definição de neologia semântica, Bastuji afirma que esse processo pode manifestar-se como uma criatividade responsável por mudança de

regras que ocorrem através da transgressão de traços de categorização e de seleção. O termo transgressão, aqui utilizado pela autora, reflete a evolução através da incorporação de novos traços semânticos ao semema, provocando uma mudança de significação da unidade lexical no eixo diacrônico. Nas palavras da autora: “La néologie sémantique peut enfin se manifester comme créativité qui change les règles, par transgression d'un trait de catégorisation ou de sélection.” (Bastuji, 1979:17).

Carvalho refere que as relações estabelecidas entre formas e conteúdos podem alterar, ou melhor, estão em constante mudança, concluindo que, “qualquer extensão no significado de uma forma, envolve uma redução correspondente no significado das que dela depender” (Carvalho, 2006:194).

Por seu turno, Štrbáková (2007) reflete que a ocorrência da neologia semântica está centrada na mudança da significação, que ocorre a nível mental. De acordo com a autora, a concepção de neologia semântica está intimamente ligada a falta de limites entre as possíveis significações referentes a uma dada unidade.

Por fim, Lino (2007) refere-se à ocorrência da neologia semântica no domínio da medicina. Diz-nos a autora, ser este um processo muito complexo, pelo fato de que vários são os fenômenos que intervêm na criação de um novo sentido.

Uma reflexão em torno da ocorrência de neologia semântica é imprescindível para o estudo do termo, enquanto unidade lexical já existente num dado domínio de especialidade. Essa tarefa ainda tem por objetivo a análise e a descrição deste tipo de processo de criação neológica que denomina as novas realidades, sem precisar recorrer ao processo de criação neológica formal.

1.4.2.1. Neologismo semântico: a complexidade da identificação e da descrição

O resultado do processo de criação lexical semântico é um neologismo semântico, também designado por neologismo de sentido e/ou neologismo conceitual. O neologismo semântico reflete as transformações que ocorrem nas áreas do conhecimento em virtude das recentes descobertas. Essa mesma unidade é

responsável pela reestruturação e reorganização do conhecimento nos domínios de especialidade.

O neologismo semântico não se comporta apenas como um termo que pode ser analisado e descrito por distintas abordagens linguísticas. É uma unidade lexical que veicula o caráter social, cultural, ideológico e político da comunidade científica que a utiliza para veicular um conceito ou uma significação especializada.

A transmissão de uma nova significação e/ou de um novo conceito a partir de um termo já existente é um processo que deve ser realizado com muita cautela. É indispensável que a descrição dos novos elementos que constituem o termo seja realizada exaustivamente de maneira clara, concisa e objetiva, de modo a dar conta de que se trata de um novo conteúdo, embora seja veiculado por um termo/significante já conhecido.

A descoberta científica é um processo complexo que é restrito a um grupo de especialistas. Desse modo, cada nova informação que é descoberta durante um processo científico é recolhida para posteriormente ser divulgada.

A partir dessas novas descobertas, os novos conceitos e as novas significações são parâmetros que delimitam a fronteira entre o atual, designado pelo novo, e o passado.

A difusão desses novos elementos pode ser realizada a partir de um termo que integra o domínio de especialidade. O especialista não está interessado em saber se o uso de um determinado termo vai levantar problemas de ambiguidade, de variação, de polissemia enfim, qualquer dificuldade do ponto de vista linguístico. O seu objetivo é apresentar à comunidade científica a sua descoberta através da perspectiva na qual estão inseridos os seus estudos.

Tendo em conta esse panorama de criação neológica, lembramos Guilbert (1975:65) que se refere à complexidade da formação de uma nova unidade lexical, sob a perspectiva da neologia semântica. Segundo o autor, o reagrupamento dos semas ou traços semânticos que serão utilizados para designar uma nova unidade devem ter em conta o processo pelo qual se concebe uma nova unidade.

Acrescentamos ao pensamento de Guilbert que, mais do que estabelecer o

reagrupamento dos semas para criar uma nova unidade semântica, é necessário ter em conta a relação entre esses semas que estão presentes no desenvolvimento desse processo.

Diante dessa complexidade, Pruvost e Sablayrolles (2003) sublinham a dificuldade em estabelecer uma fronteira entre um novo sentido e os sentidos já existentes referentes a uma mesma unidade.

Essa mesma complexidade é referida por Solé, quando a autora aponta que, em situação de uso, a ocorrência de um mesmo termo em textos diferentes apresenta características distintas e desse modo, influenciam no estatuto de neologismo conferido a essa unidade. Nas palavras da autora: “el concept de neologisme és molt relatiu, canviant, evolutiu, ja que els diferents textos condicionen la neologicitat de les unitats lèxiques. És a dir, una mateixa unitat pot ser considerada neològica dins d'un text determinat i no ser-ho en un text amb unes característiques diferents.” (Solé, 2002:79).

Diante desse contexto, podemos afirmar que um termo será considerado neologismo semântico se e somente se atender aos seguintes critérios:

- i) pertencer a um mesmo domínio de especialidade, ou ainda referir-se à relação entre subdomínios que apresentam uma grande proximidade;
- ii) apresentar sentidos que partilham semelhanças e afinidades;
- iii) resultar de um processo de polissemia.

Como resultado do fenômeno da polissemia, é mais evidente e produtivo analisar e descrever o neologismo semântico sob uma perspectiva diacrônica, considerando que as alterações e mudanças que ocorrem no termo sucedem num eixo temporal.

Acrescentamos ainda que, em alguns casos, a identificação de um neologismo semântico pode ser caracterizada através das aspas (cf. Petralli, 1999). Segundo este

autor, o uso das aspas pode ser considerado como um importante sinal gráfico para identificar esse tipo de neologismo.

Assim, distinto do neologismo formal, o neologismo semântico pode passar despercebido. No entanto, o processo de criação neológico semântico é relevante quando se trabalha em polissemia, porém, como fora mencionado anteriormente, identificar esse fenômeno neológico é complexo, ainda mais quando esse trabalho é realizado através de contextos.

No entanto, no nosso trabalho, não identificamos nos contextos nenhum processo de neologia semântica (cf. ponto 5.2).

1.5. A significação e o sentido dos termos polissêmicos

1.5.1. Termo: uma unidade sujeita à polissemia

Contrariando as ideias wusterianas de que o termo é uma etiqueta estável que designa um conceito, podemos referir que, com o passar do tempo, as unidades terminológicas podem apresentar mudanças, nos seus conteúdos, e até mesmo tornarem-se polissêmicas.

A esse respeito, podemos afirmar que a frequente mudança que permeia a relação entre conceito e termo refere-se à própria natureza instável do conteúdo dessa unidade terminológica que, dentre outros motivos, resulta do cruzamento da modelização sociocultural e de uma estratificação histórica, que de certo modo conduz o termo a características variacionistas. Esta perspectiva é expressa por Kleiber da seguinte maneira: “les termes à contenu instable sont avant tout des termes dont les entités dénotées ne sont pas le produit de notre expérience perceptuelle, mais du croisement d'une modélisation socio-culturelle et d'une stratification historique, donc par leur origine même beaucoup plus ouverts à la variation que les termes renvoyant à des entités «perceptuelles»” (Kleiber, 1999:36-37).

Os termos são unidades que refletem as diferentes culturas, a maneira pela qual os especialistas vêem o mundo; contudo, esses indivíduos apresentam formas

diferentes de sentir, perceber, pensar e refletir sobre a realidade que os rodeia e assim passam a designar os conceitos de um domínio de especialidade.

Os termos referentes a um dado domínio, quando utilizados pelos especialistas em situação de comunicação, representam estruturas cognitivas específicas condicionadas pelo contexto de sua utilização. Esses termos denominam tanto os conceitos gerais quanto os específicos, as propriedades dos conceitos e as relações estabelecidas entre conceitos, no seio de um dado domínio. Assim, os termos denominam os conceitos que expressam as características comuns a um conjunto de objetos.

Segundo Cabré (1993) os termos não são unidades que ocorrem isoladamente, ou seja, fora de um contexto específico. Segundo a autora, esses elementos integram um sistema linguístico especializado e que se materializam ao fazer parte de um contexto, que por sua vez corresponde a um domínio de especialidade.

Por seu turno, Alexandru e Gaudin referem que, mesmo fora do contexto de especialidade, o termo assume um caráter invariável. Contudo, a unidade terminológica não perde a sua característica de unidade polissêmica quando interage com outros elementos de significação na interseção entre os domínios e na dinâmica da evolução das áreas científicas. Conforme os autores: “Hors du domaine, le terme a peut-être perdu son statut immuable, son sens unique en dehors du contexte, mais il a sûrement gagné en richesse sémantique, devenant aussi caméléon que le « simple » mot. Sa polysémie n’est plus à fuir car c’est un état de fait attribuable à l’entrecroisement des domaines, au mixage avec les discours quotidiens, à la dynamique de l’évolution de la science...” (Alexandru e Gaudin, 2006:60).

Tendo em conta a instabilidade acima referida, é necessário mencionar que o estudo sobre o termo situa-se na encruzilhada de várias perspectivas, permitindo a análise e descrição do comportamento dessa unidade, seja em relação ao conceito e/ou à significação, à sua formação morfosintática, à sua ocorrência no discurso especializado e ainda como uma unidade sujeita à polissemia.

Na perspectiva de Sager (1990), o termo pode ser estudado em três distintas vertentes: a cognitiva, a linguística e a comunicativa. A dimensão cognitiva estabelece

a relação entre o termo e o conteúdo conceitual, ou seja, dá conta dos referentes no mundo real. A dimensão linguística reflete sobre as formas existentes e as formas potenciais. Por fim, a dimensão comunicativa trata da utilização das terminologias e procura justificar a atividade que consiste na compilação e no processamento das terminologias.

Por sua vez, Tebé (2005:244) sublinha que o termo é uma unidade que pode ser descrita sob vários pontos de vista. Dentre essas perspectivas, o autor tem em conta que, em função dos traços semânticos, o termo é atualizado de acordo com o domínio de especialidade onde é utilizado.

Cabré (2009b:14) refere que os termos, como unidades poliédricas, podem ser observados e analisados sob três diferentes níveis: sob o nível cognitivo, o termo veicula o conhecimento de uma dada realidade; sob a perspectiva do nível linguístico, o termo como um signo linguístico é analisado e descrito de acordo com as regras gramaticais da língua em questão e por fim, sob o nível social, veicula o ponto de vista partilhado entre especialistas que integram um mesmo domínio do saber.

É necessário reconhecer que a complexidade do conceito do termo faz com que seja prudente estabelecer uma fronteira entre os elementos de significação que o constituem para que seja realizada a sua análise e descrição.

Presentemente, nos estudos realizados sobre as unidades terminológicas, observa-se a emergência de trabalhos que defendem o estudo do termo em situação de discurso. Nesse sentido, a teoria da terminologia textual (cf ponto 2.4) e das linguísticas de corpora (cf. ponto 2) contribuem para uma melhor descrição da unidade especializada.

Nesse sentido, Delavige e Bouveret (1999:7-8) apontam que, mais do que definir o termo através de um sistema de conceitos, parece ser mais razoável considerá-lo do ponto de vista descritivo no seu funcionamento interativo e discursivo enquanto signo linguístico.

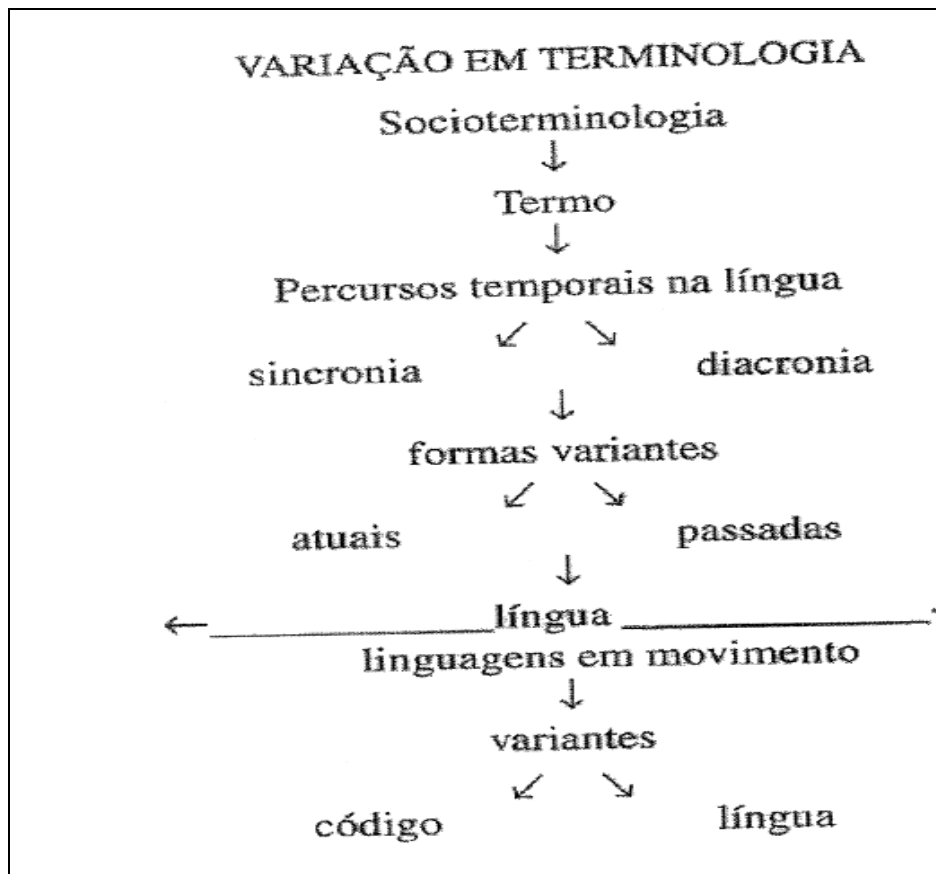
Como uma unidade linguística, o termo é observado e definido pelo terminólogo nos textos de especialidade. Denominada de semasiológica, essa abordagem tem como ponto de partida o estudo do próprio termo para se chegar às

suas significações. A ocorrência do termo é seguida por outras unidades lexicais, especializadas ou não, que, articuladas entre si, constituem uma relação semântica e que resultam na atualização dos sentidos de cada uma dessas unidades.

Parafraseando Ballabriga (2005), podemos afirmar que o valor do termo resulta de uma rede de semelhanças e diferenças na qual se situa essa unidade terminológica em relação aos outros termos.

Por seu turno, Faulstich (1998) refere-se ao movimento que o termo executa nas línguas de especialidade que pode ser descrito através de um percurso, no tempo e no espaço, provocando mudanças nessa unidade; fundamentando-se na teoria da socioterminologia para analisar o termo em situação de discurso, a autora refere que essa abordagem tem em conta dois percursos temporais. São eles: a sincronia que tem em conta o mesmo significado referencial que as unidades variantes podem apresentar numa determinada época; e a diacronia, que possibilita a sistematização de estruturas léxico-terminológicas variantes – denominação utilizada pela autora –, permitindo a reconstrução de sistemas conceituais de uma determinada época, que podem ser validadas ou não na atualidade (cf. Faulstich, 1998:1).

Faulstich (2002:78) representa o movimento do termo nas línguas de especialidade através do seguinte esquema:



Sintetizando, entendemos que a relação entre o conceito e o termo pode ocorrer da seguinte maneira:

a) tanto o conceito quanto o termo podem apresentar uma estabilização no plano diacrônico; assim, a forma da expressão e o conteúdo permanecem em diacronia;

b) o movimento da diacronia para a sincronia implica distintos resultados na sincronia; dessa maneira, a forma da expressão permanece a mesma, contudo, apresenta alteração de algumas características conceituais ao longo do tempo;

c) o conteúdo semântico passa por uma evolução no percurso entre o nível diacrônico e o sincrônico; assim, a forma da expressão mantém-se embora o conteúdo apresente alguma alteração, pois esse movimento resulta de mudanças a nível conceitual;

d) a forma é alterada por diversos motivos; no entanto, a manutenção do conceito justifica que, no movimento temporal, o termo seja o mesmo;

e) tanto o conceito como o termo se mantêm na sincronia, pois ambos os elementos aparentam não ter recebido qualquer influência no percurso histórico da língua (cf. Faulstich, 2002:78-79).

Mais tarde, Faulstich (2006) propõe uma releitura da definição de termo, a fim de melhor compreender o porquê de a variação fazer parte da natureza de uma dada unidade.

O esquema apresentado por Faulstich é relevante para o nosso estudo no que se refere à sequência temporal da relação conceito/termo e/ou termo/significação. Desse modo, os itens a, b e c demonstram essa trajetória temporal, em que o termo não passa por nenhuma alteração na sua forma. A mudança ocorre apenas a nível do conteúdo do termo.

No que diz respeito à análise e à descrição das relações entre as significações de um termo para saber se estamos diante de uma unidade polissêmica, podemos lembrar que essa tarefa foi abordada nos pontos (1.2.2 e 1.3) e que será retomada no ponto (1.5.2), no qual, exporemos a relevância da significação e do sentido como elementos linguísticos que podem apoiar a metodologia de tratamento da polissemia.

Assim, tendo em conta o termo como uma unidade sujeita à polissemia, faremos uma breve explanação sobre a significação e o sentido polissêmicos.

1.5.2. A significação e o sentido polissêmicos de um termo

Ao abordarmos a significação e o sentido, não é o nosso objetivo fazer uma explanação sobre as teorias referentes a esses dois conceitos. Interessa-nos refletir sobre a capacidade de ambos tornarem-se elementos sujeitos à polissemia.

Em Terminologia, a criação de um novo conceito e de uma nova significação são inerentes ao processo de denominação de um objeto por parte do grupo de especialistas, que fixam o conceito e a própria significação do termo resultante dessa nova denominação.

Conforme referido anteriormente, tanto a significação, quanto o sentido de um termo assumem características socioculturais específicas que refletem o “ponto de vista” do especialista de uma dada comunidade científica.

Para falarmos sobre a significação e o sentido apoiamo-nos em Rastier. Para este autor a significação é uma propriedade dos signos (em língua) e o sentido diz respeito a atualização da significação em discurso: “Convenons que la signification est attribuée aux signes et le sens aux textes. Si l’on approfondit cette distinction, un signe, du moins quand il est isolé, n’a pas de sens ; et corrélativement un texte n’a pas de signification.” (Rastier, 2006:2).

Rastier ainda se refere à significação como uma forma estável, que pode ser independente ou pouco dependente do contexto. Por sua vez, o sentido não varia relativamente a um signo isolado, a sua variação ocorre no próprio contexto discursivo.

O sentido do termo, em situação de discurso, é atualizado por traços semânticos mínimos distintivos que delimitam, particularizam e concedem características únicas a essa unidade terminológica, em relação aos outros termos, no seio de um dado domínio de especialidade. Denominados de semas, esses traços semânticos mínimos distintivos quando reunidos constituem o semema terminológico.

Os semas podem comportar-se como elementos estáveis e instáveis. A variabilidade do sema pode ser identificada a partir do contexto em que o termo, como uma unidade terminológica, é atualizado. A esse respeito, Valette refere-se que “chaque actualisation d’un mot l’enrichit de son contexte d’actualisation, la fréquence de sa participation à un groupement transversal modifie son signifié.” (Valette, 2010:12).

Desse modo, os semas de um termo são ativados e organizados de acordo com o domínio de especialidade, do discurso e do gênero textual e da temática abordada. Assim, o termo pode apresentar semas que podem dar origem a sememas e gerar distintas significações em diferentes contextos e espaços de tempo distintos.

A esse respeito, Rastier tem em conta que as relações de oposição entre semas a nível sincrônico e diacrônico diferem em função do dinamismo que caracteriza este

último nível. Nas palavras do autor, “Si en synchronie les relations au sein des classes lexicales peuvent être caractérisées par des oppositions sémiques discrètes, le caractère graduel des évolutions diachroniques peut être représenté par des modèles dynamiques qui sans contredire l’analyse sémique, caractérisent les sémèmes comme des points remarquables sur des dynamiques.” (Rastier, 2005:136).

Diante do quadro de atualizações das significações e dos sentidos, estes elementos podem apresentar-se fixos numa comunidade de especialistas.

Tendo em conta estes aspectos, nos quais tanto a significação, quanto o sentido demonstram características de evolução e ao mesmo tempo de estabilidade diante da relação que estabelecem com o termo e com os outros elementos, em períodos distintos da língua, é necessário representar essas relações a nível informático.

1.6. Tratamento informático da polissemia: por que a necessidade de desambiguação?

É evidente o fato de a ocorrência da polissemia ser uma realidade presente no discurso especializado. Porém, para muitos terminólogos, linguistas e outros especialistas que trabalham com a descrição da língua numa perspectiva computacional, a representação desse fenômeno constitui um desafio, que pode ser resolvido a partir da desambiguação do termo polissêmico.

Essa tarefa consiste em relacionar e representar cada uma das polissemias do termo como uma ocorrência única, ou seja, forma e conteúdo caracterizam-se por ser uma relação biunívoca, independentemente de a forma ser a mesma.

Na literatura da Inteligência Artificial, a desambiguação é uma característica essencial quando se aborda o fenômeno da polissemia. É quase unânime o ponto de vista partilhado por especialistas em Terminologia, Ontologia, Engenharia do conhecimento, etc, de que a polissemia seja limitada a um termo homonímico.

Assim, como esforço para reduzir a ocorrência da polissemia nas linguagens especializadas, é crescente a prática da concepção de softwares com o propósito de

relacionar um termo a uma significação. A esse respeito, Silva (2006) menciona que os estudos realizados em linguística computacional privilegiam a construção de algoritmos como forma de identificar e desambiguar os sentidos polissêmicos de uma unidade.

A defesa pela desambiguação dos sentidos de uma unidade polissêmica, juntamente com os ideais propostos por Wüster, lembra-nos que o estudo da Terminologia de carácter normativo proporcionou ao tratamento automático das línguas de especialidade um aspecto prescritivo, pois a formalização é fundamentada na construção de axiomas que resultam no estabelecimento da relação biunívoca entre formas e/ou entre forma e conteúdo.

A esse respeito, Slodzian refere que, assim como as linguagens de programação, a Terminologia comporta-se como uma fonte de desambiguação em relação à ocorrência de polissemia: “Tout comme les langages de programmation sont construits pour échapper à la polysémie des langues naturelles, la terminologie est conçue comme un rempart contre la polysémie en vue de perfectionner la langue naturelle et la «rendre sûre»” (Slodzian, 2000:64).

Por sua vez, Pisanelli *et al.*, apesar de reconhecerem a relevância da polissemia, tendo em conta a partilha do conteúdo semântico entre diferentes bases de dados, chamam a atenção para o fato de que esse fenómeno pode ser prejudicial quando se trabalha, por exemplo, com o processamento de língua natural e o acesso a informações terminológicas de carácter normativo: “Polysemy is definitely not a negligible issue in information management, since the current demand is for an effective sharing of the semantic content of data among different databases or knowledge repositories. It may seriously hamper crucial services such as intelligent information access, natural language processing or terminological standards definition and the widespread diffusion of the so-called “semantic web”.” (Pisanelli *et al.*, 2004:416).

Park (2007) refere que as pesquisas desenvolvidas para desambiguar esse fenómeno apresentam-se mais produtivas quando realizadas a partir do contexto.

No âmbito do tratamento informático da língua é constante a utilização do termo formalização, como meio de fixar uma dada forma ao seu conteúdo.

A esse respeito, lembramos Rastier *et al.* (1994); os autores sublinham que a formalização ocorre a partir de uma sintaxe construída por regras que podem representar as frases, expressões, etc, de uma dada língua; a linguagem formal é definida por uma única ordem, denominada de ordem sintática, que por sua vez, fornece um inventário de regras que serão operadas através de símbolos reconhecidos pela máquina. Nas palavras dos autores, “un langage formel se définit par un seul ordre: un ordre syntaxique (qui stipule un inventaire de règles opérant sur ces symboles)” (Rastier *et al.*, 1994:17).

No que se refere ao reconhecimento da forma e de seu conteúdo, a construção de regras será elaborada e executada dependendo da natureza dos formalismos e de sua função.

Desse modo, a relação entre forma e conteúdo é regida por uma negociação convencionalizada pelo linguista-terminólogo e pelo informático, especialistas que vão decidir o que uma dada forma vai representar num determinado momento do discurso. Assim, a arbitrariedade é uma característica inerente à concepção do processo de identificação e reconhecimento da relação forma/conteúdo.

O diálogo homem-máquina é uma relação complexa, se consideramos que por detrás das formalizações semânticas encontra-se a dificuldade que consiste em expressar através de axiomas que uma forma, num determinado contexto, pode apresentar um sentido e que, num mesmo ou num outro contexto, essa mesma forma pode referir-se a um outro distinto sentido.

No tocante ao tratamento da polissemia, tentamos investigar se o conceito de formalização poderá abranger a complexidade que está por detrás da tarefa que é descrever a polissemia numa perspectiva automática, considerando que esse fenômeno consiste no estabelecimento de relações entre uma só forma com várias significações.

Desse modo, apresentamos a definição do verbete “formalisation/formalisme” retirado do “Dictionnaire des sciences du langage”: “Le terme de formalisme, appliqué

à une méthodologie scientifique, désigne un ensemble de représentations abstraites exprimées au moyen d'un langage formel. Un langage formel est un artefact, élaboré à partir de concepts logiques ou mathématiques, et construit à partir de définitions a priori. (...) Un formalisme suppose des conditions de formalisation strictes. Ainsi formaliser une règle*, par exemple, exige une définition rigoureuse des objets qu'elle se donne, une absence d'ambiguïté dans la définition, donc un métalangage* également stabilisé, une formalisation explicite, permettant son application par un automate*, et où l'intuition par conséquent n'a aucune part.” (Neveu, 2004:136-137).

Diante da definição de formalização, pensamos ser conveniente e útil falar sobre tratamento automático da polissemia como um processo que viabiliza a representação do conteúdo polissêmico de uma forma.

O tratamento automático da polissemia constitui uma barreira, que ainda não chegou a ser superada. A esse respeito, lembramos Cadiot e Habert. Os autores evidenciam que as ferramentas automáticas existentes não estabelecem as relações entre os diferentes sentidos de uma unidade lexical, que de certa maneira partilham características em comum: “Les analyses automatiques, elles, pratiquent le plus souvent le dégroupement homonymique faute d'avoir encore pu établir des dispositifs satisfaisants pour articuler ces sens ressentis comme apparentés.” (Cadiot e Habert, 1997:3). Embora seja uma citação de um texto escrito há cerca de 16 anos, no entanto mantém-se atual.

A tarefa de associar automaticamente vários sentidos entre si, considerando que esses mesmos elementos são semelhantes em função de suas características, e que ainda podem ocorrer em apenas um ou vários contextos, constitui um problema a resolver. Acrescentamos ainda que a ocorrência do sentido de um termo, em situação de discurso, nem sempre é apresentada de forma clara e objetiva no contexto.

Diante dos obstáculos anteriormente citados, Apidianaki refere que a dificuldade de se associar os sentidos a um dado termo reside na definição desse mesmo sentido e na falta de consenso entre os especialistas no que se refere à descrição do próprio sentido sob a ótica do tratamento automático: “La notion du sens peut être appréhendée de différentes manières et la diversité des représentations sémantiques existantes démontre la difficulté de trouver un consensus concernant la

nature du sens et sa description optimale dans le cadre du traitement automatique.” (Apidianaki, 2006:2).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Mazaleyrat reconhece a dificuldade de estabelecer relações entre os sentidos polissêmicos de uma unidade lexical. Desse modo, o autor questiona como representar a relação estabelecida entre um sentido com outros elementos. “En revanche, c’est beaucoup moins simple pour les unités lexicales polysémiques dont les sens sont, rappelons-le, distincts mais apparentés. Un polysème serait bien relié à une seule et unique entrée, mais à combien de structures sémantico-conceptuelles celle-ci serait-elle associée?” (Mazaleyrat, 2010:149).

As citações mencionadas demonstram a necessidade de se refletir sobre a descrição da polissemia a partir do sentido. Considerando-se o sentido como um elemento central dos estudos sobre esse fenômeno, é necessário delimitar o seu estudo em função do objetivo a ser realizado, que, nesse caso, diz respeito à análise e à descrição da polissemia para fins de automatização.

Reconhecemos que a identificação e a extração dos conteúdos semânticos por parte dos sistemas informáticos gera uma série de problemas, tanto para o linguista-terminólogo, quanto para o informático.

Assim, mencionamos que a relação entre esses dois profissionais é de extrema relevância para alcançar resultados satisfatórios em relação à concepção de ferramentas que possam reconhecer com fiabilidade o conteúdo semântico de um termo.

O linguista-terminólogo, como especialista da língua, é conhecedor das regras gramaticais do sistema linguístico. Dessa maneira, a sua tarefa consiste em descrever esse sistema, conforme o objetivo do estudo. Com base nos *corpora de especialidade*, por exemplo, esse especialista descreve as variadas e distintas ocorrências do termo relacionado com os seus conteúdos.

Por fim, podemos referir a relevância dos dados quantitativos para identificar as mudanças que ocorrem na língua. O uso de dados quantitativos permitem aos linguistas acompanhar as mudanças específicas no que diz respeito à evolução da

língua, bem como identificar e descrever as tendências gerais da mudança que seriam difíceis de serem traçadas com precisão, sem o auxílio desses dados (cf. Sánchez-Marco *et al.*, 2010).

Sem desmerecer a relevância das ferramentas automáticas desenvolvidas em função de uma abordagem prescrita pela teoria terminológica, convém ainda lembrar que as variações são realidades inerentes ao funcionamento das línguas de especialidade. Desse modo, a polissemia necessita ser reconhecida, identificada e sistematizada.

O reconhecimento do tratamento automático da polissemia como um fenômeno diacrônico que constitui a realidade de todo domínio de especialidade beneficia a descrição e sistematização e organização do próprio domínio.

1.7. Polissemia Nominal Diacrônica

Verifica-se que a maioria dos estudos realizados sobre a polissemia privilegia a abordagem sincrônica. Esse trabalho tem como ponto de partida a análise das significações de um termo, com o objetivo de identificar os elementos que estabelecem afinidades e que são responsáveis por tornar essa unidade polissêmica.

Diante desse quadro, sentimos a necessidade de integrar o estudo desse fenômeno numa perspectiva diacrônica, considerando que uma nova significação pode ser um elemento originado a partir de uma das significações do termo que se encontram em distintos espaços temporais da língua.

Através da abordagem diacrônica é possível identificar a causa pela qual um termo possa tornar-se uma unidade polissêmica, tendo em conta os tipos de relação que essa nova significação estabelece com o elemento existente.

Desse modo, o questionamento do motivo da mudança da significação conduz ao levantamento de uma série de premissas relacionadas, tanto aos fenômenos inerentes à formação das significações, como é o caso da ampliação, da restrição ou da criação de semas, quanto aos fatores externos à criação do elemento significação, mas que, de certo modo, motivam a sua gênese. Nesse caso, podemos referir que a

evolução nos domínios de especialidade pode ter como causa a descoberta de uma nova realidade.

A mudança de significação pode resultar da evolução da tecnologia, da transferência de vocabulários especializados entre sub-domínios de uma mesma área de especialidade, ou ainda quando um hipônimo ou um hiperônimo correspondem a um mesmo termo.

Podemos referir que, num mesmo domínio de especialidade, podem existir distintas correntes de pensamento que inspiram os trabalhos de grupos de pesquisas que podem ser paralelos e não coincidem necessariamente, ou ainda a existência de diferentes perspectivas que abordam um mesmo objeto da realidade de maneiras distintas.

Com base nesse cenário, o estudo da polissemia sob a abordagem diacrônica pode ser considerado a partir da definição apresentada por Bréal (1924). Apesar de ser uma definição elaborada há mais de cem anos, conforme a primeira edição da obra do autor⁶, a descrição desse fenômeno continua a ser atual, pois descreve de maneira precisa a trajetória de constituição da polissemia, através da relação de semelhança entre significações: “Le sens nouveau, quel qu’il soit, ne met pas fin à l’ancien. Ils existent tous les deux l’un à côté de l’autre. Le même terme peut s’employer tour à tour au sens propre ou au sens métaphorique, au sens restreint ou au sens étendu, au sens abstrait ou au sens concret... A mesure qu’une signification nouvelle est donnée au mot, il a l’air de se multiplier et de produire des exemplaires nouveaux, semblables de forme, mais différents de valeur. Nous appellerons ce phénomène de multiplication la polysémie.” (Bréal, 1924:143-144).

A fim de demonstrar que o novo sentido não anula a existência dos outros sentidos da unidade, Bréal situa-os estrategicamente num mesmo eixo de organização, ou seja, num espaço onde cada um dos sentidos esteja disponibilizado um ao lado do outro.

⁶ BRÉAL, Michel, (1897), *Essai de Sémantique (Science des significations)*, Paris, Librairie Hachette et Cie, 79, Boulevard Saint-Germain.

Diante do ponto de vista do autor, lembramos que a utilização de cada um desses sentidos é regida por uma situação de contexto distinta. Desse modo, num dado contexto é possível identificar, por exemplo, a ocorrência do sentido novo e do elemento que o originou. Já em outro contexto, é provável identificar a presença de dois sentidos que não caracterizam uma realidade nova, mas que indicam a ocorrência de polissemia e que, de certa maneira, essa relação é marcada pela diacronia.

Essas distintas maneiras de ocorrência de polissemia levam-nos a refletir que o estudo da polissemia diacrônica deve ser fundamentado tanto na relação diacrônica quanto na sincrônica estabelecida entre os sentidos de um dado termo.

A esse respeito, Brocardo (2007) evidencia a necessidade da articulação entre os fenômenos sincrônicos e diacrônicos para fundamentar os estudos realizados sobre a polissemia diacrônica como uma abordagem capaz de delimitar a especificidade da mudança de significação de uma unidade lexical.

A título de exemplificação, apresentamos um caso prático demonstrado por Magué. Diz-nos o autor que : “À un instant t0 de son histoire, un mot M porte un sens S1 à partir duquel se développe un sens S2 à un instant t1. L'étape finale est la perte du sens S1 à un instant t2. Cette dernière n'est pas indispensable pour pouvoir parler de changement sémantique, l'étape cruciale étant le développement du sens S2 à partir du sens S1. La polysémie est donc la manifestation synchronique des changements sémantiques.” (Magué, 2005:2).

O exemplo prático do autor demonstra o momento de criação de um sentido polissêmico do termo. Contudo, Magué, ao falar sobre a polissemia, tendo em conta os níveis da diacronia e da sincronia, considera que esse fenômeno, para além de ser uma manifestação sincrônica das mudanças semânticas, é também uma manifestação a nível diacrônico, pelo fato de que a significação é delimitada num dado espaço de tempo, que, por sua vez, origina uma nova significação.

Abrimos um espaço para referir que o termo não perde a significação que lhe foi proposta, o que pode acontecer é que esse elemento pode entrar em desuso em função de vários motivos, dentre esses, a descoberta de uma nova realidade e consequentemente o uso da significação que reflete essa nova realidade. Desse modo,

o novo conteúdo passa a estabelecer uma relação constante com o termo. Contudo, não invalida que esse mesmo termo possa estabelecer conexão com as suas outras significações. Essa evidência pode ser constatada a partir dos textos de especialidade quando o autor evoca as significações que não são atuais para fazer referência a algo que aconteceu num passado próximo ou distante.

Uma informação diacrônica, acerca de um termo, tem em conta dois momentos: o estado em que o termo se encontra em relação às significações (atual e as antigas); e o intervalo de tempo da informação na qual este estado ocorre.

Através do estudo diacrônico da polissemia é possível identificar a continuidade das significações ao longo do tempo. Porém, essa sequência não ocorre de maneira sistemática, ou seja, quando uma significação dá origem a um novo elemento, que por sua vez, a partir desse elemento possa ser concebido uma outra significação.

Esse fenômeno pode ser entendido como uma sequência não linear, pelo qual qualquer uma das significações referentes a um termo pode originar ou pode ser um predecessor de um outro sentido.

Assim, um termo que já existe, embora considerado polissêmico, em função das significações que apresenta anteriormente, pode tornar-se um homônimo no momento em que adquire uma nova significação que não apresenta nenhuma relação de semelhança com os elementos anteriores. Diante dessa situação, o termo, mesmo passando por uma ruptura no que diz respeito à absorção de sentidos numa sequência temporal, ainda é considerado uma unidade polissêmica diacrônica.

Desse modo, a criação de uma significação é relativa a uma dada época e momento do discurso dentro de uma comunidade científica e refere-se a um objeto da realidade. Essa significação, por sua vez, pode estabelecer ou não um elo de semelhança com os outros elementos referentes ao termo.

O estudo da polissemia diacrônica contempla a história da relação conceito/termo e/ou termo/ significação, que, por sua vez, reflete-se na evolução do léxico especializado de uma dada comunidade científica. Assim sendo, esse estudo também colabora para uma melhor compreensão e entendimento do domínio de especialidade.

O valor histórico da polissemia é veiculado pela realidade espaço-temporal inerente à relação significação/termo. A delimitação dessa ocorrência polissêmica através do uso em situação de contexto contribui para a estabilização dessa polissemia.

Desse modo, Kleiber refere que a polissemia resulta de uma estabilização histórica, pois ao longo do tempo os sentidos de um termo são caracterizados pela flutuação em relação ao uso dessa unidade. O autor nota que a integração dessa unidade na estrutura do léxico da língua e o seu registro em dicionários são tarefas que concedem uma estabilidade às unidades lexicais: “La polysémie est, certes, le résultat d'une stabilisation historique, et est un résultat qui n'est pas immuable, mais elle est perçue néanmoins comme étant un phénomène stable! C'est ça son côté intersubjectif, qui, à ce titre, même si c'est difficile et si cela reste soumis au flou, mérite d'être enregistré dans la structure du lexique d'une langue (et donc également dans les dictionnaires).” (1999:77).

A título de informação, a nível lexicográfico, é possível encontrar alguns verbetes que estabelecem fronteiras, tanto a nível sincrônico quanto diacrônico, entre as significações de um determinado termo. A delimitação entre as significações apresenta-se de forma clara em relação às significações polissêmicas.

Por sua vez, Rastier (2001) refere-se à polissemia como um fenómeno de relações históricas que ocorre entre as significações de uma unidade lexical. O autor acrescenta que no eixo do tempo as significações atestadas como antigas não recebem um tratamento especial, essas unidades são tratadas como elementos que apresentam relevância em função de sua particularidade.

Por fim, Quemoun (2010) tem em conta que a multiplicidade dos sentidos referentes a uma dada unidade lexical está ligada à diversidade de sua utilização em situação de contexto, que de certa maneira é condicionada por uma característica diacrônica. O autor acrescenta que as unidades lexicais podem adquirir novas significações sem perder o seu sentido primeiro.

Abrimos um espaço para mencionar a complexidade que é identificar o sentido como sendo o primeiro de um termo.

Desse modo, quando trabalhamos com *corpora diacrônicos*, com o objetivo de identificar o sentido primeiro referente a um dado termo, afirmamos que, quanto maior o espaço de tempo delimitado para essa tarefa, maior a probabilidade de realizá-la. Porém, não significa dizer que esse sentido será encontrado.

Podemos referir também que, no caso de o termo ser resultado de uma criação neológica formal recente e que esta mesma unidade tenha adquirido uma outra significação há pouco tempo, desse modo tornando-se uma unidade polissêmica, certamente essa informação será identificada rapidamente, mas se o termo for uma lexia criada há muito tempo, o trabalho de identificação de seu sentido primeiro torna-se mais difícil.

Como maneira de tornar o trabalho mais viável, em função da identificação da polissemia, podemos falar em sentido predecessor, pelo fato de ser um elemento que pode referir-se tanto à significação primeira de um termo quanto a uma significação posterior a um elemento que já existe.

Assim, sublinhamos o que dissemos anteriormente, que a criação polissêmica é um processo assimétrico pelo fato de que uma mesma significação pode gerar novas significações em distintos espaços de tempo, ou ainda distintas significações posicionadas em diferentes espaços temporais que, por sua vez, podem gerar novos sentidos polissêmicos. Enfim, são várias as possibilidades que contribuem para a gênese da polissemia.

Com base nos estudos sobre a polissemia nominal diacrônica tanto a nível diacrônico, quanto sincrônico, passaremos ao estudo desse fenômeno nos *corpora de especialidade*, tendo em conta que é a partir dessas coleções de textos que se pode ter uma melhor observação das particularidades das relações polissêmicas.

2. LINGUÍSTICA DE CORPORA E DIACRONIA: METODOLOGIA DE TRABALHO PARA A IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS POLISSEMIAS DE UM TERMO

2.1. *Corpora* diacrônicos: um conceito a ser explorado

A Linguística de *corpora* comporta-se, fundamentalmente, como um observatório da língua, a partir do qual se pode analisar tanto o seu comportamento no momento atual ou passado, como a sua evolução que pode ocorrer num curto ou longo espaço do tempo.

Os *corpora escritos de especialidade* são coleções de textos constituídos por produções escritas por especialistas de um determinado domínio de especialidade, destinados a um público específico e que são utilizados para analisar e descrever situações de uso real da(s) língua(s) de especialidade.

Paralelamente, podemos falar sobre o conceito de *corpus diacrônico* como uma seleção de textos que são selecionados e agrupados a partir de certos períodos do tempo. Tal conceito deve ter em conta a observação, a análise e a descrição diacrônicas referentes a um dado termo ou de suas polissemias que podem ser observados a partir de contextos extraídos de textos.

O estudo do léxico especializado pode ser fundamentado nos *corpora especializados*. Esse mesmo léxico corresponde ao registro da língua e ainda ao estado do conhecimento que ocorre num dado momento do uso desse sistema perante uma comunidade científica.

O trabalho em *corpora de especialidade* privilegia as análises linguísticas: a análise da variação ou da criação de uma significação polissêmica de uma dada unidade são objetos de estudos que necessitam ser observados e analisados.

Salager-Meyer refere-se ao interesse pelo estudo do *corpus* por parte dos especialistas em Linguística, especialmente aqueles que se interessam pelos estudos e

análises de gênero do discurso científico, em relação à ocorrência da diacronia nos antigos textos científicos. Segundo a autora, essa motivação está de certa forma vinculada à capacidade de discernir sobre a história e o desenvolvimento do pensamento científico, da comunidade científica, do processo e da construção do conhecimento utilizado para fins específicos (cf. Salager-Meyer, 1999:280).

Para Teubert (2001), o *corpus* permite observar e descrever a estabilidade e a evolução, tanto sincrônica quanto diacrônica do sentido do termo.

Por seu turno, Rastier refere-se ao estudo do *corpus* como um meio de relativizar a polissemia. Nas palavras do autor: “l’analyse de corpus reste le seul moyen éprouvé pour relativiser la polysémie et contrôler l’ambiguïté” (2004:13).

L’Homme (2004) partilha da perspectiva de Rastier ao referir que qualquer trabalho terminológico baseado nos *corpora* depara-se com o fenômeno da polissemia. Nesse sentido, a autora acrescenta que a maneira como se distingue os sentidos tem importantes consequências para o processamento posterior dos termos.

Segundo Bachimont (2005), o *corpus* apresenta o(s) uso(s) linguístico(s), permitindo uma exploração científica por parte do linguista.

Durante muito tempo, grande parte das reflexões realizadas sobre os *corpora de especialidade* foi centrada no eixo sincrônico, desprivilegiando os estudos diacrônicos e as suas especificidades no que se refere à compilação e ao tratamento de coleções de textos constituídos por documentos que integram diferentes períodos de tempo.

Porém, essa perspectiva apresenta uma mudança devido à eclosão dos estudos diacrônicos em Terminologia (cf. ponto 3). Assim, os estudos sobre os *corpora de especialidade* necessitam adequar-se à abordagem diacrônica através da incorporação de critérios que possam viabilizar o tratamento de uma coleção de textos relativos a um período de tempo.

O estatuto da Linguística de *corpora diacrônicos* apresenta várias perspectivas que convergem para a formulação de definições que possam satisfazer o propósito do trabalho. Desse modo, seja como abordagem teórica, seja como metodologia, o trabalho em Linguística de *corpus*, no eixo diacrônico, abrange várias tarefas, dentre

elas: os critérios para a constituição dos *corpora* devem ter em conta o período do tempo em que se pretende observar e descrever os fenômenos; o estabelecimento de uma tipologia de textos; o desenvolvimento do *corpus* a partir do acréscimo de outros textos; a subdivisão do *corpus* tendo em conta os períodos que se deseja analisar; o formato dos textos que constituem o *corpus*; o desenvolvimento de ferramentas informáticas que possam beneficiar o tratamento dos textos para uma posterior extração de informações, dentre outras.

Assim, o conceito de *corpus diacrônico* deve ser definido em função do que se pretende analisar a partir de uma determinada época situada no tempo.

Seguindo a metodologia da concepção de *corpora sincrônicos*, a tarefa de organização dos *corpora diacrônicos* pode seguir um processo semelhante. Desse modo, é possível encontrar *corpora diacrônicos* que podem também conter partes do discurso ou anotações gramaticais e textuais (cf. Kytö, 2011).

Os textos que constituem um *corpus* podem envelhecer, uma vez que o conhecimento científico ao qual se referem evolui rapidamente. Contudo, antes de afirmar que um *corpus* está velho, é necessário apresentar critérios que possam considerá-lo como tal. Acrescentamos ainda que, um *corpus antigo* pode ser utilizado como um *corpus de exclusão* e, dependendo da finalidade do trabalho, esse mesmo *corpus* pode ser uma parte constituinte de um *corpus diacrônico*. É necessário referir ainda que, o conceito de *corpus antigo* é relativo, tendo em conta o objeto que se está analisando.

Dessa maneira, podemos interrogar em qual momento da língua, podemos considerar que um *corpus* pode estar velho? Qual a fronteira entre um *corpus antigo* e um *corpus diacrônico*? Questões como essas serão respondidas ao longo desse capítulo.

O *corpus diacrônico* não pode ser considerado uma coleção de textos antigos, mas sim, uma coleção constituída por textos que têm em conta um período do tempo para desenvolver um estudo sobre um objetivo pretendido. Desse modo, é necessário que a constituição dessa coleção de textos seja estabelecida por textos antigos e textos atuais.

Assim, à medida que é possível introduzir outros textos num *corpus diacrônico*, essa coleção de textos passa a apresentar um melhor índice de desenvolvimento no estudo dos *corpora*.

A escolha por textos antigos e atuais para a constituição dos *corpora* é uma tarefa que deve ser executada em função da pertinência do estudo. Assim, tanto o conteúdo a ser estudado quanto o objetivo a ser atingido são fatores que ajudam a delimitar os tipos de textos a serem escolhidos.

A relação entre os textos antigos e atuais determina uma dinamicidade dos *corpora diacrônicos*, permitindo a abordagem de um fenômeno e a identificação do seu percurso evolutivo.

Essa coleção de textos pode ser constituída, tendo em conta uma só sequência do período estabelecido para o trabalho ou ainda conjuntos de períodos que podem ser marcados por um intervalo de tempo.

O *corpus diacrônico* apresenta como parâmetro de organização o fator tempo que serve como um limite arbitrário para dividir o *corpus* em partes com o objetivo de identificar, enumerar, restringir e observar com mais exatidão o sentido de um termo a ser analisado (cf. ponto 5).

Quando falamos no fator tempo, é necessário ter em conta a data, como um elemento relevante, para identificar e demarcar o contexto sociohistórico, onde ocorrem os sentidos que estão sendo analisados. É a partir da data da produção de um texto que se pode estabelecer a relação desse mesmo texto com o espaço sociocultural, onde ele foi produzido. Através desse texto é possível resgatar as informações passadas referentes a uma dada realidade. Também é possível consultar as hesitações, deduções, inferências, soluções e conclusões acerca de um dado objeto da realidade.

Ao referir-se às características dos textos que constituem um *corpus diacrônico*, Condamines et al. (2004) referem-se que esses documentos devem apresentar-se de forma ordenada no tempo, a fim de poder observar as sequências ou rupturas e ainda a evolução do conhecimento.

Por sua vez, Dury e Picton refletem sobre a necessidade de identificação da evolução semântica de um item lexical ao longo do tempo a partir da constituição de um *corpus* denominado pelas autoras de «contínuo», pelo fato dessa coleção de textos conter documentos que cobrem os anos relativos a uma sequência temporal estudada; as autoras afirmam que “pour tracer l'évolution sémantique d'un item lexical au fil du temps, et l'apparition ou la disparition de sens, peut-être vaut-il mieux construire un corpus «en continu», qui contient des documents couvrant, si possible, toutes les années de la fenêtre temporelle étudiée” (Dury e Picton, 2009:37).

Acescentamos à citação das autoras que, para certos períodos do tempo, é possível não encontrar textos que estejam adequados aos critérios de constituição do *corpus* e à temática relacionada para o desenvolvimento do estudo. A título de exemplo, podemos mencionar os *corpora* da toxicomania (Br) / toxicodependência (Pt), constituídos para as variantes do português do Brasil e de Portugal (cf. ponto 2.2).

Sob a perspectiva diacrônica, os *corpora* apresentam uma característica de atualidade e de modernidade pelo fato de descreverem o processo de atualização do sentido de um termo e/ou ainda da identificação das polissemias dessa unidade.

Desse modo, a atualização do conteúdo de um termo é uma prática que antecede a identificação das possíveis polissemias dessa unidade.

Os *corpora diacrônicos* evidenciam e elucidam, através de uma grande coleção de textos, as informações referentes aos termos que são utilizados por especialistas num passado recente ou distante.

Schaetzen refere-se aos *corpora* como espaços que evidenciam as observações precisas sobre a evolução diacrônica do vocabulário especializado, das análises de conteúdos socioterminológicos ao mesmo tempo que são uma fonte de testes para a indústria das línguas: “Les corpus sont aussi l'unique lieu probant d'observations précises sur l'évolution diachronique des vocables, les analyses de contenu socioterminologiques en même temps qu'un banc d'essai pour les industries de la langue” (Schaetzen, 1996:57).

Os *corpora* são espaços que veiculam os aspectos socioculturais, através dos textos de especialidade resultantes de distintas perspectivas; assim, Teubert e Kervio-

Berthou (2000) partem do pressuposto de que os *corpora* refletem o fenômeno social que pode ser observado e descrito a partir dos dados empíricos atestados e extraídos a partir dos textos que os constituem. Segundo os autores, esses mesmos textos de especialidade resultam da interação do conhecimento de seu produtor com o conhecimento da comunidade de que faz parte. Desse modo, Teubert e Kervio-Berthou (2000) acrescentam que a maioria dos textos resultam de um ato da comunicação, mais precisamente, resultam de interações realizadas entre os diferentes membros de uma comunidade científica. Dizem-nos os autores ainda que, o universo discursivo é constituído pela soma dos atos da comunicação de uma comunidade linguística, que pode evoluir para uma dimensão diacrônica: “La plupart des textes sont des actes de communication, c'est-à-dire sont interactions entre différents membres d'une communauté. L'univers discursif se compose de manière idéale d'une somme d'actes de communication d'une communauté linguistique; il a alors d'avance une dimension diachronique.” (Teubert e Kervio-Berthou, 2000:141-142).

É a partir de um conjunto de reflexões sobre os *corpora diacrônicos* que se tem a possibilidade de delimitar diferentes trilhas para a descrição, análise e tratamento desses textos. É indispensável não fundamentar a reflexão dos *corpora diacrônicos*, numa ótica estritamente de tratamento informático, uma vez que é necessário organizar textos provenientes de vários períodos do tempo. Contudo, é necessário repensar a realização dessa organização, visto que a constituição de *corpora diacrônicos terminológicos* constitui uma tarefa desafiadora, por ser relativamente nova.

2.1.1 Tratamento automático dos corpora diacrônicos

Tanto a falta dos *corpora diacrônicos* quanto a dificuldade de concepção dessa coleção de textos a nível temporal, refletem-se na própria escassez das ferramentas de tratamento automático.

As questões relacionadas à organização e descrição de textos que constituem os *corpora diacrônicos* são cruciais para o tratamento automático dessas produções escritas. É através da análise desses documentos que se pode observar as particularidades em relação ao comportamento de uma dada língua de especialidade como um sistema evolutivo.

Atualmente, o tratamento informático dos *corpora diacrônicos* confronta-se com a dificuldade de aceder às informações que lhes são inerentes. Esse obstáculo reside no fato de que são muito poucas, ou inexistentes, as ferramentas destinadas à realização desse trabalho, considerando que cada objetivo de extração de informações diacrônicas requer um tipo de software destinado a um determinado tipo de pesquisa (cf. ponto 1.6).

O tratamento automático dos *corpora diacrônicos* não resulta apenas da disponibilização dos textos em suporte eletrônico ou ainda da disponibilidade desses mesmos textos através da internet.

Em primeiro lugar, é necessário ter em conta os critérios utilizados para selecionar uma dada coleção de textos e denominá-los de *corpora diacrônicos*. A título de informação, a escolha desses textos é fundamentada num objeto a ser observado e num período a ser analisado (cf. ponto 3.2).

A etapa seguinte consiste em que os textos que constituem o *corpus* estejam organizados em função das datas e dos períodos referentes a essas datas. A partir dessa organização cronológica é possível desenvolver ferramentas que possam executar em primeiro lugar uma sistematização dos textos e, posteriormente, a identificação e a extração de informações pertinentes ao objetivo do software.

Porém, o desenvolvimento dessa tarefa pode apresentar complexidades dependendo da maneira de disponibilização dos textos ou ainda do tipo de informação que se deseja extrair.

Assim, deve-se reconhecer que, embora incipiente, o advento dos *corpora* eletrônicos tem propiciado reflexões em torno da maneira de disponibilização, transmissão e de implementação de grandes volumes de textos.

A título de informação, a concepção de ferramentas automáticas apresenta uma distinção no que se refere à prioridade exigida por cada setor. No meio acadêmico, as ferramentas são voltadas para o ensino da língua, a formação, a pesquisa, a elaboração de dicionários, gramáticas. Já as empresas de grande porte têm em conta a pesquisa sobre o processamento automático de grandes quantidades de textos que possam subsidiar a constituição de grandes bases de dados que servirão de apoio para a gestão das informações.

Tendo em conta esse panorama, vale a pena mencionar que a relação entre a Linguística de *corpus* e a informática ocorreu em meados dos anos sessenta. O estudo dedicado aos *corpora* apresentou uma nova dinâmica, em função das novas abordagens teóricas e metodológicas. Lembramos ainda que, o termo “linguística de corpus” surgiu a partir das pesquisas desenvolvidas pelas escolas anglo-saxônica e francesa.

A disponibilização de textos em formato eletrônico e de ferramentas para extrair informações é uma importante mudança epistemológica para a análise semântica (cf. Condamines, 2006).

É necessário referir que a concepção de ferramentas automáticas para fins de observar, analisar e descrever a evolução do discurso, ainda constitui um desafio, principalmente, no que se refere ao conteúdo semântico de um termo, ou ainda ao tratamento da polissemia nominal diacrônica (cf. ponto 1.6).

É a partir do contexto que são descritas exhaustivamente as ocorrências das relações entre os vários sentidos polissêmicos de um dado termo; esta descrição deve ter em conta o termo e a sua relação com os outros elementos do contexto, de modo a delimitar com exatidão o sentido dessa unidade. Desse modo, é necessário dar relevo à constituição dos *corpora*, como uma prática metodológica que fundamenta um melhor tratamento automático para se acessar à descrição de um termo.

2.2. Constituição dos *corpora*: uma perspectiva diacrônica

2.2.1. *Corpora Diacrônicos*: uma metodologia de trabalho

Abordaremos a Linguística de *corpus* como um conjunto de metodologias destinado a objetivos específicos, mais precisamente ao estudo da polissemia diacrônica.

A Linguística de *corpus* é aplicada como metodologia por qualquer área da Linguística – Semântica, Pragmática, Morfologia, Lexicologia, Terminologia, dentre outras; áreas como a Tradução e o Ensino da língua beneficiam também da Linguística de *corpus* em relação à criação de ferramentas que viabilizam e agilizam o trabalho de tradutores, professores e formadores, possibilitando um bom desempenho da investigação nessas áreas.

A análise do *corpus diacrônico* é uma tarefa que se concentra a nível linguístico; assim sendo, a extração do conteúdo semântico de um termo, mais precisamente, o seu sentido, objetiva a inclusão dessa unidade, mediante a sua significação, em recursos terminológicos que se destinam a ter em conta o processo evolutivo de um dado termo (cf. Condamines, 2000).

O trabalho a partir dos *corpora de especialidade diacrônicos* possibilita a concepção de recursos terminológicos, ontológicos, lexicográficos. Essa metodologia, que apoia e subsidia a realização e o desenvolvimento dos tipos de recursos acima mencionados, pretende atender à falta de disponibilidade dos especialistas de domínios de especialidade, no que diz respeito, à assessoria em relação ao domínio de especialidade a ser modelizado (cf. ponto 2.4).

Condamines (2003) refere que a utilização dos *corpora* não deve corresponder a uma simples substituição dos dados introspectivos pelos dados atestados. A autora acrescenta que, a não consideração dos textos constituintes dos *corpora*, como fontes que atestam os dados, pode ser considerada como uma visão fragmentada que os amputa da dimensão dinâmica proporcionada pela situação na qual foram produzidos.

Quando se trabalha em Terminologia, a opção pelo uso dos textos de especialidade pode ser uma metodologia pela qual, se pode ter acesso aos termos. Nesse caso, a abordagem a ser utilizada é a semasiológica (cf. ponto 2.4).

Recorrer ao *corpus diacrônico* é ter em conta que o seu objeto de constituição, no caso, o texto de especialidade, contém informações que, na maioria das vezes, necessitam ser revisitadas para entender o processo evolutivo de um termo utilizado por parte do especialista. Essa revisão ao texto permite, dentre outras tarefas, a observação, a descrição e a especificação da polissemia de um dado termo.

Trabalhar a partir dos *corpora* apresenta vantagens; porém, essa coleção de textos constituídos para fins específicos não pode ser considerado como um local de onde podemos extrair toda a terminologia de um domínio de especialidade.

Nestes últimos anos, assistimos a um aumento significativo da utilização dos *corpora* com o objetivo de estudar a mudança, a variação e a evolução da significação.

Diante dessa tarefa realizada pela Linguística de *corpus*, é necessário referir que a descrição da variação da língua, no caso da polissemia, ocupa um lugar importante nos estudos socioterminológicos. No âmbito da relevância desse estudo, Gaudin e Bouveret (2003) referem-se à importância das análises linguísticas baseadas nos *corpora* e na teoria da sociolinguística.

Gaudin e Bouveret (2003) têm em conta que a interação das Linguísticas de *corpora* e da socioterminologia proporcionam uma melhor observação, análise e descrição para auxiliar o estudo de um termo. Em relação à perspectiva dos autores ainda acrescentamos a análise e a descrição das relações termo/sentido.

Desse modo, os autores evidenciam a existência de uma reformulação, por parte dos especialistas em Terminologia, no que diz respeito aos métodos e às práticas de tratamento dos *corpora*.

Compactuamos com o ponto de vista de Condamines e Pery-Woodley (2007) quando as autoras referem que o ponto relevante nos estudos em Linguística de *corpus* é tentar levar em conta as variações de uso e identificar as regularidades entre essas variações, a fim de construir um sistema que possa explicá-las.

Para o nosso trabalho, a concepção de *corpora diacrônicos de especialidade* é importante para o estudo sobre a polissemia. É uma tarefa árdua, considerando que boa parcela da produção científica realizada, atualmente, permanece inacessível, considerando que na maioria das vezes, os textos não estão disponibilizados ou quando estão, só se encontram em formato papel. Assim, quanto mais antigo for o texto, maior a dificuldade de acessá-lo.

Para sanar essa dificuldade, a leitura ótica é uma opção, contudo, é uma prática que leva algum tempo para ser realizada, considerando o estado dos documentos ou ainda a quantidade de textos que serão necessários para a concepção desses *corpora*.

Junta-se a essa dificuldade, a não disponibilização de alguns periódicos, manuscritos ou ainda de edições referentes a livros ou revistas especializadas.

A disponibilização do acervo científico antigo por parte de uma dada comunidade de especialidade, através da internet, continua a ser uma prática não muito comum e não muito frequente. Apesar do apogeu da internet e da maneira de veicular a informação através desta, nota-se que o acesso a certas informações ainda constitui uma barreira que impede o desenvolvimento de pesquisas.

No entanto, não é pelo fato dos textos estarem disponíveis em formato eletrônico, que os mesmos documentos necessitam de estar na internet. Também é necessário referir que nem todo o formato eletrônico, pelo qual o documento é disponibilizado, servirá e contribuirá para o tratamento de seu conteúdo.

A título de exemplo, lembramos que os textos são disponibilizados muitas vezes em formato de imagem, dificultando o tratamento do documento pelo fato de não ser compatível com os softwares existentes que desempenham o trabalho de conversão.

A dificuldade de acesso aos textos depende também de direitos autorais ou da confidencialidade e do sigílio de determinados documentos que pertencem a instituições governamentais e/ou privadas. Mencionamos ainda que há casos em que, mesmo disponíveis na internet, é necessário pagar para ter acesso a determinados textos.

Atualmente, nas grandes empresas, o trabalho realizado a partir dos *corpora* auxilia na identificação, na análise, na recuperação e no tratamento dos dados. O interesse por dados terminológicos surgiu com a necessidade por parte das empresas em gerenciar vários tipos de documentos relacionados com a criação, desenvolvimento e manutenção dos bens manufaturados (cf. Condamines, 2005).

Em relação aos direitos autorais, a compilação de um *corpus* ainda se depara com essa problemática, como refere Kytö: “Copyright restrictions are an unquestionable bottleneck in the corpus compilation effort, and historical corpora are no exception in this respect” (Kytö, 2011:441).

Acrescentamos que, mesmo a constituição de um *corpus*, no qual, o espaço de tempo não é muito longo, encontra-se a dificuldade da não disponibilização dos textos, pelo fato, da obra estar esgotada, etc.

Porém, é necessário procurar soluções que ultrapassem as dificuldades acima mencionadas para a constituição dos *corpora diacrônicos*.

2.2.2. Reflexões sobre o processo de constituição dos *corpora diacrônicos*

Antes da constituição de um *corpus diacrônico*, é necessário levantar a problemática a ser trabalhada. A formulação de uma hipótese é um ato que, na maioria das vezes, tem a sua gênese a partir de uma intuição que para ser testada deve ser observada e analisada tendo em conta dados concretos de uso da língua. Dessa maneira, o estudo sobre o discurso, tendo por base um *corpus*, como um objeto empírico, é uma metodologia que tem em conta o uso real da língua de uma dada comunidade científica.

Assim, falamos sobre a constituição do *corpus* como uma fase que sucede ao levantamento de uma hipótese.

A concepção de um *corpus diacrônico* deve ter em conta os desafios de torná-la viável na sistematização de significações referentes ao comportamento de um termo ao longo do tempo. Assim, a concepção de *corpus diacrônico* fundamenta-se numa escolha específica que diz respeito às variações e/ou às mudanças que ocorrem na

língua.

No *corpus de especialidade*, é possível identificar uma ou várias relações que o termo estabelece com diferentes sentidos. A evidência da relação termo/sentido ocorre em função da perspectiva utilizada pelo especialista para descrever o objeto. Essa descrição pode ser apresentada, numa parte do texto, ou ainda comportar-se como uma sequência que pode ser retomada em vários momentos desse mesmo texto.

Num mesmo texto, o especialista pode invocar relações entre um mesmo termo e os seus possíveis sentidos. Esse estabelecimento de relações pode incidir sobre os sentidos que ocorrem no eixo sincrônico ou ainda ter em conta os sentidos que situam-se no eixo diacrônico.

O fenômeno da polissemia não apresenta um vínculo com o grau de especialização do texto de especialidade; é um tipo de variação que ocorre em função dos pontos de vista que emergem das distintas maneiras de focar um objeto de uma dada realidade. Desse modo, seja um texto altamente especializado ou não, a ocorrência de polissemia vai ser uma realidade que permeia esse documento.

Embora a constituição do *corpus* seja elaborada para atender a um propósito, nesse mesmo espaço, ainda é possível encontrar outros elementos que poderão servir de base para a formulação de outras hipóteses. Através dessa tarefa é possível evidenciar o dinamismo da língua, através da identificação e descrição dos fenômenos responsáveis por essa ocorrência. O *corpus* apresenta também uma relevância para o estudo do discurso.

A escolha dos textos a partir de critérios minuciosamente estabelecidos contribui para a obtenção de resultados precisos e fiáveis. Esses textos devem apresentar características em comum, tendo em conta o objetivo da análise que se pretende realizar. Desse modo, podemos falar sobre homogeneidade dos textos que constituem o *corpus*, isto é, essa coleção de textos deve veicular documentos referentes a um único gênero, no caso desse estudo, trata-se de artigos científicos.

É necessário referir que, os textos que dizem respeito a um dado gênero podem abordar uma temática que na maioria das vezes, contem pontos de vista

distintos, que resultam da interdisciplinaridade, e que por sua vez, apresentam uma melhor descrição sobre a realidade a ser analisada. A título de exemplo, no domínio da Toxicomania (Br) / Toxicodependência (Pt), os textos que constituem os *corpora* apresentam perspectivas diferenciadas para referir a uma mesma realidade, ou seja, a saúde pública.

A esse respeito, Baneyx et Charlet (2006:3) afirmam que o *corpus* deve ser heterogêneo no sentido de que os vários textos que os constitui devem, se possível, vir de várias fontes, mantendo, no entanto, uma certa homogeneidade na escolha do gênero textual: “Le corpus doit également être hétérogène, c’est-à-dire que les divers textes qui le composent doivent, si possible, provenir de sources variées mais doivent tout de même conserver une certaine homogénéité dans le choix du genre textuel”.

Com base nessas reflexões, apresentamos os critérios que auxiliarão na escolha dos textos que constituirão o *corpus* para a análise e descrição da polissemia.

2.2.3. Critérios para a constituição dos *corpora*

A escolha dos critérios para a constituição dos *corpora* é um ato que deve ser ponderado e discernido, considerando que a realização de cada estudo apresenta uma particularidade em função dos objetivos estabelecidos. Desse modo, a estipulação de critérios, para um dado estudo, é um princípio único e preciso, que deve ser seguido de maneira fiel aos propósitos selecionados.

Pensamos que o terminólogo ao iniciar a constituição de um *corpus* não deve fundamentar-se de maneira categórica nos manuais de *corpora* ou nos guias de usuários ou em outro tipo de documento, pelo fato de que, como referimos anteriormente, cada estudo sobre uma determinada temática privilegia critérios que estejam em consonância com as hipóteses e os propósitos de uma pesquisa.

A consulta a esses documentos, por parte do terminólogo, deve ser realizada com cautela, permitindo um melhor e maior conhecimento e entendimento dos trabalhos desenvolvidos em Linguística de *corpus*. Nesse sentido, o terminólogo deve

desenvolver mecanismos para superar algumas complexidades que encontrará ao trabalhar com os *corpora*, conforme mencionado anteriormente (ponto 2.2.1).

Para essa tarefa, optamos por compilar *corpora* constituídos por artigos científicos, obedecendo aos seguintes critérios:

O *corpus* constituído para esse trabalho é formado por textos que tratam da toxicomania (Br) / toxicodependência (Pt) sobre a temática da saúde pública. No entanto, é difícil delimitar textos que abordam estritamente a temática referida, uma vez que a interdisciplinaridade é uma característica encontrada pelos especialistas para melhor fundamentar e explicar uma dada realidade. Nesse sentido, a saúde pública pode apresentar-se sob a perspectiva de outras áreas, como é o caso da medicina geral, da psicologia, da psiquiatria, etc.

Os artigos científicos são provenientes de variadas revistas on-line, em língua portuguesa (variante do Brasil e de Portugal), que podemos considerar como fontes fiáveis e credíveis.

A fiabilidade e a credibilidade são critérios que se baseiam quer nos autores e nos trabalhos publicados por esses especialistas nas revistas on-line; quer nas instituições que esses especialistas integram; quer nas instituições que estão por detrás da implementação e divulgação dessas revistas; quer no nível de conhecimento que essas revistas têm tanto a nível nacional, quanto internacional.

Tendo em conta esses critérios, é necessário lembrar que ambas as coleções de textos provêm de espaços geográficos e socioculturais distintos.

Os textos referentes à variante do português do Brasil foram extraídos do site Scielo Brasil, uma biblioteca eletrônica, que tem uma coleção de artigos científicos brasileiros.

Segundo o site Scielo Brasil, os artigos são parte de um projeto de pesquisa desenvolvido pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), em parceria com a BIREME (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde). Ainda de acordo com o site, a partir de 2002, esse projeto passou a contar com o apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Cada texto que constitui o *corpus* é oriundo de diferentes revistas. Referimos ainda que as revistas de onde foram extraídos os artigos sobre a toxicodependência não tratam exclusivamente desse fenômeno.

Para a variante do português Europeu, os artigos são oriundos da revista “Toxicodependências”, revista científica criada em 1995 pelo IDT (Instituto da Droga e da Toxicodependência).

A partir do ano de 2012, essa instituição passou a ser chamada de SICAD Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências.

Um outro critério a ser considerado diz respeito à opção por analisar e descrever os textos somente escritos em língua portuguesa que veiculam informações referentes ao espaço geográfico, econômico e sociocultural no Brasil e em Portugal. Nesse sentido, descartamos as traduções e qualquer outro tipo de textos que veiculam informações exteriores ao espaço delimitado.

A opção por esses textos vai ao encontro a necessidade de analisar e descrever o conhecimento dos especialistas nesses espaços, contemplando as realidades distintas de ambos os países, e ainda as variantes de uma mesma língua que podem veicular diferentes particularidades, e que de certo modo, podem até mesmo apresentar algumas semelhanças.

Para a classificação dos textos no eixo diacrônico, decidimos considerar a data de publicação, mesmo sabendo que essa data pode apresentar um período distante da data em que o texto foi concebido.

Porém, é necessário referir que os textos não apresentam uma data de concepção, apenas uma data de recepção por parte das revistas. Consideramos que essa última data, eventualmente, pode ser a mais próxima da concepção das produções escritas. Nesse sentido, tomamos em conta, a data de recepção dos textos (para aqueles que apresentam essa data) como a possível data de concepção do próprio artigo que veicula o sentido polissêmico de um termo, pois essa significação está intrinsecamente vinculada ao espaço do tempo no qual ela é utilizada. Desse modo, esse espaço de tempo deve ser demarcado.

Essas decisões foram tomadas, pelo fato, de os textos apresentarem uma data de concepção. Esse critério está intimamente ligado à uniformização, organização e sistematização dos textos.

É a partir dessa data de recepção do texto que se pode delimitar as informações linguísticas. Em alguns casos, o espaço de tempo entre a recepção de um artigo e a sua publicação pode demorar vários meses. Desse modo, nota-se uma defasagem no que diz respeito a veiculação da polissemia do termo e ainda a ocorrência de desatualização do conhecimento. Assim, é necessário desenvolver critérios que possam dar conta dessa problemática. Aliado a esses critérios, o tratamento automático da polissemia deve ser realizado, considerando essa realidade.

Os *corpora* constituídos para esse trabalho compreendem os anos de 1990 até 2011. Para ambas as variantes, existem algumas datas, onde não encontramos textos que melhor representassem os critérios, aqui, elencados.

Para a variante do Brasil, a toxicomania comporta-se como uma realidade que procura abranger, toda a esfera de ocorrência. Desse modo, encontramos textos que apresentam o ponto de vista do legislador ou do sociólogo, por exemplo, que de certo modo, apresentam discursos que se desvinculam da temática proposta para fundamentar a escolha dos textos, a saúde pública. Consequentemente, esses textos foram descartados.

Para a variante de Portugal, temos em conta somente os textos a partir de 1995, afinal essa é a data de início da revista. O ano de 2011 foi o último ano de publicação da revista *Toxicodependências*.

Esclarecemos que o espaço de cinco anos de diferença no que se refere a análise e a descrição da polissemia nominal diacrônica, entre a variante brasileira e portuguesa, não irá comprometer o resultado de nosso trabalho, pois não se trata de observar qual das variantes apresenta um maior número de sentidos referente a um dado termo. O objetivo proposto visa a análise e a descrição dos sentidos polissêmicos diacrônicos do termo “drogas”, tendo em conta um espaço sociocultural delimitado.

Com base nesses critérios, estamos cientes de que o *corpus* não é um espaço que veicula apenas o vocabulário especializado de um domínio de especialidade e as

significações dos termos desse mesmo domínio. Os *corpora* auxiliam-nos a entender o comportamento de um domínio e a analisar e descrever as significações polissêmicas do termo resultantes de distintas perspectivas.

Optamos por analisar a relação termo/sentido no domínio da toxicomania (Br) / toxicod dependência (Pt), seguindo o eixo temporal, sem qualquer interrupção no tempo, salvo os anos em que não encontramos artigos, conforme mencionado anteriormente. Esse tipo de análise falcuta-nos resultados relevantes quando se está interessando em saber se houve uma continuidade ou ruptura no que se refere à polissemia de um termo ao longo do tempo.

Para a realização desse trabalho, partimos dos contextos, tendo em conta que esses espaços são partes integrantes dos textos. Desse modo, os contextos apresentam uma codificação de acordo com o texto de onde são extraídos e em função da ocorrência da polissemia do termo situado no eixo temporal.

A esse respeito, lembramos Pincemin que se refere à necessidade de codificação dos textos que constituem o *corpus*, acrescentando que a estruturação dos textos delimita a autonomia relativa aos contextos que é exigida pelos tratamentos efetuados sobre o *corpus*: “Le codage de textes, à l’intérieur du corpus, est essentiel, puisque la structuration des textes organise les contextes des éléments linguistiques, et que leur délimitation institue l’autonomie relative des segments textuels requise par les traitements effectués sur le corpus.” (Pincemin, 1999 :26).

São os contextos que permitem uma delimitação do sentido polissêmico do termo, no discurso científico.

2.3 Contexto: da ocorrência das polissemias nominais diacrônicas

Antes de abordarmos a ocorrência da polissemia, em situação de contexto, é necessário delimitar o conceito linguístico de contexto que se apresenta amplo e complexo. É um conceito abrangente que deve ser definido em função do objetivo e do desenvolvimento do trabalho a ser realizado em Terminologia.

A amplitude do conceito de contexto tem em conta os aspectos linguísticos e extra-linguísticos que participam da construção do sentido de uma expressão complexa. (cf, Mazaleyrat, 2010).

Assim, neste trabalho, o contexto será abordado como um espaço linguístico, extraído de um texto de especialidade, onde é possível identificar o fenómeno da polissemia. A nossa posição é fundamentada nas perspectivas apresentadas por Rastier (1987; 1991), Bessé (1991) e Desmet (2006).

Rastier refere-se às atualizações distintas e contraditórias do sentido de uma dada unidade: “Si le contexte comprend plusieurs types d'interprétants, plusieurs actualisations différentes, voire contradictoires, seront possibles pour définir le contenu d'un même signifiant, si bien qu'il pourra recouvrir plusieurs sémèmes.” (Rastier, 1987:83).

Mais tarde, Rastier situa a definição de contexto como um espaço que integra o texto e que permite a identificação de traços específicos de uma unidade lexical: “Dans ce qui suit nous considérons le contexte comme l'ensemble des instructions contenues dans le texte qui permettent d'identifier un sémème et les traits qui le composent.” (Rastier, 1991:154).

De maneira geral, as definições apresentadas por Rastier (1987/1991) delimitam o conceito de contexto a partir da identificação dos sememas e dos traços que os constituem como maneira de identificar as atualizações de um termo.

A definição de Bessé tem em conta que o contexto delimita o conteúdo de um termo através do estabelecimento dessa unidade com outras unidades que lhes são próximas : “Le contexte est constitué par l'énoncé qui entoure le terme (mots situés à proximité du terme, phrase), et qui conditionne son existence, sa forme, son fonctionnement, son sens, sa valeur et son emploi.” (1991 :112).

Por fim, Desmet sublinha que o conceito de contexto, em Terminologia, necessita ser mais clarificado, tendo em conta que esse espaço pode referir-se tanto ao contexto da frase quanto ao do microcontexto. A autora acrescenta que esses contextos estão inseridos no quadro da Linguística de *corpus* e do tratamento automático: “La notion de contexte en terminologie n'est pas toujours claire. Elle

renvoie souvent tout simplement au contexte linguistique, phrastique ou microcontexte, notamment dans le cadre de la linguistique de corpus informatisés et de leur traitement automatique.” (Desmet, 2006:240).

Com base nas definições acima, afirmamos que é a partir do nível linguístico que falaremos sobre o contexto. Desse modo, é necessário analisá-lo, tendo em conta o conteúdo a ser descrito e que é veiculado por esse e nesse espaço.

O estudo do termo, em situação de contexto, permite identificar e analisar como se desenvolve as associações e relações dessa unidade com outras unidades lexicais com o objetivo de precisar e limitar o seu sentido.

A análise dos termos, em situação de contexto, permite aceder às informações semânticas, como exemplo, as criações de sentido que originam as polissemias, que de certo modo, seria impossível de acessá-las fora do contexto.

A escolha de um contexto é um ato decisivo e estratégico no que se refere a representação da relação polissêmica entre os sentidos de um termo de maneira concisa e objetiva. A título de informação, as figuras que se seguem demonstram os exemplos de contextos do termo “drogas”, extraídos do *corpus*, referente à variante brasileira, com o auxílio da ferramenta *Hyperbase*. Não realizaremos uma análise pormenorizada dos exemplos, pelo fato dessa tarefa ser realizada no ponto 5.

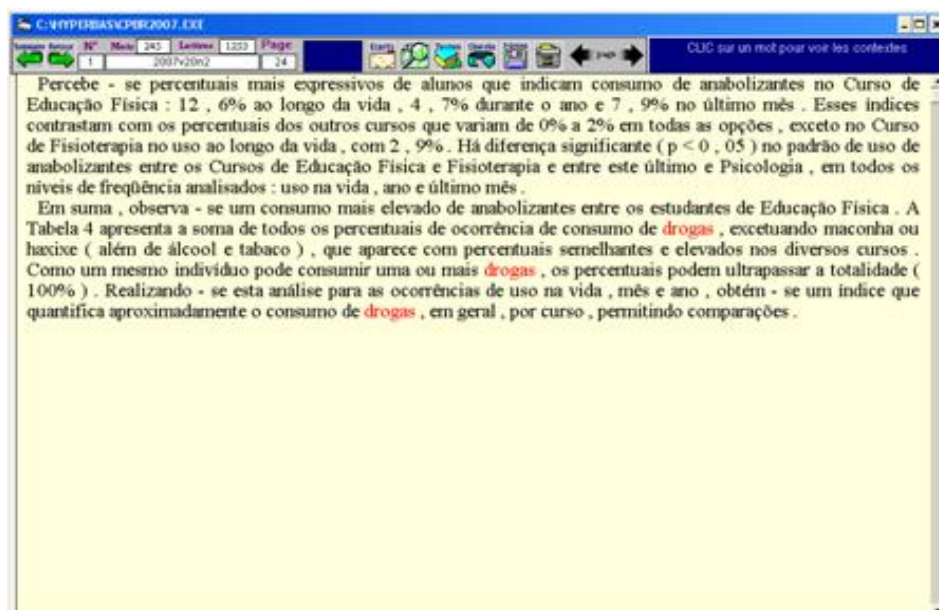


Figura 1 – Contexto referente ao termo “drogas”

Na segunda figura, observamos que as informações relativas ao conteúdo do termo “drogas” não são apresentadas de maneira objetiva:

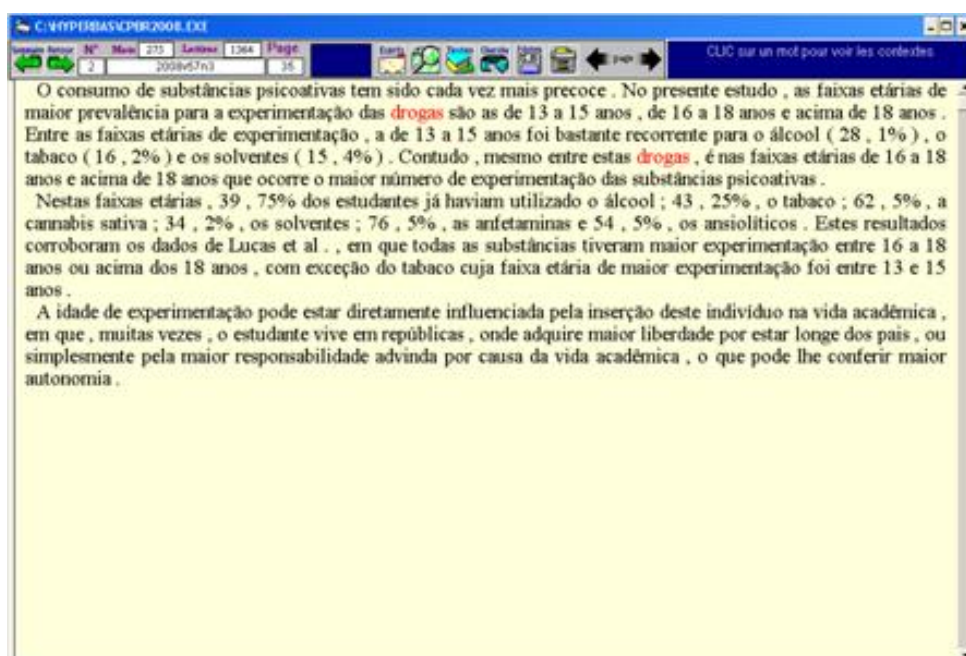


Figura 2 – Contexto referente ao termo “drogas”

Tendo em conta as figuras 1 e 2, recordamos o que nos diz Desmet (2006) no início desse sub-capítulo, em relação a extensão do contexto, referindo-se à necessidade de critérios para a sua delimitação.

Para tentar sanar essa dificuldade, podemos referir à utilização dos sinais de pontuação, no caso, o ponto final, os dois pontos, o ponto e vírgula, as aspas, o ponto de interrogação. Esses tipos de pontuação podem auxiliar a delimitar o tamanho e o próprio espaço onde, por exemplo, ocorre a polissemia de um termo.

Acrescentamos ainda que, um marcador linguístico pode ter um papel relevante para a identificação do sentido de um termo, ajudando a delimitar o tamanho do contexto. A título de exemplo, observemos a figura 3.

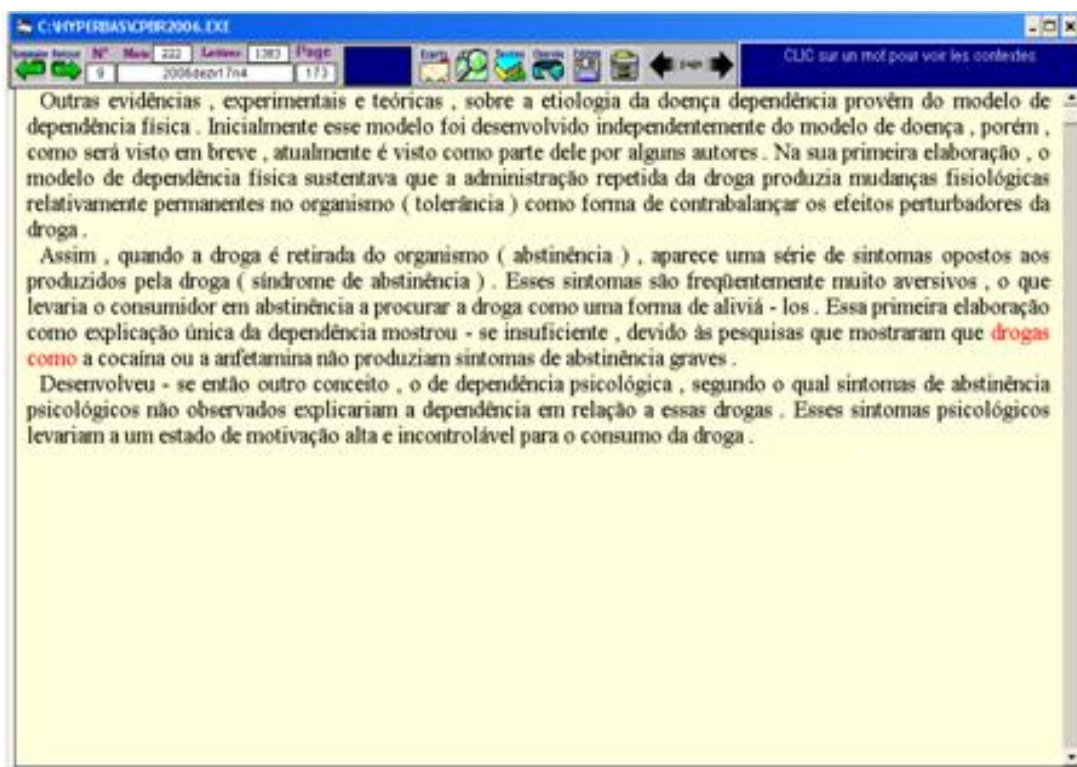


Figura 3 – Contexto referente ao termo “drogas”

As reflexões sobre o contexto permitem-nos repensar sobre o seu tratamento automático. Para essa realização é importante recordarmos que para o computador qualquer unidade linguística, seja especializada ou não, é tratada como uma “forma”. Assim, uma “forma” é tudo o que está entre dois espaços em branco. Para que a

máquina possa reconhecer e distinguir, por exemplo, o substantivo “droga” do adjetivo “droga”, é fundamental que o informático insira as descrições linguísticas pertinentes para que esse reconhecimento e distinção sejam efetuados.

Devido ao tempo, que não dispomos para o desenvolvimento dessa parte do trabalho, o tratamento do contexto a nível automático será reservado para um projeto que será desenvolvido num futuro próximo.

Neste trabalho, interessa-nos a delimitação do conceito de contexto, dado linguístico que iremos utilizar para efetuar o estudo sobre a polissemia nominal diacrônica.

2.4. Terminologia textual: os artigos científicos como fontes de terminologias

A Terminologia aproxima-se da Linguística ao considerar a abordagem do termo a partir do texto de especialidade. Esse tipo de abordagem apresenta uma dinâmica, diversidade e versatilidade em relação à análise das significações de um termo. A abordagem textual permite caracterizar os termos como unidades lexicais que estão sujeitas à polissemia.

Nessa perspectiva, denominada de Terminologia textual, o texto constitui o ponto de partida para a análise e a descrição dos termos. Os textos de especialidade além de atestar o uso do termo pelos especialistas do domínio, delimitam-no através de definições apoiadas por distintas perspectivas. Acrescentamos ainda que o texto é como uma fonte de conhecimento e de introspecção do próprio especialista.

Com o advento da Terminologia textual, a constituição de terminologias a partir do *corpus* está em constante evolução, considerando que essa tarefa é desenvolvida a partir de ferramentas automáticas.

Desde a sua criação, a Terminologia textual continua sendo uma perspectiva relevante para os trabalhos em Terminologia. Segundo Bourigault e Slodzian, a utilização dos textos num dado domínio de especialidade, “[Ils] appellent du même coup à un renouvellement théorique de la terminologie: c’est dans le cadre d’une linguistique textuelle que doivent être posées les bases théoriques de la terminologie”

(Bourigault e Slodzian, 1999:30). Os autores acrescentam que a concepção de terminologias não deve ser desvinculada dos textos, isto é, o vocabulário especializado deve ser originário dos textos e ao mesmo tempo deve ser consultado a partir desses mesmos documentos (cf. Bourigault e Slodzian, 1999).

A utilização dos textos no que se refere à construção de terminologias reflete-se numa prática objetiva, pois a partir dessas produções escritas é possível ter acesso à informação especializada, que por sua vez, comporta-se como a materialização de uma parte do conhecimento do especialista e que tem por objetivo comunicar e veicular uma dada realidade através da relação estabelecida entre o termo e o sentido.

A concepção de terminologias a partir dos textos pode apresentar-se como uma alternativa diante da ausência do especialista.

A esse respeito, Condamines (2005) apresenta a importância dos textos de especialidade ao referir que essas produções linguísticas devem ser necessariamente levadas em conta, porque os terminólogos não podem apoiar-se somente sobre suas intuições linguísticas nos domínios, onde eles não têm competência: “En effet, les textes, entendus comme des productions langagières effectives, sont nécessairement pris en compte parce que les terminologues ne peuvent s'appuyer sur leurs seules intuitions linguistiques dans des domaines où ils n'ont pas de compétence.” (2005:42).

Condamines (2005) sublinha que a utilização de textos nos trabalhos terminológicos deve-se à relação entre a Terminologia e a Linguística. Consequentemente, os corpora de especialidade são de extrema importância.

Por sua vez, Krieger refere-se à utilização de textos como metodologia desenvolvida para fundamentar o trabalho terminológico. Nas palavras da autora “a análise do texto em toda a sua complexidade constitutiva passou a ser um requisito metodológico essencial para as investigações terminológicas, tanto de cunho descritivo, quanto aplicado” (Krieger, 2004:331).

No que se refere à utilização dos textos, em Terminologia, é necessário lembrar que os estudos desenvolvidos por Kocourek (1991) são relevantes para o desenvolvimento desta perspectiva. O autor tem em conta a importância do termo como uma unidade semântica que integra os textos de especialidade. Segundo

Kocourek, o estudo dos textos especializados é complementar ao estudo da Terminologia.

Temmerman (2000) chama a atenção para as terminologias que se encontram em arquivos textuais. Segundo, a autora essas terminologias devem ser reconhecidas e descritas como variedades pertencentes a um determinado grupo de usuários.

Consequentemente, o texto passa a ser uma fonte de construção de recursos lexicais terminológicos que auxiliam na compreensão e sistematização do domínio de especialidade. Essas mesmas terminologias podem ser provenientes de dicionários especializados.

Segundo Aussenac-Gilles (2004), as terminologias são vocabulários especializados concebidos a partir dos textos de especialidade. A autora delimita o uso de um vocabulário especializado relativo a uma comunidade de especialistas, sob um determinado tipo de suporte, e tendo em consideração a sua evolução no eixo temporal.

Por sua vez, Krieger e Finatto tendo em conta a dinâmica na construção de terminologias, a partir dos textos de especialidade, reconhecem que os fenômenos variacionistas, como o da polissemia, passaram a ser uma fonte de estudo a nível das linguagens especializadas. “Todos esses novos postulados que acolhem o dinamismo e a complexidade constitutiva da linguagem levaram a uma descrição das terminologias com base em seu comportamento nos textos especializados, o que acarretou o reconhecimento da polissemia no universo das comunicações científicas e técnicas.” (Krieger e Finatto, 2004:36)

Sintetizando, o texto passa a ter uma presença significativa na concepção e elaboração de terminologias. É necessário reconhecer que o aspecto linguístico do texto concede e amplia a necessidade de se estudar a polissemia, como um fenômeno variacionista, pelo fato de o texto ser um objeto que veicula a inovação dos domínios científicos.

2.4.1. Artigos científicos: inovações e reformulações sobre o conhecimento

O artigo científico é uma produção escrita, onde o especialista estrutura, organiza e sistematiza o saber e o conhecimento, expressando e defendendo o seu ponto de vista, baseado em leituras, na interação de seu conhecimento com o conhecimento dos outros e nas experiências profissionais anteriores.

É a partir desse objeto linguístico que o especialista comunica e expressa o saber e o conhecimento fundamentado através de uma perspectiva. Através dos artigos científicos, observa-se a necessidade, por parte do autor, em retomar uma parte do discurso já proferido anteriormente. A retomada do discurso pode ser feita a partir das informações contidas no seu próprio texto, ou ainda de informações provenientes de textos produzidos por outros autores, que lhe são contemporâneos, ou ainda de textos escritos num passado recente ou longínquo.

Desse modo, a fim de efetuar comentários ou críticas ou ainda expressar a sua própria opinião, o autor ao fazer uso de um termo, já existente, que apresenta um sentido específico, num dado contexto, que por sua vez, é parte integrante de um artigo científico, pode alterar a sua significação ou ainda pode criar uma nova significação. Podemos referir que as significações polissêmicas podem dar relevo a uma determinada perspectiva de um especialista.

Assim, podemos considerar que o artigo científico é um espaço linguístico de reformulação a nível semântico, pois os semas de uma dada unidade estão constantemente sendo ativados, mediante o que o autor pretende exprimir.

Um novo artigo científico pode ser inédito, inovador ou veicular apenas assuntos já apresentados noutros artigos. As novas pesquisas são transmitidas através de novos sentidos de termos, ou ainda, através de uma reformulação de uma informação anteriormente veiculada. Os trechos, anteriormente citados em outros artigos, podem resultar em reformulações de parágrafos.

Através da reformulação de uma informação ou da inovação relativamente a um dado científico, o artigo científico pode apresentar uma nova polissemia que pode ser identificada a partir de um contexto.

Assim, os artigos científicos, tanto antigos quanto atuais, apresentam uma relação íntima, uma vez que os primeiros constituem fontes bibliográficas para os últimos.

Salager-Meyer sublinha o caráter de mudança e de evolução que acompanha toda e qualquer produção escrita. Para a autora, os textos são produzidos no seio de uma determinada cultura e estão sujeitos à evolução devido às mudanças que ocorrem no quadro de uma sociedade científica: “texts produced within a given culture or context will gradually change, i.e. if conditions and frames change within a society, the texts produced will evolve; they will fit other functions and be directed towards other goals, and the evolution of the information structure of a society will reflect upon the generic structure of the texts produced by that society at a given point in time.” (Salager-Meyer, 1999:280).

Desse modo, Salager-Meyer tem em conta a evolução diacrônica dos textos científicos que ocorre tanto a nível de estrutura macro e micro do texto. Nas palavras da autora: “LSP (Languages for Specific/Special Purposes) diachronic research is thus mainly concerned with the evolutionary changes in textual macro/micro-structure, language and style in a particular disciplinary culture” (Salager-Meyer, 1999:280).

A esse respeito, Teubert (2005:4) afirma que todo texto apresenta uma dimensão diacrônica. Conforme o autor, o que é dito hoje refere-se a algo que foi dito anteriormente.

A inovação e reformulação são características que concedem ao termo um dinamismo, permitindo veicular uma nova realidade por meio de um novo sentido ou uma nova característica referente a esse mesmo sentido.

2.4.2. Os artigos científicos e a estabilização do conhecimento

O artigo científico é um meio de comunicação permanente, durável, estável e de fácil acesso à consulta.

No artigo científico, o conhecimento é verbalizado através dos termos e de seus respectivos sentidos. A identificação das alterações no conteúdo dessas unidades

lexicais especializadas é a característica principal para evidenciar as evoluções que ocorrem no domínio de especialidade.

Essas produções escritas especializadas podem ser resultados de projetos de pesquisa, de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado, ou ainda, de publicações destinadas aos anais de eventos, de revistas temáticas, etc. Esses tipos de textos objetivam: a apresentação e descrição de uma teoria para fundamentar uma pesquisa; a apresentação e a descrição dos objetivos de um determinado estudo, como também o objeto a ser analisado nessa prática; a apresentação de conclusões referentes a uma pesquisa realizada, etc.

A estrutura de um artigo pode seguir uma padronização, que inclui tópicos como: Introdução, Materiais e Métodos, Resultados, Discussão e Conclusões. Estas seções estão precedidas por um título, resumo, referências sobre os autores e as instituições em que trabalham como investigadores (cf. Venegas, 2006).

O especialista concebe um artigo a partir de pressupostos teóricos que fundamentam uma corrente de pensamento, na qual se identifica, com o objetivo de contribuir para a evolução do conhecimento no seio da comunidade científica. O texto é dirigido aos demais especialistas que integram o domínio de especialidade, pois, parte-se do pressuposto que a temática e a maneira como é transmitida só interessam a esse tipo de público.

Ao produzir um artigo, o especialista refere-se a vários textos, sejam de sua autoria ou de outros autores. Essa prática é realizada através da leitura de outras obras que podem facultar informações acerca do que está escrevendo. A produção de um texto tem em conta a ativação de mecanismos por parte do especialista que seleciona a informação que vai ser veiculada.

Péry-Woodley (1998) afirma que o texto escrito implica uma ação, onde escritor e público-alvo não estabelecem um tipo de relação direta. A autora ainda refere que o texto de especialidade caracteriza-se por ser um monólogo, onde os tópicos são introduzidos, não apresentando uma negociação entre os participantes do discurso. Essa tarefa só é realizada com base na representação e intenção do próprio autor.

Por seu turno, Rastier sublinha que um texto não é uma sequência de esquemas cognitivos, ainda que a sua leitura possa necessitar de tais correlatos mentais, a sua estrutura não consiste em tais correlatos. Nas palavras do autor: “un texte n'est pas une suite de *schémas cognitifs* (propositions mentales, modèles mentaux, scripts, plans, etc.). Sa lecture suscite certes des corrélats mentaux, mais sa structure ne consiste pas en de tels corrélats” (1996:19).

Mais tarde, Rastier (2002:2) tem em conta o texto como uma sequência linguística empírica atestada, que é produzida numa prática social determinada e fixada num determinado suporte.

O texto escrito preserva o conhecimento científico, ou seja, é o meio pelo qual se estabiliza e fixa essa faculdade humana, num dado momento de sua ocorrência, facilitando assim, a sua continuidade e conservação ao longo do tempo para posterior consulta.

A esse respeito, lembramos Kocourek, quando o autor faz referência à visualização da escrita, através de um livro, e a maneira como esta modalidade veicula o sentido de uma unidade lexical e ainda a facilidade de acesso a todo tipo de informação. Nas palavras do autor: “Le caractère visuel d'écrit et l'agencement de l'objet-livre permettant la contemplation quasi simultanée des tranches du contenu. Ils permettent aussi la recherche des informations très individuelle et variée, et souvent très efficace. Ceci facilite des opérations cognitive, indépendants du hic et nunc du parlé, et libérées de certaines exigences gênantes que le parlé impose à la compréhension et à la mémoire du chercheur.” (Kocourek, 1991:98).

A habilidade da escrita é uma necessidade e uma prioridade para todo tipo de formação profissional realizada através dessa modalidade (cf. Lerat, 1995).

Desse modo, baseamo-nos nas razões pelas quais, Lerat (1995:59-60) considera a escrita como um vetor de conhecimento e uma modalidade importante. De maneira resumida, entendemos que:

1 - a perenidade da escrita se opõe à transitoriedade do oral. O registro da escrita pode ser efetuado através do formato em papel ou ainda sobre o suporte eletrónico;

2 - a disponibilidade contínua da escrita, reforçada pela capacidade de acesso aos textos, facilita a auto-aprendizagem e o ensino à distância;

3 - a escrita é uma modalidade onipresente no trabalho e nas precauções de segurança no trabalho;

4 – a padronização imposta pela globalização do comércio promove o uso regulamentado, tanto da prática linguística quanto da apresentação de textos e de documentos técnicos;

5 - as necessidades de documentação multilíngue incentivam as empresas a desenvolver meios para aceder a escrita em línguas estrangeiras, com a finalidade de realizar uma simples atualização de conhecimento ou ainda uma política de inovação tecnológica;

6- as necessidades de tradução estimulam o mercado de dicionários e guias de tradução.

Assim, consideramos o artigo científico como uma produção linguística escrita que viabiliza a estabilização do conhecimento especializado de um dado domínio de especialidade, onde podemos observar a relação termo/sentido.

2.4.2.1 O papel do marcador linguístico na análise diacrônica

No nosso trabalho, um marcador linguístico será tratado como uma unidade linguística que estabelece a ligação entre o termo e o seu sentido em contexto discursivo. Esse marcador será um identificador e delimitador de uma relação extraída a partir do texto de especialidade.

Os marcadores podem ordenar e organizar os sentidos dos termos, nos textos de especialidade.

Segundo Moirand (1995), os marcadores caracterizam-se por serem unidades semânticas estabilizadas que estão presentes em dicionários. Nas palavras da autora: “l'évolution s'actualise par des marques linguistiques liées à la langue dans laquelle le texte est produit. Ces marques d'ordre sémantique ont des valeurs stabilisées, en

langue, et généralement recensées dans les dictionnaires qui peuvent servir alors de référence.” (Moirand, 1995:85).

Por sua vez, Aussenac-Gilles e Séguéla (2000) afirmam que um marcador corresponde a uma fórmula linguística, cuja interpretação define regularmente a mesma relação entre o termo e o sentido em contexto discursivo.

Um marcador pode indentificar uma relação única, ou ainda, vários marcadores podem referir-se a uma mesma relação. Desse modo, a ligação entre um marcador e uma relação pode ser caracterizada por uma flexibilidade; essa característica atesta que qualquer marcador está sujeito a veicular o fenômeno da polissemia. Nas palavras de Séguéla: “Ce lien entre le marqueur et une relation est un lien souple qui peut être modifié suite à l’observation d’une polysémie fixé relativement à un domaine.” (Séguéla, 2001:60).

Para a identificação da evolução dos sentidos de um termo e, conseqüentemente, de suas polissemias, consideramos tantos os marcadores que indicam o tempo presente quanto aqueles que representam uma situação já ocorrida noutro momento.

Quando se trabalha em *corpora diacrônicos*, todo o marcador desempenha um papel de delimitador temporal, partindo do pressuposto de que esse mesmo marcador é uma unidade linguística que integra o texto de especialidade, que por sua vez, constitui o próprio *corpus*.

A título de elucidação, num texto concebido há cerca de vinte anos e que integra um *corpus diacrônico* existem marcadores que, mesmo conservando a sua forma no presente, como é o caso dos verbos, assumem uma característica temporal, pelo fato de delimitarem um sentido no tempo, sentido esse criado no momento da produção do artigo.

Dessa maneira, um marcador, como um verbo, que apresenta a sua forma conjugativa no presente, para ser considerado com um marcador temporal deve ser fundamentado em critérios que expliquem a sua função temporal nesse texto.

Assim como os verbos, os advérbios encontram-se nesse mesmo nível de análise. A título de exemplo, o advérbio de tempo “hoje” quando utilizado num texto,

concebido há cerca de 10 anos ou num texto atual, a sua função consiste em demarcar o sentido num dado espaço do tempo.

Evidencia-se a relevância dos marcadores linguísticos para delimitar a evolução de um termo. Concordamos com esse pressuposto, fazendo referência que esse critério de identificação da evolução apresenta também eficácia nos *corpora sincrônicos*.

Desse modo, propomos alguns critérios para identificar a polissemia diacrônica através de marcadores, em situação de contexto:

- i) identificação da ocorrência dos marcadores, tendo em conta a relação termo e sentidos, em situação de contexto;
- ii) definição das estruturas que possam agrupar as relações entre termo e sentidos;
- iii) descrição do comportamento desses termo e sentidos a partir dos processos relacionais.

Seja em sincronia, seja em diacronia, um marcador delimita e ordena a posição de um dado sentido na sequência de um texto ou de série de contextos discursivos. Em relação à diacronia, essa delimitação pode referir-se à sua posição no tempo, isto é, pode estar relacionado com a gênese desse mesmo sentido e/ou ainda com o seu uso na comunidade científica.

Tendo em conta o desenvolvimento desse capítulo, podemos referir que a polissemia nominal diacrônica é uma temática desafiadora e ao mesmo tempo enriquecedora, que nos conduziu a uma concepção de uma metodologia no âmbito dos *corpora especializados diacrônicos*.

Quando falamos em desafiadora, referimos a dificuldade de encontrar uma bibliografia especializada que nos auxiliasse a discernir sobre algumas questões que surgiram no âmbito deste trabalho. É um tema e uma perspectiva que se encontram ainda um pouco tímidos nos estudos em Terminologia.

Concluindo, podemos referir que se trata de uma experiência enriquecedora, tendo em conta que as questões aqui abordadas são pertinentes no que se refere à constituição dos *corpora* e ao tratamento da polissemia nominal diacrônica; observaremos a Terminologia diacrônica, onde o estudo da relação conceito/termo deve ser regida por uma abordagem que possa fundamentar a ocorrência de polissemia no discurso especializado.

3. TERMINOLOGIA DIACRÔNICA

3.1. O conceito como uma unidade sujeita à evolução

3.1.1. Para uma revisão do conceito em terminologia

O conceito comporta-se como um objeto de estudo de várias áreas do conhecimento; assim, a sua observação, descrição e análise é realizada sob a ótica de distintas perspectivas e de conhecimentos particulares que resultam na concepção de diferentes sistemas conceituais para representar uma mesma realidade.

É desse modo que, disciplinas como a filosofia, a psicologia, a terminologia, as ciências da informação, dentre outras, e ainda a interdisciplinaridade entre os domínios do conhecimento convergem para a particularização do estudo do conceito que resulta na sua compreensão, análise e descrição.

Para a realização de nosso trabalho, interessa-nos estudar o conceito sob a ótica da Terminologia.

Em Terminologia, o estudo sobre o conceito tem a sua gênese nos trabalhos de Wüster que o define como um elemento do pensamento que “corresponde a los elementos comunes que los seres humanos perciben en gran número de objetos y que utilizan como médio de clasificación mental (para entender) y, por consiguiente, también para comunicarse.” (Wüster, 1998:39).

Para Wüster, o conceito não apresenta valor contextual ou pragmático, é um elemento atemporal que denomina um objeto. Desse modo, o engenheiro austríaco concebe o conceito como um elemento normativo, a fim de alcançar a estabilização do vocabulário especializado.

Conforme os preceitos estipulados por Wüster para a concepção da teoria da Terminologia, o conceito é fixado a um termo perante uma autoridade, que pode ser um especialista do domínio de especialidade ou ainda uma instituição de standardização. Esse fato é reconhecido por Béjoint e Thoiron: “On dit que le concept

terminologique est en quelque sorte fixé par une autorité (un expert, personne ou organisme) plutôt que par l'usage.” (Béjoint e Thoiron, 2000:10).

O conceito estabelece uma relação com o termo sob o ponto de vista sociocultural, veiculado pelos especialistas de uma determinada comunidade científica de um domínio de especialidade e que pertencem a um espaço geográfico e a período do tempo determinado.

Apesar de defender uma relação biunívoca entre o conceito e o termo, a ISO reconhece que os conceitos não são necessariamente vinculados a uma língua, em particular. Segundo a instituição, os conceitos podem ser influenciados pelo contexto social e cultural, que na maioria das vezes resultam em categorizações distintas: “Concepts are not necessarily bound to particular languages. They are, however, influenced by the social or cultural background which often leads to different categorizations.” (ISO 1087-1, 2000:2).

O dinamismo é uma característica inerente ao conceito, que por sua vez, é expresso por práticas sociais e profissionais que são veiculadas pelos especialistas de uma dada comunidade científica, situada num determinado espaço e período do tempo.

O uso do conceito pela comunidade científica, num domínio de especialidade, limita a sua posição no que se refere ao estabelecimento de relações com outros conceitos que integram a estrutura conceitual.

A esse respeito, Sager (1990) afirma que cada estrutura do conhecimento consiste numa variedade de conceitos interrelacionados.

Nessa mesma linha de pensamento, Cabré (1993) tem em conta que os conceitos constituem a base do conhecimento e os sistemas conceituais descrevem a organização de um dado domínio de especialidade.

Cabré (1993) ainda acrescenta que, a estruturação de um campo conceitual reflete uma determinada visão cultural e científica e, desse modo, permite aproximações científicas distintas ao mesmo objeto de base e aproximações culturais diferentes a uma mesma realidade.

Kleiber (1999) lembra-nos que a nossa conceitualização ou nosso modelo mental em relação ao mundo, na sua maioria, apresenta-se de maneira idêntica com os outros indivíduos, constituindo desse modo, uma base de entendimento mútuo.

Segundo Kleiber (1999), essa conceitualização resulta em dois fatores: o primeiro diz respeito a uma experiência perceptiva e o segundo a uma experiência sociocultural, onde está incluída a dimensão histórica.

A primeira dimensão revela que as propriedades de uma dada realidade é partilhada pelo senso comum dos indivíduos que integram uma dada comunidade, isto é, essas mesmas propriedades podem apresentar-se como um caráter universal, e até ao mesmo tempo podem ser estáveis. De acordo com a segunda dimensão, os indivíduos de uma dada comunidade podem conceitualizar uma realidade de modos diferentes, tendo em conta o espaço e a dimensão temporal.

Na segunda dimensão, os conceitos representam uma reformulação das expressões do conhecimento, caracterizada pela idealização e restrita a uma sistematicidade, a uma coerência e independência do contexto. Esse pensamento é expresso por Bachimont da seguinte maneira: “Les concepts correspondent plutôt à une reformulation des expressions de connaissances, reformulation idéalisée et soumise à des contraintes de systématisme, de cohérence, de complétude et d'indépendance au contexte, si bien que le concept «extrait» ou modélisé reflète davantage la destination du concept et son usage que la connaissance telle qu'elle est exprimée au sein du corpus.” (Bachimont, 2005:320).

Por fim, Bessé (2000) refere-se que tanto os conceitos, quanto o reagrupamento de conceitos, como os domínios de especialidade refletem o comportamento de uma comunidade científica. Segundo o autor, é com base nos sistemas cognitivos que é possível identificar e descrever como se organiza o conhecimento de uma comunidade em geral e do domínio de especialidade que a integra. Bessé ainda acrescenta que a estruturação do conhecimento sempre se modifica. Nas palavras do autor: “Comme les concepts, les regroupement de concepts, les domaines, sont le reflet d'une civilisation, d'une culture, d'une idéologie. Les systèmes cognitifs reflètent l'organisation des connaissances d'un groupe de spécialistes dans telle ou telle discipline, à un moment donné, dans une aire

géographique déterminée. La structuration des connaissances se modifie sans cesse.” (Bessé, 2000:187).

Diante desse contexto, podemos falar que o conceito pode comportar-se como uma unidade individual e ao mesmo tempo universal. Essa dualidade é oriunda das diferentes maneiras de conceitualização da realidade que sofre influência recíproca tanto do individual quanto do coletivo.

Na Terminologia atual, a ideia de conceito universal vai ao encontro do pensamento wusteriano. Contudo, deve-se ter em conta que a universalização desse mesmo conceito pode ser relativa, pelo fato dos distintos níveis sócio culturais serem inerentes à formação e compreensão do próprio conceito.

Na teoria e na prática terminológica, o conceito é um elemento universal, porém, é necessário lembrar que, o especialista que integra uma comunidade científica pode ativar constituintes distintos para um mesmo conceito. Nesse momento, o conceito deixa de ser universal e passa a referir-se a um conceito específico que veicula o pensamento de cada indivíduo.

O conceito refere a um conjunto de objetos que partilham características, propriedades, atributos. Desse modo, podemos referir a característica universal do conceito.

A esse respeito, Dahlberg (1978) refere-se a dois tipos de conceitos: conceitos individuais e conceitos gerais. Os conceitos individuais são expressos através dos fatores tempo e espaço, que por sua vez, condicionam a experiência e a sensibilidade humana. Conforme a autora, os conceitos individuais situam-se em tempo e em espaço delimitados. Já, os conceitos gerais não têm em conta os fatores tempo e espaço para serem compreendidos.

Para a ISO (1087-1, 2000), o conceito individual corresponde a um só objeto. A título de exemplificação, a organização refere-se ao planeta Saturno e a torre Eiffel. Com base nesses exemplos, podemos concluir que esses conceitos referem-se a objetos únicos que pertencem a uma dada realidade.

Ao referir-se aos conceitos gerais, a ISO (1087-1, 2000) tem em conta que esses tipos de conceitos correspondem a dois ou mais objetos que integram um mesmo

grupo e que por sua vez, devem apresentar características em comum. Os exemplos “planeta” e “torre”, ambos referidos pela organização, são considerados genéricos pelo fato de compreenderem características, propriedades e atributos que convergem para a comum união de objetos que podem ser reagrupados sob esses elementos.

De acordo com essa teoria sobre o conceito, Depecker e Roche (2007) referem-se que tanto para a lógica quanto para as ciências, o conceito é construído em função da intenção e da extensão. A intensão representa o conjunto de caracteres que constituem o objeto e a extensão representa o conjunto de objetos no qual se aplica esse conceito. Nas palavras dos autores: “Car dans la logique et les sciences, concept n'est pas un contenu mental. C'est une représentation construite. Il est largement travaillé en logique, notamment sous l'angle de l'intension (les caractères qui composent le concept) et de l'extension (ce à quoi le concept s'applique).” (Depecker et Roche, 2007:110).

Os constituintes referentes a um conceito não ocorrem de maneira isolada, ou seja, é necessário que se estabeleça um agrupamento específico que possa incluir ou os atributos, ou as propriedades e/ou as características de maneira a delimitar os traços conceituais que serão utilizados para definir esse mesmo objeto.

A título de exemplo, o estudo desenvolvido por García (2007) é descrito através de quatro processos: determinação, conjunção, disjunção e integração; a fim de analisar a formação do conceito.

De maneira resumida, cada um dos processos ocorre da seguinte maneira:

- i - a determinação ocorre quando à intenção de um conceito são adicionadas novas características; assim, a intenção do conceito prévio está incluída no novo conceito, que é mais específico (cf. García, 2007:43);
- ii - a conjunção consiste na união das intenções de conceitos já existentes; o novo conceito resulta das características concedidas por outros já existentes; assim, esse novo conceito é um subordinado comum aos conceitos que o constitui (cf. García, 2007:44);

iii - a disjunção concebe um novo conceito a partir da fusão das extensões de outros; os conceitos existentes estabelecem entre si uma relação de oposição ou de complementaridade e mutuamente se excluem (cf. García, 2007:44);

iv - a integração resulta da fusão dos conceitos constituintes e consiste na união dos objetos a que se referem os conceitos prévios (cf. García, 2007:44).

Em relação à criação do conceito, podemos referir que essa tarefa implica um processo não harmônico, pelo fato das distintas perspectivas apresentarem pontos de vista divergentes em relação à definição do objeto. Essas divergências têm em conta salvaguardar uma perspectiva em particular.

Desse modo, podemos concluir afirmando que a construção do conceito pode ser considerada uma tarefa dinâmica que resulta do esforço coletivo dos especialistas de uma comunidade científica em favor da perspectiva que lhes é comum no dado período do tempo.

3.1.2. A evolução e o dinamismo do conceito

Em terminologia, o conceito apresenta características estáveis, ou seja, um dado termo deve designar um conceito que por sua vez, deve ser aceito e partilhado pela comunidade científica em um domínio de especialidade.

Porém, nota-se que essa estabilidade pode ser infringida quando a esse mesmo conceito são incorporados diferentes e variados constituintes no decorrer do tempo. Desse modo, a instabilidade de seu uso perante uma comunidade científica ainda deixam transparecer uma certa insuficiência teórica que por sua vez se reflete na própria metodologia para se observar, analisar e descrever essa unidade.

Tal complexidade é evidenciada por Depecker (2000). Na citação, o autor aponta que o conceito pode ser considerado como uma categorização de objetos, as propriedades referentes a um conceito, um sistema de símbolos, um ícone, etc: “Les objets sont catégories sous la forme de concepts. Les propriétés d’un objet sont

arbitraites, dans le concept, sous la forme de caracteres. Ces propriétés sont plus ou moins exploitées et mises en oeuvre dans le concept. Cela dépend, notamment, de l'appréhension que l'on a de l'objet, certaines propriétés pouvant échapper à la perception ou à la conceptualisation. Un concept peut être décrit par un système symbolique (Granger 1960, 1979): notamment une equation, une représentation visuelle, une icône, une ou plusieurs unités linguistiques." (Depecker, 2000:94)

Por sua vez, Klein and Smith mostram que a complexidade do conceito está vinculada a sua universalidade: "Thus in some contexts the term "concept" refers to what would more properly be called a "universal" in the sense of the realist doctrine; in some contexts it refers to general ideas in people's minds, and in yet other contexts it refers merely to general terms in some controlled language." (Klein and Smith, 2010:434).

Atualmente, a complexidade do conceito diz respeito, também, à falta de fronteira entre o conceito e a significação. Geralmente, em muitos artigos que tratam sobre essa temática têm em conta que ambos os elementos podem ser abordados sob o mesmo nível de análise (cf. ponto 3.5).

Acrescentamos que, as características de dinamismo e evolução são inerentes à complexidade do próprio conceito em virtude de seus componentes articularem-se entre si para a formação de uma ideia que se processa na mente do especialista quando esse indivíduo observa um objeto dentro de uma dada realidade.

No que se refere à definição do conceito, esse elemento pode ser abordado sob três distintos níveis, são eles: unidade de pensamento; unidade de conhecimento e unidade de comunicação. Contudo, não é o nosso objetivo tratar do conceito sob esses distintos níveis, importa-nos falar das características dinâmicas e evolutivas do conceito.

Através de distintas definições observa-se que o conceito veicula perspectivas distintas; desse modo, é possível identificar o seu processo dinâmico e evolutivo.

Ao invés de conceito, Baldinger fala sobre objeto mental, que caracteriza um esquema de representação. O autor define o objeto mental da seguinte forma: "El objeto mental es una abstracción de muchas realidades emparentadas entre sí, pero la

lista de estas realidades queda, en general, abierta, lo cual impide toda enumeración completa (y por consecuencia, toda definición extensional).” (Baldinger, 1970:75).

Tanto a característica de abstração do conceito, quanto a lista da realidade que permanece em aberto, referidas por Baldinger, dão a ideia do dinamismo que é intrínseca ao conceito.

Esse mesmo pensamento é encontrado em Kuhn (1970). O autor tem em conta a característica arbitrária do conceito, desse modo o conceito pode ser concebido por acidentes pessoais e históricos, que integra as crenças adotadas por uma comunidade científica específica numa determinada época. No dizer do autor: “An apparently arbitrary element, compounded of personal and historical accident, is always a formative ingredient of beliefs espoused by a given scientific community at a given time”. (Kuhn, 1970:4).

Dahlberg define o conceito como uma “compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto, fixada por um símbolo linguístico.” (Dahlberg, 1978:102).

Através da definição da autora, o conceito resulta numa abstração que, por sua vez, se concretiza ao estabelecer uma união com uma unidade linguística que tem por finalidade denominar a realidade abstrata.

O pensamento de Dahlberg é partilhado por Faulstich (1991), quando a autora afirma que o conceito comporta-se como uma unidade do conhecimento, constituída de afirmações verdadeiras em relação a uma dada referência, que, por sua vez, é representada por uma designação verbal.

Nesse sentido, a ISO (1087-1, 2000) reconhece o conceito como uma unidade do conhecimento criada através de combinações de características.

Mais tarde, a ISO (704, 2009) reforça a ideia de que o conceito deve ser visto não apenas como uma unidade de pensamento, mas também como uma unidade de conhecimento.

Por sua vez, Depecker (1999) diz-nos que o conceito é um elemento do pensamento pelo qual se constrói um conhecimento acerca da realidade. Através do conceito, o indivíduo estabelece as propriedades de objetos, seres, coisas que fazem parte da realidade que o rodeia.

Por fim, no dizer de Stock (2010), os conceitos são unidades semânticas mínimas que integram um sistema de organização do conhecimento.

O conceito resulta da observação parcial realizada pelo especialista em relação a um dado objeto que, por sua vez, constitui a realidade de um domínio de especialidade do qual este mesmo indivíduo está integrado. Ao mesmo tempo, esse mesmo objeto faz parte de um grande universo, que de certo modo, esse mesmo especialista não consegue visualizá-lo na sua plenitude. Apenas, a uma parte desse objeto o especialista tem acesso e assim consegue conceitualizá-lo através do conhecimento que adquiriu através de observações e pesquisas.

Desse modo, é necessário referir que os especialistas apresentam diferentes conteúdos epistêmicos que resultam em distintas maneiras de pensar, considerado o objetivo de seu estudo.

Através da evolução conceitual, os especialistas de um domínio podem justificar e inferir sobre as novas hipóteses que são levantadas com a finalidade de analisar e descrever as novas teorias e/ou reformular as já existentes ou ainda fundamentar as pesquisas e práticas experimentais sobre o objeto da realidade que está sendo observado e analisado. É necessário precisar que essas mesmas teorias devem fundamentar, explicar e subscrever os motivos da mudança e da evolução do conceito.

A evolução conceitual reflete o ponto de vista de um grupo de especialistas de um determinado domínio através do comum acordo elaborado por esses indivíduos no que diz respeito ao novo objeto. Essa mudança é o resultado de uma prática de investigação realizada pelos especialistas desse mesmo grupo, no qual a observação e descrição da realidade estão sujeitas à evolução.

A evolução conceitual é um processo que apresenta características racionais, uma vez que o grupo de especialistas do domínio, no momento de descrever um novo objeto, deve ter a plena convicção de que a mudança descoberta e identificada necessita ser denominada para ser reconhecida como uma nova vertente do conhecimento a ser veiculada perante a comunidade científica.

Por fim, Grzega (2002) fala sobre a onomasiologia histórica, termo utilizado pelo próprio autor para referir esse tipo de mudança que ocorre no eixo do tempo; a onomasiologia histórica tem em conta os conjuntos de denominações referentes a um conceito ao longo do tempo. Para o autor, a onomasiologia histórica está relacionada com a motivação para a criação de um novo conceito e de uma nova unidade para expressar a inovação que ocorre no léxico.

Nesse contexto, o conceito caracteriza-se pela movimentação no tempo, isto é, o conceito absorve constituintes que ao longo do tempo permitem a sua evolução. É através do conceito que se pode identificar e assimilar as experiências passadas que de certo modo, contribuem para a sua renovação.

3.2. A variação conceitual, uma realidade que deve ser revisitada em terminologia

A variação é resultado da evolução técnica e científica que atinge as línguas de especialidade. A difusão do conhecimento é um processo dinâmico, não sistemático, ou seja, não obedece a uma linearidade, daí o surgimento de variados e distintos pontos de vista que procuram explicar através de suas teorias singulares a relação entre o conceito e o termo.

Freixa (2002) sublinha que a partir do processo de denominação, um mesmo conceito pode ser abordado de distintas maneiras, desse modo, poderá resultar em denominações diferentes. A autora acrescenta que, as denominações referentes a um mesmo conceito podem referir-se a uma parte do conteúdo conceitual que apresenta relevância em um determinado contexto.

Brigandt (2012) fala sobre a variação interna do conceito, mais precisamente, a variação no uso de um termo dentro de uma comunidade científica. Segundo a autora essa ocorrência é uma realidade que determina a mudança conceitual e que deve ser analisada a partir do uso dessas unidades perante essa mesma comunidade.

Por sua vez, Kostina (2009) refere-se que a variação conceitual é um processo cognitivo que gera modificações graduais num conceito, manifestando-se linguístico e

semanticamente em diferentes graus de equivalência entre os sentidos de uma unidade lexical ou entre os sentidos de suas variantes léxico-semânticas.

A variação conceitual resulta de uma modificação que afeta tanto o plano do conteúdo quanto o plano da expressão de um termo. Tal mudança gera uma certa instabilidade diante da relação conceito-termo que por sua vez é refletida no discurso especializado.

Os conceitos podem apresentar fronteiras tênues, temos em conta que esses elementos podem ocupar espaços semânticos diferentes de acordo com os contextos de ocorrência.

O estudo sobre a variação terminológica é relevante, no tocante que, a partir da identificação da variação de conceitos que um dado termo pode apresentar, é possível sistematizar essas variações conceituais a fim de escolher qual o conceito que pode ser relacionado ao termo em função do estudo que está sendo realizado.

A realização desse estudo permite ao especialista ter um melhor discernimento no momento de escolher aquele conceito, por exemplo, que seja pertinente para a elaboração de uma definição capaz de denominar um dado objeto inserido numa determinada realidade. Ou ainda saber como sistematizar e inserir os conceitos referentes a um termo numa base de dados do conhecimento, considerando que cada um desses elementos é uma realidade que ocorre num certo momento da língua.

Desse modo, Czap nota que os bancos terminológicos acumulam vários problemas causados pelas variações de sentido, que de certo modo, afetam o próprio conceito, quando esse elemento passa de um domínio para o outro: “les grandes banques de terminologie accumulent les problèmes posés par les variations minimales de sens qui affectent un concept lors de son passage d'une discipline ou d'un contexte à l'autre.” (Czap, 1989:72).

Por seu turno, Freixa diz-nos que o especialista atua de maneira espontânea ao escrever um texto, desse modo, esse indivíduo é livre para introduzir as variações de maneira consciente e inconsciente. Porém, segundo a autora, quando esse mesmo especialista é questionado sobre as mudanças denominativas, a espontaneidade diminui consideravelmente e, portanto, aumenta o grau de consciência sobre a

variação. Assim Freixa sublinha que “El especialista actúa libremente cuando redacta su texto original, e introduce variación consciente o inconscientemente, pero parto de la base de que por el simple hecho de hacerle reescribir el texto y de interrogarle sobre sus cambios denominativos, la espontaneidad decrece considerablemente y, por tanto, aumenta el grado de conciencia sobre la variación.” (Freixa, 2005:7).

Dessa maneira, o terminólogo deve refletir acerca de como ter em conta o processo de variação antes de adotar um termo ou um conceito.

Quando se fala em variação terminológica, implicitamente, se reconhece que as características de monossemia e de biunivocidade que regem a relação entre o conceito e o termo são afetadas (cf. ponto 1.1.3.).

Kocourek (1991) refere-se à variação em língua de especialidade como um processo temporal e dinâmico, pelo qual a língua de especialidade comporta-se sob a forma de uma dicotomia entre o estado contemporâneo e o seu estado passado.

A esse respeito, podemos mencionar que na dinâmica da língua, a forma e o conteúdo são elementos que podem variar tanto sincronicamente quanto diacronicamente.

Por sua vez, Boulanger defende a ocorrência e a relevância dos estudos sobre a variação como um fenómeno que fundamenta a teoria da socioterminologia. Nas palavras do autor: “La variation terminologique est aussi nécessaire et evidente que la variation lexicale ou linguistique observée pour toute langue fragmentée dans le temps, dans l'espace et dans la société. Ces variantions diachroniques, diatopiques et diastratiques forment l'essence même de la socioterminologie.” (Boulanger, 1991:19)

Boulanger ainda nota que em uma língua que é partilhada, pode haver correspondência com culturas distintas que suscitam naturalmente terminologias variáveis no que se refere a descrição dos mesmos objetos referentes a uma mesma realidade. No dizer do autor: “une langue partagée correspondent donc des cultures distinctes qui suscitent naturellement des terminologies variables pour désigner parfois les mêmes choses.” (1991:21).

Cabré (1998) chama a atenção para o fato de que, a não abordagem dos fenómenos, tanto de variação formal, quanto de variação conceitual dos termos, como

processos inerentes ao funcionamento da língua e da comunicação geral e de especialidade, resulta em métodos de trabalhos de ordem prescritiva, que de certo modo passam a ser considerados para todo tipo de investigação, independente do tema de trabalho, de suas finalidades, dos contextos nos quais são realizados e da tipologia linguística.

Assim, conforme lembram Bourigault e Slodzian (1999), uma terminologia elaborada para uma determinada aplicação, num determinado espaço do tempo, distingue-se de uma outra, aplicada para uma tarefa diferente a fim de atender um objetivo distinto.

Gaudin e Bouveret (2003) referem que os conceitos devem ser estudados em relação à variação discursiva. Conforme os autores, as questões teóricas e práticas relativas ao estudo variacionista devem propor modelos de aplicações computacionais que sejam capazes de representar esse fenômeno da relação entre conceitos e termos.

Nesse contexto, Condamines *et al.* (2004) sublinham que a variação terminológica pode ser observada tendo em conta três ângulos distintos, são eles: a forma dos termos, a sua distribuição e o seu funcionamento semântico.

Conforme o nosso trabalho, deteremos-nos a analisar a transferência semântica como um processo pelo qual um termo absorve um outro conceito. Esse processo é referido pela ISO (704, 2009) da seguinte maneira: “Semantic transfer is the process whereby an existing term within a special language is used to designate another concept by logical extension: terms designating a concept corresponding to concrete objects can be extended to abstract objects, a part extended to the whole, a container extended to the substance contained, etc.” (ISO 704, 2009:54).

A esse respeito, Francelin refere-se à dificuldade de apreender a carga semântica do conceito; segundo o autor, a compreensão de um conceito está relacionada às experiências apresentadas por um indivíduo que integra uma comunidade social: “A carga semântica de um conceito é de difícil determinação porque ocorre no sujeito e depende de suas experiências como indivíduo que pertence a uma determinada coletividade.” (Francelin, 2010:43).

Assim, podemos referir que o conceito e o termo apresentam relevância para a Terminologia; é a partir da relação estabelecida entre esses dois elementos que se pode obter uma estabilidade semântica. Ocorre uma estabilização semântica quando um termo associa-se a um conjunto de características, propriedades e/ou atributos que definem o conceito que ele designa com o objetivo de diferenciá-lo de outros conceitos.

Assim, refletir a ocorrência de variação em língua de especialidade é ter em conta que as transformações, no seio de cada domínio, podem estar relacionadas com a relação conceito/termo, daí da possibilidade da ocorrência de polissemia como mecanismo inerente à evolução de toda língua.

3.3. Especialização e Interdisciplinaridade no domínio de especialidade: processos que concedem ao conceito as características evolutivas

3.3.1. A formação do conceito nos domínios de especialidade

Quando referimo-nos à delimitação do conceito, temos em conta a observação do comportamento dessa unidade a partir de sua ocorrência nos domínios e/ou subdomínios referentes a uma mesma área de especialidade.

Os conceitos estabelecem uma interação, num mesmo domínio de especialidade, isto é, entre os elementos que integram uma mesma classe ou classes distintas. Essa ocorrência pode ser observada sob a ótica da dimensão sincrônica e diacrônica.

O domínio de especialidade comporta-se como uma rede de conceitos que se interrelacionam. Não é possível afirmar categoricamente que uma dada área de especialidade é na sua plenitude estruturada e sistematizada, pois tanto os conceitos como as suas respectivas denominações, quanto a estrutura conceitual, podem sofrer variações em situação de uso ao longo do tempo.

Desse modo, podemos considerar o domínio como um sistema evolutivo por natureza, onde o termo como um signo linguístico é arbitrário, no sentido em que, a sua relação com outros signos pode delimitar a sua significação.

Nenhum domínio de especialidade é totalmente fechado a tal ponto de que tanto um conceito quanto um termo sejam elementos exclusivos de sua terminologia.

Dury (2005) refere que os domínios científicos apresentam fronteiras tênues pelas quais o conceito e o termo podem ser considerados como “entidades móveis” – termo utilizado pela autora. Essa mobilidade está de certa maneira relacionada com o empréstimo tanto dos termos quanto dos conceitos entre domínios de especialidade. No dizer da autora: “scientific domains have fuzzy boundaries which allow terms and concepts to be seen as “mobile entities” which can be borrowed and used in different fields, thus proving that inter-domain lexical and conceptual sharing exists.” (Dury, 2005:39).

Dury (2005) acrescenta que essa atividade evidencia a partilha entre os inter-domínios lexical e conceitual. Nesse sentido, nota-se que em um mesmo domínio de especialidade, parece não haver uma fronteira nítida entre essas áreas, dando uma ideia de interpenetração de subdomínios.

É necessário referir que mesmo dentro de um domínio, os subdomínios podem apresentar uma proximidade, que na maioria das vezes é difícil de estabelecer uma fronteira. Essa característica é inerente a todo domínio de especialidade que apresenta um movimento constante e está em plena evolução. A esse respeito, Dury fundamentando-se na perspectiva diacrônica, diz-nos que: “La diachronie nous prouve ici à quel point il vaut mieux les envisager comme des territoires aux frontières perméables, et non comme des univers clos, strictement hermétiques les uns aux autres, qui fonctionneraient en quelque sorte en circuit fermé.” (Dury, 2006:117).

O domínio de especialidade é um espaço amplo onde a convergência de várias áreas do conhecimento contribuem para o desenvolvimento e ao mesmo tempo para a complexidade desse domínio. Assim, essa área de especialidade apresenta um leque variado de perspectivas, que pela adoção de uma dessas é possível delimitar o conceito através de uma definição. A fixação de um conceito, tarefa difícil e complexa, requer um posicionamento, por parte do especialista, no que diz respeito à ativação dos constituintes desse elemento que servirão de base para a elaboração da definição.

Nosso pensamento vai de encontro do que se refere Bessé: “Le domaine indique alors la perspective adoptée pour délimiter le concept et le décrire. Il fixe également le cadre de la définition qui est toujours formulée en fonction du domaine.” (Bessé, 2000:183).

É nesse quadro de interdisciplinaridade entre domínios e subdomínios, que integram um domínio de especialidade, que o conceito passa a apresentar novos elementos para se referir às novas realidades. A esse respeito, Cabré (2001) diz-nos que os conceitos têm proliferado sua multidimensionalidade e poliedricidade e com ele tem aparecido novos pontos de vista sobre o mesmo conceito e variações conceituais distintas.

Essa mesma observação é feita por Nersessian que sublinha que a inovação conceitual resulta da integração das informações oriundas de diferentes domínios: “Conceptual innovation often requires recognition of potential similarities across, and integration of information from, disparate domains.” (Nersessian, 2003:199).

Para o nosso estudo, a interdisciplinaridade é considerada sob o ponto de vista da formação do conceito, ou seja, quando esse elemento apresenta outros elementos que particularizam a sua significação tendo em conta outras abordagens.

3.3.2. A especialização e a interdisciplinaridade entre domínios e subdomínios de especialidade: uma fonte de variação conceitual

Os domínios de especialidade apresentam duas características opostas responsáveis pela sua evolução: a primeira refere-se à especialização, como um processo pelo qual um dado domínio é fragmentado a fim de que um ou cada um de seus subdomínios possa particularizar-se e atualizar-se. A outra característica refere-se à interdisciplinaridade, isto é, quando distintos domínios convergem seus pontos de vista para a criação de uma teoria que possa melhor fundamentar o estudo de uma realidade.

Diante desse contexto, Dogan (1997) expõe o comportamento dos domínios de especialidade, tendo em conta a interdisciplinaridade e a fragmentação das áreas de especialidade – expressão utilizada pelo autor.

Dogan refere-se à fragmentação que ocorre nos domínios de especialidade como um processo que consiste numa separação que acontece no seio de cada disciplina e que possibilita o estudo mais aprofundado de um dos subdomínios referentes a essa área. Esse processo está intimamente relacionado com a especialização de um sub-domínio e ao mesmo tempo com a sua atualização. A título de exemplificação, o autor elenca algumas áreas para demonstrar esse tipo de processo: “The division of physics into physics and astronomy, and the division of chemistry into organic and physical chemistry are classic examples of fragmentation of sciences. In the social sciences what was originally the study of law is today divided into law and political science; anthropology split into physical anthropology and cultural anthropology; geography did the same; psychology broke up into several branches; economics is deeply divided between econometricians and theorists.” (Dogan, 1997:430).

Chamamos a atenção para o fato de que, o texto de Dogan foi produzido há cerca de 16 anos, tempo bastante para ocorrer qualquer alteração num domínio de especialidade, e desse modo, provocar o surgimento de novas especializações.

A esse respeito, a ISO (2000) diz que a delimitação de um domínio de especialidade é uma questão de ponto de vista: “The borderlines of a subject field are defined from a purpose-related point of view” (ISO 1087-1, 2000:2).

Dogan (1997) salienta que a especialização é uma necessidade para o desenvolvimento de um domínio de especialidade, no que se refere aos estudos empíricos e a verificação de hipóteses. Conforme o autor, a fragmentação das disciplinas ocorrem a nível epistemológico, metodológico, teórico e ideológico.

Para Dogan, as disciplinas têm tendência a desenvolver-se em si mesmas, através da penetração de perspectivas oriundas de outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, as disciplinas não podem ficar a mercê de uma única teoria:

“Specialized domains need theoretical orientations, but a discipline as a whole cannot have a universal and monopolistic theory” (Dogan, 1996:304).

Ao referirem-se à penetração entre os domínios, Hjørland and Hartel, (2003) fazem referência a um dos trabalhos desenvolvidos por Dogan (2001), nas ciências sociais. Segundo os autores, Dogan refere que há mais comunicação entre as especialidades pertencentes a diferentes disciplinas do que entre as especialidades que integram uma mesma disciplina.

A interdisciplinaridade é uma característica que marca a atualização e a evolução dos domínios científicos. Cada domínio de especialidade possui uma dimensão sociocultural, considerando que cada comunidade científica é composta por especialistas que veiculam uma perspectiva que representa essa mesma comunidade.

Morillo *et al.* (2003) afirmam que a importância da pesquisa interdisciplinar deve ser amplamente reconhecida. Para os autores, a ocorrência desse tipo de pesquisa está associada com a criatividade, o progresso e a inovação que por sua vez resultam em descobertas mediadas pelos avanços intelectuais dos tempos modernos.

Nessa linha de pensamento, Hjørland refere-se que a fundamentação do progresso científico está ligada ao desenvolvimento de teorias referentes ao tratamento do conceito: “Scientific progress is tied to the development of well-justified theories, conceptions, and concepts and by the development of tighter constraints in the definition of concepts.” (Hjørland, 2009:1526).

Na concepção de nosso estudo, lembramos Burney *et al.* (2010) que sublinham a relevância dos aspectos temporais para analisar a evolução dos domínios de especialidade. Burney *et al.* (2010) acrescentam que o aspecto temporal é significativamente importante em vários domínios e ainda pode auxiliar na análise e na compreensão do desempenho desse domínio.

Por fim, podemos ainda mencionar que as relações interdisciplinares podem ocorrer quando os especialistas de um determinado domínio de especialidade apoiam-se na perspectiva de outros especialistas de domínios distintos do seu para construir o seu ponto de vista. Essa tarefa pode ser identificada a partir dos textos de especialidade.

Relativamente à formação do conceito nos domínios de especialidade, falaremos sobre a neologia como um processo inerente à sistematizar esses mesmos domínios.

3.4. Terminologia e Neologia: uma relação de sistematização nos domínios de especialidade

3.4.1. Processos de criações neológicas destinados a sistematização no domínio de especialidade

Conforme as instituições standardizadoras e os especialistas que trabalham em Terminologia, o tipo de criação neológica indicada para os trabalhos desenvolvidos em terminologia privilegia o processo de criação de neologia formal, relegando para o segundo plano a neologia semântica. A criação de uma nova unidade tem como objetivo desfazer qualquer tipo de ambiguidade – como é o caso da variação que pode ocorrer através da reutilização de um termo já existente para denominar o surgimento de uma nova realidade, processo esse veiculado pela neologia semântica –, que por sua vez, pode originar a polissemia (cf. ponto 1), ou ainda, evitar que uma forma estrangeira possa integrar o léxico especializado de uma dada língua. Nesse sentido, a neologia pode comportar-se como um processo normativo.

Desse modo, recordamos a perspectiva de Wüster. O autor tem em conta a normalização como um processo de criação neológica: “la normalisation terminologique est appelée également à créer des termes nouveaux” (Wüster, 1981:67).

Para a ISO (704, 2009), o produto de criação neológica, denominado de neotermo refere-se a uma nova entidade lexical, que pode resultar de um processo de composição, derivação e ainda de abreviação. Conforme a instituição: “A neoterm is a new lexical entity. Formation processes such as derivation, compounding or abbreviation can be used to create neoterms.” (ISO 704, 2009:51).

Esta citação da ISO comprova o que afirmamos nos parágrafos iniciais deste subcapítulo.

As regras gramaticais subjacentes a uma determinada língua podem apresentar-se como meios para regular e prescrever o que pode ser veiculado em um determinado léxico especializado, contribuindo dessa maneira para os princípios normativos.

Assim, a criação de um termo pode ser entendida como uma regulamentação a nível lexical, tendo em conta o uso das regras gramaticais e lexicais na formação dessas novas unidades. A criação neológica além de obedecer aos princípios linguísticos, deve ter em conta os níveis sociais e culturais da língua em questão; daí da necessidade de uma boa política de implantação e difusão dessas novas unidades.

Segundo Calvet, “La terminologie implique donc d'une part une connaissance précise des systèmes de dérivation, de composition de la langue, un inventaire des racines, etc., mais implique aussi d'autre part que les mots créés, les néologismes, soient acceptés par les utilisateurs, c'est-à-dire qu'ils soient d'abord acceptables”. (Calvet, 1996:48).

A neologia não é apenas considerada um simples fenómeno linguístico responsável pela criação dos novos termos, mas um processo de criação relevante nos trabalhos desenvolvidos pelos terminólogos. Essa situação é elucidada por Boulanger, ao mencionar que em meados da década de setenta, o estado de Québec demonstrou interesse no estudo da neologia. Tal interesse está vinculado aos trabalhos de planificação linguística e ainda à necessidade de proteger, enriquecer e preservar a língua francesa. Desse modo, o autor refere que a neologia é um processo que apresenta uma vertente normalizadora quando utilizado para “Corriger une faute, remplacer un anglicisme, éliminer un emprunt inutile constituent des objectifs importants du travail néologique. Ils s'inscrivent dans les règles de protection de la langue française bien décrites dans les lois linguistiques.” (Boulanger, 1979:38).

Desse modo, Boulanger refere-se à relevância da metodologia de trabalho adotada pelo Observatório de Quebec, no que diz respeito à criação, à implantação e à difusão dos neologismos científicos.

Tendo em conta a relação entre a terminologia e a neologia, o processo de criação neológico ganha uma nova postura, além de ter um carácter linguístico, passa a

integrar os estudos desenvolvidos nas áreas das políticas linguísticas e da normalização (cf. ponto 3.4.2).

Gaudin (1993) refere que a relação entre a terminologia e a neologia constitui um vetor de inovação linguística. O autor ainda cita a norma como um meio de fixar o movimento dos signos linguísticos: “Mais la terminologie doit aussi penser ensemble l'activité néologique, qui la fonde et constitue un puissant vecteur d'innovation linguistique, et la norme, vers laquelle tend son activité et qui vise une ossification, toujours à refaire, du mouvement qui déplace les signes, ou tout au moins, leur valeur.” (Gaudin, 1993:164).

Por seu turno, Alves (1996) considera que o desenvolvimento dos trabalhos terminológicos, seja de caráter descritivo ou através de uma perspectiva normalizadora referentes à criação de novos termos, apresenta um redimensionamento das características da neologia.

Mais tarde, Alves (1998) acrescenta que tal atividade está vinculada aos critérios de reconhecimento, aceitabilidade e difusão das novas unidades lexicais, seja das línguas comum e/ou de especialidade, no âmbito concreto de uma política de língua; a identificação de áreas novas ou recentes, ou com lacunas, que necessitam de intervenção.

Cabré (2000) fala sobre a neologia planificada e refere-se que esse tipo de neologia, concentrada principalmente na terminologia, é o processo de estabelecimento e fixação do léxico especializado com uma dupla função: a criação de unidades standardizadas e a redução de variedade denominativa atribuindo cada variante a um registro.

Cabré (2000) refere-se à neologia planificada como uma forma de criação neológica que se apoia sobre uma base institucional. Segundo a autora, a neologia planificada é sempre um ato reflexivo que propõe dotar um língua de recursos de expressão e comunicação próprios, portanto, tem como objetivo principal a preservação de uma língua, e utiliza como base de sua atividade as noções de norma e de genuidade linguística.

Diante desse quadro de criação neológica, a neologia formal viabiliza os trabalhos de normalização e harmonização. Contudo, o âmbito de alcance do estudo desses processos deve ser revisitado tendo em conta o real uso da língua e o tratamento dispensado à relação conceito/termo.

3.4.2. Os processos de Normalização e Harmonização em Terminologia diante do fenômenos variacionistas

É sabido que, as áreas do conhecimento necessitam de uma padronização de termos e de conceitos, ou seja, a criação de uma terminologia uniforme.

Também é essencial ter em mente que, quando trabalhamos em terminologia, tanto os processos de harmonização quanto os de normalização são necessidades que devem ser consideradas, avaliadas e refletidas, mesmo considerando que a relação conceito/termo seja prevista para ser estável.

O conceito é o elemento fundamental para a teoria desenvolvida por Wüster, nessa perspectiva a descrição das relações que se estabelecem entre os conceitos no seio de um dado domínio é a parte essencial para se alcançar a standardização dos conceitos e termos. Desse modo, a identificação das relações entre conceitos e conceitos/termos podem pressupor uma organização destinada à normalização e/ou a harmonização desses elementos.

Por sua vez, Gambier critica a posição da terminologia, a qual designa de dominante, em relação à univocidade da relação conceito/termo e à padronização dos vocabulários especializados. Nas palavras do autor: “la terminologie dominante a réussi malgré tout à développer la conviction que les vocabulaires sont plus normés que les vocabulaires ordinaires - plus rigoureux, plus univoques, les signifiants étant d'ordre secondaire, les signifiés étant en rapport avec des concepts quasi universels.” (Gambier, 1991:32)

Depecker (2000) também reflete sobre a univocidade da relação conceito/termo. Desse modo, o autor menciona que essa maneira de pensar desvincula a análise dessa relação da situação de uso real da língua: “Considérer la

terminologie sous l'angle essentiellement de la normalisation, en pensant qu'à un concept doit correspondre une désignation et une seule, a souvent conduit à séparer la création et le traitement des termes des usages réels ou possibles." (Depecker, 2000:92-93).

Assim, a terminologia contemporânea vê-se entre duas realidades antípodas: a primeira, herdada dos estudos desenvolvidos por Wüster, a normalização científica; a segunda refere-se à variação terminológica, fenômeno que tem em conta a língua como um sistema sujeito à evolução e à mudança.

Nesse sentido, Faulstich (2001) considera que tanto a normalização quanto a variação comportam-se como conjuntos que se movem e interagem. Para a autora, esses dois tipos de processos não são antônimos, pelo contrário, são realidades que se opõem de maneira transitiva, isto é, a ocorrência de um termo normalizado em situação de discurso, implica na existência de uma variante correspondente a esse termo, considerando que essas unidades integram a língua de especialidade, que por sua vez é um sistema evolutivo. No dizer de Faulstich: "normalização e variação funcionam como conjuntos em movimento e em interação. Não são, entre si, entidades antonímicas, mas entidades opositivas transitivas, porque a presença de um termo normalizado no discurso ativa a lembrança da variante correspondente, já que ambas estão vivas na língua" (Faulstich, 2001:22).

Condamines et al. (2004) reconhecem que os trabalhos que giram em torno da terminologia são de ordem normativa e que esses têm por objetivo a fixação da relação conceito/termo no dado instante de sua ocorrência na língua, desconsiderando assim, qualquer tipo de evolução que venha a afetar a relação já limitada.

Wüster (1998) afirma que para por em prática a normalização, é necessário ter em conta dois processos: a investigação como um processo linguístico e o consenso, um tipo de processo de ordem social que resulta do comum acordo entre os especialistas de um domínio de especialidade.

A título de informação, os trabalhos desenvolvidos por Würter motivaram a criação do Comitê de Terminologia (CT37), subcomitê da ISA, atualmente denominado de ISO.

A ISO foi criada em 1947, com o objetivo de desenvolver normas universais que aperfeiçoassem a comunicação e a cooperação internacionais, além de reduzir barreiras que dificultassem o intercâmbio cultural, científico e comercial (cf. Cabré, 1998).

Siforov (1981) refere-se que na maioria dos países, a atividade terminológica foi concentrada no seio das organizações de normalização. Conforme o autor, o Comitê CT 37 da ISO tornou-se um centro de atividades que tem em conta o estudo da perspectiva de Wüster. Siforov ainda acrescenta que outros trabalhos em terminologia estão sendo realizados nos departamentos de ensino superior, em organismos de tradução e nos serviços linguísticos de certas instituições.

Dessa maneira, Cabré (1999) afirma que os governos conscientes da importância estratégica da língua intervêm na criação da terminologia nova. A sua gênese tem em conta as regras do sistema em questão, através da criação ex nihilo ou por adaptação de formas alheias ao sistema.

A normalização é um processo institucional, pelo qual a fixação e a utilização de um termo ou de um conceito servirão para veicular e atender aos propósitos de comunicação de uma dada instituição, ou ainda entre instituições.

A terminologia elaborada para a indústria e para o comércio, por exemplo, e tendo por metodologia a identificação e descrição das relações entre termos e conceitos implicará em informações transparentes acerca de seus produtos e serviços proporcionando uma padronização e desfazendo qualquer tipo de ambiguidade.

Assim, nessas instituições, a tomada de decisão em relação a implantação de uma terminologia é de ordem econômica. Cabe ao terminólogo convencer os setores responsáveis pelo capital da empresa que a terminologia apresentada poderá trazer retorno financeiro à instituição e a colocará num patamar de competição. (cf. Warburt, 2007:1)

Desse modo, a normalização visa atender aos propósitos econômicos das instituições que tencionam atender as exigências do mercado e estarem preparadas para competir com outras instituições.

Sem dúvida, a padronização da informação permitirá a uma dada organização uma posição relevante no mercado. Através de uma padronização interna e externa da linguagem, a empresa encontra-se uniforme e mais forte, partindo do pressuposto que todos os setores podem se articular uns com os outros, utilizando uma mesma terminologia.

Assim, a padronização da linguagem é o meio pelo qual uma dada organização almeja uma cooperação, ou ainda, assumir parcerias comerciais e até competir com outras organizações num patamar de igualdade.

Abrimos um espaço para mencionar que, mesmo que o objetivo de uma instituição seja a padronização do vocabulário, esse órgão deve ter sempre em mente, que tanto o mercado, quanto os clientes, como os produtos, etc, são variáveis sujeitos à mudança.

Optar pela normalização significa estabelecer uma sistematização da terminologia, ou seja, o termo ou o conceito fixados irão veicular a informação, tendo em conta o alcance dos objetivos pretendidos pela instituição.

Nesse espaço, consideramos a sistematização como um processo destinado à adoção de um conceito ou de um termo numa dada área de especialidade, em função de um objetivo proposto.

Rondeau (1984) aponta a normalização como um processo importante para as línguas de especialidade. Conforme o autor, a normalização terminológica fornece as denominações unívocas, que são indispensáveis à representação dos conceitos.

Nesse sentido, a normalização tanto dos conceitos quanto a dos termos assegura que a união estável entre a unidade e seu conteúdo possa veicular uma mesma significação perante os especialistas e o público, em geral.

Franquesa (2000) refere que num processo de normalização deve-se ter em conta: o código linguístico no qual se encontram os neologismos, os aspectos sociolinguísticos que influenciam nas decisões terminológicas e por último a decisão

do grupo formado pelos especialistas responsáveis pela tomada de decisões. Nas palavras da autora: “Un procés de normalització terminològica ha de tenir present, en primer lloc, el codi lingüístic en què s'insereixen els neologismes, en segon lloc, els aspectes sociolingüístics que influeixen en les decisions terminològiques, és dir, les condicions socials de la llengua, i per últim, ha de ser fruit de la concertació entre els qui intervenen en tota decisió terminològica (agents de normalització i especialistes).” (Franquesa, 2000:112)

Porém, a normalização como um processo que limita tanto o conteúdo quanto a forma, provoca reações contrárias diante de sua instituição e da maneira como é realizada.

Drozdz (1981) refere que toda a codificação, normalização ou outras medidas que visam restringir a língua, mantém por um lado, a situação linguística atual, mas, por outro lado, está condenado a desaparecer como resultado inevitável das mudanças linguísticas.

Gaudin considera que o processo de normalização resulta de uma decisão autoritária: “(...) On sort alors des rapports de pouvoir, des procédures de arbitrage, pour passer à l'arbitraire de la décision autoritaire” (1993:173).

Diante da situação de imposição estabelecida pela normalização, Gaudin fundamentado em Lindfelt (1987), propõe uma revisão da metodologia desse processo considerando três pontos: a) a quem confiar a normalização, b) como deve proceder essa normalização e c) em que casos devem-se aplicar o processo de normalização.

Por sua vez, Sager fala em norma social como um tipo de norma que representa a visão do coletivo de uma comunidade. Nas palavras do autor: “The norm represents a synthesis of the collective view of the community, tacitly endorsed by its members, and determines, on a supraindividual level, not only the region occupied by any given concept but also the bounds of disciplinary subspaces and the configuration of concepts within discipline.” (Sager, 1990:17)

Mais tarde, Sager (2000) menciona que as línguas totalmente controladas pela norma geralmente são estáticas. O autor acrescenta que esses sistemas não têm a

flexibilidade necessária de se adaptar à evolução dos conceitos e à reflexão sobre o conhecimento.

A título de referência, a normalização não pode ser considerada como uma maneira de limitar a formação de terminologias de um dado domínio de especialidade.

Nessa linha de pensamento, Conceição defende que a imposição dos termos propostos pela normalização “nem sempre respeita a realidade comunicativa e as respectivas necessidades dos utilizadores” (1994:37).

A fixação do conceito a um determinado termo, de certo modo, impede o seu estudo sob o ponto de vista da evolução que é inerente às línguas de especialidade.

A instituição do processo de normalização pressupõe a existência de variação em língua de especialidade.

A adoção de um termo ao invés de uma outra forma e/ou a utilização de um conceito em relação a um outro elemento estão intimamente ligados a um conjunto de critérios minuciosamente levantados pelo terminólogo em colaboração com o especialista de um dado domínio.

A identificação das variações de termos e conceitos podem auxiliar o terminólogo a desenvolver tipologias das variantes. Falamos em tipologias, no plural, pelo fato de que dependendo do objetivo de estudo podemos encontrar várias tipologias referentes a uma dada área de especialidade. Esse fato pode também estar relacionado com as particularidades existentes em cada domínio de especialidade.

Distinto da prática de normalização, a harmonização ocupa também uma posição relevante nos trabalhos em terminologia, por ser considerado um processo que consiste num ato de correspondência entre termos e entre conceitos referentes a uma mesma língua, ou ainda a grupos de línguas, de maneira a gerir os usos perante a comunidade científica.

A harmonização apresenta-se como uma alternativa em relação à escolha de um termo e/ou de um conceito no que se refere à representação de uma realidade.

Para Rondeau (1984), a harmonização é uma prática que não recorre à autoridade. Segundo o autor, esse processo é descrito como o resultado de um acordo

entre os especialistas que tem por base um conjunto de denominações de uso em comum, cuja finalidade é facilitar a comunicação.

Gaudin (1993) reflete sobre o fato de que a terminologia tem em conta as necessidades sociais de harmonização dos vocabulários a fim de atender aos aspectos econômicos e comerciais. Nas palavras do autor: “La terminologie moderne, à laquelle seule nous nous intéresserons, s’est développée pour répondre à des besoins sociaux d’harmonisation des vocabulaires, et ce à des fins tout d’abord économiques, voire commerciales.” (Gaudin, 1993:23).

Por sua vez, Conceição (1994) sublinha que para harmonizar as utilizações dos termos, há que considerar “o grupo social, no âmbito do qual os termos existem e definir exactamente a sua relação com a situação de comunicação”.

Lerat reconhece a dificuldade de harmonização entre termos. A esse respeito, o autor refere-se que “Les concepts ne sont pas toujours aisément harmonisables. Quand c’est possible, la doctrine de l’ISO est que « toutes les versions d’une définition dans les différentes langues doivent comprendre les mêmes caractères ». Mais c’est parfois impossible.” (Lerat, 2009:4).

A ISO (1087-1, 2000) fala sobre a harmonização do conceito e do termo. O primeiro processo é considerado como uma atividade destinada a eliminação ou a redução de pequenas diferenças existente entre dois ou mais conceitos que, de certa forma, estão relacionados entre si. Por sua vez, a harmonização do termo tem em conta a designação do conceito em diferentes idiomas referentes ao termo em questão.

Atualmente, como se pode verificar nas Normas Internacionais da ISO (704:2009), o termo harmonização é utilizado como uma maneira de contornar a ocorrência da variação nas línguas de especialidade ou ainda como uma necessidade de reduzir as duplicações e o alto custo dos trabalhos realizados em terminologia: “The standardization of terminologies in various subject fields frequently implies harmonization of concepts and/or terms within a subject field, across subject fields and across languages. To reduce duplication and to reduce the high cost of

terminology work, efforts should be made to harmonize whenever minor differences exist.” (ISO 704:2009:35).

Nesse contexto, a ISO (704:2009) considera a harmonização como um processo que integra os processos de normalização.

Desse modo, podemos referir que todo trabalho realizado com efeitos de harmonização pode ser o primeiro passo para efetuar uma normalização.

Nesse contexto, de modo geral, é necessário entender esses dois processos como uma maneira que viabiliza a escolha e o uso de termos e conceitos, visando o alcance da sistematização das variações terminológicas na comunicação especializada.

3.5. Perspectiva linguística da terminologia: do conceitual ao linguístico

3.5.1. A abordagem linguística para a terminologia

A linguística é uma área que concede à terminologia uma dinâmica no sentido de que, ao analisar a relação conceito/termo em situação de discurso e de língua é possível identificar a mobilidade intrínseca na relação entre o conteúdo e a forma. A vertente linguística posiciona o estudo da terminologia no sentido de contemplar a variação dos termos devido ao seu uso em comunidades socioculturais distintas.

Wüster reconhece que o desenvolvimento teórico da terminologia deve ser atribuído aos trabalhos desenvolvidos por quatro linguistas, são eles, o alemão A. Schloman, quem primeiro considerou o caráter sistemático dos termos de especialidade; o suíço F. de Saussure, o primeiro a sublinhar a sistematicidade da língua; o russo E. Dresden, o responsável por destacar a importância da normalização e que colaborou na organização da ISA e finalmente o inglês J. E. Holmstrom, quem primeiro defendeu uma organização internacional que se ocuparia da ciência terminológica.

É através da interface com a linguística, embasadas pelas teorias de disciplinas como a semântica, a morfologia, a pragmática, as teorias da linguagem, dentre outras, que a Terminologia passou a ter uma nova abordagem diante do estudo do conceito e do termo.

Cabré (2004) destaca a contribuição das teorias linguísticas para o estudo da Terminologia. Conforme a autora, disciplinas como a semântica e a pragmática apresentam um papel relevante para o desenvolvimento desse trabalho. Cabré ainda acrescenta que a Linguística do texto e a Linguística de *corpus* proporcionam um marco gramatical que permite ultrapassar os limites oracionais da Linguística estrutural e dos modelos generativos padrões.

Nesse sentido, a Linguística que tem por objetivo de estudo a descrição da língua, conduz esse mesmo objetivo de estudo em relação ao termo como uma unidade sujeita à variação que ocorre em situação de discurso (cf. ponto 1.5.).

Os trabalhos de orientação linguística desenvolvidos em Terminologia, em especial, os estudos sobre a significação especializada dos termos, concedem à unidade terminológica o estatuto de unidade com valor semântico que passa a ser identificada, observada e analisada a partir do texto de especialidade (cf. ponto 1.5.).

No contexto dos estudos linguísticos desenvolvidos em Terminologia, a semântica é uma área que tem apresentado contribuições valiosas à disciplina terminológica.

Wüster aponta para o interesse da Terminologia pela semântica, em especial, no que se refere ao estabelecimento de relação entre os conceitos: “la terminologie, ayant pour objectif d'établir les liens existant entre les notions, suit avec un intérêt tout particulier les développements de la sémantique qui se font en linguistique.” (Wüster, 1981:100)

Partilhando desse pensamento, Drozd (1981) refere que as pesquisas realizadas em Terminologia revelam que os estudos sobre as línguas técnicas e científicas podem ser fundamentados na Linguística, mais precisamente na semântica: “Quelques linguistes et terminologues, dont nous sommes, sont portés à considérer et à traiter la science terminologique comme une branche autonome du savoir. Un grand nombre d'études et de thèses démontrent que les langues techniques et scientifiques peuvent être examinées à tous les niveaux linguistiques à valeurs sémantiques” (Drozd, 1981:121-122).

Nesta mesma linha de pensamento, Krieger (2004) refere-se ao desenvolvimento do aspecto linguístico da Terminologia, destacando a atenção dispensada ao estudo sobre o termo, tendo em conta seus reais contextos de ocorrência.

Desse modo, Krieger (2004) fundamenta esse estudo a partir dos traços de significação que podem diferenciar as unidades terminológicas em situações de contextos: “lembramos que a semântica estrutural, ou lexicológica, com seus fundamentos de traços mínimos de significação, elementos de diferenciação semântica no plano lexical, de longa data, oferece fundamentos para um estudo do léxico geral, podendo também a análise sêmica ou componencial revelar-se produtiva em aplicações ao léxico especializado.” (Krieger, 2004:331).

Assim, a abordagem semântica permeia os estudos em Terminologia no sentido de analisar e descrever o termo como uma unidade de significação especializada, da mesma forma, esta abordagem toca os estudos em ontologia quando se refere às relações estabelecidas entre o conceito e o termo ou relações entre conceitos ou ainda as relações entre termos (cf. ponto 4).

Por fim, podemos referir que os estudos semânticos em terminologia podem ser desenvolvidos numa perspectiva diacrônica, pelo fato do conteúdo de um dado termo, seja o conceito, seja a significação estarem a mercê da evolução que ocorre no interior da língua de especialidade.

Tendo em conta os estudos semânticos relacionados à terminologia, falaremos sobre a passagem do nível conceitual ao nível linguístico.

3.5.2. Do conceitual ao linguístico: a necessidade de estabelecimento de uma fronteira

Após a definição e delimitação do conceito (cf. ponto 3.1.), da significação e do sentido (cf. ponto 1.5.), voltamos a referir sobre esses elementos, como unidades que constituem um dos pontos de discussão crucial em Terminologia. Desse modo,

podemos falar sobre o nível de representação que cada um desses elementos ocupa nos estudos desenvolvidos em Terminologia.

Atualmente, nos trabalhos em Terminologia é constante a passagem do nível conceitual ao nível da significação, como também ao nível do sentido. Contudo, essa suprarreferida transição não apresenta evidências claras em relação à delimitação entre o conceito e a significação ou ainda entre o conceito e o sentido.

Há mais de 30 anos, Drozd (1981) já fazia referência que o uso do conceito de conceito em Linguística leva a discussões que se prolongam até à época contemporânea.

Wüster nota que a equivalência instituída entre os elementos supramencionados, reside no fato de que, a significação de um termo limita-se à significação de um objeto: “Ce qui facilite aux terminologues l'emploi du terme notion, c'est le fait que pour eux la signification d'un terme se limite à la signification de la chose, appelée aussi signification de la notion: les significations contiguës (ou variantes) sont donc généralement exclues.” (Wüster, 1981:64).

Diante desse contexto, Depecker (2000) recorda o fato de que, para a linguística, tanto o conceito quanto o significado têm sido tratados de maneira semelhante. Porém, o estabelecimento de semelhança entre esses níveis distintos de análise tem causado à terminologia uma dificuldade para ser resolvida.

Depecker (2000) nota que é a partir da teoria do signo linguístico desenvolvida por Saussure que tem provocado uma série de questões sobre a similaridade entre o conceito e a significação e o conceito e o sentido.

Desse modo, é preciso mencionar que Saussure refere-se ao signo linguístico como a união entre o «conceito» e a «imagem acústica». Porém, o autor propõe a substituição desses elementos por «significado» e «significante», respectivamente. Conforme Saussure: “le signe linguistique [...] unit un concept et une image acoustique [...]. Nous proposons de remplacer concept et image acoustique respectivement par signifié et signifiant.” (Saussure, 98-99).

Contudo, é de notar que a substituição sugerida por Saussure, que de certo modo, tornou ambos os termos sinônimos, ainda causa problemas em relação ao estudo desses elementos.

Gaudin (1993) refere-se que “En effet, depuis que Saussure, par souci de clarté, a substitué, en linguistique, le terme de signifié à celui de concept, un certain flou s'est instauré bien que les objets étudiés sous l'une ou l'autre appellation soient en fait souvent distincts, le signifié renvoyant au système de la langue alors que le concept a partie liée avec les connaissances.” (Gaudin, 1993:93).

Para muitos especialistas a fronteira entre esses níveis de análise é tênue e que, na maioria das vezes, é difícil de separá-la e descrevê-la. Essa dificuldade pode residir na variedade de pontos de vistas e de suas explicações singulares em relação a esses diferentes níveis de representação. A esse fato, salientamos que a dificuldade dessa delimitação resulta na escassez de trabalhos desse gênero.

Para se falar sobre essa passagem é necessário entender que o conceito, a significação e o sentido encontram-se em distintos níveis de representação e de análise. Como já referido, o conceito é uma unidade ampla constituída por elementos que se referem as características ou as propriedades. O conceito pode ser considerado como uma unidade do pensamento, do conhecimento ou da comunicação, mas não uma unidade textual (cf. ponto 2.1). A significação é uma propriedade dos signos e o sentido é um elemento linguístico constituído por semas, sememas, etc. (cf ponto 1.5.2.).

Quando nos referimos à passagem do nível conceitual para o nível linguístico, não podemos afirmar que o conceito corresponde à significação ou ao sentido. O conceito não se reduz a esses dois elementos. O que é possível ser dito é que um dos constituintes desse conceito, seja a característica, seja o atributo, seja a propriedade pode vir a assumir a função ou valor de uma significação, mais precisamente, assumir a função de um sentido tendo em conta a sua ocorrência num contexto linguístico.

Desse modo, podemos falar sobre o processo de verbalização de um dado conceito, como uma prática realizada tanto na elaboração de definições lexicográficas quanto na concepção de definições apresentadas em artigos científicos, relatórios,

teses, enfim, de textos científicos que são destinados à veiculação do sentido delimitado referente ao conceito.

Reconhecida a dificuldade que é a de estabelecer uma fronteira entre o nível conceitual e o nível linguístico, nota-se que essa complexidade não impede a representação de um conceito a nível linguístico.

Nesta ótica, Nersessian afirma que: “Clearly scientific conceptual structures can be represented linguistically. But this does not mean that we can learn about the nature of conceptual change in science simply - or even mainly - by investigating the nature of languages and language learning.” (Nersessian, 2003:194).

Por sua vez, Habert *et al.* sublinham que as estruturas conceituais situam-se num nível, onde é possível abranger as estruturas lexicais, como é o caso dos diferentes sentidos de uma unidade polissêmica, por exemplo. No dizer dos autores: “Les ressources conceptuelles ont l’avantage de s’affranchir du niveau de structuration proprement lexical que regroupe les différents sens d’un mot polysémique et qui représente les synonymes par des unités distinctes même si elles sont sémantiquement liées. Le monde de structuration conceptuel est plus proche du sens des mots que des mots eux-mêmes et donc mieux adapte à l’objectif de la désambiguïsation lexicale.” (Habert *et al.*, 1997:80).

Faber *et al.* (2009) ao invés de estabelecer uma distinção entre os níveis supracitados, reconhecem que a mudança tanto conceitual quanto linguística resulta numa abordagem que é centrada na ocorrência e ao mesmo tempo na atualização do termo em situação de discurso: “The linguistic and cognitive shift in Terminology has led to a more discourse-centred approach with a focus on how terms are actually used in texts” (Faber *et al.*, 2009:2).

Por fim, Packeiser (2009) aponta para o fato de que ao incorporar conceitos de outros campos do saber, não houve por parte da TGT um ajuste às reais necessidades da terminologia. Dentre essas insuficiências, essa abordagem não conseguiu explicar as alterações feitas, por exemplo, nos princípios da semântica. “The problem is that after having chosen relevant concepts and elements from others fields, the general theory has failed to properly adjust them to the needs of terminology. It has failed to explain

the changes made of principles e.g. taken from semantics. As an example, instead of merely claiming that the relationship of concept and term is different to the relationship of meaning and word, it should explain why it is different and present a proper definition of concept and term.” (Packer, 2009:15).

O pensamento do autor faz ressurgir a necessidade de se falar a respeito da reflexão sobre a terminologia. Essa necessidade é inerente a própria incapacidade de descrição de certas ocorrências na língua de especialidade, pelo fato, da inexistência de abordagens teóricas que possam fundamentar esses eventos.

Desse modo, podemos referir que constantemente, a terminologia é alvo de reflexões que geram divergências pelo fato da TGT ainda comportar-se como uma abordagem bem significativa, no que se refere, à elaboração, à instituição e a veiculação de terminologias.

Contudo, estamos dispostos a enveredar pelo rol dos especialistas em terminologia que apresentam uma contribuição para os estudos desenvolvidos nesse domínio do saber.

Nesse sentido, falaremos sobre a relevância e necessidade de se observar a terminologia tendo em conta a abordagem diacrônica, visto que, as relações conceito/conceito, conceito/termo, sentido/termo e sentido/sentido poderem situar-se em distintos momentos da língua e do discurso.

3.6. Terminologia Diacrônica

3.6.1. O fator tempo, os processos de evolução e mudança em terminologia diacrônica

O tempo é um aspecto crucial para o estudo dos processos de evolução e mudança que ocorrem na língua de especialidade. Contudo, a ocorrência desses processos não acontece ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

Özsoyoğlu demonstra a necessidade de ter em conta o aspecto tempo para delimitar a ocorrência de algum fato: “TIME is an important aspect of all real-world phenomena. Events occur at specific points in time; objects and the relationships

among objects exist over time.” (Özsoyoğlu, 1995:513).

O fator tempo é relevante para o desenvolvimento do trabalho terminológico, dentre as tarefas importantes, podemos referir: a descrição das significações que um termo pode absorver ao longo de sua existência; a identificação dos tipos de relações e sua classificação; a descrição dos elementos que constituem um conceito e que por sua vez, caracterizam a evolução dessa unidade, etc.

A observação dessas ocorrências ao longo do tempo é um trabalho que deve ser realizado a partir da delimitação de um dado período específico de tempo.

Apesar de essa tarefa ser relevante para a identificação e a atestação dos conceitos e das significações e ainda dos termos que surgiram num dado momento da língua, reconhecemos que a delimitação do período não é uma tarefa muito fácil considerando a dificuldade que é precisar o momento do surgimento de um novo conceito ou de uma nova significação ou ainda a reutilização desses elementos por um termo que já existe em distintos espaços do tempo.

A esse respeito, Combettes e Marchello-Nizia reconhecem a dificuldade que é delimitar um dado período em função do objetivo do estudo. Nas palavras dos autores: “la reconnaissance de “périodes” pose forcément problème dans la mesure où il s’agit de déterminer des ruptures dans ce qui apparaît comme un continuum.” (Combettes e Marchello-Nizia, 2008:355).

Tartier (2004) refere-se à atestação das ocorrências, tendo em conta um dado período do tempo. Diz-nos a autora que, os dados são constituídos por um conjunto de formas terminológicas datadas parcialmente em períodos munidos de ordem cronológica. Tartier ainda acrescenta que um período é um conjunto de formas cujas datas de atestação pertencem a um intervalo do tipo “data-período-duração”: “Les données sont constituées d’un ensemble de formes terminologiques datées partitionné en périodes munies d’un ordre chronologique. Une période est un ensemble de formes dont les dates d’attestations appartiennent à un intervalle (date, début, durée) nommé en-tête temporel.” (Tartier, 2004, p.56).

Mesmo sabendo da dificuldade que é estipular um certo período do tempo em função da observação de uma dada realidade, é certo afirmar que, nesse espaço ou

intervalo do tempo, os processos de evolução e de mudança são realidades que convergem para uma interação e integração a fim de fundamentar uma melhor explicação e entendimento, por exemplo, da relação conceito/termo sob o nível diacrônico.

No âmbito desse estudo, cabe referir que os distintos processos apresentam particularidades que de certa maneira, acabam por ser complementares.

Marchello-Nizia refere-se à mudança como um fenômeno linguístico que subsidia a ocorrência de uma dada evolução: “Nous faisons une distinction entre le “changement”, qui est le phénomène linguistique de surface que tout un chacun peut observer, et l’“évolution”, qui est le phénomène non visible qui sous-tend le changement, et que le rôle du linguistique est de mettre au jour.” (Marchello-Nizia, 1999:31).

Por seu turno, Tartier (2004) nota que para se identificar o processo de mudança faz-se necessário observar a natureza dos objetos, por sua vez, o processo de evolução tem em conta a ocorrência dessas mudanças ao longo do tempo: “Changement et évolution ne sont pas synonymes. Certains changements sont éphémères. Il n’y a évolution que lorsque le changement est confirmé. Mesurer l’évolution ne consiste donc pas uniquement à repérer des occurrences de changements. En simplifiant un peu, on pourrait avancer que pour repérer un changement il faut observer la nature des choses alors que pour repérer une évolution il faut caractériser les changements au cours du temps.” (Tartier, 2004:56)

Assim, segundo estas citações, a mudança é um processo de base para a ocorrência da evolução.

Reconhecer a existência da evolução é ter em conta que a mudança ocorrida no conceito, através da absorção de novas características e/ou propriedades, possibilita a denominação de uma dada realidade num dado espaço do tempo.

Sager (2000) destaca as características evolutivas e dinâmicas da terminologia. Segundo o autor, tais características refletem uma relevância pelo fato de que: “d’abord parce que les connaissances humaines, que la terminologie reflète, sont en évolution perpétuelle, et ensuite parce que les éléments lexicaux disponibles existent

en nombre limité, ce qui oblige à les réutiliser en les combinant de toutes sortes de façons.” (Sager, 2000:49-50).

A evolução da língua pode ser examinada a curto, a médio ou a longo prazo. A esse respeito, Guillaume (2010) diz-nos que a compreensão do fenômeno da evolução de uma língua a longo prazo permite melhor considerar as suas transformações que aparecem num curto espaço de tempo.

O autor ainda refere-se que a língua é um sistema em contante mudança. Guillaume (2010) refere-se que a assimilação do processo evolutivo desse sistema pode assegurar uma característica de modernidade que seja fiel ao seu funcionamento sintático, morfológico e semântico.

Por sua vez, Combettes e Marchello-Nizia (2008) referem que a mudança linguística é geralmente considerada um movimento contínuo, embora algumas vezes possa parecer mais ou menos estável do que outros.

Esses mesmos autores notam que as várias partes e subpartes do sistema linguístico não mudam todos da mesma maneira e na mesma velocidade.

Assim, conforme Combettes e Marchello-Nizia (2008), é necessário reconhecer que internamente no conjunto de mudanças de uma língua, há alterações que, embora singulares e distintas, uma das outras, têm em comum o fato de contribuírem para um mesmo movimento orientado para a reorganização do sistema.

Considerando o quadro de estudo sobre a evolução e a mudança que refletem o comportamento da relação conceito/termo, podemos falar sobre a sincronia e a diacronia como fenômenos complementares que viabilizam os estudos diacrônicos em Terminologia.

3.6.2. A sincronia e a diacronia: fenômenos complementares em terminologia

A língua é um sistema flexível e aberto, onde a dinamicidade é uma característica atribuída a coexistência do novo e do antigo. Nesse sentido, lembramos

Guilbert (1975) quando o autor refere que a língua é um local onde se encontram duas necessidades contraditórias: a mudança e a estabilização.

Essas duas realidades opostas complementam-se e participam da vivacidade de qualquer sistema linguístico. A língua não pode ser compreendida como um sistema que ocorre apenas no momento atual, é necessário ter em conta os aspectos diacrônicos para ter uma melhor compreensão de seu comportamento na atualidade.

A diacronia e a sincronia são fenômenos que se complementam e apresentam uma constante interação na dinâmica de sua relação. Desse modo, Dubois (1973) refere-se que não há, em algum ponto um, mas vários sistemas concorrentes e que projetam assim a diacronia num estado sincrônico. Nas palavras dos autores: “Il n’y a donc pas à un moment donné un seul mais plusieurs systèmes qui entrent en concurrence et qui projettent ainsi la diachronie dans un état synchronique.” (Dubois *et al.*, 1973:147)

Anterior aos estudos de Dubois *et al.*, Ullmann (1957), diz-nos que em muitos casos, essas duas abordagens são interdependentes e não podem ser compreendidas uma sem a outra. Conforme o autor: “It is easy in theory to separate the synchronistic from the diachronistic, the synchronous systems of meaning from semantic change, even if old and new survive side by side in the form of polysemy. In many cases, however, the two aspects are interdependent and cannot be understood without one another.” (Ullmann, 1957:37)

Desse modo, Ullmann (1957) nota que a mudança semântica como qualquer outro tipo de mudança linguística, é por excelência um conceito que não pode ser explicado a nível da abordagem sincrônica.

Segundo Rey (1973), Saussure é quem melhor estabelece uma distinção entre a dicotomia sincronia/diacronia. Diz-nos Rey que a reflexão sobre a língua, anterior a Saussure, não apresenta uma distinção clara entre a supracitada dualidade: “La réflexion sur le langage, antérieurement à Saussure, ne distingue pas nettement le système abstrait de ses réalisations, ni son appréhension fictivement immédiate et instantanée (synchronie) des approches qui sont censées «traverser le temps» (diachronie).” (Rey, 1973:54)

Por sua vez, Prévost (2008) tem em conta que o estudo diacrônico não deve ser considerado um estudo de sucessividade sincrônica. Para o autor, é necessário explicar como se passa de um estado sincrônico para outro. Prévost considera que através da perspectiva sincrônica não é possível identificar nem a mudança e nem a evolução.

A sincronia e a diacronia representam a interseção do estado passado e atual de um objeto, conexão essa que pode fundamentar o estudo da reutilização de um termo que apresenta conteúdos diferentes em espaços distintos do tempo.

Tais fenômenos acompanham a transformação acelerada que ocorre na sociedade científica.

Assim, o estudo não só a nível sincrônico, mas a nível diacrônico merece ter um espaço no quadro das teorias terminológicas. Atualmente, a teoria terminológica, de maneira tímida, passa por uma mudança, no que diz respeito, à necessidade de abordar os aspectos diacrônicos subjacentes ao discurso especializado. Esse tipo de abordagem adquire força a partir dos estudos sobre a variação – semântica, conceitual, formal, etc.

3.6.3. Da necessidade de uma abordagem diacrônica em terminologia

O conceito de diacronia é muito amplo e até mesmo complexo; para muitos autores, esse fenômeno pode estar relacionado com o estudo das línguas antigas e arcaicas, como por exemplo, o latim, ou o português antigo, ou ainda com o estudo das formas arcaicas subjacentes ao sistema linguístico dessas ou de outras línguas. Para outros autores, a diacronia está relacionada ao estudo da evolução e da mudança que ocorre no sistema de uma dada língua contemporânea, como também, o estudo das unidades linguísticas que integram essa mesma língua.

Gaudin sublinha que o conceito de diacronia pode abranger a história das ciências, a tecnologia, o conjunto do discurso social e, mais especificamente a história das ideias. Nas palavras do autor: “leur étude diachronique concerne l'histoire des sciences, des techniques, celle des discours socialement réglés et, plus spécifiquement encore, l'histoire des idées.” (Gaudin, 2003:11).

Assim, no que se refere ao estudo da diacronia em terminologia, podemos referir que sob a ótica da linguística, as áreas como a morfologia, a sintaxe e a semântica, ou ainda, a interseção desses domínios contribuem para a descrição da língua.

Desse modo, em função de nosso trabalho ser fundamentado na polissemia nominal diacrônica, nada mais coerente do que falar sobre a terminologia diacrônica baseada na evolução do conceito em língua de especialidade.

Assim, a fundamentação para este estudo diacrônico em Terminologia é baseado numa teoria da polissemia nominal diacrônica (cf. ponto 1); numa teoria do conceito que viabilize a sua compreensão como um elemento dinâmico, evolutivo e variacionista (cf. ponto 3) e nas relações entre os conceitos e/ou entre as significações fundamentadas em distintos períodos do tempo (cf. ponto 3.2.).

A realização deste estudo estende-se ao conceito de *corpora diacrônicos* (cf. ponto 2) e ao conceito de ontologia, ferramenta informática que deve ter em conta características evolutivas a fim de identificar as relações polissêmicas diacrônicas, nos domínios de especialidade (cf. ponto 4).

Os estudos diacrônicos ganharam um certo impulso a partir do colóquio “Terminologie Diachronique” (1988), organizado por Schaetzen, onde nomes como o de Boulanger, Czap, dentre outros, reconheceram o papel relevante dos estudos diacrônicos para a Terminologia.

Após a realização desse congresso, notamos que houve um silêncio por parte dos autores no desenvolvimento de abordagens teóricas referentes a essa temática. Nesse sentido, mencionamos que o desinteresse pelos estudos diacrônicos ocorre em função da perspectiva sincrônica ser a abordagem que domina os estudos em Terminologia. Assim, o estudo do vocabulário especializado serve o propósito de denominação de conceitos situados numa época atual.

A esse respeito, podemos referir que apenas os estudos de carácter neológico abordam a temática da diacronia em relação à criação de novos conceitos e/ou novas significações referentes a um termo já existente.

Apesar dessa marginalidade, a abordagem diacrônica, atualmente, vem ocupando uma parcela representativa dos estudos em Terminologia, ainda que de maneira um pouco tímida. Passado cerca de pouco mais de uma década, esses estudos concretizaram-se em várias publicações: Møller (1998), Dury (1997, 1999, 2007, 2009), Tartier (2003, 2004, 2006, 2007), Picton (2009), Dury e Picton (2009), Nazar (2011), Silva Filho (2011).

Através dos estudos desses autores, podemos referir que não é suficiente só associar os estudos da Terminologia à diacronia. Assim, a abordagem diacrônica deve assumir contornos teóricos que possam subsidiar o tratamento metodológico no que se refere ao conceito, ao termo e/ou às significações especializadas.

Acrescentamos ainda que esse estudo deve ser fundamentado no desenvolvimento de teorias e metodologias em Linguística de corpus e de metodologias para o tratamento informático das relações termo/sentido.

A abordagem diacrônica mostra a sua relevância a partir do momento que se fala sobre evolução, pois partimos do pressuposto que algo só evolui em função de seu estado anterior e/ou atual. Essa perspectiva pode contribuir para a sistematização nos domínios especializados, considerando que cada mudança que ocorre a nível do léxico especializado e a nível do conceito é provocada por uma mudança, no sistema conceitual; por assim dizer, essa mudança afeta as relações entre conceitos, acarretando numa alteração de definições dos termos.

A Terminologia diacrônica é uma abordagem que tem em conta a relação entre as distintas áreas de especialidade que convergem para uma reflexão da história da criação tanto conceitual quanto lexical nesses domínios e ainda do meio sociocultural inerente a esses mesmos domínios científicos (cf. ponto 3.3.).

Parafraseando Kacprzak, as análises diacrônicas em terminologia constituem uma importante fonte de conhecimento sobre a maneira de como projetar o mundo pelas gerações anteriores e, portanto, sobre a «cultura partilhada» das épocas passadas. (cf. Kacprzak, 2011:364)

Essa abordagem não se limita à enumeração de conceitos e/ou de significações ou ainda de termos que integraram o vocabulário especializado de um domínio do

saber, e muito menos em realizar uma comparação entre estruturas conceituais ou uma descrição sincrônica em distintos espaços do tempo.

A dimensão diacrônica auxilia o estudo variacionista, tendo em conta que a variação pressupõe a utilização de um conceito ou de um termo que foram criados para refletir algo recentemente descoberto. Assim, podemos referir a neologia semântica como um fenômeno que estabelece uma estreita relação com a diacronia.

Após a identificação de um novo conceito, o especialista pode rever o seu “ponto de vista” em relação à observação e análise de um objeto referente a uma dada realidade. Essa diferente maneira de perceber esse mesmo objeto o orienta a adotar uma outra postura que satisfaça e atenda aos propósitos de sua nova releitura de mundo. Observar um mesmo objeto é um ato singular, considerando que, essa observação é fundamentada em pressupostos adequados ao que se analisa e descreve.

O estudo diacrônico além de fornecer informações relevantes em relação aos conceitos e/ou às significações de um termo ao longo do tempo, permite situar a proveniência desses elementos, ou seja, é possível identificar esses estados sucessivos de evolução do conceito e da significação, quando se observa o comportamento do próprio termo no domínio de especialidade, onde ele ocorre.

É sabido que um indivíduo pode se deparar simultaneamente com vários conceitos, ou seja, várias propriedades, características e atributos que constituem um mesmo conceito e que são referentes a um mesmo termo. Cada um desses elementos do conceito pode resultar também da necessidade que é expressa na própria realidade que se encontra essa unidade e do objetivo proposto para a sua utilização.

Essa mesma ocorrência pode suceder ao longo do tempo, pelo qual, um mesmo termo pode absorver outros conceitos que possam unir-se aos que já existem. Assim, para se apreender esse percurso que o conceito realiza na trajetória do tempo, lembramos Hjørland que afirma que: “To learn about an object is not in principle to make an arbitrary connection between properties and concepts, but to understand the mutual historical developments of the objects and human practices. Concepts thus have “historical depth”.” (Hjørland, 1998:23).

Dury e Picton afirmam que o trabalho sob a perspectiva diacrônica em Terminologia é uma tarefa imprescindível, partindo do pressuposto que essa tarefa pode ser uma fonte de resolução e de auxílio para muitas questões. Para as autoras a evolução do conhecimento é um fenômeno que, na maioria das vezes, é desconhecido pelos especialistas que integram um mesmo domínio de especialidade, pelo fato de, esses indivíduos nem sempre estarem cientes de sua ocorrência (cf. Dury e Picton, 2009:35).

A evolução do conhecimento é um ato que pode referir-se à tomada de decisão de um só especialista ou de um grupo de especialistas em função da observação de uma dada realidade que é fundamentada numa certa perspectiva.

A esse respeito, Packeiser refere-se que a abordagem diacrônica pode abranger uma sequência de objetos não apreendidos por uma mesma consciência coletiva que integra uma comunidade científica. Conforme o autor, essa sucessão de objetos pode substituir uns aos outros, sem a necessidade de se constituir um sistema: “The diachronic approach on the other hand will be concerned with sequences of items not perceived by the same collective consciousness, which replace one another without themselves constituting a system.” (Packeiser; 2009:28).

Assim, reconhecer a necessidade da abordagem diacrônica para beneficiar o estudo da relação conceito/termo é uma maneira de admitir a ocorrência dos aspectos de evolução e de atualização inerentes ao termo e ao discurso de especialidade.

Desse modo, a Terminologia diacrônica permite a sistematização da evolução da relação supracitada, tendo em conta que no eixo temporal o sistema conceitual de uma dada área de especialidade absorve novos conceitos.

Assim, através da perspectiva diacrônica é possível chegar a um maior e melhor entendimento da relação conceito/termo, considerando que o seu comportamento na atualidade pode resultar de distintos fatores que vão surgindo e modificando-se ao longo do discurso.

Considerando a evolução do conceito e das relações entre conceitos, passaremos a falar sobre a ontologia como uma ferramenta automática que deve ser

concebida para reconhecer os fenômenos polissêmicos que permeiam a língua de especialidade.

4. ONTOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

4.1. Reflexões sobre a ontologia

4.1.1. Ontologia: perspectiva terminológica em questão

O termo ontologia, inicialmente utilizado pela Filosofia, diz respeito ao estudo do ser. Nesta ótica, Aristóteles, filósofo grego, apresenta dez categorias denominadas de gêneros que classificam e diferenciam os seres uns dos outros; são elas: substância; quantidade; qualidade; relação; tempo; ação; paixão; lugar; posição; estado.

Nesta classificação, sublinhamos a importância das categorias substância e relação, muito importantes, hoje, nos trabalhos em ontologia: substância refere-se a todo o ser que integra a realidade; e relação estabelece o tipo de relação entre os seres, tendo em conta essa mesma realidade.

É a partir destas categorias que se concebe uma ontologia; é através das relações entre as substâncias, mais precisamente, entre os seres que constituem uma dada realidade, que se organiza, sistematiza e compreende essa realidade.

As restantes categorias podem caracterizar os seres e as relações entre os seus componentes ou ainda estabelecer relações entre seres, num dado espaço do tempo.

Aristóteles ao mesmo tempo que atribui as características gerais dos seres, considerando as dez categorias com o objetivo de produzir conhecimento e formação de juízo, tem em conta que essas mesmas categorias participam na formação do ser.

A ontologia pode ser vista como uma maneira de organização da natureza de uma dada realidade, independentemente da forma de nosso conhecimento sobre essa mesma realidade. O conceito de ontologia tem em conta o ser enquanto ser que estabelece relação com outros seres.

Nesse sentido, a Filosofia é a ciência, que estuda a interação entre o mundo, a realidade e o ser, fundamentando-se em pressupostos críticos, analíticos e racionais que buscam a compreensão, a reflexão e o questionamento de valores partilhados por um senso comum.

O conceito de ontologia apresenta um redimensionamento e uma redefinição quando passa a incorporar outras disciplinas. Desse modo, ao integrar os estudos desenvolvidos em Terminologia, a ontologia é concebida com a finalidade de identificar, capturar, organizar, sistematizar, estruturar e formalizar o conhecimento especializado a partir das relações entre o conceito e o termo.

Aussenac-Gilles destaca a importância de redefinir o conceito de ontologia, uma vez que atualmente são vários os estudos que se utilizam essa componente em função de suas perspectivas singulares. Nas palavras da autora: “Il nous semble important de bien définir la notion d’ontologie, car elle est utilisée aujourd’hui dans une multitude de contextes, souvent en lieu et place du nom d’autres ressources terminologiques.” (Aussenac-Gilles, 2004:35).

Anteriormente, Aussenac-Gilles e Condamines (2001) mencionam que, além de comportar-se como uma especificação do conhecimento relativo a um dado domínio de especialidade, a ontologia pode ser considerada tanto um vocabulário que designa os conceitos e suas relações, quanto uma descrição conceitual formal desses elementos e de suas relações.

Tanto a ontologia quanto a Terminologia apresenta um senso comum uma vez que ambas as áreas têm em conta o estudo das relações entre o conceito e o termo e entre conceitos com o objetivo de estruturá-los e sistematizá-los.

Depecker e Roche (2007) sublinham a semelhança entre a ontologia e a terminologia, considerando três características: a descrição dos conceitos referentes a um domínio de especialidade; a conceitualização desses elementos e a representação linguística desses mesmos conceitos: “Les ontologies sont donc au moins comme la terminologie dans un triple rapport: rapport aux objets décrits; rapport à la conceptualisation qui en est faite, donc aux systèmes de concepts en cause; rapport à la représentation linguistique ou sémiotique qui en est donnée.” (Depecker e Roche, 2007:111).

A Terminologia pode ser considerada como uma disciplina que estabelece relações entre os conceitos; todos os conceitos de um dado domínio de especialidade

estabelecem relações entre si, porém, tais relações são estabelecidas sob níveis distintos.

A contribuição dos estudos sobre a ontologia redimensionou a reflexão teórica da Terminologia em função da relação entre o conceito e o termo. Estas novas abordagens tiveram também um grande impacto nas pesquisas em extração da informação especializada.

Atualmente, de um modo geral, a ontologia é considerada como uma ferramenta automática que resulta da partilha do conhecimento entre os membros de uma comunidade científica.

Essa vertente automática ganhou impulso a partir dos anos 90, quando o conceito de ontologia começou a ser utilizado na Inteligência Artificial, em projetos destinados à organização de grandes bases de conhecimento. A partir desse momento, a ontologia passa a ser definida como “um modelo comum ou estrutura conceitual sistematizada e de consenso que permite não só armazenar, mas também buscar e recuperar a informação sobre um determinado domínio do conhecimento.” (Di Felippo *et al.*, 2006:23).

Assim, a ontologia, como uma componente informática que tem por objetivo a sistematização de um domínio de especialidade, ainda apresenta como princípio, assim como em terminologia, a univocidade entre o conceito e o termo.

Para Rastier a ontologia é uma ferramenta que deve reduzir a variação no discurso especializado ; a ontologia é uma ferramenta que necessariamente tem por finalidade estabelecer a relação entre o conceito e o termo, reduzindo ao máximo a ocorrência de polissemia e de sinonímia: “Comme les terminologies dont elles dérivent, les ontologies doivent réduire deux facteurs complémentaires « d'imperfection linguistique », la polysémie et la synonymie: elles troublent toutes deux le rapport idéalement transparent qui, selon la conception instrumentale du langage, devrait exister entre le langage et la pensée. En outre, elles témoignent d'une multiplicité, alors que les ontologies sont des systèmes basés sur l'unicité: non seulement l'Être est unique, mais tous les nœuds d'une ontologie sont évidemment au singulier, comme les concepts l'ont toujours été.” (Rastier, 2004 :25).

Segundo Aussenac-Gilles, os conceitos resultam de um processo de normalização: “Concepts in an ontology are the result of a normalization process where only some relevant properties of selected world objects or ideas are represented.”(Aussenac-Gilles, 2005:2).

A ontologia é uma maneira de conceitualizar o domínio de especialidade através da visão do especialista desse mesmo domínio (cf. ponto 4.2). Assim, recorrer a um só especialista para a realização dessa tarefa poderia ser a maneira mais fácil para alcançar o objetivo de biunivocidade.

As ontologias podem ser consideradas como instrumentos de padronização que visam, a estruturação e a organização do conhecimento e a recuperação da informação, numa certa área de especialidade.

A concepção de ontologias, em diversos domínios de especialidade, ocorre de maneira acelerada em função de objetivos específicos dos especialistas que integram esses domínios; assim, diversas são as abordagens, as metodologias, as técnicas utilizadas para a execução dessa tarefa.

A construção de uma ontologia tem em conta a unificação de uma perspectiva dentro de uma dada comunidade de especialistas, veiculando os conhecimentos desse grupo de indivíduos. Contudo, é sabido que um dado conceito pode ser um elemento propício a significações distintas, mesmo no seio dessa mesma comunidade. Assim, esses mesmos especialistas podem apresentar diferentes “pontos de vistas” diante da relação conceito/termo. Desse modo, o especialista pode mudar a sua maneira de ver a relação entre esses elementos.

Diante desse quadro de concepção e de tratamento da ontologia, pensamos que os conceitos como “partilha” e “consenso” devem ser revisitados.

O termo “partilha” refere-se ao comum acordo que resulta de um “consenso”, mais precisamente, entre o conceito e o termo, num dado contexto profissional, cultural e situacional; este fato permite-nos por em causa o princípio de que uma ontologia pode ser um processo de representação de uma dada realidade na sua plenitude.

A característica consensual da concepção de uma ontologia pode ser uma questão dependente dos especialistas que integram uma dada comunidade científica.

Assim, para melhor fundamentar o que foi dito anteriormente, podemos fazer referência aos tipos de ontologias, nos quais, as suas concepções são realizadas de acordo com objetivos específicos. É a partir dessa observação que passaremos a abordar a ontologia como uma ferramenta caracterizada pela evolução e, conseqüentemente, pela mudança que ocorre na sua estrutura, tanto conceitual quanto informática.

4.1.2. Ontologia: um conceito em constante evolução

A mudança e a evolução são características que permeiam a natureza da ontologia e que podem ser identificadas a partir do momento que esse conceito passa a integrar distintos domínios do conhecimento.

Desse modo, a teoria sobre a ontologia ganha uma dimensão interdisciplinar que de certo modo, permite identificar a evolução da relação conceito/termo. Essa mudança ocorre tanto na estrutura conceitual quanto social dos domínios de especialidade e também na estrutura da própria ontologia.

Prévot *et al.* observam que as ontologias são ferramentas que tem por objetivo a representação de um dado domínio de especialidade considerando “pontos de vistas” distintos. Nas palavras dos autores: “Modern ontology designers are not looking for a perfect ontology but consider many potential ontologies concerning different domains and capturing different views of the same reality.” (Prévot *et al.*, 2010:17).

A perspectiva de Prévot *et al.* (2010) demonstra o interesse por parte dos especialistas que trabalham de forma direta ou indireta com a representação do conhecimento através das ontologias. Essa preocupação é inerente à necessidade de melhor descrever as áreas de especialidade, contemplando as distintas perspectivas que originam as diferentes maneira de descrever a realidade científica.

Nos últimos anos, a ontologia beneficiou-se muito das novas linguagens informáticas. Desse modo, podemos afirmar que atualmente, na literatura sobre a ontologia, encontramos várias definições que explicitam um “ponto de vista”, seja em relação ao uso, às características, aos tipos de ontologias, às relações estabelecidas entre os elementos que constituem essa ferramenta, etc.. Sublinhamos que, cada um desses “pontos de vista” são complementares e ainda contribuem para a evolução do conceito de ontologia.

A informática tem em conta a especificação formal para caracterizar um modelo de representação das relações entre os conceitos e/ou entre as propriedades e os atributos desses mesmos elementos.

A esse respeito, Gruber (1993) observa que a ontologia resulta de uma componente informática através da qual a especificação explícita pode ser considerada como uma maneira de concretizar a leitura do mundo realizada pelo especialista: “An ontology is an explicit specification of a conceptualization”. (Gruber, 1993:908).

Ao integrar a Inteligência Artificial, essa ferramenta passa a ser designada por ontologia formal (cf. Guarino,1995) que tem por objetivo a formalização das relações entre os conceitos para serem reconhecidas pela máquina. Desse modo, podemos fazer referência à definição apresentada por Cocchiarella (1991), referida por Guarino (1995), definição que tem em conta a representação dos elementos de uma dada realidade através da formalização e de regras axiomáticas. Diz-nos o autor que a ontologia comporta-se como: “the systematic, formal, axiomatic development of the logic of all forms and modes of being. [Cocchiarella 1991].” (apud. Guarino, 1995:5).

Cocchiarella (1991) leva-nos a refletir sobre o conceito de formalização, sublinhando a abrangência do desenvolvimento formal da lógica para representar um dado conceito. Questinamo-nos, por isso, se a formalização pode abranger a relação de um conceito com um termo.

A ontologia descreve as relações de hierarquias estabelecidas entre os conceitos; através de axiomas é possível expressar relações entre conceitos e ainda restringir as interpretações dessas unidades. Nas palavras de Guarino: “an ontology describes a hierarchy of concepts related by subsumption relationships; in more

sophisticated cases, suitable axioms are added in order to express other relationships between concepts and to constrain their intended interpretation.” (Guarino, 1998:4).

Bachimont (2000) salienta que a concepção de uma ontologia, como uma forma de representação do conhecimento de uma área de especialidade, é realizada tendo em conta um “ponto de vista”. Assim, para o autor, a ontologia objetiva a resolução de um problema, o estabelecimento de relações e a formalização dessas conexões a partir de uma linguagem informática que contemple as associações semânticas entre os conceitos. Conforme Bachimont: “Définir une ontologie pour la représentation des connaissances, c’est définir, pour un domaine et un problème donnés, la signature fonctionnelle et relationnelle d’un langage formel de représentation et la sémantique associée.” (Bachimont, 2000:3).

Mais tarde, Bachimont delimita o uso da ontologia na Engenharia do conhecimento. Para o autor, as ontologias são componentes computacionais introduzidas na Engenharia do conhecimento para modelizar os conceitos de um domínio e fornecer os elementos necessários a toda operacionalização lógica. A perspectiva do autor é explicitada através da seguinte citação : “Les ontologies sont des objets informatiques introduits en ingénierie des connaissances pour modéliser les concepts et notions d’un domaine et fournir les éléments nécessaires à toutes opérationnalisation logique et calculatoire.” (Bachimont, 2005:321).

Para Sowa, a ontologia é identificada a um catálogo de tipos de seres que integram um domínio de especialidade, sob a perspectiva de um indivíduo, que utiliza uma dada linguagem informática para representar esse domínio: “The product of such a study, called *an ontology*, is a catalog of the types of things that are assumed to exist in a domain of interest *D* from the perspective of a person who uses a language *L* for the purpose of talking about *D*.” (Sowa, 2001:2).

Mais tarde, Sowa refere-se à dinâmica que é inerente à ontologia, pelo fato de que as relações entre conceitos e unidades lexicais serem reutilizadas para expressar novas significações: “*dynamic theory of ontology*, which relates the variable meanings of a finite set of words to a potentially infinite set of concept and relation types, which are used and reused in a dynamically evolving lattice of theories.” (Sowa, 2006:4).

O pensamento de Sowa (2006) além de fundamentar a perspectiva de que a ontologia pode ser uma ferramenta concebida para representar a evolução de um dado domínio de especialidade, expressa a própria variação que toca as relações conceito/conceito e conceito/termo.

No âmbito desta síntese sobre ontologias que apresenta diversos conceitos amplos, elencamos ainda outras perspectivas que partilham um mesmo senso comum, no que diz respeito à modelização formal e computacional dos domínios de especialidade.

Hovy refere-se à ontologia como uma componente que estabelece relações semânticas hierárquicas. O autor acrescenta que a ontologia pode ser uma ferramenta concebida para modelizar um domínio em particular: “We view a set of semantic relations, organized into collections and perhaps related in a generalization hierarchy, as a special instance of an ontology. We view a Domain Model as an ontology that specializes on a particular domain of interest.” (Hovy, 2002:92).

Para Condamines (2006), a ontologia é uma representação formal do conhecimento sob a forma de nós conectados por arcos; para a autora, a ontologia é uma maneira de representação concebida e adaptada para a máquina.

Almeida caracteriza a ontologia como uma ferramenta que tem em conta uma série de formalismos que representam os conceitos, o estabelecimento de relações entre conceitos e a semântica de um determinado domínio de especialidade. Acrescenta ainda que, “A semântica, nesse contexto, é parte de um modelo formal em que declarações lógicas representam o conhecimento do domínio, a ser manipulado em um sistema computacional.” (Almeida, 2006:106).

Flouris define as ontologias como modelos formais elaborados a partir da percepção de um dado domínio de especialidade. Esse processo é realizado a partir da precisão da significação de um termo, do modo de estruturação dos dados, etc: “ontologies are formal models about how we perceive a domain of interest and provide a precise, logical account of the intended meaning of terms, data structures and other elements modeling the real world.” (Flouris, 2006:1).

Thellefsen sublinha a relação que a ontologia estabelece com a Linguística computacional, observando que essa ferramenta automática apresenta uma estrutura semântica bem definida que pode subsidiar e precisar a descrição dos conceitos, as suas propriedades e a relação entre os conceitos: “Ontologies are designed for the digital information environment. It is closely related to computational linguistics and the semantic web, and provides for a well-defined semantic structure and a precise description of concepts, concept properties and concept relations.” (Thellefsen, 2010:37).

O autor acrescenta que esse processo beneficia a delimitação da significação dos conceitos, que por sua vez, proporcionam relações mais precisas: “The advantage of domain specific ontologies is semantic interoperability. By specifying the meaning of concepts by stating generic and semantic relations, the meaning of concepts can be represented with greater precision.” (Thellefsen, 2010:37).

Diante desse contexto de partilha de “pontos de vista” em comum, chamamos a atenção para o fato de que, a partir do momento em que se delimita a concepção de uma ontologia para um determinado objetivo, é necessário ter em conta que essa ferramenta pode passar por uma evolução.

Dessa maneira, o ponto de vista expresso por Lorente (2005) reflete bem essa mudança; a autora destaca a contradição que caracteriza a ontologia, afirmando que, por um lado, fala-se na concepção de uma ontologia como uma ferramenta de representação estável e por outro, observa-se a dinamicidade que afeta os conceitos. A autora acrescenta que essa divergência é partilhada tanto pelos filósofos quanto pelos terminólogos: “The contradiction that exists between the elaboration of an ontology as a stable representation and the view that concepts and concept structurings are dynamics has been brought to the fore not only by philosophers but by linguists and terminologists too.” (Lorente, 2005:8).

Lorente observa que no tratamento automático de algumas áreas do conhecimento, como é o caso da medicina e da economia, é necessário levantar questões referentes às limitações que ocorrem a nível da representação da informação e da evolução dos conceitos: “Even in informatics medicine and some economics forums (Vromen, 2004:213) it has become apparent that there exists an open debate

between advocates of the use of ontologies for the representation of information, and their critics, who perceive limitations in ontologies for representing, for example, evolutionist economics concepts.” (Lorente, 2005:8).

Lorente refere que para lidar com a dinâmica do conceito de ontologia é necessário ter em conta, por exemplo, o tratamento da polissemia e de outras formas de variação. A autora atenta para o fato de que, esses fenômenos devem ser observados e analisados a partir de exemplos reais de suas ocorrências: “For the representation of dynamic concept ontologies, responses are still in the early stage of first attempts (hyperlinks, treatment of polysemy and ambiguity, diffuse objects, etc.) and we should still wait some time before analyzing specific suggestions with real examples.” (Lorente, 2005:8).

Para lidar com as mudanças que ocorrem nos domínios de especialidade, Lorente sublinha a necessidade de revisão dos conceitos existentes e de outros conceitos criados ao longo do tempo. A autora reconhece que essa tarefa é dificultada pelo alto custo associado à concepção das ontologias: “As for dealing with the changes brought about in the revision of concepts and the creation of new ones by the passage of time, applied linguistics only provides a continued defense of the need to update resources permanently. This solution however presents a difficulty which tends to be unsurmountable: that of associated costs.” (Lorente, 2005:8).

Por seu turno, Baneyx e Charlet (2006:5) ao referirem-se à evolução da ontologia, seja como uma forma de representação de conhecimento, seja como um software, notam que a sua forma não é rígida. Segundo os autores, é de extrema importância adotar critérios diferentes para subsidiar a análise e descrição dessa evolução.

No quadro da evolução das ontologias, é necessário ter em conta uma metodologia para organizar e sistematizar as informações, de modo a que o acesso a essas mesmas informações seja realizado de maneira rápida e objetiva.

4.2. Ontologias e Organização do conhecimento

4.2.1. Da necessidade de organização para a difusão do conhecimento

O conhecimento advém do contato e da experiência que o indivíduo estabelece com a realidade. Tanto a observação, quanto a percepção, como a compreensão são características inerentes ao processo de obtenção do conhecimento.

Esse processo cognitivo é analisado por Smith (2004) e Dahlberg (2006). Smith (2004) diz que o conhecimento existe na mente de cada indivíduo. Segundo o autor, essa atividade humana dá-se através da identificação de conceitos que esse mesmo indivíduo apresenta em relação aos objetos que integram a sua realidade: “Knowledge exists in the minds of human subjects. Hence we can have knowledge of things in reality only insofar as they are brought under the conditions which are the presuppositions of their being taken up into our minds. Hence we can have knowledge not of entities as they are in themselves but only of our own concepts.” (Smith, 2004:74).

Por seu turno, Dahlberg (2006) afirma que o conhecimento resulta da certeza que é expressa pelo indivíduo acerca de um fato; a autora destaca que o conhecimento é um ato individual e intransferível: “Knowledge is the subjectively and objectively fairly well-founded certainty of somebody about the existence of a fact or a matter. This knowledge is not transferable, it can only be elaborated by somebody’s own personal reflection.” (Dahlberg, 2006:12).

Os “pontos de vista” dos autores complementam-se no sentido de que o conhecimento resulta de uma prática individual que pode ser expressa tanto através de uma ocorrência ou fato e ainda do conceito de um dado objeto.

Assim, cada membro de uma dada comunidade apresenta conhecimentos variados em relação aos objetos e fatos e/ou ocorrências que fazem parte da sua realidade. Neste caso, os especialistas que integram essa mesma realidade,

imprescindivelmente devem chegar a um acordo em relação aos conceitos, onde interagem aspectos sociais, culturais e históricos.

Sendo o conhecimento um fenômeno pelo qual se apreende o conceito acerca de um objeto que existe, a identificação de suas características, de suas propriedades e de seus atributos, numa determinada realidade, vai permitir classificar esses elementos, considerando a semelhança entre eles.

Esse processo é abordado por Hjørland, para quem a representação do conceito é um processo subjetivo ou ainda individual, social e cultural pelo qual o indivíduo descreve a realidade baseada no seu conhecimento: “Although objects have objective properties, representation of those properties in languages and concepts is always more or less “subjective” or “based” by individuals, social groups, or different cultures. Different human interests stress different properties of objects.” (Hjørland, 2007:385).

Nessa mesma linha de pensamento, Lucio-Arias e Loet referem-se ao conhecimento como uma construção semântica e social. Os autores evidenciam que a variação das novas descobertas pode ser medida em relação às mudanças que ocorrem na representação semântica da construção social do conhecimento: “knowledge is a semantic (and social) construct, variation from new discoveries can also be measured in relation to changes in the semantic representation of the social construction of knowledge.” (Lucio-Arias e Loet, 2007:606).

Segundo Dahlberg, a concepção de um sistema de conceitos tem em conta os próprios elementos que constituem o conceito: “Regarding the construction of concept systems, the possibility of organizing knowledge contained in knowledge units, i.e. in concepts, into a systematic order, one would not need to look for outside help, as this is contained in the concepts themselves, i.e. by their concept elements, their characteristics.” (Dahlberg, 2006:13).

Assim, a conceitualização é uma operação cognitiva pela qual o indivíduo apreende o conhecimento referente à realidade que o rodeia. Através do processo de conceitualização, o indivíduo pode generalizar ou restringir o seu conhecimento acerca dessa realidade, considerando a sua vivência, experiência ou introspecção.

Embora comportando-se como uma ação individual, a conceitualização pode ser uma atividade pela qual os indivíduos encontram semelhanças na maneira de estabelecer as propriedades de um objeto que integra uma dada realidade. A esse respeito, Kleiber, já em 1999, referia que “Dans une vaste série de cas, nos conceptualisations ou notre modèle mental du monde est largement identique d’un individu à l’autre, ce qui forme une sorte de socle pour une intercompréhension réussie.” (Kleiber, 1999, 21-22).

O processo de conceitualização estrutura o conhecimento de um domínio de especialidade através das relações conceituais referentes a um determinado objeto. A esse respeito, Feliu diz-nos que, “El conjunt de les relacions que els conceptes d’un mateix àmbit especialitzat mantenen entre ells constitueix l’estructuració conceptual d’una matèria o camp de coneixement sobre un objecte. A través d’una selecció de conceptes i de relacions, organitzats en predicacions, verbalitzem el coneixement que tenim d’una matèria en concret.” (Feliu, 2004:25).

A organização do conhecimento através dos conceitos resulta de um objetivo a ser alcançado, isto é, o especialista tem em conta a organização do conhecimento através de um “ponto de vista”. Diferentes representações da realidade são elaboradas por distintos especialistas de um mesmo domínio, onde cada uma delas representa a percepção desses indivíduos.

Um sistema de organização do conhecimento é constituído por conceitos e relações semânticas que representam um domínio de especialidade.

A organização conceitual tem em conta a sistematização e estruturação de um domínio de especialidade, ou seja, essa tarefa pode auxiliar na representação dos conceitos e no estabelecimento de relações entre conceitos e termos, e ainda pode descrever os diferentes usos de uma mesma unidade em diferentes contextos.

Assim, através da sistematização dos conceitos é possível identificar, extrair, manipular, armazenar e recuperar informações em função do estudo que se deseja realizar num dado domínio.

Conforme Bräscher e Café (2008), a organização do conhecimento tem em conta “o processo de modelagem do conhecimento que visa a construção de

representações do conhecimento. Esse processo tem por base a análise do conceito e de suas características para o estabelecimento da posição que cada conceito ocupa num determinado domínio, bem como das suas relações com os demais conceitos que compõem esse sistema nocional.” (Brascher e Café, 2008:8).

A classificação e a ordenação do conhecimento num dado domínio, é uma atividade relativa, subjetiva e arbitrária, considerando que esse trabalho vai ao encontro das necessidades dos integrantes dessa mesma comunidade.

A organização do conhecimento de um domínio de especialidade através de *corpora* é uma metodologia que privilegia o estudo da variação dos termos, pois os *corpora* são na sua maioria constituídos por textos que embora focalizem um mesmo “ponto de vista” em relação à descrição e tratamento de um termo, podem apresentar variações de significações para essas unidades.

Segundo Cabré (1993:361) através do texto de especialidade é possível identificar a organização conceitual de um domínio de especialidade e detectar seus nós significativos mais importantes.

Mais tarde, Cabré e Estopà (2002:147) atentam para o fato de que um mesmo conceito pode apresentar distintas facetas num mesmo texto.

Por sua vez, Bachimont (2005) destaca que a conceitualização pode ser o resultado de três distintos níveis de trabalho: o linguístico, o semântico e o terminológico. Esse trabalho permite a extração dos conceitos do domínio em questão, a sua definição e a sua articulação, a partir dos textos de especialidade: “La conceptualisation correspond au travail linguistique, sémantique et terminologique permettant d’extraire les concepts du domaine, leur définition et leur articulation, à partir des textes et documents.” (Bachimont, 2005:320).

No âmbito da organização do conhecimento e da conceitualização da realidade científica, é sabido que os especialistas podem apresentar diferentes perspectivas em relação à representação do conhecimento do domínio de especialidade que integram.

Assim, tendo em conta as diversas maneiras de representar uma mesma realidade, por que não considerar a polissemia um fenômeno real de ocorrência na

representação do conhecimento? Afinal, a sua sistematização pode permitir uma maior eficácia para o tratamento do domínio especializado.

Nesse sentido, tanto a sistematização quanto a organização são processos que podem contemplar e favorecer a veiculação e disponibilização de maneira precisa e objetiva as informações que resultam de um processo polissêmico que, por sua vez, pode ocorrer num eixo diacrônico.

4.2.2. A sistematização do processo de evolução do conhecimento

O conhecimento não é uma faculdade humana estática e finita. Ao longo do tempo é possível identificar as mudanças e as atualizações que tocam os domínios de especialidade.

Esse processo cognitivo caracteriza-se por uma variedade infinita, onde não existem limites fixos, mas apenas transições imperceptíveis.

O conhecimento evolui, transforma-se e ao mesmo tempo é acumulado em estruturas, onde pode vir a ser consultado.

Desse modo, Sager (1990:13) afirma que as estruturas do conhecimento não são entidades absolutas, mas refletem o estado atual do conhecimento de um indivíduo ou de um grupo de especialistas.

Assim, os conceitos de um dado domínio de especialidade podem passar por mudanças que de certo modo influenciam a conceitualização de uma dada realidade por parte do especialista.

Sager diz que a estrutura conceitual de qualquer domínio de especialidade está sujeita a alterações em virtude da evolução ser inerente a essas mesmas áreas: "Because of the evolution of knowledge and the coexistence of various theoretical scientific positions, the conceptual structure of any area of knowledge is not necessarily uniquely determined at any one time, so that two or more distinct systems of terms, or even of pseudo-standards, may reflect different organizational patterns within the same region." (Sager, 2000:103).

Para Hjørland, o conhecimento é uma atividade cognitiva veiculada por um indivíduo em particular, podendo ocorrer de forma consciente ou inconsciente, através da própria disseminação do conhecimento, da produção de documentos, de base de dados, etc.; esse processo pode desenvolver-se no eixo temporal e ainda resultar de processos interdisciplinares: “The production of knowledge, the design of documents, the sublanguages, the databases, the use, the collecting and disseminating of knowledge are always done by specific persons, possessing certain views or theories of knowledge. Such fundamental views of knowledge can be more or less conscious or unconscious. Most often they are unconscious. They develop historically and most often interdisciplinary.” (Hjørland, 1998:22).

Por sua vez, Nyckees (2006) refere que a realidade do mundo é caracterizada pela evolução que resulta da interação entre o indivíduo e o próprio mundo que o rodeia.

Thellefsen destaca a dinamicidade do conceito que é modificado pelas novas descobertas. Desse modo, este autor reconhece que o que pode ser considerado como conhecimento num dado momento, futuramente, pode ser alterado e modificado por novas investigações: “Concepts are dynamical, and exist in a continuum. The meaning of concepts is thus closely related to a universe of discourse, and affected by new discoveries; and what is considered knowledge now may be altered or modified by future investigations.” (Thellefsen, 2010:3).

Assim, para se ter uma melhor compreensão da evolução e mudança na estrutura do conhecimento, é necessário considerar que a organização dos conceitos pode evoluir no tempo; essa evolução depende das relações que o novo conceito estabelece com os conceitos existentes.

4.3. Relações semânticas e relações conceituais

4.3.1. A relação conceitual em terminologia

O conceito de relação é muito amplo. Em Terminologia, podemos falar de relações que se estabelecem entre conceitos, conceitos e termo, entre termos, entre termo e sentidos e ainda entre sentidos. Quando falamos em relações entre conceitos estamos diante de uma variedade de relações do tipo causais, temporais, partitivas, etc.

Assim, cada relação é estudada sob níveis distintos, que integram os tipos de relações e os diferentes tipos de conexões.

A esse respeito, Chaffin e Herrmann (1984:135) mencionam que embora haja uma diversidade de relações, esses tipos de conexões podem apresentar semelhanças entre si. Os autores notam que as diferenças entre as relações ocorrem em função das propriedades lógicas e das inferências.

Assim, o estabelecimento de relações nas diferentes áreas do saber, tais como, Ciência da Informação, Inteligência Artificial, Terminologia, Ontologia apresenta diferenças em função da particularidade apresentada por cada uma dessas áreas do conhecimento no que diz respeito à sistematização dos conceitos e ao tratamento singular dispensado à relação estabelecida entre esses elementos.

Desse modo, Rastier (1991) observa que o estabelecimento de uma rede de conceitos não reside nos seus nós, nem nas suas ligações, mas na maneira como estão interrelacionados os seus constituintes.

O estabelecimento de relações é efetuado a partir da análise dos conceitos, ou seja, da estruturação de suas propriedades e atributos.

As relações conceituais são vínculos estabelecidos entre os conceitos, no âmbito de um domínio de especialidade, permitindo a representação da estrutura de um domínio especializado.

O estabelecimento de relações tem em conta a seleção de características (dos conceitos) que podem estabelecer uma proximidade, semelhança ou até mesmo uma distinção entre esses conceitos.

Por sua vez, Sager (1990) lembra que os conceitos são elementos que integram estruturas do conhecimento que podem ser divididas em distintas áreas temáticas. Conforme o autor, a relação entre os conceitos ocorre em função da proximidade das subáreas. Sager acrescenta que em cada uma dessas subáreas, os conceitos estão relacionados, quer pela sua natureza ou pelas conexões da vida real dos objetos que eles representam.

Diante desta complexidade do conceito de relação, é necessário efetuar a delimitação do tipo de relação; a sua identificação e análise contribuirão para uma descrição pormenorizada do comportamento do domínio e do tema que está sendo trabalhado nesta pesquisa.

Sendo o objetivo do trabalho a análise e a descrição dos fenômenos diacrônicos, nada mais oportuno que falar sobre as relações conceituais sob a perspectiva diacrônica.

Esse interesse é inerente à necessidade de se analisar e descrever a organização dos conceitos tendo em conta a evolução que ocorre nos domínios de especialidade, no eixo diacrônico.

A evolução dos conceitos, num eixo diacrônico, vai depender das relações que os novos conceitos estabelecem com os outros já existentes.

García (2007) refere que para poder dar conta da evolução do pensamento, é necessário considerar um modelo dinâmico em que a estrutura do conhecimento possa ser alterada. A autora acrescenta que, nesse processo, os conceitos interactivam dentro da mesma classe e entre classes distintas, apresentando algumas restrições linguísticas ou próprias do âmbito temático.

O estabelecimento da relação entre conceitos, no eixo temporal, provoca uma reorganização na estrutura do domínio especializado em questão. Nesse processo, é provável que a utilização de um novo conceito seja o foco das atenções perante a

comunidade científica. Desse modo, os conceitos anteriores podem ser momentaneamente colocados em stand-by.

As relações conceituais apresentam uma ligação semântica que de certo modo define o tipo de relação entre os elementos utilizados e que permite estabelecer essa conexão.

4.3.2. As relações semânticas entre os conceitos em terminologia

As relações semânticas podem referir-se a variados tipos de relações. Os especialistas de distintas áreas do conhecimento, dentre eles, filósofos, informáticos, linguistas fizeram uso desses tipos de relações, tendo em conta seus objetivos de trabalho que podem ser os mais diversos, dentre eles: o desenvolvimento de formalismos, a concepção de sistemas computacionais, a organização de taxonomias, as relações entre elementos e ontologias.

Mhiri *et al.* sublinham a relação semântica, como sendo um meio de estabelecer as diferentes relações conceituais, num mesmo domínio; desse modo, o autor elenca algumas tarefas referentes aos modelos semânticos: “Elles assistent les concepteurs à la compréhension du domaine à modéliser et élimine certaines ambiguïtés qui peuvent exister entre les concepts. En plus, elles permettent d’alimenter une ontologie avec des nouveaux concepts en se basant surtout sur l’étape de comparaison entre les attributs, les opérations et les relations conceptuelles entre les concepts.” (Mhiri *et al.*, 2006:633).

O estabelecimento de relações semânticas, num domínio, pode apresentar, até certo ponto, relações em comum com outros domínios. Contudo, sabemos que cada domínio de especialidade pode comportar-se distintamente, tanto a nível conceitual, quanto lexical; conseqüentemente, essas diferenças podem ser projetadas a nível das relações semânticas.

A sistematização das relações entre os termos e os conceitos permite identificar a proveniência de conceitos que possibilitam a conexão de subdomínios de

um domínio de especialidade, como é o caso da Saúde Pública, na área da Toxicomania (Br) / Toxicodependência (Pt).

Encontramos várias posições relativamente aos conceitos de relações semânticas e de relações conceituais que, por vezes, confundem esses níveis de análise. A esse respeito, Hjørland (2007) chama a atenção para o fato de se estabelecer uma fronteira entre esses distintos níveis de relação: “Relations between concepts, senses, or meanings should not be confused with relations between the terms, words, expressions, or signs that are used to express the concepts. It is, however, common to mix both of these kinds of relations under the heading “semantic relations”.” (Hjørland, 2007:391)

Hjørland menciona que as relações semânticas estão relacionadas com um objetivo em particular; segundo o autor, nem todos os especialistas apresentam a mesma opinião no que diz respeito às relações semânticas e à equivalência dos termos: “Semantic relations relate to a given task or situation and not all users of a given set of semantic relations will share the same view of which terms are equivalent.” (Hjørland, 2007:381)

Aussenac-Gilles e Séguéla referem que o termo relação conceitual designa uma relação semântica como uma conexão que pode ser definida e expressa através de um sentido específico para um dado indivíduo: “Le terme relation conceptuelle désignera une relation sémantique en tant que notation prenant du sens pour un individu.” (Aussenac-Gilles e Séguéla, 2000:179)

Essas relações podem apresentar particularidades, considerando que esses conceitos são unidades que integram distintas estruturas do conhecimento que por sua vez, fazem parte de diferentes domínios de especialidade. O estudo dessas relações pode ser situado no eixo temporal.

A definição apresentada por KHOO et NA demonstra a generalização do conceito de relações semânticas que é estabelecida entre dois elementos e que podem ser representados pelos conceitos: “Semantic relations are meaningful associations between two or more concepts, entities or sets of entities. They can be viewed as directional links between the concepts/entities that participate in the relation. The

concepts/entities are an integral part of the relation as a relation cannot exist by itself but have to relate two things.” (KHOO e NA, 2006:158).

Assim, as relações conceituais são expressas por uma variedade de características semânticas, conforme afirma Park: “Conceptual relations are expressed by a variety of semantic features such as thing (i.e. object), people (i.e. agent, actor), event (i.e. process), time/aspect, place (i.e. location), and instrument.” (Park, 2007:979).

Aussenac-Gilles refere que a representação semântica a partir dos textos é eficaz para se chegar a uma comunicação objetiva. A autora tem em conta que esse tipo de relação beneficia a gestão do conhecimento nas instituições: “En cela, les représentations sémantiques construites à partir de documents sont des révélateurs, des supports pour améliorer la communication et la gestion des connaissances dans l’entreprise.” (Aussenac-Gilles, 2004:34).

Assim, a relação conceitual concentra-se sobre a estrutura do conhecimento.

O termo relação semântica pode ser compreendido também como um tipo de relação a nível conceitual que se estabelece entre os conceitos, ou a nível linguístico, através das relações entre os termos, termos e sentidos e entre sentidos.

No que se refere à ocorrência da polissemia como o resultado da relação semântica entre os sentidos de um termo, Park diz-nos que esse tipo de conexão resulta numa rede conceitual: “Polysemy, which involves multiple related semantic senses, is an example of a concept network.” (Park, 2007:963).

O estabelecimento de relações semânticas a partir dos *corpora* constituídos para um determinado trabalho auxilia na identificação dessas relações polissêmicas. A partir dos textos é possível identificar cada uma das possíveis polissemias de um dado termo.

Assim, no âmbito do estabelecimento de relações é necessário falar sobre os grafos conceituais, como elos de ligações que de certa maneira concretizam essas conexões.

4.3.3. Grafos conceituais

Tanto as relações conceituais, quanto as relações semânticas são representadas através de grafos. Esses arcos determinam a maneira como os conceitos estão associados.

Sowa (1984) elaborou um tipo particular de redes semânticas que denominou de grafos conceituais, a fim de representar a formalização do conhecimento. Seu objetivo consiste na representação do conhecimento de forma precisa, legível e utilizável pelo computador.

Sowa define o grafo conceitual como uma notação formal que serve como um objeto mediador entre o homem e o computador: “a formal notation that serves as an intermediary between the human and the computer: the graphs describe the meaning of data according to the user’s view, but they are also associated with procedures that can access the data according to the machine view.” (Sowa, 1976:336). Esses grafos descrevem a significação dos dados de acordo com o ponto de vista do indivíduo; os grafos conceituais não são concebidos com o objetivo de registrar os dados, mas sim, descrever esses mesmos dados e saber como ocorrem suas associações.

Por sua vez, Moulin refere que o grafo conceitual é uma rede semântica composta por conceitos e relações conceituais; destaca que os grafos conceituais são finitos e são grafos bipartidos cujos nós são também conceitos e relações conceituais: “Conceptual graphs are finite, connected and bipartite graphs whose nodes are either concepts or conceptual relations.” (Moulin, 1997:228).

Segundo Rastier (1991), formalmente, uma rede é um grafo finito, orientado, etiquetado, geralmente relacionado e cíclico.

Para Mazaleyrat (2010), um grafo conceitual pode representar dois tipos de nós: 1) os nós que representam os conceitos de entidades, estados, eventos, etc. e 2) os nós que simbolizam as relações entre os conceitos de entidades.

Para García, a utilização dos grafos conceituais, em Terminologia, permite veicular o conhecimento de várias maneiras. A autora acrescenta que esse processo pode gerar conhecimentos novos: “Los grafos permiten representar la estructura

interconectada del conocimiento de una manera flexible, con diferentes configuraciones y puntos de acceso para llegar a los mismos datos. Por otro lado, los grafos permiten hacer inferencias y, por tanto, (re)generar conocimiento nuevo.” (García, 2007:147)

Anterior ao pensamento de Garcia (2007), Moulin (1997) propõe um modelo para representar as relações temporais entre os conceitos. A metodologia utilizada pelo autor tem em conta os textos e distingue dois níveis distintos de análise: o conceitual e o linguístico. Segundo Moulin, o nível conceitual descreve os elementos, dentre eles, os objetos e relaciona-os no eixo temporal: “the conceptual level which describes the temporal entities (objects, situations, localizations, perspectives) and the associated relationships (temporal relations) representing the various situations (communicative or not) evoked in a discourse. (Moulin,1997:236).

Por sua vez, o nível lingístico contém os dados linguísticos necessários para caracterizar os atos da fala que produz o discurso: “the linguistic level which contains the linguistic information needed to characterize the speech acts whose performance produced the discourse.” (Moulin, 1997:236).

Considerando o estabelecimento das relações temporais entre sentidos, que podem fundamentar o estudo da polissemia nominal dicrônica, destacamos o nosso interesse pela concepção de ontologias a partir de recursos linguísticos, mais precisamente de *corpora*. Essa coleção de textos pode subsidiar a sistematização de uma dada área do conhecimento, contemplando uma possível variação que é intrínseca a todo o domínio de especialidade.

4.4. Construção de ontologias a partir de textos

4.4.1. Ontologias e *corpora de especialidade*

Podemos falar sobre a modelização do conhecimento como uma tarefa efetuada a partir de textos que constituem o *corpus*. Assim, a escolha dos textos devem refletir o objetivo do trabalho a ser realizado.

Recorrer aos *corpora de especialidade* é uma das abordagens utilizadas para a concepção de ontologias. Os *corpora* são constituídos por textos de especialidade portadores de conhecimentos estabilizados e que pertencem a uma determinada comunidade de especialistas.

Atualmente nos deparamos com um número bem significativo de metodologias que utilizam os *corpora* para a concepção de ontologias. Desse modo, levantamos a seguinte questão: Se o texto é um local de onde podemos identificar as variantes referentes a um domínio de especialidade, por que não tê-las em conta na concepção de uma ontologia?

As metodologias de construção de ontologia considerando os *corpora de especialidade* privilegiam a análise e as especificações inerentes a cada texto.

Baneyx e Charlet referem que a concepção de ontologias a partir dos *corpora* apresenta relevância tanto como fonte de conhecimento para construir o modelo, quer como fonte de referência ao longo de todo o processo de elaboração: “Dans un projet de construction d’ontologies à partir de textes, le corpus, son statut et sa collecte sont d’une importance primordiale à la fois comme source de connaissances pour construire le modèle et comme source de référence tout au long du processus d’élaboration.” (Baneyx e Charlet, 2006 :4).

Considerando estas posições dos autores, podemos referir que é a partir dessa coleção de textos que o terminólogo se apoia para extrair o conhecimento e elaborar a ontologia.

A partir dos textos de especialidade que constituem os *corpora* é possível identificar e extrair: a) os termos; b) os novos sentidos e as novas relações de um mesmo termo c) as relações entre sentidos desse mesmo termo e saber se estamos diante de uma unidade polissêmica.

A utilização de textos como fonte de construção de ontologias concede uma dinamicidade à concepção dessa ferramenta. Embora essa metodologia seja utilizada há bastante tempo, é necessário refletir tanto sobre esse processo metodológico para se identificar e extrair as informações pertinentes a um dado trabalho, quanto o conceito de *corpora* utilizados para esse fim.

Assim, uma metodologia baseada na “ontologia lexical”, perspectiva adotada para a concepção de ontologias a partir de recursos linguísticos, deve ser capaz de apresentar alternativas que possam viabilizar a organização e sistematização do conhecimento nos domínios de especialidade.

4.4.2. Ontologias lexicais

A concepção de ontologias dá origem a vários debates em função dos modelos propostos para a descrição do domínio de especialidade e da aplicação dessa ferramenta.

Diferentes são as formas de representação do conhecimento de um domínio de especialidade; desse modo, podemos falar sobre a interface entre as ontologias e os recursos lexicais.

Prévot *et al.* (2010b) referem que, nos últimos anos, emergiu um número significativo de estudos destinados e interessados na interface entre ontologias e recursos lexicais.

A construção de ontologias é realizada a partir de recursos lexicais, isto é, de informações extraídas de textos de especialidade, documentos, *corpora* de especialidade, base de dados, dicionários, enciclopédias, etc. É uma perspectiva que vem sendo adotada por especialistas em ontologia, desse modo, vários são os objetivos propostos para a realização desse trabalho.

Prévot *et al.* (2010) apontam que as ontologias lexicais contêm informações linguísticas, extraídas de variados recursos linguísticos. Desse modo, os autores acrescentam que essas ferramentas apresentam características híbridas, uma vez que, na sua concepção o conhecimento de mundo, mais precisamente, o conhecimento enciclopédico é uma faculdade intelectual considerada. Nas palavras dos autores: “In lexical ontologies, conceptualization is based on linguistic criteria, more precisely information found in lexical resources such as dictionaries or thesaurus. In many cases they are slightly hybrid since they feature mainly linguistic knowledge but include in

may places world knowledge (also called encyclopedic or common-sense knowledge).” (Prévot *et al.*, 2010:6).

Assim, as ontologias lexicais veiculam os sentidos do mundo definidos nos recursos lexicais para criar os conceitos que constituem essa ferramenta. (cf. Prévot *et al.*, 2010).

Nesse sentido, as ontologias lexicais apresentam uma grande quantidade de unidades lexicais que podem subsidiar o trabalho de representação e organização do conhecimento voltados para um determinado objetivo.

Prévot *et al.* (2010) mencionam que a interface entre as ontologias e os recursos lexicais responde à necessidade de reavaliação de algumas questões tratadas por áreas do conhecimento como: psicolinguística, linguística, inteligência artificial e filosofia. De acordo com os autores, essa reavaliação está relacionada aos avanços nessas áreas e ao interesse de aplicação dessa ferramenta.

Depecker e Roche (2007) referem que a construção das ontologias lexicais está vinculada à exploração de documentos provenientes de várias instituições. Para os autores, esse método de concepção de ontologias privilegia a análise do discurso: “la construction d’ontologies dites «lexicales» issues directement d’exploitation de documents, sur le constat que les connaissances d’une organisation (entreprises, laboratoires, métiers, etc.) sont principalement véhiculées par les documents scientifiques ou techniques qu’elle produit. C’est là ce que dégage essentiellement l’analyse du discours.” (Depecker e Roche, 2007:112).

Depecker e Roche (2007) destacam que as ontologias lexicais tendem a reproduzir a estrutura lexical do corpus analisado e as relações entre conceitos podem ser encontradas sobre as relações linguísticas: “Les «ontologies lexicales» tendent à reproduire la structure lexicale du corpus analysé et les relations entre concepts se trouvent ici calquées sur la relations linguistiques.” (Depecker e Roche, 2007:112).

Por fim, acrescentamos que uma ontologia concebida a partir dos *corpora* especializados permitirá a observação e a evolução do conhecimento, considerando que os textos que integram esses corpora são documentos estabilizados, que

apresentam de forma concisa e clara uma grande quantidade de dados linguísticos, que pertencem a períodos distintos do tempo.

Dessa maneira, destacamos essa característica relevante dos corpora de especialidade. Mencionamos ainda que a observação e a descrição da evolução do conhecimento de um dado domínio de especialidade só poderão ser realizadas, quando se trabalha diretamente com esses documentos especializados, pois na maioria das vezes, as informações mais antigas podem passar despercebidas ou ainda podem ser esquecidas pelo especialista desse domínio.

4.5. A ontologia como uma ferramenta evolutiva

O progresso e a evolução são características inerentes aos domínios de especialidade, dessa maneira, a necessidade de representação de uma área do conhecimento requer uma reflexão referente às questões teóricas e metodológicas sobre a ontologia.

O conhecimento pode mudar conforme as necessidades de denominação das novas realidades. Desse modo, a ontologia como uma ferramenta que representa o conhecimento de uma área de especialidade necessita de um sistema operativo preparado para suportar essas mudanças, de forma que a atualização da ferramenta não comprometa a uniformidade, a consistência e a coerência em relação aos outros elementos da versão anterior.

As ontologias são ferramentas complexas, cujo desenvolvimento e manutenção origina vários problemas, dentre eles: as alterações na estrutura da ontologia que deve obedecer aos princípios da coerência.

Assim, pensar na evolução de uma ontologia traz grandes desafios, dentre os quais, podemos mencionar: a formalização, a manutenção da consistência da ontologia após a mudança.

A necessidade de evolução de uma ontologia é inevitável. Falar sobre a evolução dessa ferramenta pode referir-se tanto a uma mudança que ocorre a nível

formal, isto é, a aplicação de uma nova versão para refletir as mudanças que ocorrem no domínio de especialidade; na incorporação de funcionalidades adicionais que estejam de acordo com uma mudança nas necessidades dos utilizadores ou ainda na utilização dessa ferramenta; a compatibilidade entre sistemas; a estruturação do sistema; a carência de sistemas que possam representar a evidência da variação nos domínios especializados.

Enfim, várias são as situações, seja de nível técnico ou metodológico, que convergem para uma evolução da ontologia. Não devemos esquecer de mencionar que esses processos apresentam custos elevados.

A mudança é uma característica que ocorre em função da própria evolução e que obriga a redimensionar o uso da ontologia. Nesse sentido, a implementação de modificações para responder a necessidade dessas mudanças pode beneficiar o uso e as novas aplicações dessa ferramenta. Dentre essas tarefas, podemos referir: a gestão e manipulação dos dados em função dos objetivos; a necessidade de comunicação entre fontes de informações heterogêneas; a informação recebida de fontes externas; a fusão da informação de diferentes ontologias e assim por diante.

Vários são os autores que evidenciam o crescimento do número de ontologias que passam por um processo evolutivo.

Nesta ótica, Flouris uso o termo “ontology change” no seu sentido mais amplo, abrangendo todo e qualquer tipo de mudança. Para o autor, essas mudanças dizem respeito as alterações na própria ontologia, resultantes de fatores externos, modificações ditadas pela engenharia da ontologia, etc. :“the term ontology change will be used in a broad sense, covering any type of change, including changes to the ontology in response to external events, changes dictated by the ontology engineer, changes forced by the need to translate the ontology in a different language or using different terminology and so on.” (Flouris, 2006:2).

Por sua vez, Akinsola refere que a alteração nas ontologias pode ocorrer a nível de sua estrutura informática, isto é, essas mudanças ocorrem a nível da adição ou remoção de argumentos, ou de predicados, ou ainda de axiomas: “Some established ways of altering ontology are: adding or removing arguments, changing arguments’

classes, changing arguments' types, adding or removing predicates, adding or removing axioms.” (Akinsola, 2008:17).

A ontologia ainda pode sofrer alteração em função das mudanças que ocorrem nos domínios de especialidade, que pode ocorrer sob a forma de novas descobertas ou mudança no ponto de vista de um certo especialista, provocando, por sua vez, uma nova organização e nova sistematização na estrutura conceitual do domínio em questão.

Desse modo, a mudança numa ontologia pode ocorrer em relação à própria realidade, ou então, na terminologia utilizada pelo especialista em função da observação da realidade que o rodeia.

A evolução de uma ontologia diz respeito à inserção de um novo conceito no sistema conceitual existente.

Akinsola refere que, por vezes, a variedade de representações e de processos de atualização contínua das ontologias geram discrepâncias em relação a falta de entendimento mútuo sobre essas ferramentas: “Because of the variety in representation used by modellers and the process of continual updating of ontologies, discrepancies tend to arise leading to agents having an internal understanding of only their personal ontologies rather than a mutual understanding.” (Akinsola, 2008:iii).

Tendo em conta estas divergências, o conceito de “ontology evolution” absorve significações diversas, como apontam Plessers *et al.* (2007). Para tentar contornar essa variedade de conceitos, os autores definem a evolução de uma ontologia como um processo de adaptação dessa ferramenta a mudanças surgidas num dado domínio de especialidade. Nessa definição, Plessers *et al.* mantêm tanto a consistência da ontologia em si, bem como a consistência de acordo com os artefatos: “At this moment, there exists no generally accepted definition of ontology evolution in the research community. The term ‘ontology evolution’ is often used with (slightly) different meanings. Therefore, we first define what we mean by ontology evolution. We define ontology evolution as the process of adaptation of an ontology to arisen changes in the corresponding domain while maintaining both the consistency of the

ontology itself as well as the consistency of depending artifacts.” (Plessers *et al.*, 2007:39).

No quadro das mudanças e das evoluções que ocorrem na ontologia, atualmente, nos deparamos com propostas para a construção dessas ferramentas, tendo em conta uma abordagem temporal. Tal necessidade gira em torno da evolução inerente aos domínios de especialidade. Assim, uma ontologia deve ser pensada como uma ferramenta que constantemente deve ser atualizada.

A evolução deve ser uma característica inerente à concepção de uma ontologia, se considerarmos que a variação participa do conhecimento especializado. Contudo, uma ontologia desse tipo deve ser capaz de sistematizar os conceitos de um termo.

Sassi *et al.* referem a necessidade de gerir a mudança numa ontologia. Os autores atentam para o fato de que a gestão da mudança exige mecanismos que definem especificações de como o conhecimento pode ser alterado e de como manter a consistência do conhecimento após cada alteração. Nas palavras dos autores: “Change management requires defining mechanisms specifying how knowledge can be changed and how to maintain the consistency of knowledge after each change.” (Sassi *et al.* 2010:31).

Diante desse quadro da evolução das ontologias, é necessário que essa evolução seja sistematizada, considerando que esse processo possa privilegiar todo e qualquer objetivo de trabalho desenvolvido no âmbito dessas ferramentas computacionais.

4.6. Ontologia e sistematização de polissemias a partir de textos de especialidade

É sabido que, qualquer tipo de variação é desprivilegiada nas metodologias para a representação de um domínio de especialidade. Assim, o desenvolvimento de softwares com o propósito de desambiguação é um pressuposto à prática da normalização, tarefa relevante em toda instituição.

Atualmente, a maioria das ferramentas computacionais, no caso as ontologias são concebidas para fins terminológicos com o objetivo de identificar e estabelecer uma relação biunívoca entre um conceito e um termo.

Com a emergência e a ocorrência dos fenômenos variacionistas, é necessário repensar a concepção de ferramentas automáticas que possam ser capazes de reconhecer tais fenômenos.

No universo tecnológico, a concepção de ferramentas é crescente, desse modo, a necessidade de lidar com a variação é real tendo em conta que as instituições trabalham com documentos.

Assim, pensamos na concepção de uma ontologia evolutiva, conforme referem Sassi e Jaziri (2007); para estes autores, uma ontologia deve ser um produto não estável, sujeito a atualizações em virtude das mudanças que ocorrem no sistema conceitual de um dado domínio de especialidade: a ontologia é “comme un produit non stable, nécessitant une mise à jour pour la gestion de son caractère évolutif à travers la prise en compte des changements dans le domaine, dans le conceptualisation, ou encore dans la réutilisation pour des tâches différentes.” (Sassi e Jaziri, 2007:4).

A ontologia não é apenas uma ferramenta normalizadora, pois, considerando a nossa pesquisa, a ontologia comporta-se como uma ferramenta que descreve as polissemias de um termo.

Uma ontologia que tem em conta os fenômenos da polissemia diacrônica referentes a um termo pode ser considerada uma ferramenta que apresenta características evolutivas. A esse respeito, lembramos Prévot *et al.* (2010) que afirmam que as línguas têm mecanismos de criação linguística; os autores notam que nem a polissemia, nem o uso criativo podem ser taxativamente enumerados: “Languages have productive mechanisms to derive new meanings. It is important to bear in mind that neither regular polysemy (Copestake and Briscoe, 1995; Apresjan, 2000) nor creative use (Pustejovsky, 1995) can be exhaustively listed.” (Prévot *et al.*, 2010:11-12).

Mesmo dentro de uma instituição, o conhecimento não é estático, evolui com o tempo. Dessa maneira, a necessidade de uma ferramenta que possa sistematizar os

conceitos ou as significações encontradas nos documentos dessa mesma instituição não podem ser desconsiderados, pelo contrário, esses elementos devem ser sistematizados.

Contudo, é necessário referir que os sistemas informáticos executam tarefas através das formalizações elaboradas por um especialista.

Representar o conhecimento é ter em conta que a língua, como uma faculdade cognitiva, está sujeita à evolução. Nesse caso, a polissemia como um artefato variacionista deve ser sistematizado com o objetivo de servir de apoio a uma possível harmonização, tendo em conta os sentidos de um termo.

A concepção de uma ontologia para sistematizar as polissemias de um termo é relevante, pois esse fenômeno pode ser explicado através das relações de semelhança entre os sentidos de uma unidade.

Assim, a gestão de cada nova informação inserida na ontologia exige uma definição de mecanismos, nos quais, as relações tanto conceituais, quanto semânticas antes estabelecidas sejam preservadas.

5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DA POLISSEMIA NOMINAL DIACRÔNICA

- ENTRE O CONCEITUAL E O LINGUÍSTICO

5.1. Critérios e Desenvolvimento Metodológico para o Tratamento da Polissemia Nominal Diacrônica

5.1.1 Organização dos *corpora*

A disponibilização dos textos nos *corpora* segue uma trajetória temporal, ou seja, essas produções linguísticas estão organizadas, tendo em conta o ano de publicação. Mas o número das produções linguísticas pode variar de ano para ano

Cada ano pode ser considerado um subcorpus referente ao *corpus* geral. Afinal, um determinado ano pode veicular mais de um texto de especialidade. O espaço temporal para analisar e descrever a polissemia nominal diacrônica tem em conta os anos de 1990 a 2011. Apresentamos a seguir, o número de formas e o total de ocorrências relativas a cada um dos subcorpus que constituem os *corpora* da variante brasileira e variante portuguesa:

	Variante Brasileira	Variante Brasileira	Variante Portuguesa	Variante Portuguesa
ano	Número de formas	Total de ocorrências	Número de formas	Total de ocorrências
1991	1.700	6.269	0	0
1992	2.119	8.376	0	0
1994	3.387	13.577	0	0
1995	0	0	34.937	953.920
1996	0	0	36.224	987.883
1997	4.689	25.221	8.026	54.877
1998	6.635	46.698	11.808	99.688
1999	8.371	79.531	15.443	154.341
2000	9.525	101.651	18.531	217.186
2001	11.643	138.446	20.419	256.411
2002	14.463	184.316	22.785	308.765
2003	14.463	184.316	25.370	384.430
2004	17.387	258.424	27.064	437.853
2005	20.231	360.782	30.212	538.777
2006	23.553	476.471	32.795	638.672
2007	26.820	618.186	34.432	709.727
2008	28.835	722.604	36.009	791.136
2009	30.293	794.266	37.154	844.358
2010	32.200	885.370	37.380	857.449
2011	32.477	903.953	37.770	870.057
total	288.791	5.808.457	466.359	9.105.530

Os contextos identificados e extraídos para a realização deste trabalho não seguem literalmente essa trajetória temporal; para alguns dos anos não foram identificados contextos; já em outros anos, observa-se a veiculação de apenas um ou dois contextos. Acrescentamos que entre as ocorrências de um contexto e outro, os intervalos de tempo também variam.

Para a variante brasileira não se vê uma sucessão temporal contínua, nota-se diferentes intervalos de tempo, considerando os anos em que ocorrem os contextos: 2002, 2006, 2007, 2008 e 2009. Observa-se a existência de um intervalo de tempo de quatro anos entre os dois primeiros anos.

Para a variante portuguesa, a sequência contínua entre os contextos ocorre em três momentos diferentes: 1995 a 1997; 2005 a 2006; 2009 a 2010. Desse modo, os intervalos de tempo, respectivamente, são de oito e três anos.

Este critério de organização dos textos tem por objetivo observar e descrever a polissemia nominal diacrônica referente a um determinado termo. No entanto, a observação da sincronia que ocorre num certo período do tempo não é relevada para um segundo plano.

A cada um dos textos que integram os *corpora*, foi atribuído um código, conforme podemos verificar nos exemplos referentes às variantes brasileira e portuguesa.

Para a variante brasileira, apresentamos o código 2009CSCnovdezv14n5 referente ao texto: *Mídia e drogas: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o tema entre 1999 e 2003*. O referido texto é parte integrante da revista on-line *Ciênc. saúde coletiva vol.14 no.5 Rio de Janeiro nov./dez. 2009*.

Através do extrato do corpus é possível visualizar o texto e o seu respectivo código:

aditivos.

&&&2009CSCnovdezv14n5&&&

Ciênc. saúde coletiva vol.14 no.5 Rio de Janeiro nov./dez. 2009

Artigo apresentado em 26/06/2007

Aprovado em 14/12/2007

Mídia e drogas: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o tema entre 1999 e 2003

RESUMO

Este artigo busca analisar os conteúdos que a mídia escrita brasileira apresenta sobre drogas. Foram pesquisados artigos sobre drogas em uma revista de circulação nacional, entre 1999 e 2003, através de análise de conteúdo. Foram encontrados 481 artigos. A subcategoria "consumo" foi a mais abordada, sendo as drogas mais citadas: cocaína (21%), maconha (19%), álcool (12%) e cigarro (12%). Quanto à categoria "saúde", o

Para a variante portuguesa, o código 2009RTv15n3t1 refere-se ao texto: *Considerações teóricas sobre o conceito Locus de Controlo: Reflexões acerca do seu potencial preventivo*, proveniente da *Revista Toxicodependências 2009 vol15 n3*.

A codificação referente a essa produção linguística pode ser conferida através do extrato do corpus que se segue:

com os fenômenos adictivos, particularmente a toxicodependência.

&&&2009RTv15n3t1&&&

Artigo recebido em 01/09/2009

versão final aceite em 30/10/2009.

Considerações teóricas sobre o conceito Locus de Controlo: Reflexões acerca do seu potencial preventivo

1 – INTRODUÇÃO

Numa era em que se valoriza a avaliação das práticas preventivas na área das toxicodependências, torna-se relevante reflectir sobre o potencial de variáveis que possam contribuir para enriquecer as metodologias de avaliação que envolvam este tipo de intervenções.

O presente artigo pretende, deste modo, clarificar o conceito Locus de Controlo (LC) através de uma revisão de literatura do tema, com especial enfoque no seu potencial preventivo, relativamente ao consumo de substâncias psicoativas.

Como se pode observar através de ambas as figuras, a presente codificação situa-se no início de cada um dos textos. Logo abaixo da codificação, encontram-se as datas referentes a recepção e publicação dos artigos. Embora não sendo consideradas no desenvolvimento dessa metodologia de trabalho, optamos por veiculá-las apenas como dados informativos, pelo fato de que através dessas datas é possível ter uma maior delimitação acerca dos termos e dos sentidos que lhe são conferidos.

O código é formado em primeiro lugar pelo ano, pois estamos trabalhando sob o eixo diacrônico, seguido pelas letras iniciais da fonte, isto é, o nome da revista, e logo após o mês de publicação dessa mesma revista, salvo quando essa informação vem referida no texto, e por fim o volume e o número.

A título de explicação, tanto à esquerda quanto à direita do código referente a cada texto, encontra-se o símbolo (&) repetido três vezes. Esses símbolos permitem separar os textos uns dos outros, com o objetivo de tratá-los individualmente a nível automático. Esse tipo de tratamento é realizado com o auxílio do software *Hyperbase*.

Esse software foi utilizado para extrair os contextos que estão sendo utilizados para a realização do estudo sobre a polissemia nominal diacrônica.

Essa tarefa além de permitir uma melhor observação e particularização do comportamento das relações entre o termo e os seus sentidos, possibilita a nível automático, um tratamento e uma descrição pormenorizados.

Para o propósito desse trabalho, que é a identificação e o reconhecimento da polissemia do termo “drogas” a nível diacrônico, as codificações são úteis e satisfazem o nosso objetivo. Porém, para os trabalhos futuros referentes ao reconhecimento do contexto a nível informático, é necessário uma reflexão mais aprofundada sobre a maneira de como ter em conta que um só texto pode apresentar vários contextos e que podem ilustrar a relação de um só termo estabelece com vários sentidos distintos mas que podem apresentar afinidades entre si.

No âmbito da realização deste estudo, optamos por utilizar as cores para identificar o termo “drogas” e os seus sentidos; os marcadores linguísticos que delimitam a relação entre o termo “drogas” e os seus sentidos e ainda as sequências linguísticas que podem seguir esses mesmos termos e sentidos, os semas e sememas, que para essa fase do trabalho serão veiculados através de uma mesma cor.

Estes critérios têm por objetivo demonstrar e delimitar a ocorrência dessas unidades em situação de contexto. Desse modo, adotamos a seguinte legenda:

termo
sentido
sememas/sema
marcadores linguísticos
sequências linguísticas

Contudo, fora do contexto, quando estivermos nos referindo aos termos, sentidos, sememas/semas, marcadores linguísticos e sequências linguísticas, utilizaremos uma outra legenda:

As “aspas” indicam que estamos nos referindo aos termos;

As « aspas francesas » dizem respeito aos sentidos;

As //barras oblíquas// duplas referem-se tanto aos semas quanto aos sememas;

Os [colchetes] reportam-se aos marcadores linguísticos;

Os (parêntesis) referem-se as sequências linguísticas.

Estas codificações em situação de contextos discursivos têm por objetivo fundamentar a concepção de metodologias que possam auxiliar no reconhecimento das relações polissêmicas tanto a nível sincrônico quanto diacrônico.

Tendo em conta essas codificações, passamos à identificação e análise dos marcadores linguísticos, responsáveis, em parte, pela veiculação das relações polissêmicas.

5.1.2 Marcadores linguísticos

O estabelecimento das relações entre termos e sentidos é um processo relevante para se observar o comportamento de um determinado domínio de especialidade.

A utilização do marcador linguístico é uma forma de reconhecer e delimitar essas relações. Essa identificação permite auxiliar no reconhecimento dos sentidos que apresentam afinidades e semelhanças de que resultam as relações polissêmicas.

A identificação da polissemia nominal diacrônica do termo “drogas” caracteriza-se por ser um processo realizado, em parte, através dos marcadores linguísticos. Por essa razão, serão considerados somente os contextos que veiculam mais de um sentido relativamente ao termos “drogas”. É a partir da ocorrência de mais de um sentido, num mesmo contexto, que a utilização de um marcador se torna útil e essencial para a descrição da polissemia, segundo a metodologia utilizada nesse estudo.

Conforme as tabelas que se seguem para a variante brasileira e variante portuguesa, é possível verificar que nos contextos selecionados para o desenvolvimento desse estudo, os marcadores relacionam somente termos e sentidos.

códigos dos contextos		Contextos_Variante Brasileira
2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas		A sequência de drogas nesse grupo constituiu - se principalmente de : álcool , cigarro , maconha , inalantes , LSD - 25 , medicamentos , cocaína (aspirada), baque (cocaína endovenosa) e crack (Tabela 3).
2006PUSPdezv17n4t19ctx1_drogas		Assim, quando a droga é retirada do organismo (abstinência), aparece uma série de sintomas opostos aos produzidos pela droga (síndrome de abstinência). Esses sintomas são frequentemente muito aversivos, o que levaria o consumidor em abstinência a procurar a droga como uma forma de aliviar - los. Essa primeira elaboração como explicação única da dependência mostrou - se insuficiente, devido às pesquisas que mostraram que drogas como a cocaína ou a anfetamina não produziam sintomas de abstinência graves.
2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas		Bucher (1992) argumenta que os rituais da cocaína são em geral solitários, e que são associados à prática não marginalizante, tendo em vista que a substância psicoativa insere - se entre usuários de classe social privilegiada, quando comparada a drogas como álcool , solventes , maconha , que possuem inserção maior nas camadas populares, devido, sobretudo, à acessibilidade econômica e social.
2007RSPdezv41s7t27ctx1_drogas		Seis entrevistadas iniciaram o consumo de drogas entre 12 e 15 anos, e as demais, entre 16 e 18 anos. Comumente, o consumo era realizado de modo associado. As drogas mencionadas pelas entrevistadas foram : álcool , inalantes , maconha , cocaína (aspirada e injetável), crack , anticolinérgicos e inibidores de apetite, utilizados sem prescrição.
2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas		RESULTADOS : os alunos referiram ao trabalho como fator de risco para o consumo de drogas como o álcool , cigarro e ansiolíticos . Concluiu - se que na abordagem da prevenção, deve - se trabalhar com metodologias participativas e valorizar as experiências pregressas dos alunos, o convívio familiar e grupal, e as características individuais. Recomenda - se atenção aos fatores protetores.
2009PPUFJfjanjunv3n1f6ctx1_drogas		, 2006 ; Auerswald, & Eyre, 2002). No Brasil, um levantamento, realizado em 2003 nas 27 capitais, verificou que, entre os adolescentes que moravam com suas famílias, 19, 7% apresentaram uso diário de drogas contra 72, 6% dos que não moravam com suas famílias. As principais drogas relacionadas foram o tabaco , bebidas alcoólicas , os solventes
2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas		As anfetaminas, classificadas pelo CEBRID na classe dos estimulantes, somadas aos demais, apresentaram uma prevalência na população de 2, 2 % de uso na vida entre a população feminina. Os resultados encontrados corroboram os da pesquisa semelhante, realizada por Noto et al. 19. Em ambas, as drogas com maior ocorrência foram respectivamente cigarro , cocaína , maconha e álcool .

códigos dos contextos	Contextos Variante Portuguesa
1995RTV1n1t4ctx5_drogas	Esquecido ate aos anos 70 , reapareceu com fins terapêuticos , recreativos e associado a outras toxicodependências , sendo considerado facilitador das relações interpessoais e da comunicação , e capaz de elevar o humor e a auto - estima . A difusão do " Ecstasy " , como potencial droga de abuso , levou a DEA , em 1985 , a coloca - lo , provisoriamente , no grupo de substâncias controladas a par de drogas como a heroína e a cocaína .
1995RTV1n2t1ctx1_drogas	N . C . . A motivação para o consumo da droga cresce e toma um lugar de cada vez maior releva na hierarquia de motivações do individuo , ate subordinar e , depois , excluir as outras . O quadro clínico da toxicod dependência consiste nos comportamentos instrumentais que visam a repetição do consumo de drogas . Os mecanismos motivacionais de aquisição da dependência são comuns , inespecíficos e , em si mesmos , não patológicos (Solomon , 1977) . A diversidade dos mecanismos psicofarmacológicos de drogas como o tabaco , o álcool , a heroína ou as anfetaminas psicofarmacologicamente muito diferentes justifica a diversidade quer de intensidade dos efeitos hedónicos , quer da perigosidade das drogas .
1996RTV2n2t2ctx2_drogas	As drogas como tabaco , álcool , anfetaminas e calmantes foi atribuído um impacto na saúde , no máximo , prejudicial . O haxixe / marijuana foi classificado , em media , pelos estudantes como prejudicial , mas pela maioria dos professores como muito prejudicial . As restantes substâncias - ecstasy , LSD , cocaína , crack e heroína - foram consideradas por ambos os grupos como de impacto muito prejudicial à saúde .
1997RTV3n1t3ctx2_drogas	Num quadro proibicionista qualquer consumo ilícito integra o problema socio - legal das drogas com os inerentes custos . O álcool e o tabaco são drogas enquadradas na cultura ocidental e , estritamente numa perspectiva de saúde pública , contam - se entre as mais nocivas : o número de mortes associadas e de doenças induzidas são reconhecidamente piores do que as resultantes do consumo de drogas ilegítimas como a heroína e a cocaína . Os números são claros : 400 . 000 mortes anuais nos E . U . associadas ao tabaco , 100 .
2005RTV1n1t6ctx1_drogas	O estudo salienta ainda que as vítimas de violação quando comparadas com as outras mulheres que não registaram este tipo de abuso , apresentaram uma probabilidade três vezes superior de ter consumido marijuana , seis vezes superior de ter usado cocaína e mais de dez vezes superior de ter usado outras drogas como a cocaína , a heroína e anfetaminas . A corroborar o impacto da adversidade dos maus tratos infantis na emergência de perturbação psicopatológica grave sobretudo no sexo feminino , apresentam - se alguns estudos realizados identificando co - morbilidade em consumidoras adultas de drogas , nomeadamente , perturbações pós stress traumático devido a traumas de infância . Exemplo disso é o estudo desenvolvido por Lisa M . Najavits et al .
2005RTV1n3t6ctx1_drogas	Nos contextos Techno a regra é o policonsumo de drogas , nomeadamente o ecstasy , a cocaína , o álcool e a cannabis . No entanto , há uma preferência marcada pelas pastilhas (acompanhadas pela omnipresente cannabis) . Temos alguma dificuldade em esclarecer se estas pastilhas são ecstasy ou anfetaminas , já que os efeitos descritos pelos entrevistados variam entre os dois pólos , ou se os efeitos mais anfetamínicos descritos terão origem num excesso de consumo de MDMA .
2006RTV12n3t7ctx3_drogas	No que respeita aos novos utentes , verificamos no Quadro 11 que a heroína continua a ser a principal droga consumida (mais de 87% dos casos) apesar de estar a diminuir , ao contrário do álcool e da cannabis que estão a aumentar de forma estatisticamente significativa . O álcool é já a segunda droga principal mais referida (5 , 6 %) , seguida da cannabis (3 , 5%) e da cocaína (1 , 9%) . Outras drogas como o crack , anfetaminas e psicofármacos (ansiolíticos) apresentam números apenas residuais .
2009RTV15n1t3ctx1_drogas	Esta secção inclui também dados sobre padrões e prevalências do consumo de drogas (últimos 12 meses , últimos 30 dias , prevalência de consumos injectados ao longo da vida e nos últimos 30 dias e frequência de consumos nos últimos 30 dias) . As drogas analisadas incluem a heroína , cocaína e anfetaminas . Foram também recolhidos dados relativos à idade de iniciação aos consumos destas substâncias .
2010RTV16n2t1ctx2_drogas	Não obstante , todos identificaram também alguns aspectos negativos relacionados com o uso de certas drogas , como a maior preguiça com a utilização de cannabis (n = 6) e os perigos do consumo em relação a outras substâncias além dos canabinóides (n = 3) . Além disso , três sujeitos admitiram experiências realmente negativas com a utilização de certas drogas , como a heroína e o crack .

Além dos marcadores, foram identificados outros dados linguísticos que, podem demonstrar a relação entre sentidos, ou ainda veicular semas referentes a um determinado sentido. Referimo-nos à ocorrência dos sinais tipográficos existentes nos próprios contextos.

Como meio de exemplificar esses sinais tipográficos, podemos referir que no contexto 2006RTv12n3t7ctx3_drogas referente à variante portuguesa, observa-se que a ligação entre o sentido « psicofármacos » e o sema //ansiolíticos//, não é estabelecida por um marcador linguístico, mas sim por um sinal tipográfico, no caso, os parêntesis.

Reconhecemos que os sinais tipográficos são essenciais no processo da comunicação.

Com base nos contextos apresentados anteriormente, podemos demonstrar a complexidade e as diferentes funções do sinal gráfico parêntesis, pelo fato de permitir estabelecer distintas ligações.

Os parêntesis foram identificados nos contextos 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas e 2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas, relativos à variante brasileira.

No contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas, esses sinais tipográficos estabelecem conexões entre o sentido « cocaína » e o sema //aspirada//, como também, entre os sentidos « baque » e « cocaína endovenosa ».

A primeira ligação trata-se de um caso de extensão semântica, isto é, o sentido « cocaína » incorpora o sema //aspirada//, e dá origem a uma significação mais específica, « cocaína aspirada ».

Nesse mesmo contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas, os sentidos « baque » e « cocaína endovenosa » apresentam uma relação de sinonímia.

No contexto 2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas essa ligação, a exemplo do que ocorre na primeira, tem em conta o sentido « cocaína » e as extensões //aspirada// e

//injetável//. A única diferença é que o sentido « cocaína » passa a apresentar duas delimitações, no caso, « cocaína aspirada » e « cocaína injetável ».

Tendo em conta estas ocorrências, verifica-se que os *corpora* nem sempre atualizam informações suficientemente objetivas e precisas no que se refere às relações entre termos e sentidos.

Essas ocorrências levam-nos a refletir acerca das relações termos/sentidos e sentido/sentido, e assim adotar um comportamento cauteloso.

Em virtude da opacidade caracterizada pelos parêntesis e ainda pelo fato desses sinais tipográficos não se enquadrarem no objetivo proposto para a identificação das relações polissêmicas, desprivilegiaremos esses mesmos sinais tipográficos.

Paralelamente à tarefa de reconhecimento dos marcadores a partir dos contextos, é preciso também identificar a ocorrência de outros dados linguísticos: as sequências linguísticas podem ser constituídas por uma só unidade ou ainda por um conjunto de unidades; essas sequências podem estar presentes em alguns dos contextos, onde se analisa a polissemia nominal diacrônica. Verifica-se que essas sequências podem ocorrer tanto entre o termo e o marcador, quanto entre o marcador e os sentidos. Porém, neste trabalho, limitaremos-nos apenas à tarefa de identificação das sequências linguísticas, ficando para um projeto futuro, a sua análise, descrição e tratamento mais aprofundados.

Sublinhamos que o marcador é formado por um ou mais elementos, e tem a finalidade de celebrar uma relação, conexão e/ou ligação entre o termo e os sentidos.

O marcador não qualifica e muito menos nomeia qualquer unidade terminológica; muito mais que do que conectar, ligar, unir, ele tem a função de restringir, delimitar e demarcar as várias e distintas relações entre termo e sentidos.

Um mesmo marcador linguístico estabelece várias relações que podem ser consideradas como únicas, se tivermos em consideração que a relação estabelecida entre determinados termos e sentidos situa-se num discurso que ocorre num período do tempo.

Essa característica dinâmica dos marcadores favorece o estabelecimento de variadas formas de polissemia, dentre elas, a polissemia nominal diacrônica.

Acrescentamos que, uma única ocorrência de um marcador deve ser considerada importante.

As relações estabelecidas pelos marcadores são ilustradas a partir dos contextos, onde é expresso o comportamento único de um dado marcador.

Todas as formas de conexão e ligação entre termos e sentidos são relevantes para identificar a polissemia nominal diacrônica. Mesmo apresentando uma única ocorrência, a estrutura ainda se mostra relevante, no tocante à veiculação desse fenômeno.

Lembramos, aqui, os critérios delimitados no ponto 2.4.2.1 para identificar a polissemia nominal diacrônica:

- i) identificação de marcadores, tendo em conta a relação termo e sentidos, em situação de contexto;
- ii) definição das estruturas que possam apresentar e agrupar as relações entre termo e sentidos;
- iii) descrição do comportamento do termo “drogas” e de seus sentidos.

A fim de melhor visualizar estes critérios, utilizaremos tabelas com as estruturas que apresentam as relações entre o termo “drogas” e seus sentidos.

A estrutura representa a relação entre o termo e os sentidos através de um marcador linguístico.

Acrescentamos que a posição dos termos, sentidos, marcadores e sequências podem variar de estrutura para estrutura.

A tabela é constituída por duas colunas: a primeira coluna do lado esquerdo situada na vertical apresenta os códigos dos contextos referente ao termo em questão.

A segunda coluna localizada do lado esquerdo, na horizontal, refere-se aos sentidos que foram identificados a partir dos contextos.

Optou-se por agrupar sob uma mesma estrutura as sequências em comum que veiculam as relações entre o termo “drogas” e seus sentidos.

Através dessas estruturas, identifica-se a ocorrência de distintos marcadores. Essa tarefa não se limita à análise de cada um dos marcadores e muito menos ao estabelecimento de uma tipologia; queremos apenas sublinhar a sua importância na relação termo/sentidos.

Na estrutura **termo_marcaador_sentidos**, os marcadores estabelecem apenas a relação entre um determinado termo e seus sentidos.

Conforme a tabela concebida para a variante brasileira, identificou-se que o marcador [como] pode assumir a função de um marcador quando ocorre isolado, ou seguindo por outra unidade linguística, por exemplo: [como o] e [como a].

Vejamos a tabela que se segue, a fim de se ter uma melhor apreciação das relações através dos marcadores referidos.

códigos dos contextos	Variante Brasileira
2006PUSPdezv17n4t19ctx1_drogas	drogas como a cocaína ou a anfetamina
2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas	drogas como álcool , solventes , maconha
2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas	drogas como o álcool , cigarro e ansiolíticos

Para a variante portuguesa, o marcador [como] caracteriza-se por ser o elemento mais frequente da presente estrutura. Da combinação com outras unidades resultam os marcadores: [como o] e [como a].

Ainda podemos fazer referência à única ocorrência do marcador [nomeadamente o].

Considera-se que os marcadores referidos assumem a mesma função que consiste na delimitação da relação termo/sentido, num contexto discursivo, num determinado período de tempo, conforme verifica-se na tabela a seguir.

códigos dos contextos	Variante Portuguesa
1995RTv1n1t4ctx5_drogas	drogas como a heroína e a cocaína .
1995RTv1n2t1ctx1_drogas	drogas como o tabaco , o álcool , a heroína ou as anfetaminas
1996RTv2n2t2ctx2_drogas	drogas como tabaco , álcool , anfetaminas e calmantes
2005RTv11n1t6ctx1_drogas	drogas como a cocaína , a heroína e anfetaminas
2005RTv11n3t6ctx1_drogas	drogas , nomeadamente o ecstasy , a cocaína , o álcool e a cannabis
2006RTv12n3t7ctx3_drogas	drogas como o crack , anfetaminas e psicofármacos (ansiolíticos)
2010RTv16n2t1ctx2_drogas	drogas , como a heroína e o crack

Uma outra estrutura identificada apresenta a seguinte sucessão: **sentidos_marcador_termo**.

Tal estrutura tem o mesmo modelo de formação que a anterior, exceto no que diz respeito à posição do termo e dos sentidos.

Não foi identificado nenhum exemplo referente a essa estrutura para a variante brasileira.

Para a variante portuguesa, constata-se uma única estrutura onde ocorre o marcador verbal [são], que tem por função apenas determinar a relação entre os sentidos « álcool » e « tabaco » e o termo “drogas”, como se verifica na seguinte tabela.

códigos dos contextos	Variante Portuguesa
1997RTv3n1t3ctx2_drogas	álcool e o tabaco são drogas

Num grupo de três contextos, as sequências sucedem ao termo: **termo_expressão_marcador_sentidos**.

códigos dos contextos	Variante Brasileira
2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas	drogas mencionadas pelas entrevistadas foram : álcool , inalantes , maconha , cocaína (aspirada e injetável) , crack , anticolinérgicos
2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas	drogas relatadas foram o tabaco , bebidas alcoólicas , os solventes
2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas	drogas com maior ocorrência foram respectivamente cigarro , cocaína , maconha e álcool .

Na variante brasileira, observa-se a existência somente de marcadores verbais no passado. O marcador verbal [foram] é comum a todos os contextos. Esse verbo caracteriza-se por ser tanto um marcador, quanto um constituinte de um marcador, conforme se pode observar em [foram o] e [foram respectivamente].

Através das sequências linguísticas (mencionadas pelas entrevistadas), (relatadas) e (com maior ocorrência) que ocorrem respectivamente nos contextos 2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas, 2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas e 2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas, mencionamos apenas que essas mesmas sequências contribuem para a delimitação do termo “drogas”.

Acrescentamos ainda que a sequência (com maior ocorrência) caracteriza-se por intensificar o termo “drogas”.

códigos dos contextos	Variante Portuguesa
2009RTv15n1t3ctx1_drogas	drogas analisadas incluem a heroína , cocaína e anfetaminas

Para a variante portuguesa, identificou-se apenas o marcador [incluem a], que estabelece uma relação de inclusão de sentidos.

No contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas, observa-se a estrutura que ocorre para a variante brasileira: **termo_expressão_marcador_sentidos**.

Na presente relação, o marcador [constitui-se principalmente de] tem a função tanto de inclusão quanto de intensificação de sentidos relativamente ao termo

“drogas”. Apontamos também que a sequência (nesse grupo) tem a função de agrupar os tipos de drogas.

códigos dos contextos	Variante Brasileira
2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas	drogas nesse grupo constituiu - se principalmente de : álcool , cigarro , maconha , inalantes , LSD - 25 , medicamentos , cocaína (aspirada) , baque (cocaína endovenosa) e crack (Tabela 3) .

Na variante portuguesa não foram identificadas essas estruturas.

Assim, podemos afirmar que estes marcadores nos auxiliaram a identificar e sistematizar os sentidos relativos ao termos “drogas”.

Acrescentamos ainda que essa organização fundamenta o desenvolvimento de regras linguísticas mais pormenorizadas que possam viabilizar o reconhecimento da polissemia, tanto no eixo sincrônico quanto diacrônico. A elaboração dessas regras é parte integrante de um projeto futuro referente ao tratamento e reconhecimento automático desse fenômeno.

Dessa maneira, se considerarmos que num instante t1, o termo “drogas” apresenta determinados sentidos, num instante t2 esse mesmo termo passa a apresentar os mesmos ou ainda outros sentidos e assim sucessivamente.

Do mesmo modo que os marcadores, as sequências linguísticas podem auxiliar na identificação de aspectos ligados à diacronia, como tempo, espaço, ambiente, intervenientes, etc.

Dando continuidade ao presente estudo, passaremos à segunda parte do trabalho que tem em conta, a identificação, análise e descrição dos sentidos polissêmicos dos termos.

5.1.3 Critérios e metodologias de análise e descrição da polissemia nominal diacrônica

A análise da polissemia nominal diacrônica parte da definição de critérios com o objetivo de identificar, analisar e descrever esse fenômeno. É pertinente lembrar que o termo “drogas” foi objeto de estudo de nossa Dissertação de Mestrado (2006). Decidimos continuar com a análise deste termo com a finalidade de verificar o seu comportamento, tendo em conta o eixo diacrônico.

Acrescentamos ainda que, a análise e descrição da polissemia para ambas as variantes são independentes, considerando que cada um desses espaços socioculturais e geográficos apresenta particularidades no tratamento do fenômeno sobre as drogas.

Desse modo, a polissemia nominal diacrônica em língua de especialidade deve obedecer aos seguintes critérios:

- i. Ser um termo já existente no domínio da Toxicomania (Br) / Toxicodependência (Pt).
- ii. Apresentar a mesma forma, isto é, o termo “drogas” não deve apresentar nenhuma alteração morfosintática entre os anos de 1990 a 2011;
- iii. Apresentar sentidos que tenham afinidades, semelhança e/ou ainda que estabeleçam uma certa complementaridade;
- iv. Estabelecer relações de hiponímia e hiperonímia; contudo, essas ligações só serão consideradas, se e somente se, resultarem de relações referidas nos itens ii e iii. Para efeitos de informação, o termo hiperonímia pode ser entendido como uma unidade que pode representar um todo e a partir desse todo procedem outras unidades. Já o termo hiponímia refere-se a cada unidade que representa uma das partes referentes a um todo que por sua vez, é uma outra unidade.

Segundo esses critérios, podemos observar as relações entre sentidos; em alguns casos, quanto maior for o número de vezes em que dois ou mais sentidos ocorrerem em conjunto, maior será a probabilidade de esses mesmos sentidos apresentarem maiores afinidades.

No entanto, outros sentidos apresentam uma só frequência. A manifestação única de um determinado sentido, em situação de contexto, pode vir a ser relevante no que se refere à representação da polissemia, num dado momento do discurso.

Contudo, é necessário ter o devido cuidado na análise desses sentidos que se apresentam uma única vez, tal fato não significa que esses sentidos não tenham ocorrido anteriormente ou posteriormente à data mencionada.

Com base nessas premissas, é necessário realçar a dificuldade em identificar contextos que possam ilustrar de maneira objetiva e clara a relação entre um determinado termo e os sentidos que o constituem.

Contudo, os poucos, mas acima de tudo, relevantes contextos identificados nos *corpora* e que veiculam relações claras e objetivas entre termos e sentidos são pertinentes para o desenvolvimento da metodologia de análise e descrição da polissemia nominal diacrônica.

Os contextos extraídos situam-se em vários e distintos períodos de tempo, podemos identificá-los num mesmo mês ou ainda num mesmo ano.

Observa-se que a ocorrência dos sentidos não é um processo que segue uma linha cadenciada temporal. Comprova-se a ocorrência de um mesmo sentido mais de uma vez, contudo, essa ocorrência pode ocupar períodos de tempo variados, não necessariamente seguindo uma ordem.

Recordamos ainda que, em se tratando do estabelecimento de relações polissêmicas, apenas nos interessam os contextos, onde seja possível identificar a atualização e a interação entre sentidos. É a partir dos marcadores linguísticos que se pode tanto observar as referidas relações polissêmicas, em situação de contexto, quanto analisar como essas relações são estabelecidas. Essas tarefas permitem também situar cada uma dessas relações num nível hierárquico distinto.

A análise e descrição da polissemia, num mesmo contexto, têm por finalidade a identificação das afinidades e semelhanças entre sentidos.

O estudo sobre a polissemia quando realizado em dois ou mais contextos, além de identificar a proximidade entre os sentidos, consiste também em descrever as ocorrências comuns desses sentidos.

Com base nesses critérios e observações, a etapa seguinte consiste na caracterização de polissemia. Essa tarefa tem como propósito delimitar os sentidos referentes ao termo “drogas” e desse modo identificar as semelhanças e afinidades entre os mesmos.

5.1.4 Caracterização da polissemia

Por intermédio dos *corpora* constituídos não nos são fornecidas as informações específicas acerca dos semas referentes aos sentidos; por isso, pensamos no desenvolvimento de uma metodologia para identificar a polissemia nominal diacrônica.

A adoção das classificações das drogas é o meio encontrado para sanar, em parte, essa deficiência e desse modo prosseguir com o objetivo proposto para este estudo. Assim, consideramos os seguintes conceito/termos acompanhados de suas respectivas definições e as seguintes classificações de onde essas unidades terminológicas provêm:

Classificação quanto aos efeitos farmacológicos:

drogas estimulantes

drogas perturbadoras

drogas depressoras (Br) / drogas sedativas (Pt)

Classificação quanto ao estatuto legal:

drogas lícitas

drogas ilícitas

Classificação quanto a origem:

drogas naturais

drogas semissintéticas

drogas sintéticas

A primeira classificação pode ser verificada nos sites de duas instituições que abordam a problemática sobre as drogas: o Observatório Brasileiro de Informações sobre a droga (OBID) e o Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD).

As duas instituições apresentam a mesma classificação, contudo, observa-se uma diferença de ordem terminológica. Para a variante brasileira utiliza-se o termo *drogas depressoras* e para a variante portuguesa a unidade terminológica *drogas sedativas*. No entanto, ambos os termos podem ser considerados como sinônimos.

As definições referente aos termos mencionados foram retiradas do site do Observatório Brasileiro de Informações sobre a droga (OBID). (OBID, <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>, acessado em 29-10-2012)

drogas depressoras do sistema nervoso central – “álcool, barbitúricos, benzodiazepínicos, inalantes e opiáceos – fazem com que o cérebro funcione lentamente, reduzindo a atividade motora, a ansiedade, a atenção, a concentração, a capacidade de memorização e a capacidade intelectual”;

drogas estimulantes do sistema nervoso central – “anfetaminas, cocaína e tabaco – aceleram a atividade de determinados sistemas neuronais, trazendo como conseqüências um estado de alerta exagerado, insônia e aceleração dos processos psíquicos”;

drogas perturbadoras do sistema nervoso central – “maconha, alucinógenos, LSD – produzem uma série de distorções qualitativas no funcionamento do cérebro, como delírios, alucinações e alteração na senso-percepção. Por essa razão, são também chamadas de alucinógenos”.

Em cada um dos sites são elencadas algumas drogas. De modo geral, as informações referentes a cada uma dessas substâncias estão relacionadas com o histórico das drogas, os efeitos provocados no organismo de quem as utiliza, o consumo, os aspectos farmacológicos, etc. Tais informações são relevantes no que se refere à identificação e à classificação de cada uma dessas drogas.

Apresentamos a seguir, as definições para os termos referentes à: *Classificação quanto ao estatuto legal* e *Classificação quanto a origem*.

As definições referentes à primeira classificação são provenientes do *Glossário de álcool e drogas*, Secretaria Nacional Antidrogas (2006):

drogas lícitas

Uma droga que está legalmente disponível por receita médica em determinada jurisdição ou, por vezes, uma droga legalmente disponível sem receita médica. (p.61)

drogas ilícitas

Uma substância psicoativa, cuja produção, venda ou uso são proibidos. Estritamente falando, não é a droga que é ilícita, mas sua produção, venda

ou uso em circunstâncias específicas em uma dada jurisdição (veja substâncias controladas). “Comércio de drogas ilícitas”, um termo mais exato, refere-se à produção, distribuição e venda de qualquer droga fora dos canais sancionados legalmente. (p.60-61)

As definições referentes a última classificação são provenientes do site que veicula informações sobre drogas e que se refere ao Hospital Albert Einstein (http://apps.einstein.br/alcooledrogas/novosite/drogas_classificacao.htm, acessado em 31-05-2013):

Drogas Naturais

São aquelas extraídas de uma fonte exclusivamente natural, em geral de plantas. Alguns exemplos são a cocaína, a maconha, a morfina, a mescalina e a psilocibina.

Drogas Semi-sintéticas

São drogas obtidas em laboratório, a partir de uma matriz natural. A droga semi-sintética mais conhecida é a heroína, obtida em laboratório a partir da molécula de morfina.

Drogas Sintéticas

Drogas totalmente obtidas em laboratório, sem a necessidade de precursores naturais.

Os conceitos/termos relativos a cada uma dessas classificações representam conceitos estabilizados na comunidade científica. Simultaneamente essas classificações apresentam definições de alguns conceitos que traduzem as propriedades desses mesmos conceitos.

Esses conceitos/termos referentes a estas classificações inserem-se num sistema conceitual da área do conhecimento.

Os corpora de especialidade das variantes brasileira e portuguesa permitem-nos observar a evolução das polissemias do termo “drogas”. Da análise dos corpora e das polissemias, podemos inferir a própria evolução de conceitos e de propriedades.

São os *corpora de especialidade* que nos permitem fazer uma inferência da evolução do conceito “drogas”.

Acrescentamos que, de maneira implícita, esses termos podem vir a ativar e/ou atualizar os semas referentes aos sentidos que são atribuídos a cada um dos distintos termos.

Através dos quadros, é possível identificar as polissemias extraídas dos corpora e que caracterizam três conjuntos de termos.

Podemos afirmar que estas polissemias caracterizam o termo “drogas” no espaço de tempo relativo aos textos que constituem os corpora.

Nas tabelas, o termo “sentidos” é relativo às polissemias atualizadas nos *corpora*; no entanto, podemos observar que essas polissemias estão diretamente interligadas ao nível conceitual; muitas vezes elas coincidem com conceitos e/ou propriedades e/ou características que caracterizam as particularidades do conceito/termo “drogas”.

Para a variante brasileira:

termos \ sentidos	álcool	anfeta mina	ansiolí ticos	anticolinér gicos	baque	bebidas alcoólicas	cigar ro	cocaí na	cocaína aspirada	cocaína endovenosa	cocaína injetável	crack	inalan tes	LSD-25	maco nha	medica mentos	solven tes	taba co
1º drogas estimulantes		x			x		x	x	x	x	x	x				x		x
1º drogas perturbadoras				x										x	x	x		
1º drogas depressoras	x		x			x							x			x	x	
2º drogas naturais	x					x									x	x		x
2º drogas sintéticas		x	x	x									x	x		x	x	
2º drogas semissintéticas					x		x	x	x	x	x	x				x		
3º drogas lícitas	x	x	x	x		x	x									x		x
3º drogas ilícitas					x			x	x	x	x	x	x	x	x		x	

Para a variante portuguesa

	termos \ sentidos	álcool	anfeta minas	calman tes	cannabis	cocaí na	crack	ecsta sy	heroí na	psicofár macos	taba co
1º	drogas estimulantes		x			x	x	x		x	x
1º	drogas perturbadoras				x					x	
1º	drogas sedativas	x		x					x	x	
2º	drogas naturais	x			x					x	x
2º	drogas semissintéticas					x	x	x	x	x	
2º	drogas sintéticas		x	x						x	
3º	drogas lícitas	x	x	x						x	x
3º	drogas ilícitas				x	x	x	x	x		

Os termos que integram as referidas classificações não são atestados nos *corpora*. Esses mesmos termos são extensões do termo “drogas” que servem indiretamente para estabelecer as polissemias do termo “drogas”.

Na realidade, são as polissemias que originam o surgimento das extensões do referido termo.

Sublinhamos que nos *corpora* de uma e de outra variante não foram encontrados esses termos existentes nas classificações, nem mesmo sob a sua forma resultante de uma elipse.

Considerando os critérios até o momento levantados, ainda é necessário elencar outros critérios para se reconhecer, descrever e analisar as relações polissêmicas em situação de contextos.

Assim, a execução desse estudo segue a seguinte ordem de desenvolvimento:

- i) identificação, descrição e análise dos sentidos referentes a cada um dos termos;
- ii) articulação entre os sentidos comuns.

Para essa fase do trabalho, a articulação dessas sequências é realizada mediante um processo remissivo. Estas ocorrências são remetidas uma para as outras por meio de referências que possam evidenciar essas ligações.

Esse processo ainda pode ser considerado como o início de uma organização e sistematização das polissemias.

É a partir dessas interações entre ocorrências que podemos falar sobre as relações de hierarquia que são estabelecidas entre os sentidos que integram cada um dos conjuntos de termos. As referidas relações hierárquicas podem resultar em relações de nível hiperonímico e em relações de nível hiponímico.

Essas relações, que na verdade, veiculam as relações polissêmicas entre os sentidos, serão apresentadas através de sequências que apresentamos de seguida:

Polissemia_1a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas	estimulantes	«
anfetaminas » « tabaco »		
Polissemia_1b/1995RTv1n2t1ctx1_drogas	lícitas	« álcool » «
anfetaminas » « tabaco »		

A partir de um mesmo contexto podem ser extraídas uma ou mais sequências.

Cada uma dessas sequências é identificada por meio de um número, que indica um grupo de sentidos polissêmicos relativos a um ou mais termos.

As letras, nesse caso, “a” e “b” assinalam a existência de termos que veiculam o mesmo grupo de sentidos polissêmicos. Esses caracteres referem-se aos termos “drogas estimulantes” e “drogas lícitas”, respectivamente.

Os códigos referentes aos contextos indicam a proveniência dos grupos de sentidos polissêmicos; os exemplos anteriormente referidos veiculam o mesmo contexto, no caso, 1995RTv1n2t1ctx1. Também é possível identificar grupos de sentidos referentes a termos distintos.

Observa-se que na segunda sequência, o sentido « ~~álcool~~ » está em negrito e rasurado, isto é, apresenta uma linha sob o mesmo. Essas marcas significam que, embora a unidade integre o contexto e ainda seja considerada um sentido referente ao termo em destaque, esse mesmo sentido não faz parte da sequência em questão.

Definidos os critérios e a metodologia, passamos a análise e descrição dos dados.

5.2 Análise e Descrição de Dados

5.2.1 Análise e descrição dos sentidos polissêmicos

Para dar continuidade à efetivação deste estudo, é necessário delinear algumas decisões, relativas às sequências de sentidos que apresentam afinidades.

É a partir da observação das relações hierárquicas entre os sentidos que se pode efetuar uma maior apreciação sobre a polissemia. As primeiras interações a serem referidas são as relações de nível hiponímico, pelo fato de os sentidos serem todos atribuídos ao termo “drogas”.

Na **variante brasileira**, com base nas relações de nível hierárquico, o sentido « medicamentos » pode caracterizar “drogas estimulantes”, “drogas perturbadoras” e “drogas depressoras”.

A esse mesmo sentido é possível também associar os sentidos « anfetamina », « ansiolíticos » e « anticolinérgicos ». Esses três últimos sentidos referem-se também aos termos “drogas estimulantes”, “drogas depressoras” e “drogas perturbadoras”, respectivamente.

Desse modo, o sentido « medicamentos » estabelece relações de nível hiperonímico com os sentidos « anfetamina », « ansiolíticos » e « anticolinérgicos ». Os próximos sentidos a serem mencionados estabelecem relações bem próximas entre si, são eles: « cocaína », « cocaína aspirada », « cocaína endovenosa », « cocaína injetável », « crack » e « baque ».

Os sentidos « baque » e « cocaína endovenosa » que ocorrem no contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas, resultam numa relação sinonímica⁷; optamos por considerar a relação entre estes sentidos que apenas caracterizam os termos “drogas estimulantes”, “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas”.

Embora não se tenha verificado nenhuma ocorrência em conjunto com o sentido « cocaína », podemos dizer que os sentidos « cocaína aspirada », « cocaína endovenosa » e « cocaína injetável » são relativos às diferentes formas de administração do uso da droga cocaína. Os adjetivos (aspirada), (endovenosa) e (injetável) concretizam as polissemias que surgiram em momentos anteriores.

Ainda podemos mencionar a existência da relação sinonímica entre « cocaína endovenosa » e « cocaína injetável ». A utilização de uma ou de outra unidade vai depender do propósito do especialista.

A partir desta forma de interação, podemos referir que o sentido « cocaína » estabelece uma relação de nível hiperonímico com « cocaína aspirada », « cocaína endovenosa » e « cocaína injetável » e ainda com « baque ».

Mencionamos ainda a relação de nível hiponímico estabelecida entre « cocaína injetável » e « crack » no contexto 2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas.

« Crack » e « cocaína » são sentidos que estabelecem do mesmo modo, relações de nível hiponímico com o termo “drogas”.

« Crack » ainda estabelece uma relação de nível hiponímico com « cocaína aspirada », « cocaína endovenosa », « cocaína injetável » e « baque ».

Por sua vez, os sentidos « inalantes » e « solventes », no site do OBID são tratados como sinônimos. No entanto, existe entre eles uma relação de nível hiponímico.

Os sentidos « álcool » e « bebidas alcoólicas » estabelecem relações de nível hiperonímico.

Do mesmo modo, existe uma relação de nível hiperonímico entre os sentidos « cigarro » e « tabaco ».

⁷ Nesta pesquisa não abordaremos as relações sinonímicas.

Numa segunda fase, apresentamos separadamente cada um dos termos relativos às classificações mencionadas no ponto 5.1.4.

A primeira tabela a ser apresentada diz respeito à **variante brasileira** e contempla o termo “drogas estimulantes”, unidade terminológica referente ao 1º conjunto. As ocorrências dos sentidos em situação de contexto comportam-se da seguinte maneira:

códigos dos contextos	anfeta mina	baque	cigar ro	cocaí na	cocaína aspirada	cocaína endovenosa	cocaína injetável	crack	medica mentos	taba co
2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas estimulantes		x	x		x	x			x	
2006PUSPdezv17n4t19ctx1_drogas estimulantes	x			x						
2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas estimulantes					x		x	x		
2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas estimulantes			x							
2009PPUFJfjanjunv3n1t6ctx1_drogas estimulantes										x
2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas estimulantes			x	x						

Relativamente à unidade terminológica “drogas estimulantes”, destaca-se o contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas estimulantes. Duas das sequências referentes ao termo em destaque encontram-se nesse contexto, distinguindo-se pelo fato de veicular grupos de sentidos que apresentam diferentes interações.

Apenas o sentido « cocaína aspirada » é comum a estas sequências.

Do mesmo modo, « baque » e « cocaína endovenosa » estão presentes em ambos as sequências, ainda que apresentem uma só frequência.

Apesar de ser mais frequente, o sentido « cigarro » é identificado somente na sequência Polissema_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas estimulantes.

A partir das sequências é possível ter uma melhor apreciação do que foi mencionado:

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas estimulantes «
baque » « cigarro » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » «
medicamentos »

Polissemia_2a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas estimulantes «
baque » « ~~cigarro~~ » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » «
~~medicamentos~~ »

Para além de ocorrer nas sequências, anteriormente referidas, o sentido « cocaína aspirada » é identificado no contexto 2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas estimulantes, juntamente com « cocaína injetável » e « crack » e na sequência que se segue:

Polissemia_14a/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas estimulantes «
cocaína aspirada » « cocaína injetável » « crack »

As seguintes sequências mencionadas podem referir-se também a unidade terminológica “drogas semissintéticas”.

Já as sequências que se seguem dizem respeito ao termo “drogas ilícitas”:

Polissemia_2a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas estimulantes «
baque » « ~~cigarro~~ » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » «
~~medicamentos~~ »

Polissemia_14a/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas estimulantes «
cocaína aspirada » « cocaína injetável » « crack »

Não podemos deixar de mencionar os sentidos « anfetamina », « cocaína » e « tabaco » que não aparecem em nenhuma das sequências acima referidas. Com exceção do sentido « tabaco », as duas primeiras unidades apresentam sequências em comum apenas quando referidas ao termo “drogas estimulantes”. Do mesmo modo, as ocorrências entre os sentidos « cigarro » e « cocaína » também referem-se somente a este mesmo termo. Essas constatações podem ser observadas através das seguintes sequências:

Polissemia_13/2006PUSPdezv17n4t19ctx1_drogas estimulantes « anfetamina » « cocaína »

Polissemia_22/2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas estimulantes « cigarro » « cocaína »

Não se verificou nenhuma ligação entre o sentido « tabaco » com outros sentidos. O mesmo sentido ocorre isoladamente no contexto 2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas estimulantes.

Do mesmo modo, uma das ocorrências do sentido « cigarro » apresenta-se isolada no contexto 2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas estimulantes.

O quadro a seguir veicula os contextos e sentidos referentes à unidade terminológica “drogas perturbadoras”, termo que também se refere ao 1º conjunto.

códigos dos contextos	anticolinérgicos	LSD-25	maconha	medicamentos
2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas perturbadoras		x	x	x
2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas perturbadoras			x	
2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas perturbadoras	x			
2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas perturbadoras			x	

Os sentidos referentes ao termo “drogas perturbadoras” ocorrem em menor número. Apenas no contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas perturbadoras, identifica-se a ocorrência de mais de um sentido. Nesse contexto, observa-se apenas a ocorrência dos sentidos « LSD-25 » e « maconha ». O sentido « medicamentos » não é tido em conta na referida interação.

Desse modo, os dois sentidos podem ser observados na sequência polissêmica:

Polissemia_4a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas perturbadoras « LSD-25 » « maconha » « ~~medicamentos~~ »

Os sentidos « LSD-25 » e « maconha » ainda podem ser associados ao termo “drogas ilícitas”.

Por seu turno, o sentido « maconha » apresenta-se com uma maior frequência.

Esse fato pode ser observado nos contextos 2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas perturbadoras e 2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas perturbadoras.

Do mesmo modo, o sentido « anticolinérgicos » também pode ser observado isoladamente no contexto 2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas perturbadoras.

Ainda podemos referir que a ocorrência dos sentidos « LSD-25 », « maconha » e « medicamentos » são identificados somente para o termo “drogas perturbadoras”:

Polissemia_3/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas perturbadoras « LSD-25 » « maconha » « medicamentos »

É sabido que, os sentidos « anticolinérgicos » e « medicamentos » estabelecem relações próximas, porém não se identifica nenhuma ocorrência das duas unidades em nenhum dos contextos referentes ao termo em evidência.

Como se pode notar, o termo “drogas perturbadoras” é veiculado apenas por uma ocorrência em comum.

O próximo quadro reflete o comportamento dos sentidos nos contextos que dizem respeito ao termo “drogas depressoras”, unidade terminológica que também pertence ao 1º conjunto.

códigos dos contextos	álcool	ansiolí ticos	bebidas alcoólicas	inalan tes	medica mentos	solven tes
2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas depressoras	x			x	x	
2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas depressoras	x					x
2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas depressoras	x			x		
2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas depressoras	x	x				
2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas depressoras			x			x
2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas depressoras	x					

Os contextos 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas depressoras e 2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas depressoras apresentam em comum os sentidos « álcool » e « inalantes », conforme se pode observar a partir das seguintes sequências polissêmicas:

Polissemia_6a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas depressoras « álcool » « inalantes » « **medicamentos** »

Polissemia_6b/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas depressoras « álcool » « inalantes »

O sentido « medicamentos » embora ocorra no contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6, não é uma unidade integrante da sequência Polissemia_6a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas depressoras.

O sentido « álcool » apresenta o maior número de ocorrências, seja isoladamente, conforme aparece no contexto 2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas depressoras; ou ainda acompanhado de outros sentidos, como é o caso das ocorrências com os sentidos « ansiolíticos », « inalantes », « medicamentos » e « solventes ».

As relações entre esses sentidos ocorrem apenas para o termo “drogas depressoras” e podem ser observadas a partir das seguintes sequências polissêmicas:

Polissemia_5/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas depressoras « álcool » « inalantes » « medicamentos »

Polissemia_15/2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas depressoras
« álcool » « solventes »

Polissemia_20/2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas depressoras «
álcool » « ansiolíticos »

Do mesmo modo, podemos referir que os sentidos « bebidas alcoólicas » e « solventes » referem-se apenas ao termo “drogas depressoras”.

Polissemia_23/2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas depressoras «
bebidas alcoólicas » « solventes »

Considerando o quadro referente ao termo “drogas depressoras”, destacamos os grupos de sentidos « álcool » e « bebidas alcoólicas »; « ansiolíticos » e « medicamentos ». Em cada uma das sequências, nota-se que os sentidos apresentam relações bem próximas.

Apresentamos a análise e descrição dos termos que dizem respeito ao 1º grupo referente a **variante portuguesa**.

Mencionamos que o sentido « psicofármaco » caracteriza-se por ser um elemento genérico. Este sentido refere-se às unidades terminológicas “drogas estimulantes”, “drogas perturbadoras” e “drogas sedativas”.

A esse respeito, podemos dizer que os sentidos relativos ao termo “drogas” como é o caso de « anfetaminas » e « calmantes » são considerados também sentidos dos termos “drogas perturbadoras” e “drogas sedativas”, respectivamente.

« Anfetaminas » e « calmantes » comportam-se ainda como sentidos de « psicofármacos ».

Os sentidos « anfetaminas » e « calmantes » estabelecem entre si relações de nível hiponímico. Por sua vez, « psicofármacos » é um sentido de nível hiperonímico.

No contexto 2006RTv12n3t7ctx3 evidencia-se o sema /ansiolíticos/ que caracteriza e delimita o sentido « psicofármacos » que se refere ao termo “drogas sedativas”.

Em conformidade com essas resoluções, o passo seguinte consiste em apresentar de forma isolada cada um dos termos, tendo em conta os seus sentidos e os contextos onde se pode observar a interação entre esses sentidos.

A primeira tabela tem em conta a veiculação dos sentidos e contextos referentes ao termo “drogas estimulantes”.

códigos dos contextos	anfeta minas	cocaína	crack	ecstasy	psicofár macos	tabaco
1995RTv1n1t4ctx5_drogas estimulantes		x				
1995RTv1n2t1ctx1_drogas estimulantes	x					x
1996RTv2n2t2ctx2_drogas estimulantes	x					x
1997RTv3n1t3ctx2_drogas estimulantes						x
2005RTv11n1t6ctx1_drogas estimulantes	x	x				
2005RTv11n3t6ctx1_drogas estimulantes		x		x		
2006RTv12n3t7ctx3_drogas estimulantes	x		x		x	
2009RTv15n1t3ctx1_drogas estimulantes	x	x				
2010RTv16n2t1ctx2_drogas estimulantes			x			

Para o termo “drogas estimulantes” foram identificados diferentes sequências, onde são apresentadas distintas interações entre os sentidos.

Observa-se que o sentido « anfetaminas » destaca-se por apresentar uma maior frequência e estabelecer o maior número de ocorrências com outros sentidos, como por exemplo, « tabaco », « cocaína » e « psicofármacos ».

Nos contextos 1995RTv1n2t1ctx1_drogas estimulantes e 1996RTv2n2t2ctx2_drogas estimulantes são observados as ocorrências entre os sentidos « anfetaminas » e « tabaco »:

Polissemia_1a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas anfetaminas » « tabaco »	estimulantes	«
Polissemia_1c/1996RTv2n2t2ctx2_drogas anfetaminas » « tabaco »	estimulantes	«

Esses mesmos sentidos são identificados nas sequências referentes ao termo “drogas lícitas”.

Já os sentidos « anfetaminas » e « cocaína » ocorrem nos contextos 2005RTv11n1t6ctx1_drogas estimulantes e 2009RTv15n1t3ctx1_drogas estimulantes:

Polissemia_9a/2005RTv11n1t6ctx1_drogas anfetaminas » « cocaína »	estimulantes	«
Polissemia_9b/2009RTv15n1t3ctx1_drogas anfetaminas » « cocaína »	estimulantes	«

No contexto 2006RTv12n3t7ctx3_drogas estimulantes identificam-se duas sequências:

Polissemia_16a/2006RTv12n3t7ctx3_drogas anfetaminas » « crack » « psicofármacos »	estimulantes	«
Polissemia_17a/2006RTv12n3t7ctx3_drogas anfetaminas » « crack » « psicofármacos »	estimulantes	«

O sentido « psicofármacos » é comum a ambas as sequências. Destaca-se a sequência, onde esse mesmo sentido estabelece uma ligação com o sentido « anfetaminas ». Esses sentidos estabelecem uma relação de nível hiperonímico.

A interação em conjunto entre os sentidos « anfetaminas », « crack » e « psicofármacos » pode ser conferida no mesmo contexto 2006RTv12n3t7ctx3. Essa sequência refere-se somente ao termo “drogas estimulantes”:

Polissemia_15/2006RTv12n3t7ctx3_drogas estimulantes « anfetaminas » « crack » « psicofármacos »

O termo “drogas estimulantes” veicula também os sentidos « cocaína » e « ecstasy ».

A sequência seguinte remete-se aos termos “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas”.

Polissemia_10a/2005RTv11n3t6ctx1_drogas estimulantes « cocaína » « ecstasy »

Dando continuidade a este estudo, apontamos que a unidade terminológica “drogas perturbadoras” engloba apenas os sentidos « cannabis » e « psicofármacos », porém, ambos os sentidos ocorrem em contextos distintos.

códigos dos contextos	cannabis	psicofármacos
2005RTv11n3t6ctx1_drogas perturbadoras	x	
2006RTv12n3t7ctx3_drogas perturbadoras		x

A seguir, referimo-nos aos contextos e sentidos referentes a unidade terminológica “drogas sedativas”.

códigos dos contextos	álcool	calman tes	heroína	psicofá r macos
1995RTv1n1t4ctx5_drogas sedativas			x	
1995RTv1n2t1ctx1_drogas sedativas	x		x	
1996RTv2n2t2ctx2_drogas sedativas	x	x		
1997RTv3n1t3ctx2_drogas sedativas	x			
2005RTv11n1t6ctx1_drogas sedativas			x	
2005RTv11n3t6ctx1_drogas sedativas	x			
2006RTv12n3t7ctx3_drogas sedativas				x
2009RTv15n1t3ctx1_drogas sedativas			x	
2010RTv16n2t1ctx2_drogas sedativas			x	

Apesar de os sentidos « heroína » e « álcool » apresentarem as maiores frequências referentes ao termo “drogas sedativas”, observa-se que esses sentidos apresentam apenas uma ocorrência em conjunto no contexto 1995RTv1n2t1ctx1. Essa ocorrência é identificada somente para o termo “drogas sedativas”.

O sentido « heroína » ocorre apenas na sequência seguinte:

Polissemia_2/1995RTv1n2t1ctx1_drogas sedativas « álcool » « heroína »

O sentido « álcool » surge juntamente com o sentido « calmantes ». A ocorrência desses sentidos refere-se também ao termo “drogas lícitas”.

Polissemia_6a/1996RTv2n2t2ctx2_drogas sedativas « álcool » « calmantes »

Concluindo, com base nessas relações, podemos referir que a primeira fase da análise já delimita os sentidos que apresentam afinidades através dos termos “drogas estimulantes”, “drogas depressoras” e “drogas perturbadoras” para a variante brasileira e também por meio das unidades terminológicas “drogas estimulantes”, “drogas sedativas” e “drogas perturbadoras” para a variante portuguesa.

O próximo grupo de sentidos diz respeito ao 2º conjunto relativo a classificação quanto a origem das drogas. Para as **variantes brasileira e portuguesa** são utilizados os mesmos termos: “drogas naturais”, “drogas sintéticas” e “drogas semissintéticas”.

O termo “drogas naturais” é a primeira unidade a ser observada para a **variante brasileira**. A tabela a seguir contempla os contextos e a interação entre os sentidos referentes a este termo.

códigos dos contextos	álcool	maconha	medicamentos	tabaco
2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas naturais	x	x	x	
2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas naturais	x	x		
2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas naturais	x			
2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas naturais	x			
2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas naturais				x
2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas naturais	x	x		

« Álcool » é o sentido mais frequente no termo “drogas naturais”, porém, a quantidade de ocorrências celebradas por esse sentido equipara-se ao número de ocorrências do sentido « maconha ».

Esses mesmos sentidos constituem as ocorrências identificadas somente para o termo “drogas naturais”.

Com base nesses dados, as seguintes sequências demonstram as interações entre os sentidos referidos:

Polissemia_8a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas naturais « álcool » « maconha » « **medicamentos** »

Polissemia_8b/2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas naturais « álcool » « maconha »

Polissemia_8c/2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas naturais « álcool » « maconha »

A partir do contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6, observa-se a interação em conjunto dos sentidos « álcool », « maconha » e « medicamentos ».

Polissemia_7/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas naturais « álcool » « maconha » « medicamentos »

O próximo termo a ser mencionado para essa análise e descrição, trata-se de “drogas semissintéticas”. O quadro a seguir veicula o referido termo e seus respectivos sentidos:

códigos dos contextos	baque	bebidas alcoólicas	cigar ro	cocaí na	cocaína aspirada	cocaína endovenosa	cocaína injetável	crack	medica mentos
2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas semissintéticas	x		x		x	x			x
2006PUSPdezv17n4t19ctx1_drogas semissintéticas				x					
2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas semissintéticas									
2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas semissintéticas					x		x	x	
2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas semissintéticas			x						
2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas semissintéticas		x							
2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas semissintéticas			x	x					

Para o termo “drogas semissintéticas” foram identificados diferentes grupos de sentidos. Três desses grupos já foram referidos anteriormente.

No contexto 2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas semissintéticas, identifica-se a ocorrência entre os sentidos « cocaína aspirada », « cocaína injetável » e « crack ».

Polissemia_14b/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas semissintéticas « cocaína aspirada » « cocaína injetável » « crack »

Os sentidos referentes ao termo “drogas semissintéticas” que, por sua vez, são veiculados através da sequência Polissemia_1b/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas semissintéticas também se referem ao termo “drogas estimulantes”.

Do mesmo modo, os sentidos que integram as sequências podem ser considerados como sentidos dos termos “drogas estimulantes” e “drogas ilícitas”:

Polissemia_2b/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas semissintéticas

Polissemia_14b/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas semissintéticas

O sentido « cigarro » ainda apresenta uma ocorrência com « cocaína ». Essa relação acontece apenas para o termo “drogas semissintéticas”:

Polissemia_26/2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas semissintéticas
« cigarro » « cocaína »

O termo “drogas sintéticas” é a última unidade referente ao 2º conjunto a ser mencionada. Através da figura a seguir, é possível observar os contextos e os sentidos referentes a esse termo:

códigos dos contextos	anfeta mina	ansiolí ticos	anticolinér gicos	inalan tes	LSD-25	medica mentos	solven tes
2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas sintéticas				x	x	x	
2006PUSPdezv17n4t19ctx1_drogas sintéticas	x						
2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas sintéticas							x
2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas sintéticas			x	x			
2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas sintéticas		x					
2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas sintéticas							x

Para o termo “drogas sintéticas” observa-se apenas duas sequências onde ocorre em comum o sentido « inalantes ».

Polissemia_9/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas sintéticas « inalantes
» « LSD-25 » « medicamentos »

Polissemia_16/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas sintéticas «
anticolinérgicos » « inalantes »

Para a **variante portuguesa**, segue a presente análise e descrição dos termos referentes ao 2º conjunto.

Na figura que se segue, observa-se as interações que os sentidos relacionados ao termo “drogas naturais” podem apresentar.

códigos dos contextos	álcool	cannabis	psicofármacos	tabaco
1995RTv1n2t1ctx1_drogas naturais	x			x
1996RTv2n2t2ctx2_drogas naturais	x			x
1997RTv3n1t3ctx2_drogas naturais	x			x
2005RTv11n3t6ctx1_drogas naturais	x	x		
2006RTv12n3t7ctx3_drogas naturais			x	

« Álcool » e « tabaco » são os sentidos mais frequentes para o termo “drogas naturais”. A partir dos contextos 1995RTv1n2t1ctx1_drogas naturais, 1996RTv2n2t2ctx2_drogas naturais e 1997RTv3n1t3ctx2_drogas naturais, observa-se as seguintes sequências:

Polissemia_3a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas naturais « álcool », « tabaco »

Polissemia_3c/1996RTv2n2t2ctx2_drogas naturais « álcool », « tabaco »

Polissemia_3e/1997RTv3n1t3ctx2_drogas naturais « álcool », « tabaco »

Os elementos referentes a essas sequências podem ser considerados também como sentidos veiculados pelo termo “drogas lícitas”.

O sentido « álcool » ainda ocorre com o elemento « cannabis ». A ocorrência de ambas as unidades refere-se somente ao termo “drogas naturais”:

Polissemia_11/2005RTv11n3t6ctx1_drogas naturais « álcool » « cannabis »

Para o termo “drogas semissintéticas” são apresentados os seguintes sentidos e contextos.

códigos dos contextos	cocaína	crack	ecstasy	heroína	psicofármacos
1995RTv1n1t4ctx5_drogas semissintéticas	x			x	
1995RTv1n2t1ctx1_drogas semissintéticas				x	
2005RTv11n1t6ctx1_drogas semissintéticas	x			x	
2005RTv11n3t6ctx1_drogas semissintéticas	x		x		
2006RTv12n3t7ctx3_drogas semissintéticas		x			x
2009RTv15n1t3ctx1_drogas semissintéticas	x			x	
2010RTv16n2t1ctx2_drogas semissintéticas		x		x	

O termo “drogas semissintéticas” apresenta distintos grupos de sentidos.

A primeira sequência a ser apresentada tem em conta « heroína » e « cocaína », que por sua vez, são os sentidos mais frequentes para o termo “drogas semissintéticas”. A interação entre esses sentidos pode ser observada a partir das seguintes sequências:

Polissemia_5a/1995RTv1n1t4ctx5_drogas semissintéticas « cocaína »
« heroína »

Polissemia_5c/2005RTv11n1t6ctx1_drogas semissintéticas « cocaína »
« heroína »

Polissemia_5e/2009RTv15n1t3ctx1_drogas semissintéticas « cocaína »
« heroína »

Essas sequências referem-se também ao termo “drogas ilícitas”.

O sentido « cocaína » ainda apresenta uma ocorrência em comum com « ecstasy »:

Polissemia_10b/2005RTv11n3t6ctx1_drogas semissintéticas « cocaína » « ecstasy »

A interação entre ambos os sentidos refere-se aos termos “drogas estimulantes” e “drogas ilícitas”.

Por sua vez, o sentido « crack » no contexto 2006RTv12n3t7ctx3_drogas semissintéticas é veiculado juntamente com o sentido « psicofármacos ». Já no contexto 2010RTv16n2t1ctx2_drogas semissintéticas, essa ligação é realizada com o sentido « heroína ».

Polissemia_17b/2006RTv12n3t7ctx3_drogas semissintéticas « crack » « psicofármacos »

Polissemia_19a/2010RTv16n2t1ctx2_drogas semissintéticas « crack » « heroína »

Para terminar a descrição dos termos que integram o 2º conjunto, apresentamos o termo “drogas sintéticas” com seus respectivos contextos e sentidos.

códigos dos contextos	anfetaminas	calmantes	psicofármacos
1995RTv1n2t1ctx1_drogas sintéticas	x		
1996RTv2n2t2ctx2_drogas sintéticas	x	x	
2005RTv11n1t6ctx1_drogas sintéticas	x		
2006RTv12n3t7ctx3_drogas sintéticas	x		x
2009RTv15n1t3ctx1_drogas sintéticas	x		

No termo “drogas sintéticas”, o sentido « anfetaminas » apresenta a maior frequência.

Apesar de esse sentido estar presente em todos os contextos, são identificadas apenas duas ocorrências para essa unidade. A primeira dá-se no contexto 1996RTv2n2t2ctx2_drogas sintéticas com o sentido « calmantes » e uma outra com o

sentido « psicofármacos » que pode ser observado no contexto 2006RTv12n3t7ctx3_drogas sintéticas.

Polissemia_7a/1996RTv2n2t2ctx2_drogas sintéticas « anfetaminas »
« calmantes »

Polissemia_16b/2006RTv12n3t7ctx3_drogas sintéticas « anfetaminas »
« psicofármacos »

Os sentidos apresentados nas sequências podem remeter-se, respectivamente aos termos “drogas lícitas” e “drogas estimulantes”:

Polissemia_7a/1996RTv2n2t2ctx2_drogas sintéticas

Polissemia_16b/2006RTv12n3t7ctx3_drogas sintéticas

Finalizada a segunda etapa da análise e descrição dos conjuntos de termos, observa-se que algumas das ocorrências partilham afinidades e semelhanças considerando os dois conjuntos de termos.

Noutra etapa, podemos estreitar ainda mais, a partilha de similaridades entre os sentidos.

Os termos a serem referidos contemplam a classificação quanto ao estatuto legal das drogas. A presente classificação tem em conta os termos “drogas lícitas” e “drogas ilícitas” que, por sua vez, pertencem ao 3º grupo.

O termo “drogas lícitas” é o primeiro a ser observado, acompanhado de seus respectivos contextos e sentidos, como podemos verificar na tabela a seguir:.

códigos dos contextos	álcool	anfeta mina	ansiol íticos	anticolinér gicos	bebidas alcoólicas	cigar ro	medica mentos	taba co
2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas lícitas	x					x	x	
2006PUSPdezv17n4t19ctx1_drogas lícitas		x						
2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas lícitas	x							
2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas lícitas	x			x				
2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas lícitas	x		x			x		
2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas lícitas					x			x
2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas lícitas	x					x		

Relativamente ao termo “drogas lícitas”, o sentido « álcool » é o mais frequente. O sentido « cigarro » vem logo em seguida.

Sendo esses os sentidos que apresentam as maiores frequências, é possível verificar a ocorrência de ambos nos contextos 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas lícitas, 2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas lícitas e 2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas lícitas.

A interação entre os sentidos « álcool » e « cigarro » ocorre apenas no termo “drogas lícitas”, conforme se verifica nas sequências a seguir:

Polissemia_11a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas lícitas « álcool » « cigarro » « **medicamentos** »

Polissemia_11b/2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas lícitas « álcool » « cigarro » « **ansiolíticos** »

Polissemia_11c/2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas lícitas « álcool » « cigarro »

Os sentidos em destaque, no caso, « álcool » e « cigarro » ainda estabelecem ligações com os sentidos « ansiolíticos » e « medicamentos », respectivamente, nas sequências Polissemia_10/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas lícitas e Polissemia_21/2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas lícitas.

Na sequência Polissemia_17/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas lícitas, observa-se somente a ocorrência do sentido « álcool » com o sentido « anticolinérgicos ». As sequências que se seguem referem-se apenas ao termo “drogas lícitas”.

Polissemia_10/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas lícitas « álcool » « cigarro » « medicamentos »

Polissemia_21/2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas lícitas « álcool » « cigarro » « ansiolíticos »

Polissemia_17/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas lícitas « álcool » « anticolinérgicos »

Ainda foi identificado uma ocorrência entre os sentidos « bebidas alcoólicas » e « tabaco » no contexto 2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas lícitas. Essa ocorrência refere-se apenas ao termo “drogas lícitas”:

Polissemia_24/2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas lícitas « bebidas alcoólicas » « tabaco »

Para o termo “drogas ilícitas”, os contextos e a interação entre os sentidos podem ser verificados na seguinte tabela.

códigos dos contextos	baque	cocaína na aspirada	cocaína endovenosa	cocaína injetável	crack	inalan tes	LSD-25	maco nha	solven tes
2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas ilícitas	x	x	x			x	x	x	
2006PUSPdezv17n4t19ctx1_drogas ilícitas		x							
2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas ilícitas								x	x
2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas ilícitas		x		x	x	x			
2009PPUFJFjanjunv3n1t6ctx1_drogas ilícitas									x
2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas ilícitas		x						x	

O contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas ilícitas contempla duas sequências relativas ao termo “drogas ilícitas”:

Polissemia_2c/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas ilícitas « baque », « cocaína aspirada », « cocaína endovenosa », « **inalantes** », « **LSD-25** » « **maconha** »

Polissemia_4b/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas ilícitas « ~~baque~~ » « ~~cocaína aspirada~~ » « ~~cocaína endovenosa~~ » « ~~inalantes~~ » « LSD-25 » « maconha »

Apesar de serem provenientes de um mesmo contexto, os sentidos são distintos para cada uma das sequências.

Do mesmo modo, os sentidos presentes no contexto 2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas ilícitas são distintos dos sentidos que ocorrem nos outros grupos de sentidos.

A exceção fica a cargo do sentido « cocaína aspirada » que pode ser visto tanto na sequência Polissemia_2c/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas ilícitas quanto em Polissemia_14c/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas ilícitas.

Nessa mesma sequência, identifica-se o sentido « inalantes » unidade que não integra a sequência que se segue:

Polissemia_14c/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas ilícitas « cocaína aspirada », « cocaína injetável », « crack » « ~~inalantes~~ »

O sentido « maconha » apresenta a maior frequência; os grupos de sentidos onde essa unidade ocorre, referem-se somente ao termo “drogas ilícitas”.

Polissemia_12/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas ilícitas « baque » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » « inalantes » « LSD-25 » « maconha »

Polissemia_19/2007EPCAMPjulsetv24n3t11ctx3_drogas ilícitas « maconha » « solventes »

Polissemia_25/2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas ilícitas « cocaína » « maconha »

Um outro conjunto de sentidos referentes apenas ao termo “drogas ilícitas” é constituído pelos sentidos « cocaína aspirada », « cocaína injetável », « crack » e « inalantes »:

Polissemia_18/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas ilícitas « cocaína aspirada » « cocaína injetável » « crack » « inalantes »

Para a **variante portuguesa**, as tabelas onde se apresentam os contextos e os sentidos que dizem respeito às unidades terminológicas “drogas lícitas” e “drogas ilícitas” serão veiculadas a seguir.

As ocorrências dos sentidos relativos ao termo “drogas lícitas” podem ser visualizadas a partir da seguinte tabela:

códigos dos contextos	álcool	anfetaminas	calman tes	psicofármacos	tabaco
1995RTv1n2t1ctx1_drogas lícitas	x	x			x
1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas	x	x	x		x
1997RTv3n1t3ctx2_drogas lícitas	x				x
2005RTv11n1t6ctx1_drogas lícitas		x			
2005RTv11n3t6ctx1_drogas lícitas	x				
2006RTv12n3t7ctx3_drogas lícitas		x		x	
2009RTv15n1t3ctx1_drogas lícitas		x			

Os sentidos « anfetaminas », « álcool » e « tabaco » apresentam as maiores frequências, respectivamente. As ocorrências entre esses sentidos podem ser conferidas nos contextos 1995RTv1n2t1ctx1_drogas lícitas e 1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas. A partir desses contextos pode se verificar diferentes ocorrências.

Ambas as ocorrências foram identificadas somente para o termo “drogas lícitas” e têm em conta a veiculação dos três sentidos « anfetaminas », « álcool » e « tabaco »:

Polissemia_4a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas lícitas « álcool » «
anfetaminas » « tabaco »

Polissemia_4b/1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas « álcool » « anfetaminas » « **calmantes** » « tabaco »

O sentido « tabaco » apresenta a menor frequência, mesmo assim, encontra-se presente em todas as sequências.

A esse respeito, observa-se que nas sequências dos contextos 1995RTv1n2t1ctx1_drogas lícitas e 1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas, identifica-se em cada uma, os pares de sentidos « anfetaminas » e « tabaco »; « álcool » e « tabaco ».

Polissemia_1b/1995RTv1n2t1ctx1_drogas lícitas « ~~álcool~~ » «
anfetaminas » « tabaco »

Polissemia_1d/1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas « ~~alcohol~~ » «
anfetaminas » « ~~calmantes~~ » « tabaco »

Polissemia_3b/1995RTv1n2t1ctx1_drogas lícitas « álcool » « anfetaminas » « tabaco »

Polissemia_3d/1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas « álcool » « anfetaminas » « calmantes » « tabaco »

A dupla de sentidos « anfetaminas » e « tabaco » está presente nas sequências Polissemia_1b/1995RTv1n2t1ctx1_drogas lícitas e Polissemia_1d/1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas e também referem-se ao termo “drogas estimulantes”.

Por sua vez, os sentidos « álcool » e « tabaco » que constam nos grupos Polissemia_3b/1995RTv1n2t1ctx1_drogas lícitas, Polissemia_3d/1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas e podem ser referidos ao termo “drogas naturais”.

« Tabaco » ainda pode ser observado juntamente com o sentido « álcool ».

Ambos os sentidos são veiculadas através do termo “drogas naturais”.

Polissemia_3f/1997RTv3n1t3ctx2_drogas lícitas « álcool » « tabaco »

Os sentidos « álcool » e « tabaco » podem ocorrer juntamente com os sentidos « anfetaminas » e « calmantes ». Porém, a presente ocorrência é conferida apenas ao termo “drogas lícitas”.

Polissemia_8/1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas « álcool » « anfetaminas » « calmantes » « tabaco »

Foram identificadas outras ocorrências para o termo “drogas lícitas” que também remetem-se a distintos termos.

Dentre essas ocorrências, podemos referir as sequências que veiculam os sentidos « álcool » e « calmantes ». Esse grupo de sentidos pode ser referido ao termo “drogas sedativas”.

Nessa mesma sequência, os sentidos « anfetaminas » e « tabaco » não integram a ocorrência mencionada.

Polissemia_6b/1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas « álcool » « ~~anfetaminas~~ » « calmantes » « ~~tabaco~~ »

A próxima sequência contempla os sentidos « anfetaminas » e « calmantes ». Esse grupo de sentidos refere-se também ao termo “drogas sintéticas”. Desse modo, os sentidos « álcool » e « tabaco » ficam fora da presente sequência.

Polissemia_7b/1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas « ~~álcool~~ » « anfetaminas » « calmantes » « ~~tabaco~~ »

Os sentidos e contextos referentes ao termo “drogas ilícitas” podem ser conferidos na tabela a seguir:

códigos dos contextos	cannabis	cocaína	crack	ecstasy	heroína
1995RTv1n1t4ctx5_drogas ilícitas		x			x
1995RTv1n2t1ctx1_drogas ilícitas					x
2005RTv11n1t6ctx1_drogas ilícitas		x			x
2005RTv11n3t6ctx1_drogas ilícitas	x	x		x	
2006RTv12n3t7ctx3_drogas ilícitas			x		
2009RTv15n1t3ctx1_drogas ilícitas		x			x
2010RTv16n2t1ctx2_drogas ilícitas			x		x

Os dois sentidos « heroína » e « cocaína » são os mais frequentes e podem ser observados nas seguintes sequências:

Polissemia_5b/1995RTv1n1t4ctx5_drogas ilícitas « cocaína » « heroína »

Polissemia_5d/2005RTv11n1t6ctx1_drogas ilícitas « cocaína » « heroína »

Polissemia_5f/2009RTv15n1t3ctx1_drogas ilícitas « cocaína » « heroína »

A interação entre esses dois sentidos também reporta-se ao termo “drogas semissintéticas”.

O sentido « cocaína » apresenta uma ocorrência com o sentido « ecstasy ». Essa ocorrência remete-se aos termos “drogas estimulantes” e “drogas semissintéticas”.

Por sua vez, o sentido « crack », mesmo ocorrendo duas vezes, apresenta apenas uma ocorrência em comum juntamente com « heroína », referindo-se ao termo “drogas semissintéticas”:

Polissemia_19b/2010RTv16n2t1ctx2_drogas ilícitas « crack » « heroína »

A ocorrência dos sentidos a seguir apresentam-se apenas para o termo “drogas ilícitas”:

Polissemia_13/2005RTv11n3t6ctx1_drogas ilícitas « cannabis » « cocaína » « ecstasy »

Polissemia_12/2005RTv11n3t6ctx1_drogas ilícitas « cannabis » « **cocaína** » « ecstasy »

Polissemia_14/2005RTv11n3t6ctx1_drogas ilícitas « cannabis » « cocaína » « **ecstasy** »

Polissemia_18/2006RTv12n3t7ctx3_drogas lícitas « anfetaminas » « psicofármacos »

As três primeiras sequências podem estabelecer uma relação entre si. Ainda podemos acrescentar que as duas últimas sequências não veiculam os sentidos « cocaína » e « ecstasy ». Já a última ocorrência pode ser considerada uma sequência complementar às sequências mencionadas, pelo fato, de veicular sentidos que não constam nas anteriores.

Concluindo, diante das análises realizadas para ambas as variantes, podemos referir que os sentidos e suas relações se caracterizam pela dinamicidade e evolução.

A próxima etapa consiste em apresentar as sequências que apresentam sentidos comuns.

Recordamos que essa etapa do trabalho já foi iniciada a partir da remissão de uma ocorrência para outras que apresentam sentidos comuns.

Partimos das sequências para identificar os sentidos comuns que podem ser referidos a termos distintos; organizamos também as polissemias considerando os termos que se situam em distintos espaços temporais.

5.2.1.1 Polissemias

5.2.1.1.1 Variante brasileira

Identificamos quatro grupos de sequências comuns:

- 1_ “drogas estimulantes”, “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas”
- 2_ “drogas estimulantes”, “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas”
- 3_ “drogas estimulantes” e “drogas semissintéticas”
- 4_ “drogas perturbadoras” e “drogas ilícitas”

Os termos “drogas estimulantes”, “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas” podem ser consideradas as unidades terminológicas que veiculam um maior número de relações polissêmicas.

Apesar de os grupos 1 e 2 veicularem os mesmos termos, optamos por analisá-los e descrevê-los separadamente, em virtude de as ocorrências e os sentidos veiculados através dessas sequências serem distintas.

Por meio de um único contexto, 2002RSPagov36n4t4ctx6, identificam-se os sentidos « baque », « cocaína aspirada », « cocaína endovenosa », que se referem aos termos “drogas estimulantes”, “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas”, unidades que pertencem, respectivamente, ao 1º, 2º e 3º conjuntos.

As três sequências que apresentam sentidos comuns resultam de um processo de polissemia diacrônico, considerando o momento atual e também um processo de polissemia sincrônica que se situa num passado recente.

Polissemia_2a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas estimulantes «
baque » « ~~cigarro~~ » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » «
~~medicamentos~~ »

Polissemia_2b/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas semissintéticas « baque », « ~~cigarro~~ », « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » « ~~medicamentos~~ »

Polissemia_2c/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas ilícitas « baque », « cocaína aspirada », « cocaína endovenosa », « ~~inalantes~~ », « ~~LSD-25~~ » « ~~maconha~~ »

Do mesmo modo que ocorre com o grupo anteriormente analisado, « cocaína aspirada », « cocaína injetável » e « crack » são os sentidos comuns que ocorrem no contexto 2007RSPdezv41s2t27ctx1.

As ocorrências que estão sob os 1º, 2º e 3º conjuntos referem-se, respectivamente, aos termos “drogas estimulantes”, “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas”.

Os sentidos que integram essas ocorrências caracterizam-se por estabelecer ligações bem próximas.

Polissemia_14a/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas estimulantes « cocaína aspirada » « cocaína injetável » « crack »

Polissemia_14b/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas semissintéticas « cocaína aspirada » « cocaína injetável » « crack »

Polissemia_14c/2007RSPdezv41s2t27ctx1_drogas ilícitas « cocaína aspirada », « cocaína injetável », « crack » « ~~inalantes~~ »

As ocorrências referentes aos termos “drogas estimulantes” e “drogas semissintéticas” provêm do mesmo contexto, no caso, 2002RSPagov36n4t4ctx6.

« Baque », « cigarro », « cocaína aspirada », « cocaína endovenosa » e « medicamentos » são os sentidos constituintes das sequências que se seguem.

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas estimulantes « baque » « cigarro » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » « medicamentos »

Polissemia_1b/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas semissintéticas «
baque » « cigarro » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » «
medicamentos »

Nas sequências seguintes, os sentidos que constituem os dois últimos grupos
estão também presentes nos primeiros.

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas estimulantes
Polissemia_1b/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas semissintéticas
Polissemia_2a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas estimulantes
Polissemia_2b/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas semissintéticas

O último grupo de sentidos identificados difere dos anteriores no que se refere
aos termos e aos sentidos que são veiculados. Porém, o contexto de onde provêm
essas sequências, mais uma vez, é 2002RSPagov36n4t4ctx6.

« LSD-25 » e « maconha » são os sentidos comuns que se referem aos termos
“drogas perturbadoras” e “drogas ilícitas”, que por sua vez, dizem respeito aos 1º e 2º
conjuntos, respectivamente. As sequências que se seguem resultam de uma polissemia
sincrônica.

Polissemia_4a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas perturbadoras « LSD-
25 » « maconha » « ~~medicamentos~~ »
Polissemia_4b/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas ilícitas « ~~baque~~ » «
~~cocaína-aspirada~~ » « ~~cocaína-endovenosa~~ » « ~~inalantes~~ » « LSD-25 »
« maconha »

As sequências podem ser consideradas complementares pelo fato de veicularem
sentidos distintos, exceto o sentido « cocaína aspirada » que pode ser identificado nas
2ª e 3ª sequências:

Polissemia_4b/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas ilícitas

Ainda podemos referir a ocorrência da polissemia diacrônica que apresenta um intervalo de mais ou menos de cinco anos.

Considerando as sequências identificadas, ainda podemos referir que o contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6 é aquele que apresenta o maior número de ocorrências. Essas sequências, por sua vez, são atribuídas a distintos termos que integram diferentes conjuntos.

Referidas as particularidades acerca dessas sequências, passamos a variante portuguesa.

5.2.1.1.2 Variante portuguesa

Foram identificados os seguintes grupos de sequências:

- 1_ “drogas estimulantes” e “drogas semissintéticas”
- 2_ “drogas estimulantes” e “drogas sintéticas”
- 3_ “drogas estimulantes” e “drogas lícitas”
- 4_ “drogas sedativas” e “drogas lícitas”
- 5_ “drogas naturais” “drogas lícitas”
- 6_ “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas”
- 7_ “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas”
- 8_ “drogas sintéticas” e “drogas lícitas”

As unidades terminológicas “drogas estimulantes”, “drogas semissintéticas” e “drogas lícitas” são os termos que apresentam o maior número de relações polissêmicas.

« Crack » e « psicofármacos » são sentidos que ocorrem em um mesmo contexto, 2006RTv12n3t7ctx3, referindo-se aos termos “drogas estimulantes” e “drogas semissintéticas”. Cada um dos termos pertence a conjuntos distintos. O primeiro termo refere-se ao 1º conjunto e o último ao 2º conjunto.

Como as sequências apresentam-se num mesmo contexto, podemos dizer que estamos perante uma polissemia sincrônica:

Polissemia_17a/2006RTv12n3t7ctx3_drogas estimulantes «
anfetaminas » « crack » « psicofármacos »
 Polissemia_17b/2006RTv12n3t7ctx3_drogas semissintéticas « crack »
 « psicofármacos »

No contexto 2006RTv12n3t7ctx3 ainda podemos observar as sequências relativas aos termos “drogas estimulantes” e “drogas sintéticas”, referentes ao 1º e 2º conjuntos, respectivamente. Os termos apresentam os sentidos « anfetaminas » e « psicofármacos ».

Nas sequências que se situam num mesmo contexto, podemos observar o fenómeno da polissemia sincrônica:

Polissemia_16a/2006RTv12n3t7ctx3_drogas estimulantes «
 anfetaminas » « **crack** » « psicofármacos »
 Polissemia_16b/2006RTv12n3t7ctx3_drogas sintéticas « anfetaminas
 » « psicofármacos »

« Anfetaminas » e « tabaco » são os sentidos referidos aos termos “drogas estimulantes” e “drogas lícitas”. Esses termos pertencem aos 1º e 3º conjuntos, respectivamente. Ambos os termos ocorrem tanto no contexto 1995RTv1n2t1ctx1, quanto em 1996RTv2n2t2ctx2.

Embora o intervalo de tempo entre esses contextos seja de um ano, a interação entre os sentidos, como se pode comprovar através de suas ocorrências resultam em polissemias tanto a nível sincrônico quanto diacrônico.

A nível sincrônico, pelo fato de os sentidos « anfetaminas » e « tabaco » ocorrerem num mesmo período de tempo, e diacrônico pelo motivo de que esses mesmo elementos apresentam-se sob uma sucessão temporal.

Polissemia_1a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas	estimulantes	«
anfetaminas » « tabaco »		
Polissemia_1b/1995RTv1n2t1ctx1_drogas	lícitas	« álcool » «
anfetaminas » « tabaco »		
Polissemia_1c/1996RTv2n2t2ctx2_drogas	estimulantes	«
anfetaminas » « tabaco »		
Polissemia_1d/1996RTv2n2t2ctx2_drogas	lícitas	« álcool » «
anfetaminas » « calmantes » « tabaco »		

Os sentidos « álcool » e « calmantes » apresentam ocorrências no contexto 1996RTv2n2t2ctx2. Esses sentidos referem-se aos termos “drogas sedativas” e “drogas lícitas”, unidades relativas aos 1º e 3º conjuntos.

Devido ao fato de essas ocorrências serem provenientes de um mesmo contexto, podemos afirmar que estamos perante uma polissemia diacrônica considerando o momento atual e também um processo de polissemia sincrônica que se situa num passado não muito recente.

Polissemia_6a/1996RTv2n2t2ctx2_drogas	sedativas	« álcool » «
calmantes »		
Polissemia_6b/1996RTv2n2t2ctx2_drogas	lícitas	« álcool » «
anfetaminas » « calmantes » « tabaco »		

As ocorrências constituídas pelos sentidos « álcool » e « tabaco » remetem-se aos termos “drogas naturais” e “drogas lícitas”. A relação entre essas unidades pode ser observada nos contextos 1995RTv1n2t1ctx1, 1996RTv2n2t2ctx2 e 1997RTv3n1t3ctx2. Em cada um dos contextos, esses sentidos são veiculados por ambos os termos. Desse modo, podemos referir-nos a sucessão temporal que resulta num processo de polissemia a nível sincrônico e diacrônico.

Lembramos que, o termo “drogas naturais” refere-se ao 2º conjunto e a unidade terminológica “drogas lícitas” remete-se ao 3º conjunto.

Polissemia_3a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas naturais « álcool » « tabaco »

Polissemia_3b/1995RTv1n2t1ctx1_drogas lícitas « álcool » « **anfetaminas** » « tabaco »

Polissemia_3c/1996RTv2n2t2ctx2_drogas naturais « álcool », « tabaco »

Polissemia_3d/1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas « álcool » « **anfetaminas** » « **calmantes** » « tabaco »

Polissemia_3e/1997RTv3n1t3ctx2_drogas naturais « álcool », « tabaco »

Polissemia_3f/1997RTv3n1t3ctx2_drogas lícitas « álcool » e « tabaco »

Os termos “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas” pertencem respectivamente, aos 2º e 3º conjuntos. As unidades terminológicas em destaque veiculam os sentidos « cocaína » e « heroína » nos contextos 1995RTv1n1t4ctx5, 2005RTv11n1t6ctx1 e 2009RTv15n1t3ctx1. A polissemia a nível sincrônico pode ser observada a partir das ocorrências provenientes de cada um dos contextos onde se observa a ligação dos sentidos « cocaína » e « heroína » a cada um dos termos.

Por sua vez, a polissemia diacrônica relativa às sequências anteriormente referidas, é evidenciada por intermédio de uma linha temporal que apresenta intervalos de tempo de dez anos e quatro anos, respectivamente.

Polissemia_5a/1995RTv1n1t4ctx5_drogas semissintéticas « cocaína » « heroína »

Polissemia_5b/1995RTv1n1t4ctx5_drogas ilícitas « cocaína » « heroína »

Polissemia_5c/2005RTv11n1t6ctx1_drogas semissintéticas « cocaína » « heroína »

Polissemia_5d/2005RTv11n1t6ctx1_drogas ilícitas « cocaína » « heroína »

Polissemia_5e/2009RTv15n1t3ctx1_drogas semissintéticas « cocaína » « heroína »

Polissemia_5f/2009RTv15n1t3ctx1_drogas ilícitas « cocaína » « heroína »

« Crack » e « heroína » são sentidos referentes aos termos “drogas semissintéticas” e “drogas ilícitas”, que por sua vez, pertencem ao 2º e 3º conjuntos. As ocorrências que se efetivam a partir da ligação entre esses termos podem ser observadas no contexto 2010RTv16n2t1ctx2.

Por se tratar de ocorrências procedentes de um mesmo contexto de um período recente, estamos perante uma polissemia de caráter sincrônico.

Polissemia_19a/2010RTv16n2t1ctx2_drogas semissintéticas « crack » « heroína »

Polissemia_19b/2010RTv16n2t1ctx2_drogas ilícitas « crack » « heroína »

Por fim, podemos referir aos sentidos « anfetaminas » e « calmantes » que ocorrem no contexto 1996RTv2n2t2ctx2. Nesse mesmo contexto, identificam-se “drogas sintéticas” e “drogas lícitas”, que respectivamente, pertencem ao 2º e 3º conjuntos.

Podemos afirmar que estamos perante uma polissemia diacrônica considerando o momento atual e também um processo de polissemia sincrônica que se situa num passado não muito recente.

Polissemia_7a/1996RTv2n2t2ctx2_drogas sintéticas « anfetaminas » « calmantes »

Polissemia_7b/1996RTv2n2t2ctx2_drogas lícitas « ~~álcool~~ » « anfetaminas » « calmantes » « ~~tabaco~~ »

Desse modo, chegamos ao fim da etapa referente ao estabelecimento da polissemia diacrônica para ambas as variantes.

Temos que ressaltar que, mesmo referindo-se apenas a um determinado termo, e ainda não apresentando nenhuma interação com outras sequências, algumas das ocorrências comportam-se também como sequências relevantes para o estabelecimento da polissemia.

Observa-se que as sequências estabelecem distintas interações, dentre elas, estão a inclusão e complementaridade.

No primeiro caso, a relação por inclusão diz respeito às sequências que são abrangidas por outras sequências. Essa interação dá-se através dos sentidos, mais precisamente quando uma determinada sequência apresenta um grupo de sentidos que pode estar contido numa outra ocorrência que, por sua vez, apresenta um conjunto com um maior número de sentidos.

Já a relação por complementaridade tem em conta o agrupamento das ocorrências que veiculam distintos sentidos e que são referentes a um mesmo termo.

Para a **variante brasileira** foram identificados os dois tipos de interações. Apenas a relação por complementaridade pode ser verificada na **variante portuguesa**.

Ainda referimos que, tanto os anos através dos quais se verifica a interação entre as ocorrências quanto o intervalo ocorrente entre esses períodos de tempo contribuem para o dinamismo e versatilidade da unidade terminológica “drogas”.

Com base nos dados aqui veiculados, a próxima etapa consiste na concepção de protótipos referentes à base de dados, ao dicionário e à ontologia que serão apresentados no capítulo a seguir.

6. CONCEPÇÃO DE MODELOS DE PROTÓTIPOS
(COMPONENTE BRASILEIRA, COMPONENTE PORTUGUESA)
A PARTIR DOS *CORPORA DE ESPECIALIDADE*
PARA O TRATAMENTO DA POLISSEMIA NOMINAL DIACRÔNICA

6.1 Implementação dos modelos de protótipos para a gestão da polissemia nominal diacrônica

Numa fase inicial, a implementação dos modelos gira em torno apenas dos dados levantados para o estabelecimento da polissemia. Desse modo, não seremos exaustivos no que se refere a uma descrição aprofundada sobre esses protótipos, visto que, outras resoluções devem ser refletidas antes de serem veiculadas.

A organização, a sistematização e a disponibilização dos sentidos polissêmicos dos termos a partir dos *corpora de especialidade* são tarefas que devem ser consideradas e realizadas no trabalho terminológico. O desenvolvimento desse trabalho resulta numa melhor compreensão da área da Toxicomania (Br) / Toxicodependência (Pt).

Dessa maneira, tanto os processos de harmonização quanto os de normalização podem também ser beneficiados, conforme o subcapítulo 3.4.2.

O enquadramento teórico e a metodologia apoiam a análise e descrição dos dados levantados a partir dos *corpora* e ainda fundamentam a criação de ferramentas a fim de armazená-los, geri-los e manipulá-los.

Nessa vertente de pensamento, podemos fazer referência aos modelos de identificação, e armazenamento de dados, fundamentados nas ocorrências de relações polissêmicas entre termo/sentidos e entre sentidos/sentidos.

Assim, tanto os dicionários, quanto as bases de dados e bases de dados textuais, como as ontologias devem ser refletidas como ferramentas que podem

subsidiar o tratamento desse fenômeno, em virtude da constante atualização de um termo através dos sentidos.

A partir de cada uma dessas distintas ferramentas, é possível identificar e fixar as relações polissêmicas entre os sentidos referentes a um determinado termo. Desse modo, essas ferramentas podem apresentar interface, no que se refere o modo *sui generis* de cada uma veicular a polissemia.

Por intermédio dessa interface, observa-se uma complementaridade entre os dados relativos a polissemia que integra cada uma dessas ferramentas.

Para o desenvolvimento dessa fase do trabalho, refletiremos sobre a concepção de modelos de protótipos que servirão de apoio para o tratamento dos sentidos polissêmicos de um termo. Os referidos modelos serão concebidos em access 2007.

As ocorrências identificadas e apresentadas no subcapítulo 5.2.1 serão o ponto de partida para a realização dessa tarefa.

Cada uma das ocorrências veicula um grupo distinto de sentidos que se situa num mesmo ou diferente período do tempo. Esse fato pode ser observado a partir do seguinte exemplo:

A ocorrência:

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas estimulantes
« baque » « cigarro » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » «
medicamentos »

é uma sequência extraída do contexto 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas e referida ao termo “drogas”, que por sua vez, remete-se a unidade terminológica “drogas estimulantes”, termo referente ao 1º conjunto. Essa ocorrência é constituída pelos termos: « baque », « cigarro », « cocaína aspirada », « cocaína endovenosa » e « medicamentos ».

Relembramos que esses elementos apresentam relações hierárquicas distintas (cf. ponto 5.2.1). Essas interações necessitam também de ser consideradas no estabelecimento da polissemia. Afinal, as relações hierárquicas resultam em relações polissêmicas.

É correto afirmar que essas relações hierárquicas podem ser consideradas como formalizações que se encontram embutidas nas interações entre os sentidos que integram a presente sequência.

O objetivo deste trabalho consiste em analisar a polissemia do termo “drogas”; logo após o código referente ao contexto, foi acrescentado o termo “drogas”. Essa tomada de decisão tem em conta que o termo em evidência origina as extensões que integram os conjuntos de termos.

Com base nessas informações, podemos referir que as ocorrências mais do que veicular os sentidos referentes a um determinado termo, sublinham as relações entre esses sentidos num certo período do tempo.

Para se ter em conta que um determinado sentido integra uma certa ocorrência, é necessário elaborar outras formalizações que possam representar a relação desse mesmo sentido tanto com o termo que lhe é atribuído quanto com os outros sentidos que fazem parte dessa mesma sequência.

Assim, cada um dos sentidos que constituem uma certa sequência deve ser considerado também como um elemento principal dessa ocorrência.

Para fins de exemplificação, consideramos novamente a ocorrência referida anteriormente. A partir dessa sequência é possível apresentar as seguintes formalizações:

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas
estimulantes/baque « baque » « cigarro » « cocaína aspirada » «
cocaína endovenosa » « medicamentos »

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas
estimulantes/cigarro « baque » « cigarro » « cocaína aspirada » «
cocaína endovenosa » « medicamentos »

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas
estimulantes/cocaína aspirada « baque » « cigarro » « cocaína
aspirada » « cocaína endovenosa » « medicamentos »

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas
estimulantes/cocaína endovenosa « baque » « cigarro » « cocaína
aspirada » « cocaína endovenosa » « medicamentos »

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas
estimulantes/medicamentos « baque » « cigarro » « cocaína aspirada
» « cocaína endovenosa » « medicamentos »

Assim, a partir da ocorrência 2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas estimulantes são apresentadas outras sequências, onde cada um dos sentidos que constitui a referida ocorrência posiciona-se logo após o termo, nesse caso, “drogas estimulantes”.

Esse processo deve ser realizado para todas as ocorrências aqui identificadas.

De certo modo, as ocorrências caracterizam-se por ser formalizações concebidas para veicular as relações entre termo/sentidos e sentidos/sentidos.

Mais do que veicular relações, as formalizações objetivam ainda a delimitação de cada uma dessas interações no tempo e no espaço, com o objetivo de demonstrar através da máquina que o fenômeno da polissemia integra a realidade científica.

A essa motivação, junta-se ainda a necessidade de se desenvolver algoritmos a partir dessas formalizações. Esses mesmos algoritmos são concebidos para que a máquina possa reconhecer que cada uma dessas ocorrências são premissas utilizadas para a identificação dos sentidos polissêmicos.

A título de informação, de modo geral, o algoritmo é uma sequência finita de instruções não ambíguas concebidas e executadas pela máquina.

No entanto, essa fase do trabalho é dedicada apenas à concepção de protótipos que objetivam veicular a polissemia, como uma realidade presente no domínio especializado.

6.1.1. Base de dados textual

Mais do que estarem sistematizados e organizados num eixo diacrônico, os textos de especialidade que constituem os *corpora* devem ser disponibilizados de modo a fornecer informações específicas que possam auxiliar na identificação da polissemia nominal diacrônica.

Desse modo, podemos falar sobre as bases de dados textuais como estruturas criadas para armazenar, gerir e manipular grandes coleções de textos e de suas respectivas informações em função dos objetivos de um determinado trabalho.

No âmbito desse trabalho, os campos levantados para a concepção dessa ferramenta objetiva a identificação e veiculação dos dados polissêmicos referentes a um determinado termo.

Os dados provenientes das bases de dados textuais fundamentam a construção da base de dados, do dicionário contextual e da ontologia.

O dinamismo é inerente ao conceito de base textual. Essa característica está relacionada com a atualização constante dessa ferramenta, a partir do armazenamento de outros textos. Tal enriquecimento permite a observação de eventuais comportamentos da relação termo/sentido. Contudo, é necessário referir que, essa tarefa deve ser realizada de acordo com os critérios estabelecidos para proceder à recolha dos textos.

As bases textuais têm o seu início a partir da criação de uma tabela. Essa tabela é constituída por campos selecionados de acordo com o objetivo do estudo. Esses campos devem estar relacionados entre si, considerando que os dados extraídos dos corpora são unidades que se relacionam.

A relação entre os campos pode ser observada a partir da figura 4.

Cada seta que sai de um campo em direção a outro, indica que esses campos apresentam uma relação.

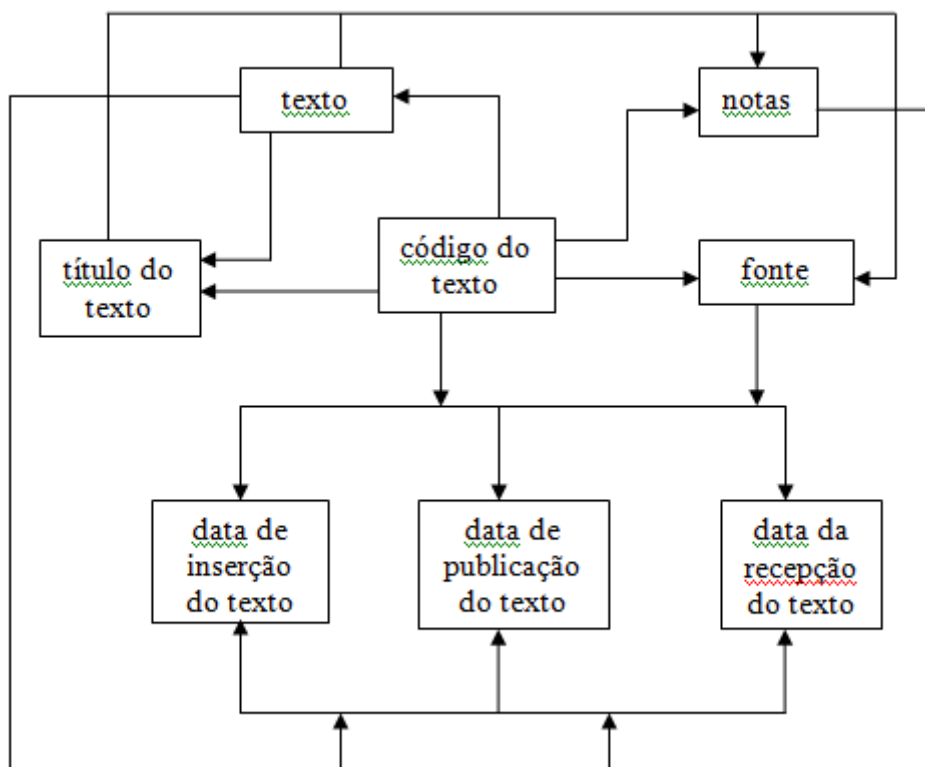


Figura 4: estabelecimento entre campos referentes a base de dados textual

Com base na relação entre os campos, apresentaremos cada um destes espaços a seguir:

código do texto: entrada da base textual. A partir desse código é possível gerir todos os dados extraídos relativos ao texto, que por sua vez, possam ser veiculados por intermédio dos outros campos.

título do texto: nesse campo é inserido o próprio título do texto;

texto: nesse espaço é introduzido todo o texto;

fonte: a procedência do texto;

data de inserção do texto: data de inserção do texto na base textual;

data de publicação do texto e data da recepção do texto: esses dois campos são relevantes para se delimitar no espaço temporal a relação estabelecida entre termo e seus respectivos sentidos;

notas: outras informações sobre o texto de especialidade.

A título de elucidação, os campos <data de publicação do texto> e <data da recepção do texto> apresentam uma relevância para esse estudo. Observa-se uma distinção entre essas datas, a primeira remete-se a publicação da revista onde o texto é veiculado, já a segunda tem em conta a recepção do texto. Nem sempre a publicação e a recepção são etapas que ocorrem num mesmo período. Desse modo, pode haver divergências entre as datas. (cf. ponto 2.2.)

Nesta perspectiva, Plessers *et al.*, afirmam que: “In temporal databases, in general two dimensions of time are considered: transaction time and valid time. Transaction time represents the time when data is actually stored in the database, while valid time represents the time when data is valid in the modeled world.” (Plessers *et al.*, 2007:43).

Dessa forma, nada mais relevante do que delimitar as datas referentes à recepção e divulgação de um determinado texto. As datas certamente podem atestar a polissemia referente a um termo.

A seguir à criação das tabelas, foram concebidos os formulários. Para cada um dos textos é criado um formulário. Por meio de um formulário é possível gerir e manipular os dados referentes a cada um dos textos.

A figura 5 e 6 demonstram o modelo dos formulários confeccionados para esse trabalho:

Código do texto:	2002RSPagov36n4t4	Texto:	DESCRIPTORES Transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas. Drogas ilícitas. Tabagismo. Cocaína crack. Progressão de drogas. Estudo qualitativo. Interferentes de uma escalada. RESUMO OBJETIVO: Identificar, entre usuários de crack, uma progressão no uso de drogas e seus fatores interferentes. MÉTODOS: Utilizou-se metodologia qualitativa para uma investigação mais profunda, considerando o ponto de vista que o entrevistado tem do fenômeno. Foram aplicados entrevistas de longa duração e questionários semi-estruturados. Foi delineada uma amostra intencional, e uma amostragem com critérios foi conseguida. Para atingir a saturação teórica, foram entrevistados 31 usuários ou ex-usuários de crack. RESULTADOS:
Título do texto:	Seqüência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes		
Fonte:	Rev. Saúde Pública v.36 n.4 São Paulo ago. 2002		
Data de inserção do texto:	04/06/2013		
Data de publicação do texto:	Agosto/2002		
Data da recepção do texto:	25/06/2001		
Notas:			

Figura 5: Formulário da base textual referente a variante brasileira

Código do texto:	1995RTv1n1t4	Texto:	Breves considerações A designação "Designer Drugs" tem origem nos E.U.A., tendo sido proposta pelo farmacologista Gary Henderson ao referir-se a substâncias produzidas de forma clandestina, farmacologicamente muito semelhantes a outras já existentes e sujeitas a restrições legais na sua produção, comercialização e consumo. O objectivo é contornar a lei, pois, embora correspondendo a produtos com efeitos muito similares aos dos já controlados, seriam considerados como novas drogas, escapando as malhas da legislação, não sendo a sua produção e posse facilmente penalizáveis. Não são
Título do texto:	"Ecstasy" (MDMA) e outras "Designer Drugs"		
Fonte:	Revista Toxicodependências v1n1t4		
Data de inserção do texto:	04/06/2013		
Data de publicação do texto:	1995		
Data da recepção do texto:	1995		
Notas:			

Figura 6: Formulário da base textual que diz respeito a variante portuguesa

Para finalizar, podemos referir sobre a interface que é realizada através de ícones referentes a base de dados, dicionário e ontologias. Esses ícones situam-se na parte inferior e central dos formulários entre os campos <notas> e <textos>.

Apresentadas as bases de dados textuais, o próximo passo consiste na construção das bases de dados.

6.1.2. Base de dados

A base de dados comporta-se como uma ferramenta, através da qual se armazena, organiza, geri e manipula uma coleção de dados atuais e passados referentes a área da Toxicomania (Br) / Toxicodependência (Pt). Assim, essa ferramenta deve ser refletida como um instrumento capaz de ter em conta a evolução que ocorre nessa área do conhecimento.

A base de dados deve representar uma estrutura relacional coerente estabelecida entre os campos e veiculada através de um programa informático que apresenta um objetivo de aplicação em função do público-alvo.

A esse respeito, podemos falar em bases de dados relacionais. Esse tipo de base de dados vai de encontro a necessidade de se conceber uma ferramenta através da qual os campos possam estabelecer conexões.

Segundo Tebé, a *“Base de dades relacional: organitza les dades a partir de diferents relacions entre elements considerats separadament, i no en una única taula, com les bases de dades planes. Les diferents taules representen entitats diferents d’una mateixa base de dades, i estan relacionades per un camp comú (un camp clau); les taules poden tenir diferents tipus de relacions segons les necessitats de cada relació (un a un, un a diversos, diversos a diversos).”* (Tebé, 2005:79).

Desse modo, apresentamos, por intermédio da figura 7, as relações entre os campos que integram a base de dados:

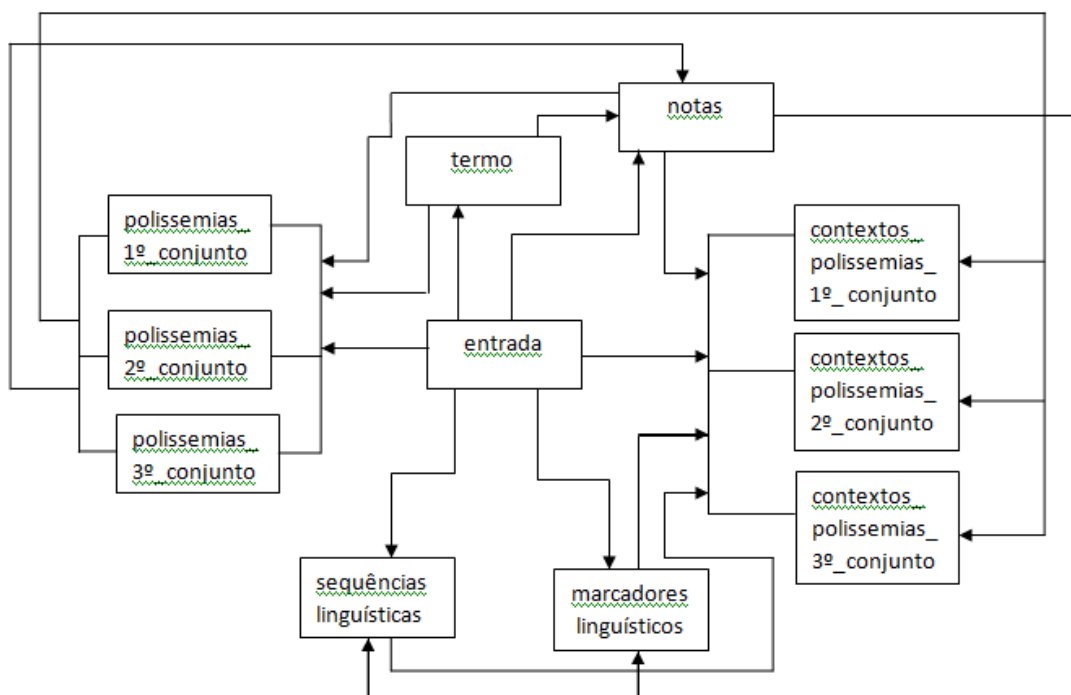


Figura 7: relação entre os campos referentes a base de dados

Observa-se que todos os campos estabelecem uma conexão entre si.

No âmbito da concepção de bases de dados relacionais, nada mais pertinente do que considerar os sentidos como elementos referentes a entrada da referida ferramenta. Essa tomada de decisão está relacionada ao fato de que é a partir da identificação das afinidades e semelhanças existentes entre essas unidades que se pode falar sobre a polissemia dos termos.

Para cada um dos sentidos identificados é confeccionado um formulário, a fim de que se possa veicular de maneira exaustiva as interações polissêmicas que esses elementos podem estabelecer com outros sentidos.

Desse modo, a base de dados apresenta os seguintes campos:

entrada: conforme referido e ilustrado através da figura 3, os sentidos são os elementos considerados como a entrada da referida base de dados.

termo: unidade terminológica que veicula o sentido em destaque. Contudo, esse espaço pode apresentar mais do que um termo para esse sentido. Para esse estudo, utilizou-se apenas o termo “drogas”.

polissemias_1º_conjunto: a partir desse campo são veiculadas as ocorrências referentes aos termos que se apresentam sob o 1º conjunto, no caso, “drogas estimulantes”, “drogas perturbadoras” e “drogas depressoras” para a variante brasileira e “drogas estimulantes”, “drogas perturbadoras” e “drogas sedativas” para a variante portuguesa.

polissemias_2º_conjunto: esse campo veicula as sequências que são referidas aos termos “drogas naturais”, “drogas semissintéticas” e “drogas sintéticas”, unidades terminológicas que se referem ao 2º conjunto e que dizem respeito as variantes brasileira e portuguesa.

polissemias_3º_conjunto: o presente campo tem em conta as ocorrências que veiculam os termos referentes ao 3º conjunto, nesse caso, “drogas lícitas” e “drogas ilícitas” para ambas as variantes.

contextos_polissemias_1º_conjunto: por intermédio desse campo, é possível observar os contextos que veiculam as interações entre os sentidos referentes ao 1º conjunto.

contextos_polissemias_2º_conjunto: os espaços linguísticos que apresentam as interações entre os sentidos referentes ao 2º conjunto podem ser verificados nesse campo.

contextos_polissemias_3º_conjunto: o presente campo veicula as interações estabelecidas entre os sentidos que integram o 3º conjunto.

marcadores linguísticos: esse campo diz respeito as unidades que estabelecem as relações entre os termos e sentidos, conforme verificado e extraído dos contextos.

sequências linguísticas: o presente campo veicula as expressões que podem remeter-se tanto aos sentidos quanto aos termos.

notas: no presente campo serão inseridas as informações que dizem respeito tanto ao sentido em questão quanto às interações que esse elemento estabelece com outros sentidos e com o termo que lhe é conferido.

Ainda podemos referir sobre a interface entre a base de dados e a base de dados textual, o dicionário e a ontologia. Situados do lado direito, na parte inferior da tabela encontram-se três botões. Cada um desses botões refere-se a uma das ferramentas anteriormente mencionadas.

Diante dessas interações, apresentamos o exemplo de formulários referentes às bases de dados.

Através das figuras 8 e 9 são apresentados os formulários para as variantes brasileira e portuguesa, respectivamente.

Os formulários de ambas as variantes apresentam a mesma estrutura, porém veiculam dados não muito semelhantes. Para cada um dos formulários são apresentados exemplos de sentidos diferentes. Através da veiculação de cada um desses sentidos, objetiva-se demonstrar as relações polissêmicas que esses elementos estabelecem em situação de contexto, considerando os conjuntos de termos aos quais esses sentidos referem.

A veiculação desses sentidos será realizada através das ocorrências. Para cada conjunto apresentaremos uma só sequência.

entrada:	cigarro	termo:	drogas	notas:	
polissemias_1º_conjunto:	Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas estimulantes « baque » « cigarro » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » « medicamentos »	contextos_polissemias_1º_conjunto:	A sequência de drogas nesse grupo constituiu - se principalmente de : álcool , cigarro , maconha , inalantes , LSD - 25 , medicamentos , cocaína (aspirada) , baque (
polissemias_2º_conjunto:	Polissemia_26/2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas/drogas semissintéticas « cigarro » « cocaína »	contextos_polissemias_2º_conjunto:	As anfetaminas , classificadas pelo CEBRID na classe dos estimulantes , somadas aos demais , apresentaram uma prevalência na população de 2 , 2 % de uso na vida entre a população		
polissemias_3º_conjunto:	Polissemia_21/2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas/drogas lícitas « álcool » « cigarro » « ansiolíticos »	contextos_polissemias_3º_conjunto:	RESULTADOS : os alunos referiram ao trabalho como fator de risco para o consumo de drogas como o álcool , cigarro e ansiolíticos . Concluiu - se que na abordagem da prevenção		
marcadores linguísticos:	Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas /drogas estimulantes [constituiu-se principalmente de]	sequências linguísticas:	Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas estimulantes (nesse grupo)	<input type="button" value="base textual"/> <input type="button" value="dicionário"/> <input type="button" value="ontologia"/>	

Figura 8: Formulário da base de dados referente a variante brasileira

A entrada da base de dados, referente a variante brasileira tem como exemplo, o sentido « álcool ».

O presente sentido pode ser verificado a partir das ocorrências:

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas estimulantes « baque » « cigarro » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » « medicamentos »

Polissemia_26/2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas/drogas semissintéticas « cigarro » « cocaína »

Polissemia_21/2008RLEjulagov16net11ctx1_drogas/drogas lícitas « álcool » « cigarro » « ansiolíticos ».

Para cada uma dessas sequências, inseridas respectivamente nos campos <polissemias_1º_conjunto>, <polissemias_2º_conjunto> e <polissemias_3º_conjunto> são identificados contextos que se encontram nos campos

<contextos_polissemias_1º_conjunto>, <contextos_polissemias_2º_conjunto> e <contextos_polissemias_3º_conjunto>.

Através desses campos é possível verificar a interação polissêmica entre o sentido introduzido na entrada, nesse caso, o sentido principal e os outros sentidos.

Vale lembrar que cada uma dessas sequências ocorre sob um conjunto de termos distinto.

A variante portuguesa apresenta como entrada da base de dados, o sentido « tabaco ».

entrada:	tabaco	termo:	drogas	notas:	
polissemias_1º_conjunto:	Polissemia_1a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas/drogas estimulantes « anfetaminas » « tabaco »	contextos_polissemias_1º_conjunto:	N . C . . A motivação para o consumo da droga cresce e toma um lugar de cada vez maior releva na hierarquia de motivações do indivíduo , ate subordinação das outras exclusões outras . O quadro		
polissemias_2º_conjunto:	Polissemia_3c/1996RTv2n2t2ctx2_drogas/drogas naturais « álcool » , « tabaco »	contextos_polissemias_2º_conjunto:	Às drogas como tabaco , álcool , anfetaminas e calmantes foi atribuído um impacto na saúde , no máximo , prejudicial . O haxixe / marijuana foi classificado em media pelos estudantes como		
polissemias_3º_conjunto:	Polissemia_3f/1997RTv3n1t3ctx2_drogas/drogas lícitas « álcool » « tabaco »	contextos_polissemias_3º_conjunto:	Num quadro proibicionista qualquer consumo ilícito integra o problema socio - legal das drogas com os inerentes custos . O álcool e o tabaco são drogas enquadradas na cultura ocidental e estritamente		
marcadores linguísticos:	Polissemia_1a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas/drogas estimulantes [como o] Polissemia_3c/1996RTv2n2t2ctx2_drogas/drogas naturais [como]	sequências linguísticas:	Polissemia_1a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas/drogas estimulantes (-) Polissemia_3c/1996RTv2n2t2ctx2_drogas/drogas naturais (-)	<input type="button" value="base textual"/> <input type="button" value="dicionário"/> <input type="button" value="ontologia"/>	

Figura 9: Formulário da base de dados referente a variante portuguesa

Para esta tabela foram utilizadas as seguintes sequências, onde o sentido principal ocorre em:

Polissemia_1a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas/drogas estimulantes « anfetaminas » « tabaco »

Polissemia_3c/1996RTv2n2t2ctx2_drogas/drogas naturais « álcool », « tabaco »

Polissemia_3f/1997RTv3n1t3ctx2_drogas/drogas lícitas « álcool » « tabaco »

Essas coocorrências foram inseridas respectivamente nos campos <polissemias_1º_conjunto>, <polissemias_2º_conjunto> e <polissemias_3º_conjunto>.

A cada uma dessas polissemias são referidos contextos, como se observa nos campos <contextos_polissemias_1º_conjunto>, <contextos_polissemias_2º_conjunto> e <contextos_polissemias_3º_conjunto>, onde o sentido « tabaco » ocorre com os outros sentidos. As três ocorrências polissêmicas referem-se aos diferentes conjuntos de termos.

Ainda podemos acrescentar que no campo <sequências>, o sinal (-) indica que não foi encontrada nenhuma expressão para o campo em destaque.

A título de informação, as formalizações inseridas nos protótipos referentes às bases de dados, ao dicionário e à ontologia são utilizadas somente como forma de demonstrar a utilização dessas ferramentas.

O nosso propósito de trabalho, é fazer com que cada um dos sentidos que integra as ocorrências, estabeleça hiperligações entre si e ainda com os outros sentidos que fazem parte de outras ocorrências. Essa fase do trabalho será desenvolvida em breve.

A seguir, apresentaremos o dicionário; a concepção dessa ferramenta é fundamentada nos dados provenientes da base de dados.

6.1.3. Dicionário Terminológico Contextual da Toxicomania (Br) e da Toxicodependência (Pt)

O Dicionário Terminológico Contextual da Toxicomania (Br) e da Toxicodependência (Pt) baseia-se numa proposta apresentada em Silva Filho (2006).

Para esse trabalho, realizado no âmbito de dissertação de Mestrado, apresentou-se um modelo de dicionário através do qual, as relações polissêmicas entre os sentidos dos termos são analisadas e descritas no estado atual da língua, isto é, num eixo sincrônico.

A denominação de dicionário contextual está intimamente ligada ao fato de que o contexto para esse tipo de dicionário desempenha um papel relevante. É através desse espaço linguístico que se pode analisar e descrever os sentidos polissêmicos de um termo, através de um marcador linguístico.

Conceber um dicionário que tenha em conta a polissemia objetiva a sistematização desse fenômeno para facilitar a identificação e o acesso aos sentidos que o termo pode apresentar.

Com este dicionário, pretendemos apresentar um modelo que permita dar relevo à polissemia que surge em contexto textual e que nos parece ser fundamental para o entendimento não ambíguo dos mesmos, por parte dos profissionais que desempenham estudos no domínio da Toxicomania (Br) / Toxicodependência (Pt).

O dicionário contextual ainda tem por finalidade dar conta da atualização de um termo, considerando que as novas descobertas nos domínios científicos são realidades responsáveis pela modernidade e atualização dessa mesma unidade, tendo em conta o discurso especializado.

De acordo com o enquadramento teórico e as reflexões realizadas neste presente estudo, em torno da ocorrência da polissemia, o dicionário tem a sua forma estrutural e organizacional modificada da que foi apresentada na Dissertação de Mestrado.

A perspectiva de Krieger demonstra esse nosso ponto de vista: “(...) os estudos históricos e comparativos assumem fundamental importância para o avanço da teoria da Terminologia, auxiliando-a a definir princípios e métodos capazes de aprimorar as produções terminográficas.” (Krieger, 2001:181)

Desse modo, podemos referir a um trabalho pioneiro, onde o objetivo principal da feitura desse dicionário baseia-se no estabelecimento das relações polissêmicas diacrônicas estabelecidas entre os sentidos do termo.

Para a realização desse trabalho, foi realizada uma análise e descrição exaustivas das polissemizações do termo “drogas” que foram extraídas dos corpora e em seguida analisadas e descritas.

Realizada essa tarefa, foi efetuada uma pesquisa em relação à disponibilização desse termo nos dicionários, glossários e base de dados que encontramos.

Nota-se que na maioria dos materiais consultados e pesquisados, as entradas não oferecem nenhuma informação sobre a polissemia dos termos. Não há por parte do lexicógrafo, o interesse em colocar os sentidos que apresentam uma certa semelhança, próximos uns dos outros.

A esse respeito, acrescentamos o ponto de vista de Pontes (2009). Diz o autor que, a disponibilização lexicográfica de uma unidade lexical polissêmica é apresentada por uma entrada, através da qual são veiculados vários sentidos, disponibilizados um ao lado do outro, geralmente seguido de números em negrito.

Wierzbicka refere que esse tipo de tratamento aplicado aos termos resulta da falta de fundamentos teóricos: “It has often been said that lexicographers are people who work hard but who can never escape having a guilty conscience, because lexicography has no theoretical foundations, and even the best lexicographers, when pressed, can never explain what they are doing or why.” (Wierzbicka, 1995:3).

Victorri e Fuchs (1996) destacam que a decisão em considerar um termo, ora como uma unidade polissêmica ora como unidade homonímica é arbitrária, ficando a cargo dos lexicógrafos apresentarem apenas uma entrada com divisões e/ou subdivisões ou várias entradas distintas.

A fim de tentar resolver os casos de polissemia, muitos dos lexicógrafos decidem por criar entradas diferenciadas para um mesmo termo, contudo, essa prática quando não é bem fundamentada em pressupostos teóricos pode gerar resultados insatisfatórios.

Tendo em conta a proposta de um modelo de dicionário que pretende valorizar a polissemia em língua de especialidade, apresentamos a metodologia utilizada para a construção dessa ferramenta.

6.1.3.1. Metodologia para a concepção do Dicionário Terminológico Contextual da Toxicomania (Br) e da Toxicodependência (Pt)

A metodologia de feitura do Dicionário Terminológico Contextual da Toxicomania (Br) e da Toxicodependência (Pt) é apresentada através das figuras que se seguem. Na primeira página é apresentado o nome do dicionário e logo abaixo encontra-se o botão “abrir dicionário” que dará acesso à página de apresentação dessa ferramenta.

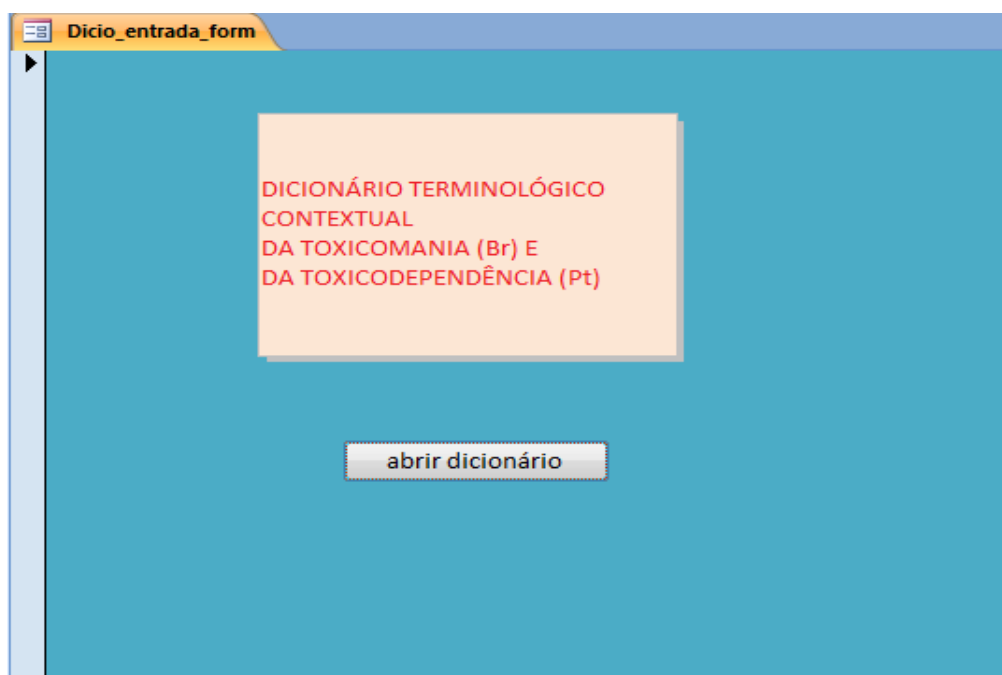


Figura 10: página inicial do dicionário

Ao clicar em “abrir dicionário”, a ferramenta passa à página de apresentação. Essa página contém quatro campos, são eles: apresentação do dicionário, constituição do dicionário, instruções para utilização do dicionário e o dicionário propriamente dito. Conforme a figura 11, a página de apresentação é visualizada da seguinte maneira:

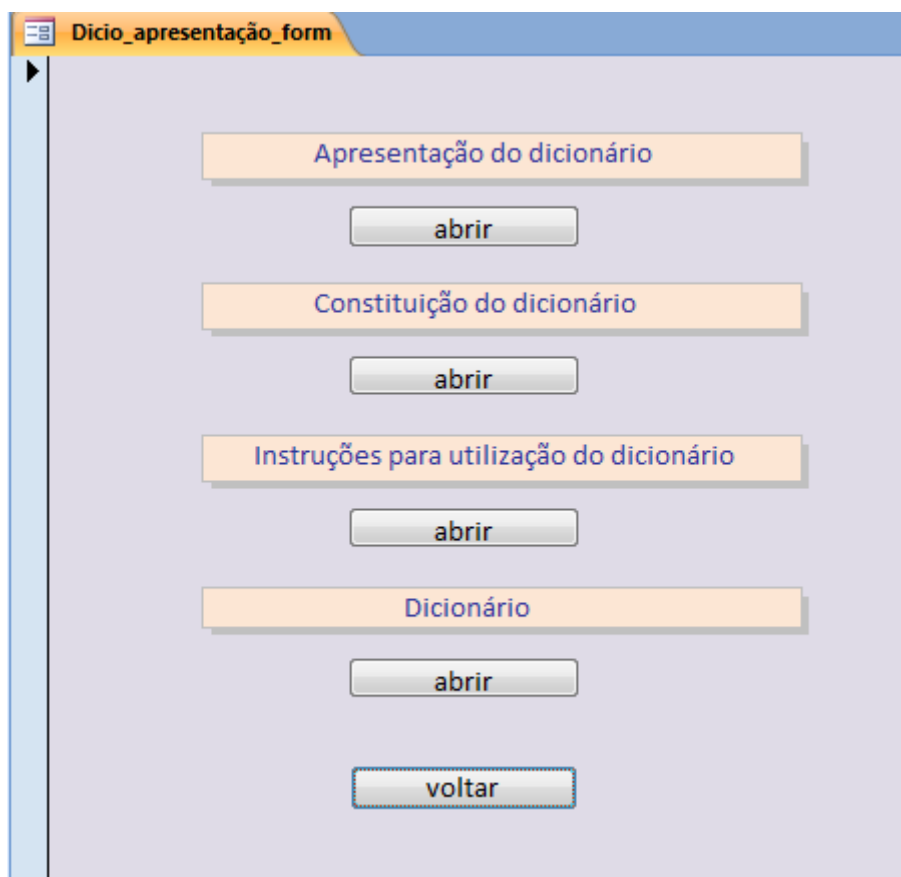


Figura 11

Para aceder ao conteúdo de cada um dos campos, ao utilizador basta clicar sobre o botão “abrir” disponibilizado abaixo de cada um dos campos.

Na parte inferior do dicionário, logo abaixo dos outros campos, há um botão “voltar”. Esse comando permite retornar a página anterior. A título de informação, esse botão está inserido em todas as páginas do dicionário.

Cada um dos campos anteriormente mencionados remete para os seguintes conteúdos:

O campo “Apresentação do dicionário” consiste na apresentação do dicionário como uma ferramenta eletrônica indispensável aos especialistas que desenvolvem estudos na área da Toxicomania (Br) e Toxicodependência (Pt).

Por sua vez, em “Constituição do dicionário” é permitido aceder a uma explanação sobre os motivos que nos levaram à constituição do dicionário contextual.

Em “Instruções para a utilização do dicionário” são apresentadas as instruções para se utilizar o Dicionário Terminológico Contextual da Toxicomania (Br) e Toxicodependência (Pt).

O quarto e último campo refere-se ao dicionário. A ferramenta é apresentada a seguir, conforme a figura 12.

Considerando que estamos trabalhando com as duas variantes, do lado esquerdo da figura, encontra-se a entrada para o dicionário referente a variante brasileira e do lado direito para a variante portuguesa.

Observa-se que abaixo dos campos referentes ao Dicionário – Variante brasileira e Dicionário – Variante portuguesa, encontram-se os botões “abrir”. Os referidos botões permitem prosseguir com a pesquisa sobre algum termo ou sentido.

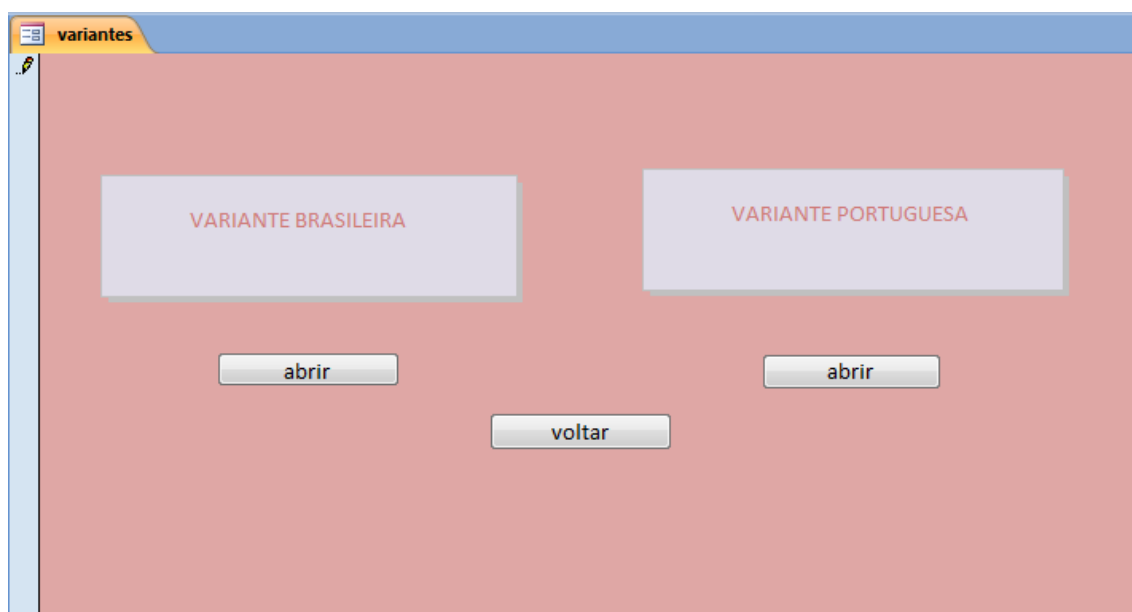


Figura 12: página de acesso aos dicionários referentes a ambas as variantes

A estrutura para se disponibilizar os dados tanto para a variante brasileira quanto para a variante portuguesa são uniformes.

O passo seguinte consiste na execução da pesquisa. Para a realização dessa tarefa é necessário escolher a variante a ser pesquisada.

Ao clicar numa das variantes, o utilizador é remetido para a seguinte tela, representada pela figura 13.

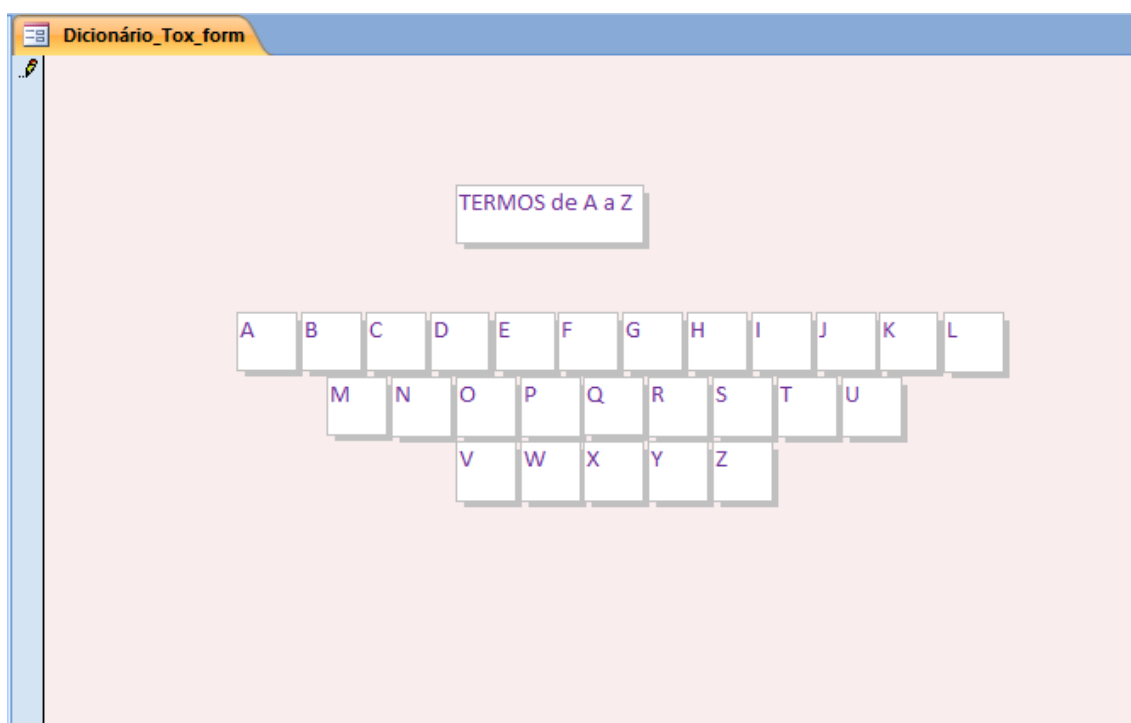


Figura 13: campo “termos de A a Z”

Na parte superior do dicionário, o campo “termos de A a Z” introduz os campos com as letras iniciais referentes aos termos disponibilizados. O utilizador clica num dos campos tendo em conta o termo que deseja pesquisar.

A título de exemplo, se o utilizador deseja pesquisar o termo “drogas”, basta clicar no campo referente a letra “D”, e em seguida será conduzido para a página onde

estão os termos iniciados por essa letra. Nessa página, os termos estão organizados em ordem alfabética.

Conforme já mencionado, o termo “drogas” é a única unidade até o momento, disponível para se pesquisar. A figura 14 veicula o termo em questão acompanhado de outros termos. As outras unidades aqui utilizadas são elementos que têm a função apenas de exemplificar a estrutura dessa página.

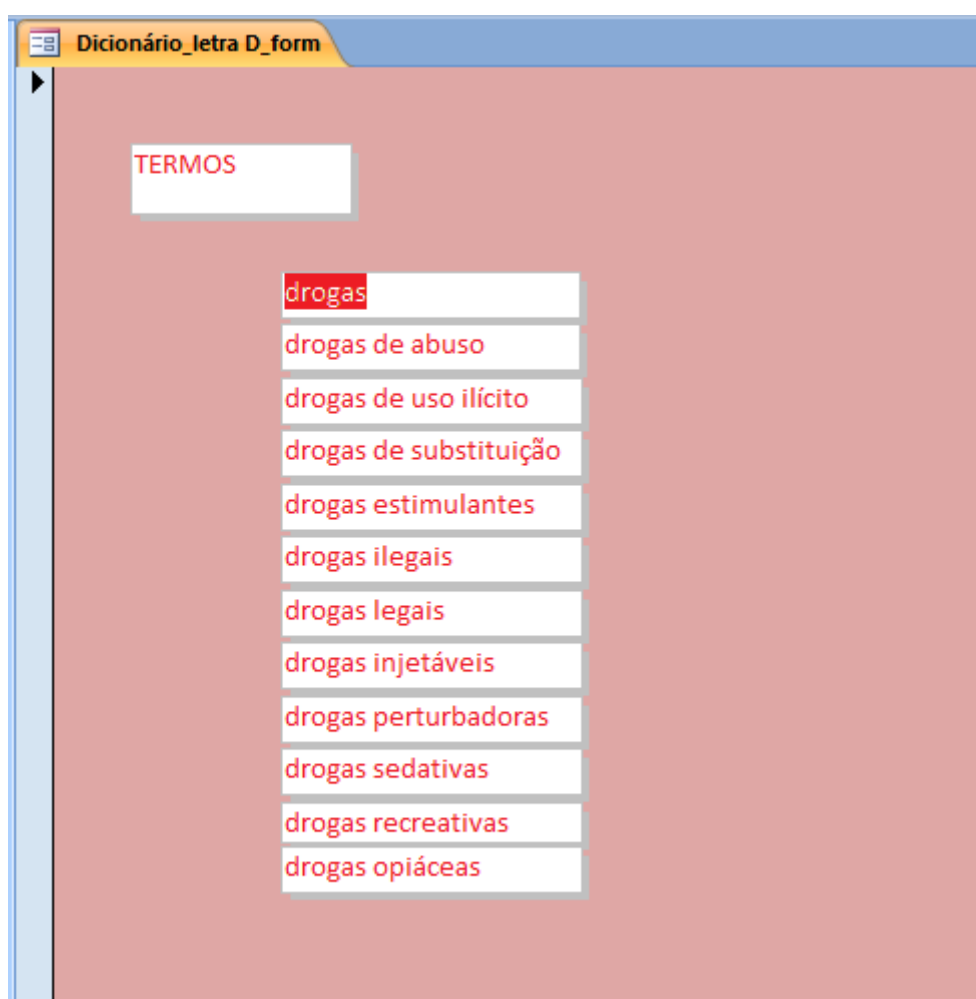


Figura 14: termos referentes a letra “D”

Ao clicar no termo “drogas”, o utilizador passará para a página onde estão disponibilizados os sentidos referentes a essa unidade terminológica, extraídos dos corpora de especialidade.

A página escolhida pelo utilizador pode ser referente a variante brasileira representada pela figura 15, ou pela figura 16, página que veicula o termo e os sentidos que dizem respeito a variante portuguesa.

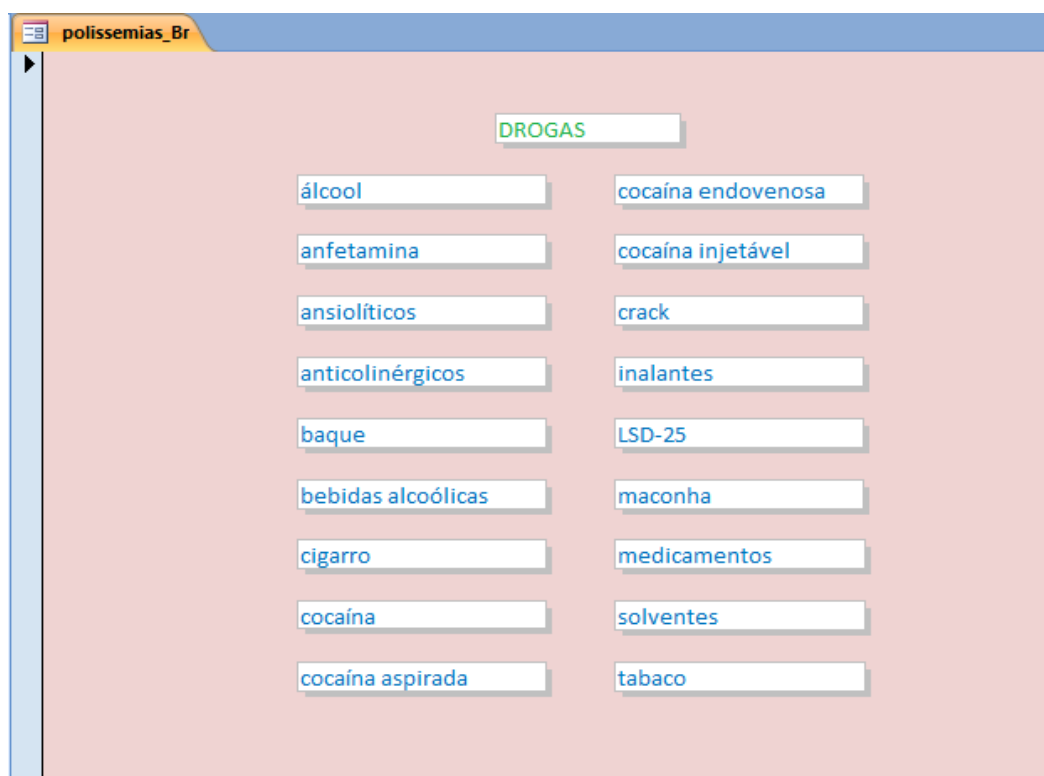


Figura 15: polissemias do termo “drogas” (variante Br)



Figura 16: polissemias do termo drogas (variante Pt)

A partir dessas páginas, o utilizador pode pesquisar qualquer um dos sentidos disponíveis referentes ao termo “drogas”.

Mesmo trabalhando em diacronia, optamos por disponibilizar os sentidos em ordem alfabética.

A etapa seguinte consiste em escolher um dos sentidos. Para a variante brasileira clicamos no sentido « cigarro » e para a variante portuguesa o sentido escolhido é « anfetaminas ».

Após a escolha dos sentidos, esses elementos passam a ser visualizados a partir de formulários que veiculam os seguintes campos:

entrada: sentido principal. Por meio desse sentido, é possível observar as relações polissêmicas que esse elemento estabelece com outros sentidos.

polissemias: sentidos que ocorrem com o sentido que se encontra na entrada.

contextos: contextos onde ocorrem as relações polissêmicas entre o sentido em destaque e os outros sentidos.

relações polissêmicas: o presente campo tem a função de apresentar as interações entre os sentidos; informando em quais dos conjuntos de termos são estabelecidas as ligações entre os esses elementos.

marcadores linguísticos: unidades linguísticas responsáveis por relacionar termo e sentidos

expressões: unidades linguísticas que podem se referir tanto ao termo quanto aos sentidos.

notas: nesse campo são inseridas todas as informações acerca dos campos aqui apresentados.

Os referidos campos estão relacionados de acordo com a figura 17.

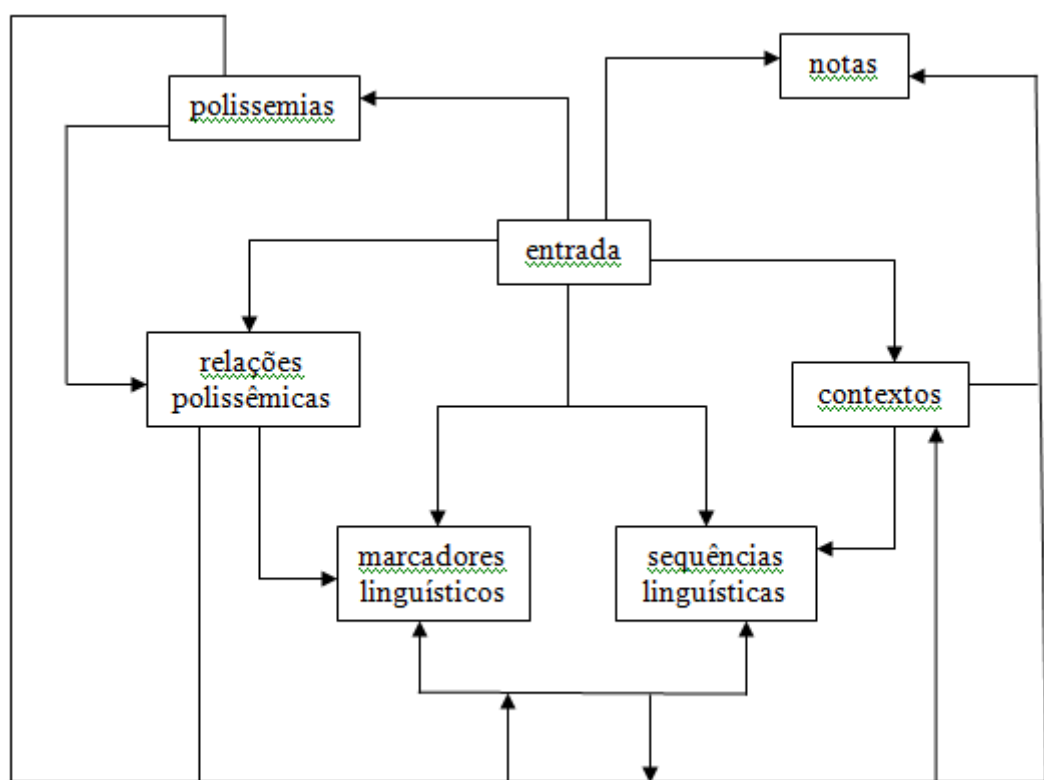


Figura 17: relação entre os campos referente ao dicionário

Referimos ainda aos ícones [base de dados textual] e [ontologias]. O primeiro e o segundo ícone posicionam-se na parte inferior do lado direito dos campos <contextos> e <relações polissêmicas>, respectivamente.

Conforme fora mencionado, o dicionário é uma ferramenta que se alimenta dos dados provenientes da base de dados. Por essa razão, optou-se por não inseri-la.

Por intermédio do primeiro ícone, o utilizador pode consultar o texto de onde as relações termo/sentidos e sentidos/sentidos são provenientes.

Através do segundo ícone estabelece-se uma interface com as ontologias. E desse modo, é possível visualizar as relações, referidas nessa ferramenta.

Os campos mencionados estão todos relacionados entre si.

Por intermédio das figuras 18 e 19, observam-se as páginas das variantes brasileira e portuguesa:

entrada:	cigarro	notas:		
polissemias:	baque cocaína aspirada cocaína endovenosa medicamentos	contextos:	Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas estimulantes A sequência de drogas nesse grupo constituiu-se principalmente de : álcool , cigarro , maconha , inalantes , LSD - 25 , medicamentos , cocaína (aspirada) , baque (cocaína endovenosa) e crack (Tabela 3) . Polissemia_22/2009CSCn	relações polissêmicas: Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas estimulantes « baque » « cigarro » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » « medicamentos » Polissemia_22/2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas/drogas estimulantes « cigarro » « cocaína »
marcadores linguísticos:	Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas estimulantes [constituiu-se principalmente de] Polissemia_22/2009CSCnovdezv14n5t13ctx5_drogas/drogas	sequências linguísticas:	Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas estimulantes {nesse grupo}	

base de dados textual

ontologia

Figura 18: Dicionário (variante brasileira)

entrada:	anfetaminas	notas:		
polissemias:	cocaína crack ecstasy psicofármacos tabaco	contextos:	Polissemia_1a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas/drogas estimulantes N . C . . A motivação para o consumo da droga cresce e toma um lugar de cada vez maior releva na hierarquia de motivações do indivíduo , ate subordinar e , depois , excluir as outras . O quadro clínico da toxicodpendência	relações polissêmicas: Polissemia_1a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas/drogas estimulantes « anfetaminas » « tabaco » Polissemia_9a/2005RTv11n1t6ctx1_drogas/drogas estimulantes « anfetaminas » « cocaína »
marcadores linguísticos:	Polissemia_1a/1995RTv1n2t1ctx1_drogas/drogas estimulantes [como o] Polissemia_9a/2005RTv11n1t6ctx1_drogas/drogas estimulantes [como a]	sequências linguísticas:		

base de dados textual

ontologia

Figura 19: Dicionário (variante portuguesa)

Realizada passo a passo, a descrição da concepção do dicionário, podemos falar sobre a ontologia como uma ferramenta responsável por estabelecer as relações polissêmicas entre os sentidos do termo “drogas”.

6.1.4. Ontologia

É sabido que as relações são conexões que fundamentam a concepção de ontologias. Assim, a construção de uma ontologia para identificar as relações polissêmicas tem em conta a necessidade de organizar e sistematizar os vários sentidos que apresentam semelhanças e afinidades referentes a um determinado termo.

Os corpora de especialidade são o ponto de partida da construção da ontologia, considerando que essas coleções de textos contêm as informações estabilizadas referentes a um dado domínio de especialidade.

O protótipo a ser apresentado será concebido por intermédio da ferramenta *Cmap tools*.

Desse modo, a concepção das ontologias por intermédio das relações polissêmicas necessita ser descrita passo a passo.

A primeira etapa da construção dessas ferramentas, referentes a cada uma das variantes, consiste em estabelecer a interação entre os sentidos presentes nas ocorrências.

Cada uma dessas ocorrências caracteriza-se por ser um nó que pode ser articulado com outros nós. Para essa fase do trabalho demonstraremos apenas um dos nós que ocorre sob o termo “drogas estimulantes”.

A título de exemplo, para a variante brasileira a sequência

Polissemia_1a/2002RSPagov36n4t4ctx6_drogas/drogas estimulantes « baque »
« cigarro » « cocaína aspirada » « cocaína endovenosa » « medicamentos »

e para a variante portuguesa, a sequências

Polissemia_9b/2009RTv15n1t3ctx1_drogas/drogas estimulantes « anfetaminas
» « cocaína »

são as coocorrências a serem apresentadas através da figura 20.

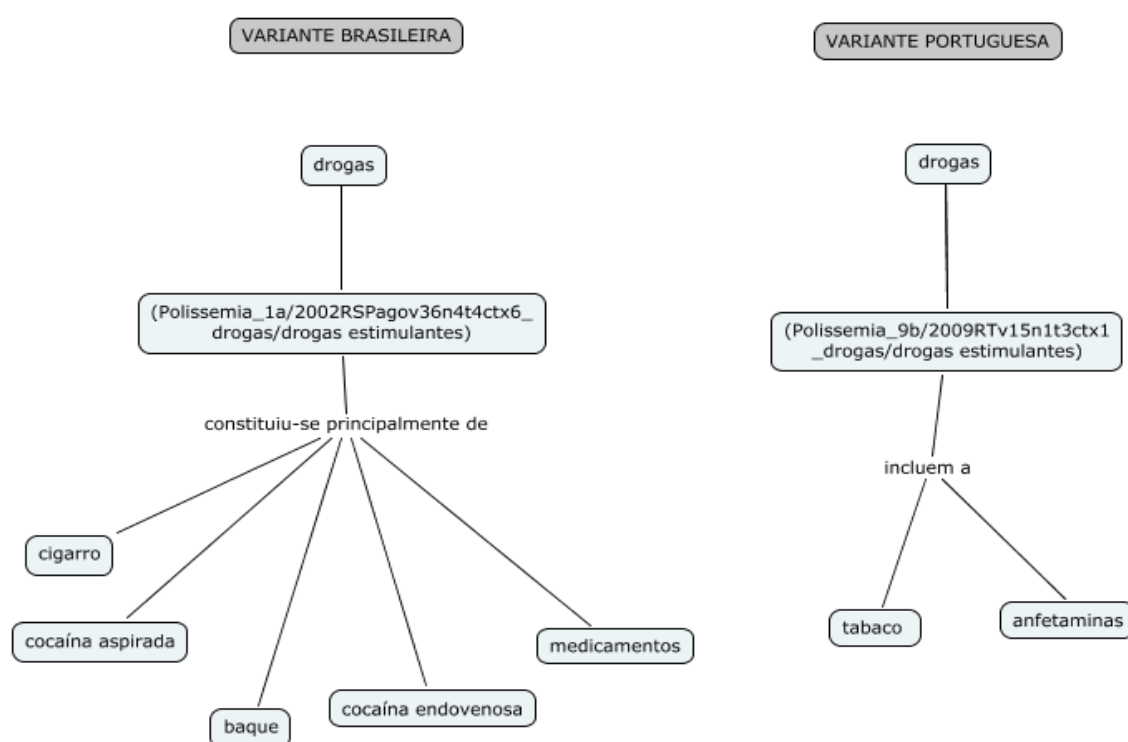


Figura 20: estabelecimento da polissemia a partir de ocorrências referentes as variantes brasileira e portuguesa.

Diante dessa figura, temos o termo “drogas”. Essa unidade é ligada a codificação da ocorrência polissêmica. Convencionamos que as codificações referentes as relações polissêmicas podem ser tratadas como atributos do termo “drogas”. Essa resolução é inerente ao fato de o termo “drogas estimulantes” ser uma unidade terminológica que integra um dos conjuntos de termos.

A esse respeito e para efeitos de recapitulação, acrescentamos mais uma vez que a unidade terminológica “drogas estimulantes” comporta-se como uma extensão do termo “drogas”.

Em seguida, observa-se que o termo “drogas” relaciona-se aos sentidos por meio dos marcadores identificados nos corpora.

O passo seguinte consiste em estabelecer as relações de hiponímia entre esses sentidos.

Esse processo pode ser verificado a partir da figura 21:

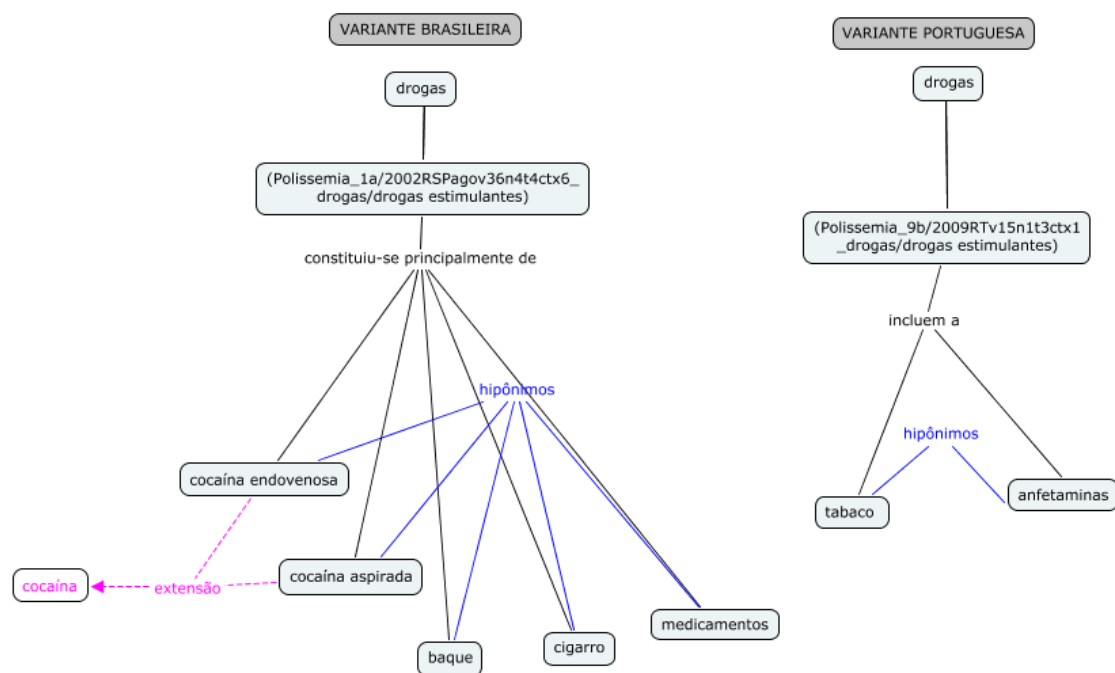


Figura 21: estabelecimento das relações de hiponímia.

Para demonstrar as relações entre os sentidos utilizou-se as cores, como maneira de melhor exemplificar cada uma das distintas ligações.

Em primeiro lugar podemos falar sobre a relação de hiponímia que é indicada por uma linha contínua de cor azul estabelecida entre os sentidos referentes tanto a variante brasileira quanto a portuguesa.

Observa-se que esses elementos quando atribuídos ao termo “drogas” podem ser considerados hipônimos entre si. Porém, para a variante brasileira, nota-se que alguns dos sentidos apresentam relações bem mais próximas.

Pelo fato de os sentidos referentes a variante em destaque apresentarem-se em número maior, consequentemente, é necessário ter mais espaço para veicular essas interações. Assim, as ligações entre esses sentidos são veiculadas por intermédio da figura que se segue:

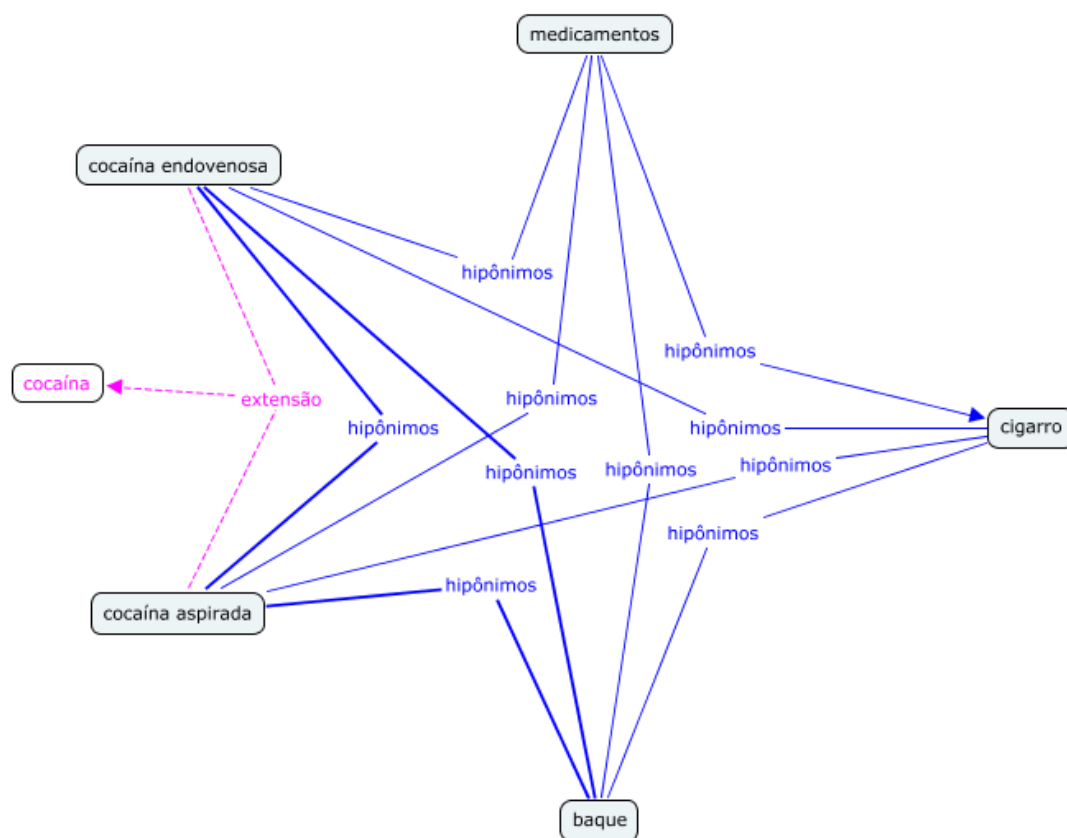


Figura 22: relações entre os sentidos de drogas (variante brasileira)

Nota-se que as relações entre os sentidos são marcadas por arcos de espessuras e cores distintas.

Os arcos que ligam as unidades « baque », « cocaína aspirada » e « cocaína endovenosa » apresentam-se na cor azul e possuem uma espessura grossa. Essa forma de relação pode ser conferida no ponto 5.2.1.

Já as relações entre esses elementos com os sentidos « cigarro » e « medicamentos » é apresentado por arcos de cor azul e que apresentam espessura um pouco mais fina.

Mesmo assim, podemos afirmar que estamos perante relações hiponímicas.

A diferença entre a espessura dos arcos está intimamente relacionada com as resoluções referidas no subcapítulo 5.2.1.

Ainda podemos acrescentar que a presença da unidade « cocaína », que embora não ocorra na ocorrência referida, tem por finalidade demonstrar que essa unidade dá origem às extensões « cocaína aspirada » e « cocaína endovenosa ». Essa interação é indicada pela cor rosa.

A esse respeito, a cor do balão que veicula a referida unidade difere-se das outras unidades.

Desse modo, chegamos ao fim da descrição da metodologia aplicada à construção de distintas ferramentas: base de dados textual, base de dados, dicionário e ontologia.

Os dados apresentam formas *sui generis* de serem inseridos nesses protótipos. Essas singularidades são inerentes às características de cada uma dessas ferramentas.

Acrescentamos que através dos protótipos não é possível demonstrar na totalidade o uso real de cada uma das ferramentas. Essa impossibilidade de certa maneira está ligada a falta de alguns elementos que ainda precisam ser desenvolvidos para o estabelecimento de certas relações.

Contudo, estamos cientes de termos cumprido com o objetivo proposto nesse capítulo que é o de veicular apenas a polissemia identificada através dos referidos protótipos.

7. CONCLUSÃO

Concluir esta Tese de Doutorado dá-nos uma imensa satisfação, pelo fato de termos apresentado o nosso contributo aos estudos terminológicos, a partir de questões cruciais desenvolvidas no âmbito deste trabalho.

A primeira questão abordada diz respeito à complexidade do conceito de polissemia delimitado no eixo diacrônico, numa ótica terminológica. No ponto 1.3. sublinhamos a complexidade inerente a este conceito e ao estabelecimento de relações entre os sentidos (ponto 5.2).

No eixo diacrônico, observa-se que alguns dos sentidos ocorrem mais do que outros. Essa ocorrência está intimamente relacionada com a maneira de como esses mesmos sentidos são apresentados em situação de contexto (cf. pontos 5.1 e 5.2).

Lembramos que, um mesmo sentido pode fazer parte dos três conjuntos de sentidos referidos no ponto 5.1.4.

Desse modo, podemos falar sobre a evolução e o dinamismo que são inerentes aos sentidos. Estes mesmos sentidos podem ter delimitados os elementos necessários para que possam ser atribuídos a uma mesma unidade terminológica.

Assim, apresentamos o dinamismo, a evolução e a mudança que caracterizam o termo “drogas”, pelo fato de essa unidade terminológica veicular distintos sentidos que apresentam relações bastantes diversificadas.

No ponto 5.1.4., as definições apresentadas tanto para o termo “drogas”, quanto para as unidades terminológicas que se comportam como extensões desse termo, apresentam uma certa complementaridade e que de certa forma contribuem para a construção do próprio conceito do termo “drogas”.

Para apoiar esta análise e descrição dos sentidos utilizamos os *corpora diacrônicos*.

Os corpora de especialidade vieram dinamizar o estudo dedicado à vertente linguística, que nos últimos anos tem adquirido um espaço significativo e relevante nos trabalhos terminológicos.

O conceito de *corpora diacrônicos* atende à necessidade de organização, sistematização e disponibilização dos distintos textos produzidos em diferentes

períodos do tempo; essas coleções de textos veiculam informações atualizadas através da relação termo/sentido.

Os *corpora diacrônicos* são caracterizados pelo dinamismo; os textos que constituem essas coleções, sejam antigos ou atuais, podem apresentar interações a partir dos termos e dos sentidos.

Os *corpora* são um observatório da língua; o conhecimento científico é veiculado pelo discurso do especialista que integra um dado espaço cultural, social e científico.

Não podemos deixar de fazer referência à importância dos contextos uma vez que são eles que permitem a observação dos fenômenos da polissemia e respectivas relações polissêmicas referentes a um mesmo termo, numa ótica de sincronia e de diacronia.

No tocante à utilização dos contextos linguísticos, referimos a relevância dos marcadores linguísticos para o estabelecimento da relação entre o termo e seus sentidos. Por intermédio desses elementos é possível ter uma maior compreensão sobre a polissemia na área da Toxicomania (Br) / Toxicodependência (Pt).

Tanto o enquadramento teórico quanto a metodologia aplicados aos *corpora diacrônicos* foram importantes no desenvolvimento do trabalho sobre a polissemia nominal diacrônica.

Sob uma perspectiva de Terminologia diacrônica, esta disciplina necessita de refletir sobre alguns conceitos tais como a monorreferencialidade, a monossemeia, a biunivocidade, entre outros. Do mesmo modo, conceitos como o de evolução, mudança, dinamismo passam a incorporar o estudo da referida perspectiva.

É também imprescindível ter em conta que, quando se trabalha numa perspectiva diacrônica, em Terminologia, os processos de harmonização e os de normalização devem ser considerados e redefinidos.

Os níveis conceitual e linguístico ocupam posições distintas: tanto o conceito, quanto o sentido comportam-se como elementos evolutivos, sujeitos às mudanças de ordem temporal. Essas modificações são realidades que devem ser consideradas como parte dos estudos em Terminologia.

No que se refere ao termo “drogas”, os sentidos identificados através dos *corpora* referem-se a substâncias, que na realidade são relevantes no cenário da

problemática das drogas. Desse modo, o estabelecimento da polissemia não deve priorizar um ou outro sentido, mas, pelo contrário, todos esses sentidos devem ser sistematizados e organizados, considerando afinidades e semelhanças.

A partir da sistematização e organização de sentidos, é possível tanto gerir a evolução de cada um desses sentidos, quanto identificar as interações entre eles.

Por último, podemos mencionar sobre a importância dos protótipos de ontologia, de base de dados textual, de base de dados e dicionário para veicular as relações polissêmicas diacrônicas, na variante brasileira e na variante portuguesa.

Os protótipos comportam-se como embriões de recursos terminológicos que, num futuro próximo, serão desenvolvidos através de um programa informático.

Assim, a conclusão deste trabalho, significa apenas a finalização de uma etapa. A próxima etapa consiste em refletir de maneira aprofundada sobre algumas das questões referidas ao longo deste trabalho, com um destaque especial para o desenvolvimento do estudo de certas relações entre sentidos, a fim de se poder apreender melhor o fenómeno da polissemia nominal diacrônica.

Em toda esta pesquisa esteve sempre presente uma relação estreita entre o nível conceitual e o nível linguístico. Sublinhamos a importância dos corpora diacrônicos de especialidade que nos permitem observar a polissemia nominal diacrônica a partir da qual podemos inferir a evolução do(s) conceito(s) terminológico(s) nas variantes brasileiras e portuguesa, contribuindo para um melhor descrição da área do conhecimento em contexto brasileiro e português.

Bibliografia

ADELSTEIN, Andreína, (2007), Unidad léxica y significado especializado: modelo de representación a partir del nombre relacional madre, Tese de Doutorado, disponível em http://www.tdr.cesca.es/TESIS_UPF/AVAILABLE/TDX-0513108-173853/taa.pdf, consultado em 08-02-2009.

ADELSTEIN, Andreína, CABRÉ, Maria Teresa, (2002) The specificity of units with specialized meaning: polysemy as explanatory factor. *DELTA*, 2002, vol.18, n.spe, pp. 1-25. disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0102-44502002000300003&lng=en&nrm=iso&tlang=en, consultado em 19-03-2008.

AKINSOLA, Temitope Morike, (2008), Automated Ontology Evolution, Dissertação de Mestrado, disponível em <http://dream.inf.ed.ac.uk/projects/dor/IM080637.pdf>, consultado em 05-07-2011.

ALEXANDRU, Maria-Cristina, GAUDIN, François, (2006), Le contexte : à la source du terme, *Actes des septièmes journées scientifiques du réseau de lexicologie, terminologie, traduction* (LTT) de l'Agence universitaire de la francophonie (AUF), *Mots, termes et contextes*, (dir.) Daniel BLAMPAIN, Philippe THOIRON, Marc VAN CAMPENHOUDT, Actualité scientifique, Paris, Éditions des archives contemporaines, Bruxelles, pp. 59-67.

ALMEIDA, Gladis Maria Barcellos, ALUÍSIO, Sandra Maria, OLIVEIRA, Leandro Henrique Mendonça, (2007), O método em Terminologia: revendo alguns procedimentos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Orgs.), *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 1 ed. Campo Grande/São Paulo: Editora da UFMS/Humanitas, 2007, v. III, pp. 409-420.

ALMEIDA, Maurício Barcellos, (2006), Um modelo baseado em ontologias para representação da memória organizacional, Tese de Doutorado, disponível em http://www.enancib.ppgci.ufba.br/premio/UFMG_Almeida.pdf, consultado em 20-04-2011.

ALVES, Ieda Maria, (2003), Technical and Scientific Neology and Recent trends in Terminology, CIT, Lisboa, (no prelo)

ALVES, Ieda, (2002), Neologia técnico-científica e análise de corpus, *VI Simpósio Ibero-Americano, Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional*, Edições Colibri/ILTEC, Lisboa, pp.139-149.

ALVES, Ieda Maria, (2001), Terminologia e Neologia. *TradTerm*, n. 7, pp. 53-70.

ALVES, Ieda Maria, (2000), Polissemia e Homonímia em uma perspectiva terminológica, *Alfa - Revista de Linguística*, vol.44, São Paulo, pp. 261-272.

ALVES, Ieda Maria, (1990), Neologismo, Criação Lexical, Editora Ática, São Paulo, 93 p.

ALVARENGA, Lídia, (2001), A teoria do conceito revisitada em conexão com ontologias e metadados no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais, *DataGramaZero – Revista de Ciencia da Informacao*, v. 2, n. 6, dez., pp. 1-21 disponível em [http://dici.ibict.br/archive/00000309/01/A teoria do conceito revisitada.pdf](http://dici.ibict.br/archive/00000309/01/A%20teoria%20do%20conceito%20revisitada.pdf), consultado em 09-04-2011.

APIDIANAKI, Marianna, (2006), Traitement de la polysémie lexicale dans un but de traduction, In Actes de la 13e conférence sur le traitement automatique des langues naturelles, disponível em [http://www.computing.dcu.ie/~mapidianaki/article TALN2006.pdf](http://www.computing.dcu.ie/~mapidianaki/article_TALN2006.pdf), consultado em 17-04-2011.

AUSSENAC-GILLES, Nathalie, (2004), Représentation sémantisée des textes: terminologies et dimensions pragmatiques (qui-quand-où), disponível em http://hal.archives-ouvertes.fr/sic_00001257/, consultado em 04-02-2008.

AUSSENAC-GILLES, Nathalie, HERNANDEZ, Nathalie, (2009), Du linguistique au conceptuel: identification de relations conceptuelles à partir de textes, disponível em [http://www.irit.fr/TIA09/thekey/atelier2/Hernandez Aussenac.pdf](http://www.irit.fr/TIA09/thekey/atelier2/Hernandez_Aussenac.pdf), consultado em 15-12-2009.

AUSSENAC-GILLES, Nathalie, BIÉBOW, Brigitte, SZULMAN, Sylvie, (2000), Corpus analysis for conceptual modeling, *Proceedings of the International Workshop on Ontologies and Texts held before EKAW'2000*, octobre 2000, disponível em <http://sunsite.informatik.rwth-aachen.de/Publications/CEUR-WS/Vol-51/AussenacBiebowSzulman.pdf>, consultado em 06-04-2011.

AUSSENAC-GILLES, Nathalie, SEGUÉLA, Patrick, (2000), Les relations sémantiques: du linguistique au formel, *Cahiers de grammaire. Numéro spécial linguistique de corpus*. A. Condamines (Ed.), Toulouse: Presse de l'UTM. 25 175-198, disponível em <http://w3.erss.univ-tlse2.fr/textes/publications/CDG/25/CG25-10-Aussenac.pdf>, consultado em 19-02-2008.

BACHIMONT, Bruno, (2005), Corpus et connaissances: de l'extraction linguistique à la modélisation conceptuelle, *Sémantique et corpus*, CONDAMINES, Anne, (coord.), ch. 6, Hermès/Lavoisier, pp. 319-346.

BACHIMONT, Bruno, (2000), Engagement sémantique et engagement ontologique : conception et réalisation d'ontologies en Ingénierie des connaissances, In J. Charlet, M. Zacklad, G. Kassel & D. Bourigault (Eds.), *Ingénierie des connaissances, évolutions récentes et nouveaux défis*. Paris: Eyrolles, disponível em [http://www.utc.fr/~bachimon/Publications attachments/Ontologie-ICBook.pdf](http://www.utc.fr/~bachimon/Publications_attachments/Ontologie-ICBook.pdf), consultado em 19-02-2008.

BALDINGER, Kurt, (1970), Teoría semántica: hacia una semántica moderna, Ed.: Madrid: Ediciones Alcalá, 278 p.

BALLABRIGA, Michel, Sémantique textuelle 1, (2005) disponível em <http://www.revue-texto.net/Reperes/Cours/Ballabriga1/index.html>, consultado em 07-12-2008.

BANEYX, Audrey, CHARLET, Jean, (2006), *Évaluation, évolution et maintenance d'une ontologie en médecine : état des lieux et expérimentations*, Revue I3 – Information, Interaction, Intelligence, numéro spécial « Corpus et ontologies », (2006), pages 147-173, disponível em http://www.revue-i3.org/hors_serie/annee2006/revue_i3_hs2006_01_07.pdf, consultado em 15-11-2009.

BARBOSA, Maria Aparecida, (2001), Da neologia à neologia na literatura, In.: PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria; ISQUERDO Aparecida N. (orgs). *As ciências do léxico*, Ed. UFMS, pp. 33-51.

BASTUJI, Jacqueline, (1974), Aspects de la Néologie Sémantique, *Langages*, 36, Didier - Larousse, Paris, pp. 6-19

BÉJOINT, Henri, (1989) À propos de la monosémie en terminologie, *Meta*, vol. 34, n° 3, p. 405-411, disponível em <http://id.erudit.org/iderudit/002020ar>, consultado em 11-09-2008.

BÉJOINT, Henry et THOIRON, Philippe, (2000), (dir.), *Le sens des termes, Le Sens en terminologie*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, pp. 5-17.

BESSÉ, Bruno de, (2000), *Le Domaine, Le sens en terminologie*, In.: BÉJOINT, Henry et THOIRON, Philippe, (dir.), Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 182-197.

BESSÉ, Bruno de, (1991), *Le Contexte Terminographique*, *Meta*, vol.36, nº1, Montreal, pp.111-120.

BODSON, Claudine, (2004), Termes et relations sémantiques en corpus spécialisés: rapport entre patrons de relations sémantiques (PRS) et types sémantiques (TS), Tese de Doutorado, disponível em <http://www.olst.umontreal.ca/pdf/bodson2005.pdf>, consultado em 10-03-2009.

BOLSHAKOVA, Elena, (2001), Recognition of Author's Scientific and Technical Terms, Computational Linguistics and Intelligent Text Processing, Lecture Notes in Computer Science, 2001, Volume 2004/2001, pp. 281-290

BOULANGER, Jean-Claude, (2010), Sur l'existence des concepts de «néologie» et de «néologisme». Propos sur un paradoxe lexical et historique, *Actes del I Congrès Internacional de Neologia* de les llengües romaniques. Edició a càrrec de M. Teresa Cabré, Ona Domènech, Rosa Estopà, Judit Freixa i Mercé Lorente, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, pp. 31-74.

BOULANGER, Jean-Claude, (1991), Une lecture sócio-culturelle de la terminologie, Introdução, *Terminologie et Sociolinguistique*, édité par François Gaudin et Allal Assal, Cahiers de Linguistique Sociale, nº18, pp.13-30.

BOULANGER, Jean-Claude, (1979), Problématique d'une méthodologie d'identification des neologisms en terminologie, *Néologie et lexicologie Langage*, Larousse, Paris, pp.36-46.

BOURIGAULT, Didier, (1999), Repérage automatique des référents uniques dans les corpus spécialisés, *Sémantique des termes spécialisés*, (dir.), Valérie DELAVIGNE et Myriam BOUVERET, 1999, Dyalang, Presses de l'Université de Rouen, pp.85-100.

BOSREDON, Bernard, (2003), Le paramètre catégoriel dans les unités polylexicales: de la polysémie à la néologie, *Syntaxe et Sémantique 5, Polysémie et polylexicalité*, CRISCO, Centre de recherches inter-langues sur la signification en contexte, Presses Universitaires de Caen, pp.47-58.

BRÄSCHER, Marisa, CAFÉ, Lígia, (2008), Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: *ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 9, 2008, São Paulo, Anais. São Paulo: ANCIB, disponível em <http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1835.pdf>, consultado em 09-04-2011.

BRÉAL, Michel, (1924), Essai de Sémantique, science des significations, Bibliothèque de Sciences, Copyright by Librairie, Hachette, 372 p.

BRIGANDT, Ingo, (2012), "The dynamics of scientific concepts: the relevance of epistemic aims and values." Forthcoming in: *Scientific Concepts and Investigative Practice*. U. Feest and F. Steinle (eds), de Gruyter, Berlin, disponível em http://www.ualberta.ca/~brigandt/The_dynamics_of_scientific_concepts.pdf, consultado em 15-05-2012.

BROCARD, Maria Teresa, (2007), A questão da polissemia na mudança linguística, 1º Work(shop) em Gramática & Texto (WGT) – "Polissemia", Lisboa, 2007, pp. 5-11, disponível em http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/tb_pol.pdf, consultado em 18-05-2011.

BRUNET, Etienne, (2009), Hyperbase, CNRS, Nice, France.

BUITELAAR, Paul, (1998), CoreLex: An Ontology of Systematic Polysemous Classes, In: Formal Ontology in Information Systems. Proceedings of FOIS'98, Trento, Italy, June 6-8, 1998, IOS Press, Amsterdam, 1998, disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.46.3429>, consultado em 14-06-2009.

BURNEY, Aqil, MAHMOOD, Nadeem, AHSAN, Kamran, (2010), TempR-PDM: A Conceptual Temporal Relational Model for Managing, Patient Data, *Proceedings Int.*

WSEAS conference on Recent Advances in Artificial Intelligence, Knowledge Engineering and Data Bases, University of Cambridge, UK, (2010) pp. 237-243, disponible en <http://www.wseas.us/e-library/conferences/2010/Cambridge/AIKED/AIKED-38.pdf>, consultado em 13-04-2011.

CABRÉ, Maria Teresa, (2009a), Technologie et terminologie: changements méthodologiques et épistémologiques, *Cahiers de lexicologie* 94, 2009-1, París: Éditions Classiques Garnier, pp.31-56.

CABRÉ, Maria Teresa, (2009b), La Teoría Comunicativa de la Terminología, una aproximación lingüística a los términos, *Revue française de linguistique appliquée*, Terminologie, orientations actuelles vol. XIV-2, 2009, pp. 9-16.

CABRÉ, Maria Teresa, (2008), El principio de poliedricidad: la articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lingüístico en Terminología (I), Ibérica: Revista de la Asociación Europea de Lenguas para Fines Específicos (AELFE), nº 16, 2008, págs. 9-36, disponible en http://www.aelfe.org/documents/03_16_Cabre.pdf, consultado em 09-03-2011.

CABRÉ, Maria Teresa, (2007), "Constituir un corpus de textos de especialidad: condiciones y posibilidades" dins Ballard, M.; Pineira-Tresmontant, C. (ed.), *Les corpus en linguistique et en traductologie*. Arras: Artois Presses Université. 89-106, disponible em <http://www.upf.edu/pdi/dtf/teresa.cabre/docums/ca07arra.pdf>, consultado em 29-08-2008.

CABRÉ, Maria Teresa, (2004), La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro, *Debate Terminológico*, 1, disponible en <http://riterm.net/revista/ojs/index.php/debateterminologico/article/viewFile/23/45>, consultado em 19-12-2007.

CABRÉ, Maria Teresa, (2003), "El lenguaje científico desde la terminología" dins *Aproximaciones al lenguaje de la ciencia*. Burgos: Fundación Instituto Castellano y Leonés de la Lengua. pàg. 19-52, disponible em <http://www.upf.edu/pdi/dtf/teresa.cabre/docums/ca03lgci.pdf>, consultado em 29-08-2008.

CABRÉ, Maria Teresa, (2001), La terminología entre la lexicología y la documentación: aspectos históricos e importancia social, dins *La investigación en lenguas aplicadas: enfoque multidisciplinar*. Madrid: Fundación Gómez-Pardo, Universidad Politécnica de Madrid. pàg. 65-78, disponible em <http://www.upf.edu/pdi/dtf/teresa.cabre/docums/ca01lex.pdf>, consultado em 29-08-2011.

CABRÉ, Maria Teresa, (2000), La Neologia como medida de la vitalitat de les llengües, La neologia en el tombant de segle, In. *Atas do I Simposi sobre Neologia*, Observatori de Neologia, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, pp. 85-108.

CABRÉ, Maria Teresa, (1999), *La Terminología: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: IULA; Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 1999.

CABRÉ, Maria Teresa, (1993), *La terminología*, Barcelona, Editorial Empúries S. A., p. 527

CABRÉ, Maria Teresa, ESTOPÀ, Rosa, (2002), El conocimiento especializado y sus unidades de representación: diversidad cognitiva, *Sendébar*, 2002, 13, 141-153, Granada, disponible em <http://www.upf.edu/pdi/dtf/rosa.estopa/docums/02sendebar.pdf>, consultado em 05-05-2010.

CABRÉ, Maria Teresa, Domènech, M. (2001), Terminologia i tipologia textual: com establir el nivell d'especialització d'un text científic tècnic, dins *Trabajos en Lingüística Aplicada*, Barcelona: AESLA, p. 543-548, disponible em <http://www.upf.edu/pdi/dtf/teresa.cabre/docums/ca01dom.pdf>, consultado em 29-08-2008.

CABRÉ, Maria Teresa, MOREL, Jordi, TEBÉ, Carles, (1996) Las relaciones conceptuales de tipo causal: un caso práctico, *Atas do Simpósio da Riterm*, disponible em <http://www.riterm.net/actes/5simposio/cabre6.htm>, consultado em 05-05-2008.

CASELLI, Tommaso, (2009) Time, events and temporal relations: an empirical model for temporal processing of Italian texts, Tese de Doutorado, disponible em http://www.tdr.cesca.es/TESIS_UPF/AVAILABLE/TDX-0513108-173853/taa.pdf, consultado em 08-02-2009.

CALVET, Louis-Jean, (1996), *Les Politiques Linguistiques*, Presses Universitaires de France, Paris, p.44-63

CANDEL, Danielle, (2004), Wüster par lui-même, *Cahier du C.I.E.L. In.: Colette Cortès (ed.), Université de Paris 7 Denis Diderot*, pp. 15-32.

CHAFFIN, Roger, HERRMANN, Douglas J., (1984), The similarity and diversity of semantic relations, *Memory Cognition*, 1984,12 (2),pp. 134-141.

COMBETTES, Bernard, MARCHELLO-NIZIA, Christiane, (2008), La périodisation en linguistique: problèmes théoriques et méthodologiques, *Actes du 1er Congrès Mondial de Linguistique Française*, Paris, France, 2008, pp. 355-357, disponible em http://www.linguistiquefrancaise.org/index.php?option=com_toc&url=/articles/cmlf/abs/2008/01/contents/contents.html&Itemid=287%3F=fr, consultado em 12-08-2008.

CONCEIÇÃO, Manuel Célio, (2005), "Terminologie textuelle: reformulations et accès aux concepts", in *De la mesure dans les termes*, hommage à Philippe Thoiron, (dir.) Henri BÉJOINT et François MANIEZ, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, pp 296-305.

CONCEIÇÃO, Manuel Célio, (2001), Termes et reformulations, tese de Doutorado em Linguística, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.

CONDAMINES, Anne, (2007), L'interprétation en sémantique de corpus : le cas de la construction de terminologies, *Revue Française de Linguistique Appliquée : Corpus* : état des lieux et perspectives, Vol.XII-1. pp. 39-52, disponível em <http://w3.erss.univ-tlse2.fr:8080/index.jsp?perso=acondami&subURL=index.html>, consultado em 04-04-2011.

CONDAMINES Anne, (2006), Modes de construction du sens en corpus spécialisé, *Cahiers de Grammaire* 30, «Spécial Anniversaire», pp. 75-88, disponível em <http://w3.erss.univ-tlse2.fr/textes/publications/CDG/30/CG30-7-Condamines.pdf>, consultado em 14-04-2009.

CONDAMINES, Anne, (2005a), Linguistique de corpus et terminologie, *Langages*, 39 ano, n°157, pp. 36-47.

CONDAMINES, Anne, (2005b), Sémantique et corpus: quelles rencontres possibles ?, Introduction à A. Condamines (ed.): *Sémantique et Corpus*. London : Hermes. pp.17-38.

CONDAMINES, Anne, (2003), Sémantique et Corpus Spécialisés : Constitution de bases de connaissances terminologiques, Mémoire d'Habilitation à Diriger les Recherches. Université Toulouse Le Mirail, 173p., disponível em <http://w3.erss.univ-tlse2.fr:8080/index.jsp?perso=acondami&subURL=index.html>, consultado em 18-11-2007.

CONDAMINES, Anne, (2000), Les bases théoriques du groupe toulousain. Sémantique et Corpus: ancrages et perspectives, *Cahiers de Grammaire*, 25, 5-28, disponível em <http://w3.univ-tlse2.fr/erss/textes/publications/CDG/25/CG25-2-Condamines.pdf>, consultado em 18-11-2007.

CONDAMINES, Anne, (1999), Approche sémasiologique pour la constitution de Bases de Connaissances Terminologiques, *Sémantique des termes spécialisés*, (dir.), Valérie DELAVIGNE et Myriam BOUVERET, 1999, Dyalang, Presses de l'Université de Rouen, pp.101-118.

CONDAMINES, Anne, PERY-WOODLEY, Marie-Paule, (2007), Linguistic Markers of Lexical and Textual Relations in Technical Documents, vol. 21, 2007, pages 3-16, disponível em <http://w3.erss.univ-tlse2.fr/>, consultado em 15-11-2009.

CONDAMINES, Anne, REBEYROLLE, Josette, SOUBEILLE, Anny, (2004) Variation de la Terminologie dans le Temps: une Méthode Linguistique pour Mesurer l'Évolution de la Connaissance en Corpus, In *Actes Euralex International congress*, Université de Lorient, Lorient, France, 6-10 juillet 2004, pp.547-557, disponível em http://w3.erss.univ-tlse2.fr:8080/index.jsp?perso=rebeyrol&subURL=Articles/condamines_rebeyrolle_2004.pdf, consultado em 18-03-2008.

CONDAMINES, Anne, REBEYROLLE, Josette, (1997), Point de vue en langue spécialisée, Meta, vol. 42, nº1, Montreal, pp.174-184.

CONTENTE, Madalena, SILVA FILHO, Sebastião, (2009), Onto-Terminologia: Base de conhecimentos para a elaboração de um recurso on-line”, in Atas do II SIMELP – Simpósio Mundial de Estudo de Língua Portuguesa, Évora (Portugal), 6 a 11/10/2009, disponível em <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg1/13.pdf>.

CONTENTE, Madalena, SILVA FILHO, Sebastião, (2009), Onto-terminologie de l'éducation médicale - conception et organisation", 8es Journées scientifiques du Réseau LTT (Lexicologie, Lexicographie et Terminologie) – « *Passeurs de mots, passeurs d'espoir : lexicologie, terminologie et traduction face au défi de la diversité* », 15 a 17/10/2009, pp. 557 a 566.

COSTA, Adriano Ribeiro, (2003), O gênero textual artigo científico: estratégias de organização, Dissertação de Mestrado, disponível em http://www.bdttd.ufpe.br/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1714, consultado em 22-11-2009.

CUSIMANO, Christophe, (2008), *La polysémie: essai de sémantique générale*, Paris, L'Harmattan, 232 p.

CZAP, H., (1988), Le concept de CONCEPT, in *Terminologie diachronique*, Actes du colloque organisé à Bruxelles les 25 et 26 mars 1988, Caroline de SCHAETZEN (réd.), Bruxelles, Centre de terminologie de Bruxelles-Institut libre Marie Haps, pp. 69-74.

DAHLBERG, Ingetraut, (2006), Knowledge Organization: a new science? *Knowledge Organization*, v. 33, nº1, 2006, pp.11-19, disponível em http://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko3320061c.pdf, consultado em 05-04-2011.

DAHLBERG, Ingetraut, (1981), Les objets, les notions, les définitions et les termes, Texte Choisis de terminologie, (rédacteurs), RONDEAU, G., FELBER, H., (dir.) SIFOROV V.I., I. Fondements théoriques de la terminologie, GRISTERM, Université Laval, Québec, pp. 221-282.

DAHLBERG, Ingetraut, (1979) Teoria da Classificação, ontem e hoje, Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, *Anais*, Rio de Janeiro: IBICT, 1979. pp. 352-370, disponível em http://www.conexaorio.com/bitidahlbergteoria/dahlberg_teoriam.htm, consultado em 14-03-2011.

DAHLBERG, Ingetraut, (1978), Teoria do conceito, *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978, disponível em <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1680/1286>, consultado em 13-03-2011.

DELAVIGNE, Valérie, BOUVERET, Myriam, (1999), Présentation, *Sémantique des termes spécialisés*, (dir.), Valérie DELAVIGNE et Myriam BOUVERET, 1999, Dyalang, Presses de l'Université de Rouen, pp.7-15.

DEMANGE-PAILLET, Aude, De la Polysémie, Ambivalence, Dialogisme et Polysémie discursive, (2005), Tese de Doutorado, disponível em http://www.tdr.cesca.es/TESIS_UPF/AVAILABLE/TDX-0513108-173853/taa.pdf, consultado em 08-02-2009

DEPECKER, Loïc, (2009), Entre mot et terme: de la technicité dans les mots, *Le Français moderne: La problématique du mot*, nº 1, (dir.) Salah MEJRI, Conseil international de la langue française, Paris, pp.132-144.

DEPECKER, Loïc, (2008), Libellule et dragon: retour sur un article de la revue *Meta* « Notion d' « archi-concept » et dénomination", *Lexicologie et terminologie : histoire de mots*, Hommage à Henri Béjoint, (dirs.), François MANIEZ et Pascaline DURY, (2008), Travaux du CRTT, Presses de l'Université de Lyon, Lyon, pp. 241-248.

DEPECKER, Loïc, (2007), Linguistique, terminologie et ontologie, In. actes du colloque Terminologie et ontologie: descriptions du réel, Le savoir des mots, Société française de terminologie, Paris, 2007, pp. 13-20.

DEPECKER, Loïc, (2005), Contribution de la terminologie à la linguistique, *Langages* 157, Larousse, Paris, p. 3-13.

DEPECKER, Loïc, (2004), La terminologie est-elle une science?, *La terminologie discipline scientifique*, *La savoir des mots*, Paris, pp. 11-18.

DEPECKER, Loïc, (2000), Le signe entre signifié et concept, *Le sens en terminologie*, In.: Henry Béjoint et Philippe Thoiron, dir., Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 86-121.

DEPECKER, Loïc, (1999), Entre signe et concept, *Éléments de terminologie générale*, Presses Sorbonne Nouvelle, Paris, 201 p.

DEPECKER, Loïc et ROCHE, Christophe, (2007), Entre idée et concept: vers l'ontologie, *Langages*, 2007/4 nº 168, pp. 106-114.

DESMET, Isabel, (2006a), Variabilité et variation en terminologie et langues spécialisées: discours, textes et contextes, *Actes des septièmes journées scientifiques du réseau de lexicologie, terminologie, traduction (LTT)* de l'Agence universitaire de la francophonie (AUF), *Mots, termes et contextes*, (dir.) Daniel BLAMPAIN, Philippe THOIRON, Marc VAN CAMPENHOUDT, Actualité scientifique, Paris, Éditions des archives contemporaines, Bruxelles, pp. 235-247.

DI FELIPPO, Ariani, ALUÍSIO, Sandra, ALMEIDA, Gladis Maria Barcellos, OLIVEIRA, Leandro, GENOVES JR., Luiz Carlos, ANTIQUEIRA, Lucas, OLIVEIRA JR., Osvaldo Novais,

(2006), Metodologia semi-automática baseada em corpus para a construção de ontologias de domínio. In: 4º. Workshop de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana - TIL'2006, 2006, Ribeirão Preto. SBRN 2006 - The Ninth Brazilian Symposium on Neural Networks. Porto Alegre (RS) Brazilian Computer Society, 2006. v. 1. P 23–28, disponível em <http://www.nilc.icmc.usp.br/til/til2006/0048.pdf>, consultado em 06-04-2011.

DIKI-KIDIRI, Marcel, (2002), La Terminología Cultural - Fundamento de una Verdadera Localización, Atas VIII Simposio Iberoamericano de Terminología: La Terminología, entre la globalización y la localización, disponível em <http://www.riterm.net/actes/8simposio/marcelDikikidiri.htm>, consultado em 09-11-2008.

DOGAN, Mattei, (1996), The Hybridization of Social Science Knowledge, *LIBRARY TRENDS*, Vol. 45, nº 2, Fall 1996, pp. 296-314, disponível em https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/8090/librarytrendsv45i2l_opt.pdf?sequence=1, consultado em 01-04-2011.

DOGAN, Mattei, (1997), The new social sciences: cracks in the disciplinary walls, *International Social Science Journal*, vol. 49, nº 153, pages 429–443, September 1997, disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2451.1997.tb00034.x/pdf>, consultado em 01-04-2011.

DROZD, L., (1981), Science Terminologique: objet et méthode, Texte Choisis de terminologie, (rédacteurs), RONDEAU, G., FELBER, H., (dir.) SIFOROV V.I., I. Fondements théoriques de la terminologie, GRISTERM, Université Laval, Québec, pp. 115-131.

DUBOIS, Jean et al., (1973), Dictionnaire de Linguistique Larousse, Librairie Larousse, Paris.

DURY, Pascaline, (2006), La dimension diachronique en terminologie et en traduction spécialisée: le cas de l'écologie, *Aspects diachroniques du vocabulaire*, in Danielle Candel et Gaudin François, Rouen: Presses Universitaires de Rouen, p. 109-124.

DURY, Pascaline, (2005), Terminology and Specialized Translation, the Relevance of the Diachronic Approach, *LSP and Professional Communication*, 5(1), April 2005, 31-42, disponível em <http://cjas.dk/index.php/LSP/article/viewFile/2042/2042>, consultado em 17-11-2008.

DURY, Pascaline, PICTON, Aurélie, (2009), Terminologie et diachronie: vers une réconciliation théorique et méthodologique, *Revue française de linguistique appliquée*, Terminologie, orientations actuelles vol. XIV-2, 2009, pp.31-42.

ESTEVE RAMOS, María José, (2006), Medical terminology across the centuries: distinctive features of a chronological study in the field of ophthalmology, *Ibérica: Revista de la Asociación Europea de Lenguas para Fines Específicos* (AELFE), nº 12,

2006, pp. 111-126, disponível em <http://www.aelfe.org/documents/07-Esteve.pdf>, consultado em 07-04-2011.

ESTOPÀ, Rosa, (2001), Les unités de signification spécialisées: élargissant l'objet du travail en terminologie, *Terminology*, 7, 2, 2001, 217-237, disponível em <http://www.upf.edu/pdi/df/rosa.estopa/docs/terminology7.pdf>, consultado em 05-03-2009.

ESTOPÀ, Rosa, (1999), Extracció de terminologia: elements per a la construcció d'un SEACUSE (Sistema d'Extracció Automàtica de Candidats a Unitats de Significació Especialitzada), Tese de Doutorado, disponível em http://www.tdx.cesca.es/TDX/TDX_UPF/TESIS/AVAILABLE/TDX-0319102-135659//treb1de2.pdf, consultado em 09-03-2011.

FABER, Pamela, (2011), The dynamics of specialized knowledge representation: simulational reconstruction or the perception-action interface, *Terminology* 17 (1), John Benjamins (Amsterdam) pp.9-29.

FAULSTICH, Enilde, (1998/1999), Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie, *Terminology*, vol. 5(1), 1998/1999, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co, pp. 93-103 disponível em <http://www.unb.br/il/liv/enilde/documentos/ArtTerminology.pdf>, consultado em 27-03-2008.

FAULSTICH, Enilde, (1998), Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua, *Actas da VI Riterm*, Havana, Cuba, disponível em <http://e-groups.unb.br/il/liv/enilde/documentos/HAVANA98.pdf>, consultado em 11-04-2008.

FAULSTICH, Enilde, (1991), La structuration d'un concept néologique: la signification du mot carroça, *REFLEXÃO/CAMPUS*, Brasília, FAC/UnB, disponível em <http://vsites.unb.br/il/liv/enilde/documentos/CARROCA.pdf>, consultado em 02-05-2008.

FABER, Pamela, LEÓN, Pilar, PRIETO Juan Antonio, (2009), Semantic Relations, Dynamicity, and Terminological Knowledge Bases, disponível em <http://www.academicpress.us/journals/511X/download/v1n1-1.pdf>, consultado em 23-05-2011.

FELIU, Judit, (2004), Relacions conceptuals i terminologia: anàlisi i proposta de detecció semiautomàtica, Tese de Doutorado, disponível em http://www.tdx.cesca.es/TDX/TDX_UPF/TESIS/AVAILABLE/TDX-0520104-111213//tffc1de1.pdf, consultado em 09-03-2011.

FELUI, Judit, SOLÉ, Elisabet, TEBÉ, Carles, CABRÉ, Maria Teresa, (2002), Las relaciones conceptuales: un elemento esencial en la estructuración del conocimiento especializado, *Atas do Simpósio da Riterm*, disponível em

http://www.ritem.net/actes/8simposio/feliu_ole_tebe_cabre.htm, consultado em 06-05-2008.

FERNÁNDEZ SILVA, Sabela, (2010), Variación terminológica y cognición. Factores cognitivos en la denominación del concepto especializado, Tese de Doutorado, disponível em <http://www.tesisenred.net/bitstream/handle/10803/22638/tsf.pdf?sequence=1>, consultado em 12-05-2011.

FLOURIS, Giorgos, (2006), On Belief Change and Ontology Evolution, Tese de Doutorado, disponível em <http://www.ics.forth.gr/~fgeo/Publications.htm>, consultado em 22-03-2011.

FLOURIS, Giorgos, PLEXOUSAKIS, Dimitris, ANTONIOU, Grigoris, (2006), Evolving Ontology Evolution, In Proceedings of the 32nd International Conference on Current Trends in Theory and Practice of Computer Science (SOFSEM-06), Invited Talk, pages 14-29, 2006, disponível em http://www.ics.forth.gr/isl/publications/paperlink/fgeo_SOFSEM06_IT.pdf, consultado em 15-11-2009.

FRANCELIN, Marivalde Moacir, (2010), Ordem dos conceitos na organização da informação e do conhecimento, Tese de Doutorado, disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-29102010-125600/pt-br.php>, consultado em 02-12-2010.

FRANQUESA, Ester, (2000), La innovació terminològica i l'actualització de la llengua, La Neologia en el tombat de segle, *In Atas do I Simposi sobre Neologia*, Observatori de Neologia, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, pp. 109-120.

FREIXA, Judit, (2005), Variación terminológica: ¿Por qué y para qué?, *Meta*, vol. 50, n° 4, disponível em <http://id.erudit.org/iderudit/019917ar>, consultado em 09-04-2010.

FREIXA, Judit, (2002), La Variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient, Tese de Doutorado, disponível em <http://www.tesisenxarxa.net/TDX-0313103-110156/>, consultado em 18-03-2008.

GANGEMI, Aldo, PISANELLI, Domenico, STEVE, Geri, (2000), Understanding Systematic Conceptual Structures in Polysemous Medical Terms, pp. 285-289, disponível em <http://www.loa-cnr.it/Papers/amia00.pdf>, consultado em 02-03-2009.

GARRÃO, Milena, SILVA FILHO, Sebastião, QUENTAL, Violeta (2010), Morfologia sufixal lusófona: análise contrastiva do português brasileiro e do português europeu, , XIV Colóquio da Lusofonia, 2010, Bragança. Atas/Anais do XIV Colóquio da Lusofonia. Bragança, 2010. p. 181-189.

GARRÃO, Milena, SILVA FILHO, Sebastião, QUENTAL, Violeta (2010) Lexicografia contrastiva de sufixos nominais do português brasileiro e europeu in *Atas do IX Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul* – CELSUL Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Palhoça - SC, de 20 a 22/10/2010, disponível em http://www.celsul.org.br/Encontros/09_index.htm.

GAUDIN, François, (1993), Pour une socioterminologie, Des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles, Publications de l'Universite de Rouen nº182, Rouen, 235 p.

GAUDIN, François, (1999), Le cendrier, le généticien et la boîte de nuit ou Les termes ont-ils des propriétés extrinsèques ou intrinsèques?, *Sémantique des termes spécialisés*, (dir.), Valérie DELAVIGNE et Myriam BOUVERET, 1999, Dyalang, Presses de l'Université de Rouen, pp.69-84.

GAUDIN, François, (2003), Socioterminologie, Une approche sociolinguistique de la terminologie, Éditions Duculot, Bruxelles, 286 p.

GAUDIN, François, BOUVERET, Myriam, (2003), Terminology usage: theoretical issues and points of convergence, CIT, Lisboa, (no prelo)

GRZEGA, Joachim, (2002), Some aspects of modern diachronic onomasiology, *Linguistics* 40–5 (2002), 1021–1045, disponível em <http://www.reference-global.com/doi/abs/10.1515/ling.2002.035>, consultado em 12-02-2011.

GRUBER, Thomas, (2008), Ontology. Entry in the *Encyclopedia of Database Systems*, Ling Liu and M. Tamer Özsu (Eds.), Springer-Verlag, 2008, disponível em <http://tomgruber.org/writing/ontology-in-encyclopedia-of-dbs.pdf>, consultado em 02-03-2009.

GRUBER, Thomas, (1993), Toward Principles for the Design of Ontologies Used for Knowledge Sharing. *International Journal Human-Computer Studies* Vol. 43, Issues 5-6, November 1995, disponível em <http://tomgruber.org/writing/onto-design.pdf>, consultado em 02-03-2009, pp. 907-928.

GUARINO, Nicola, (1995), Formal Ontology, Conceptual Analysis and Knowledge Representation, *International Journal of Human and Computer Studies*, 43(5/6), 1995, pp. 625-640.

GUARINO, Nicola, (1998), Formal Ontology in Information Systems, In N. Guarino (ed.) *Formal Ontology in Information Systems. Proceedings of FOIS'98*, Trento, Italy, June 6-8, 1998. IOS Press, Amsterdam, pp. 3-15

GUILLAUME, Astrid, (2010), Diachronie et synchronie: passerelles (étymo)logiques - La dynamique des savoirs millénaires, *Texto!, revue électronique de l'Institut Ferdinand de Saussure*, (coord.) Carine DUTEIL-MOUGEL, (dir.) François Rastier, vol. XV, nº2, 2010,

rubrique « Repères pour l'étude »), disponível em <http://www.revue-texto.net/index.php?id=2558>, consultado em 26-06-2011.

GUILBERT, L. (1981a), La relation entre l'aspect terminologique et l'aspect linguistique du mot, *Texte Choisis de terminologie*, (rédacteurs), RONDEAU, G., FELBER, H., (dir.) SIFOROV V.I., I. Fondements théoriques de la terminologie, GRISTERM, Université Laval, Québec, pp. 185-197.

GUILBERT, L. (1981b), Terminologie et Linguistique, *Texte Choisis de terminologie*, (rédacteurs), RONDEAU, G., FELBER, H., (dir.) SIFOROV V.I., I. Fondements théoriques de la terminologie, GRISTERM, Université Laval, Québec, pp. 199-219.

HABERT, Benoît, NAZARENKO, Adeline, SALEM, André, (1997), *Les linguistique de corpus*, Paris, Armand Colin, 1997, 240 p.

HERMANS, Ad, (2000), Sociologie des vocabulaires scientifiques et techniques. Quelques réflexions, *Actes de la journée en homenage à Louis Guespin, terminologie*, Textes rassemblés par Valérie DELAVIGNE et François GAUDIN, Publications de l'Université de Rouen, pp 79-85.

HJØRLAND, Birger, (2010), Concepts, paradigms and knowledge organization, *Paradigms and conceptual systems in knowledge organization: Proceedings of the Eleventh International ISKO Conference, 23-26 February 2010, Rome, Italy*, . Gnoli, C. & Mazzocchi, F. (eds.). Ergon Verlag p. 38-42. 5 p. (Advances in Knowledge Organization), disponível em http://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/aiko_vol_12_2010_06.pdf, consultado em 03-04-2011.

HJØRLAND, Birger, (2009), Concept theory, I: *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 60, 8, s. 1519-1536. 18 s, disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.21082/pdf>, consultado em 31-03-2011.

HJØRLAND, Birger, (2007), Semantics and Knowledge Organization, *Annual Review of Information Science and Technology*, vol. 41, chapter 8, pp. 367-405, disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/aris.2007.1440410115/pdf>, consultado em 06-04-2011.

HJØRLAND, Birger, (1998), Information Retrieval, Text Composition, and Semantics, Knowledge Organization, vol. 25, (1998), nº 1/2, pp. 16-31, disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.18.9586>, consultado em 30-05-2011.

HJØRLAND, Birger, HARTEL, Jenna, (2003), Afterword: Ontological, epistemological and sociological dimensions of domains, I : *Knowledge Organization*. 30, 3/4, s. 239-245, disponível em http://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko30200334j.pdf, consultado em 01-04-2011.

HOLZEM, Maryvonne, (1999), Termes d'indexation et construction des connaissances, *Sémantique des termes spécialisés*, (dir.), Valérie DELAVIGNE et Myriam BOUVERET, 1999, Dyalang, Presses de l'Université de Rouen, pp.43-52.

HONESTE, Marie Luce, (1999), Un mode de classification sémantique : la polysémie, *Faits de langues*, Année 1999, Volume 7, Numéro 14, pp. 27-36, disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/flang_1244-5460_1999_num_7_14, consultado em 10-05-2009.

HOVY, Eduard, (2002), Comparing Sets of Semantic Relations in Ontologies, In R. Green, C.A. Bean, and S.H. Myaeng, (eds), *Semantics of Relationships: An Interdisciplinary Perspective*, Chapter 6, pp. 91–110, Kluwer, 2002.

HUMBLEY, John, (2009), Présentation. Terminologie: orientations actuelles, *Revue française de linguistique appliquée*, Terminologie, orientations actuelles vol. XIV-2, 2009, pp. 5-8.

IDT – Instituto da droga e da Toxicodependência (site), disponível em <http://www.idt.pt/PT/Paginas/HomePage.aspx>, consultado em 09-06-2011.

JACQUET, Guillaume, VENANT, Fabienne, VICTORRI, Bernard, (2006), Polysémie lexicale, *Sémantique et traitement automatique du langage naturel*, Patrice Enjalbert (Ed.) (2005) 99-132, disponível em http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/06/38/80/PDF/polysemie_lexicale.pdf, consultado em 19-01-2008.

KACPRZAK, Alicja, (2011), Diversité technolèctale en diachronie: le cas de quelques termes médicaux français, *Passeurs de mots, passeurs d'espoir - lexicologie, terminologie et traduction face au défi de la diversité*, Actes des Huitièmes Journées scientifiques du Réseau de chercheurs *Lexicologie, terminologie, traduction*, Marc Van CAMPENHOUDT, Teresa LINO, Rute COSTA, Lisbonne, 15-17 octobre 2009, pp.355-366.

KANDELAKI, T. L., (1981), Le sens des termes et les systèmes de sens des terminologies scientifiques et techniques, *Texte Choisis de terminologie*, (rédacteurs), RONDEAU, G., FELBER, H., (dir.) SIFOROV V.I., I. Fondements théoriques de la terminologie, GRISTERM, Université Laval, Québec, pp. 133-184.

García, Maria de la Nava Maroto, (2007), Las relaciones conceptuales en la terminología de los productos cerâmicos y su formalización mediante un editor de ontologías, Tese de Doutorado, disponível em <http://repositori.uji.es/xmlui/handle/10803/10569?locale-attribute=en>, consultado em 08-01-2012.

KASAMA, Deni Yuzo, ZAVAGLIA, Claudia, ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos, (2010), Do termo à estruturação semântica: representação ontológica do domínio da Nanociência e Nanotecnologia utilizando a Estrutura Qualia, *Linguamática*, vol. 2 nº. 3, Dezembro 2010, pp. 43-58, disponível em

<http://linguamatica.com/index.php/linguamatica/article/view/73/102>, consultado em 28-03-2011.

KAROUI, Lobna, AUFAURE, Marie-Aude, (2007), Evaluation des concepts ontologiques basée sur une contextualisation progressive, disponível em <http://www.emse.fr/~vercouter/iawi/21-karoui.pdf>, consultado em 30-05-2010.

KAGEURA, Kyo, (1999), On the Study of Dynamics of Terminology: A Proposal of a Theoretical Framework, disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.20.807>, consultado em 12-04-2011.

KHOO, C. S. G., NA, Jin-Cheon, (2006), Semantic relations in Information Science. Annual Review of Information Science and Technology, v. 40, p. 157-228, 2006, disponível em http://www.ntu.edu.sg/home/assgkhoo/papers/khoo_na.semantic_relations.ARIST2006.pdf, consultado em 23-03-2011.

KLEIBER, Georges, (2008), Petit essai pour montrer que la polysémie n'est pas un sens interdit, *Actes du 1er Congrès Mondial de Linguistique Française*, Paris, France, 2008, pp. 87-101, disponível em http://www.linguistiquefrancaise.org/index.php?option=com_toc&url=/articles/cmlf/abs/2008/01/contents/contents.html&Itemid=287%3F=fr, consultado em 12-08-2008.

KLEIBER, Georges, (1999), Problèmes de Sémantique, la polysémie en questions, Presses Universitaires du Septentrion, Paris, pp. 223.

KLEIN, Gunnar, SMITH, Barry, (2010), Concept Systems and Ontologies: Recommendations for Basic Terminology", *Transactions of the Japanese Society for Artificial Intelligence*, 25, 2010, 433-441, disponível em <http://www.istage.ist.go.jp/article/tjsai/25/3/433/pdf>, consultado em 01-04-2011.

KOCOUREK, Rostislav, (1991a), La Langue Française de la technique et de la science, vers une linguistique de la langue savante, Oscar Brandstetter Verlag GmbH und Co. KG, Wiesbaden, Alemanha.

KOCOUREK, Rostislav, (1991b), Textes et termes, *Meta*, vol. 36, n° 1, p. 71-76, disponível em <http://id.erudit.org/iderudit/003330ar>, consultado em 11-09-2008.

KOSTINA, Irina, (2009), La variación conceptual de los términos en el discurso especializado, Tese de Doutorado, disponível em http://www.tesisenxarxa.net/TESIS_UPF/AVAILABLE/TDX-0408110-143555/tik.pdf, consultado em 13-04-2010.

KOSTINA, Irina, (2000), La dinamicidad de los conceptos especializados en los textos de diferentes niveles de especialización, Atas do Simpósio da Riterm, disponível em <http://www.riterm.net/actes/7simposio/kostina.htm>, consultado em 06-05-2008.

KRIEGER, Maria da Graça, (2004), Do reconhecimento de terminologias: entre o lingüístico e o textual, *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. II In: ISQUERDO, Aparecida Negri e KRIEGER, Maria da Graça, UFMS /UFRGS: Campo Grande/Porto Alegre, 2004, pp. 327-339.

KRIEGER, Maria da Graça, FINATTO, Maria José Bocorny, (2004), *Introdução à Terminologia: teoria e prática*, São Paulo: Contexto, 223 p.

KYTÖ, Merja, (2011), Corpora and historical linguistics, RBLA, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 417-457.

L'HOMME, Marie-Claude, (2004), *La terminologie : principes et techniques*, Montréal : Les Presses de l'Université de Montréal, 278 p.

LAIGNELET, Marion, (2007), La recherche d'information évolutive dans des documents de type encyclopédique: l'apport de techniques linguistiques. In *Actes de la 4e conférence en recherche d'information et application* - Rencontre de jeunes chercheurs en recherche d'information, pages 449–454, Saint-Etienne, 2007. Publications de l'université de Saint-Etienne, disponível em <http://marion.laignelet.free.fr/articles/rjcri2007-laignelet-modif2.pdf>, consultado em 21-11-2009.

LERVAD, Susanne, (2003), Terminologie de la drogue - une base de données multilingue – le projet AVENTINUS, La terminologie au service du traducteur, *Revue de Traduction et d'Interprétation/Journal of Translation Studies*, (org.) Hassan Hamze e Mohamed Ougammadam, vol. 12, nº. 1 , Abril 2003, p. 145-151.

LIEBSCHER, Robert, BELEW, Richard, (2003), Lexical dynamics and conceptual change: Analyses and implications for information retrieval, *Cognitive Science Online*, Vol.1, pp.46–57, 2003, disponível em <http://cogsci-online.ucsd.edu/1/1-5.pdf>, consultado em 11-05-2011.

LINO, Teresa, (1994), Base de données textuelles et terminographiques, *Meta*, vol. 39, nº4, Montreal, pp.786-789.

LINO, Teresa, (2001), De la néologie à la lexicographie spécialisée d'apprentissage, *Cahiers de lexicologie*, 78, 2001-1, Paris, pp.139-145.

LINO, Teresa, (2005a), Langues de Spécialité: Variantes terminologiques de la langue portugaise – Portugal et Brésil, *Actes du Colloque International Cette Terre Brésilienne/ Esta Terra Brasileira*, *Revue Textures* nº16, Université Lumière Lyon 2, Lyon, p. 243-260

LINO, Teresa, (2005b), Contextes et néologie terminologique dans le domaine médical, *Séptièmes journées scientifique du Réseau Lexicologie, terminologie, traduction, Mots, termes et contextes*, Bruxelas, Bélgica.

LIPOU, Antoine, (2005), "La fonctionnalisation terminologique en contexte de mutations socio-historiques", in *De la mesure dans les termes*, hommage à Philippe Thoiron, (dir.) Henri BÉJOINT et François MANIEZ, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, pp. 85-106.

Llengua catalana i neologia, (2004), Observatori de Neologia, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, (ogr.) Judit Freixa e Elisabet Solé, Barcelona: Meteora, 399 p.

LÓPEZ, Paula Gómez, (2002), Diversos acercamientos al análisis de la variación semántica y funcional, *Funcion* 25-26, pp.71-112, disponível em <http://www.publicaciones.cucsh.udg.mx/ppperiod/funcion/pdf/25-26/71-112.pdf>, consultado em 29-04-2009.

LORENTE, Mercè, (2005), Ontology for economics and Information Retrieval, *Yearbook hipertext.net* number 3, May 2005 [on line], disponível em <http://www.hipertext.net/web/pag259.htm>, consultado em 10-07-2011.

LOTTE, D.S., (1981), Principe d'établissement d'une terminologie scientifique et technique, *Texte Choisis de terminologie*, (rédacteurs), RONDEAU, G., FELBER, H., (dir.) SIFOROV V.I., I. Fondements théoriques de la terminologie, GRISTERM, Université Laval, Québec, pp. 1-54.

LUCIO-ARIAS, Diana, LEYDESDORFF, Loet, (2007), Knowledge emergence in scientific communication: from fullerenes to nanotubes, *Scientometrics*, vol. 70, nº 3, March 2007, pp. 603-632, disponível em <http://www.springerlink.com/content/4p63145gt5319463/>, consultado em 06-04-2011.

MAGUÉ, Jean-Philippe, (2005), Changements sémantiques et cognition: Différentes méthodes pour différentes échelles temporelles, Tese de Doutorado, disponível em http://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00410044_v1/, consultado em 27-03-2011.

MARCHELLO-NIZIA, Christiane, (1999), Corpus diachroniques, in H.Huot et A.Delaveau ed. *Actes des Rencontres de l'AFLA: Grands Corpus* (sept.97). *Revue Française de Linguistique Appliquée* IV-1, pp.30-39.

MAZALEYRAT, Hélène, (2010), Vers une approche linguistico-cognitive de la polysémie Représentation de la signification et construction du sens, Tese de Doutorado, disponível em http://tel.archives-ouvertes.fr/docs/00/54/57/77/PDF/ThA_se_HA_IA_ne_Mazaleyrat_Vers_une_approche_linguistico-cognitive_de_la_polysemie.pdf, consultado em 02-03-2011.

MHIRI, Mohamed Ben Ahmed, GARGOURI, Faïez, BENSLIMANE Djamal, (2006), Détermination automatique des relations sémantiques entre les concepts d'une ontologie, In *Actes du XXIVème Congrès INFORSID*, Hammamet, Tunisie, 31 mai - 4 juin,

2006 pp. 627-642, disponível em <http://134.214.81.35/articles/a603c1NbOCNLucbZ6.pdf>, consultado em 15-12-2009.

MONDARY, Thibault, DESPRÈS, Sylvie, NAZARENKO, Adeline, SZULMAN, Sylvie, (2008), Construction d'ontologies à partir de textes: la phase de conceptualisation, 87-98, disponível em http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/28/96/13/PDF/ic2008_mondary.pdf, consultado em 11-06-2009.

MORILLO, Fernanda, BORDONS, María, GÓMEZ, Isabel, (2003), Interdisciplinarity in Science: A Tentative Typology of Disciplines and Research Areas, *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 54(13):1237–1249, 2003, disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.10326/pdf>, consultado em 30-05-2011.

MORTUREUX, Marie-Françoise, (1974), Analogie «créatrice», formelle et sémantique, *Langages*, 1974, vol. 8, n° 36, p. 20-33.

MOULIN, Bernard, (1997), Temporal contexts for discourse representation: An extension of the conceptual graph approach, *Artificial Intelligence*, 7, 227-255, disponível em <http://www.springerlink.com/content/m1t457840n6q6216/>, consultado em 23-03-2011.

MOULIN, Bernard, (1993), Representing temporal knowledge in discourse: an approach extending the conceptual graph theory, *Conceptual Structures: Theory and Implementation*, vol. 754/1993, pp. 72-95, disponível em <http://www.springerlink.com/content/f15356583l118722/>, consultado em 23-03-2011.

MØLLER, Bernt, (1998), À la recherche d'une terminochronie, *Meta*, vol. 43, n° 3, 1998, p. 426-438, disponível em <http://id.erudit.org/iderudit/003655ar>, consultado em 28-03-2008.

NAZARENKO Adeline, (2005), Sur quelle sémantique reposent les méthodes automatiques d'accès au contenu textuel?, *Sémantique et corpus*, CONDAMINES, Anne, (coord.), ch. 6, Hermès/Lavoisier, pp. 211-244.

NEUHAUS, Fabian, GRENON, Pierre, SMITH, Barry, (2004), A Formal Theory of Substances, Qualities, and Universals, Achille Varzi and Laure Vieu (eds.), *Formal Ontology and Information Systems. Proceedings of the Third International Conference (FOIS 2004)*, Amsterdam: IOS Press, 2004, 49–58, disponível em <http://ontology.buffalo.edu/bfo/SQU.pdf>, consultado em 01-04-2011.

NOY, Natalya Fridman, KLEIN, Michel, (2004), Ontology Evolution: Not the Same as Schema Evolution, *Knowledge and Information Systems*, 6(4):428-440, July 2004, disponível em <http://portal.acm.org/citation.cfm?id=1014183>, consultado em 24-03-2011.

NYCKEES, Vincent, (2006), Rien n'est sans raison: les bases d'une théorie continuiste de l'évolution sémantique, *Aspects diachroniques du vocabulaire*, in Danielle Candel et Gaudin François, Rouen: Presses Universitaires de Rouen, p. 15-88.

OBID – Observatório brasileiro de informações sobre drogas (site), disponível em <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>, consultado em 09-06-2011.

ÖZSOYOĞLU, Gultekin, SNODGRASS, Richard T., (1995), Temporal and Real-Time Databases: A Survey, *IEEE Transactions on Knowledge and Data Engineering*, vol. 7, nº 4, August, pp. 513-532.

PACKEISER, Kirsten, (2009), The General Theory of Terminology: A Literature Review and a Critical discussion, Dissertação de Mestrado, disponível em http://studenttheses.cbs.dk/bitstream/handle/10417/655/kirsten_packeiser.pdf?sequence=1, consultado em 11-04-2011.

PARK, Jung-ran, (2007), Evolution of concept networks and implications for knowledge representation, *Journal of Documentation*, vol. 63, nº 6, pp.963-983, disponível em <http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?articleid=1636360&show=html>, consultado em 11-05-2011.

PÉRY-WOODLEY, Marie-Paule, (1998), Signalling in written text: a corpus-based approach. In M. Stede, L. Wanner & E. Hovy (Eds.), *Discourse Relations and Discourse Markers (COLING'98 Workshop)*, COLING/ACL, pp. 79-85, disponível em <http://w3.erss.univ-tlse2.fr/textes/pagespersos/pery/articles/coling98 .pdf>, consultado em 15-11-2009.

PAVEL, Silvia, (1991), Changement sémantique et terminologie, *Meta*, vol. 36, nº 1, p. 41-48, disponível em <http://id.erudit.org/iderudit/003805ar>, consultado em 11-09-2008.

PICTON, Aurélie, (2009a), Identifier des traces d'innovation: Proposition d'une approche outillée en corpus spécialisés, In Actes de l'atelier « *Du Thème au Terme* », Conférence internationale Terminologie et Intelligence Artificielle (TIA), Toulouse, France, 21 novembre 2009, disponível em http://www.irit.fr/TIA09/thekey/atelier1/Atelier%201_1_Picton.pdf, consultado em 08-07-2010.

PICTON, Aurélie, (2009b), Markers and Knowledge-Rich Contexts to Study Short-Term Evolution in Corpora: Elements for a Methodological Framework in French/Marqueurs et contextes riches en connaissances pour observer l'évolution en diachronie courte: Éléments méthodologiques en corpus, In Actes de la *Conférence européenne Language for Special Purposes (LSP)*, Aarhus, Danemark, 17-21 août 2009, disponível em http://www.asb.dk/fileadmin/www.asb.dk/en/aboutasb/departments/departementoflanguageandbusinesscommunication/research/phdprogrammes/phdcourses/xviieuropeansymposiumonlsp/onlineproceedings/extendedcontributions/fileexplorer_fetchfile.aspx-file-18384.pdf, consultado em 08-03-2011.

PICTON, Aurélie, (2009c), Diachronie en langue de spécialité. Définition d'une méthode linguistique outillée pour repérer l'évolution des connaissances en corpus. Un exemple appliqué au domaine spatial, Tese de Doutorado, disponível em http://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00429061_v1/, consultado em 18-07-2010.

PINCEMIN, Bénédicte, (1999), Sémantique interprétative et analyses automatiques de textes : que deviennent les sèmes ? Benoît Habert (dir.), Dépasser les sens iniques dans l'accès automatisé aux textes, *Sémiotiques*, 17, décembre 1999, pp. 71-120, disponível em http://icar.univ-lyon2.fr/membres/bpincemin/biblio/pincemin_semiotiques02.pdf, consultado em 16-05-2009.

PINTO, Rosalice, SILVA FILHO, Sebastião, (2010), Linguística de Corpus e Interaccionismo Sociodiscursivo: interface e/ou complementaridade” in Cadernos WGT – Workshop em gramática e texto, Workshop sobre Forma e Significado, Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, disponível em http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/8wgt/rosalice_sebastiao_forma_significado.pdf, 27/02/2010.

PINTO, Rosalice, SILVA FILHO, Sebastião, (2010), Unidades textuais em análise: contributos da linguística de corpus e do interaccionismo sociodiscursivo in *Atas IX Congreso Internacional de Lingüística General*, Faculdade de Filosofia e Letras de Valladolid, Espanha, 21 a 23/06/2010, pp. 528-539.

PISANELLI, Domenico, GANGEMI, Aldo, BATTAGLIA, Massimo, CATENACCI, Carola, (2004), Coping with Medical Polysemy in the Semantic Web: the Role of Ontologies, In M. Fieschi et al. (eds.) *Proceedings of MedInfo 2004*, September 7-11, 2004, San Francisco, USA, IOS Press, Amsterdam, 2004, pp. 416-419, disponível em <http://www.loa-cnr.it/Papers/medinfo04.pdf>, consultado em 19-11-2009.

PLESSERS, Peter, (De) TROYER, Olga, CASTELEYN, Sven, (2007), Understanding Ontology Evolution: A Change Detection Approach, *Journal of Web Semantics: Science, Services and Agents on the World Wide Web*, vol. 5, nº 1, pp. 39-49, Publ. Elsevier.

POIBEAU, Thierry, (2005), Parcours interprétatifs et terminologie, disponível em <http://hal.inria.fr/docs/00/03/15/63/PDF/Termino.pdf>, consultado em 17-08-2008.

PONTES, Antônio Luciano, (2009), *Dicionário para uso escolar: o que é como se lê*, 1ª ed. Fortaleza: EDUECE, 2009. v. 1. 261 p.

POSSAMAI, Viviane, (2004), Marcadores textuais do artigo científico em comparação português e inglês: um estudo sob a perspectiva da tradução, Dissertação de Mestrado, disponível em http://www6.ufrgs.br/termisul/biblioteca/dissertacoes/dissertacao_2004_POSSAMAI.pdf, consultado em 10-03-2011.

POTTIER, Bernard, (1967), *Présentation de la linguistique. Fondements d'une théorie*. Paris: Éditions Klincksieck.

PRÉVOST, Sophie, (2008), *Diachronie, histoire de la langue: synthèse et perspectives, Actes du 1er Congrès Mondial de Linguistique Française*, Paris, France, 2008, pp. 377-381, disponível em http://www.linguistiquefrancaise.org/index.php?option=com_toc&url=/articles/cmlf/abs/2008/01/contents/contents.html&Itemid=287%3F=fr, consultado em 12-08-2008.

PRÉVOT, Laurent et al., (2010a), *Ontology and the lexicon: a multidisciplinary perspective, Ontology and the Lexicon: A Natural Language Processing Perspective (Studies in Natural Language Processing)*, (Editor) HUANG, Chu-ren, CALZOLARI, Nicoletta, GANGEMI, Aldo, LENCI Alessandro, OLTRAMARI, Alessandro, PRÉVOT, Laurent, Cambridge University Press, pp. 3-24.

PRÉVOT, Laurent et al., (2010b), *Interfacing ontologies and lexical resources, Ontology and the Lexicon: A Natural Language Processing Perspective (Studies in Natural Language Processing)*, (Editor) HUANG, Chu-ren, CALZOLARI, Nicoletta, GANGEMI, Aldo, LENCI Alessandro, OLTRAMARI, Alessandro, PRÉVOT, Laurent, Cambridge University Press, pp. 185-200.

PRUVOST, Jean, SABLAYROLLES, Jean-François, (2003), *Les Néologismes*, Paris, Que sais-je?, 127 p.

QUEMOUN, Fernande Elisabeth Ruiz, (2010), *La polysémie dans la terminologie de la recherche scientifique*, *Anales de Filología Francesa*, n.º 18.

RASTIER, François, (2006), *De la signification lexicale au sens textuel: éléments pour une approche unifiée. Texto!* [en ligne], mars 2006, vol. XI, n°1. disponível em http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier/Rastier_Signification-lexicale.html, consultado em 12-10-2008.

RASTIER, François, (2005), *De la sémantique cognitive à la sémantique diachronique : les valeurs et évolutions des classes lexicales. Texto !* septembre 2005 [en ligne]. disponível em http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier/Rastier_Classes-lexicales.html, consultado em 06-01-2008.

RASTIER, François, (2002), *Enjeux épistémologiques de la linguistique de corpus*, Rastier, François (2005). *Enjeux épistémologiques de la linguistique de corpus*. In. Geoffray, Williams (org.). *La linguistique de corpus*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

RASTIER, François, (2001), *Arts et sciences du texte*, Paris, P.U.F., 303 p.

RASTIER, François, (1991), *Sémantique et recherche cognitives*, Paris: PUF, 267 p.

RASTIER, François, VALETTE, Mathieu, (2009), De la polysémie à la néosémie, *Le français moderne*, S. Mejri, éd., *La problématique du mot*, 77, 97-116, disponível em http://www.revue-texto.net/docannexe/file/2119/last_rastier_valette_polysemie.pdf, consultado em 12-06-2009.

RASTIER, François, CAVAZZA, Marc, ABEILLÉ, Anne, (1994), *Sémantique pour l'analyse, De la linguistique à l'informatique*, Paris, Masson, 240 p.

RASTIER, François, VALETTE, Mathieu, (2009), De la polysémie à la néosémie, *Le français moderne*, S. Mejri, éd., *La problématique du mot*, 77, 97-116, disponível em http://www.revue-texto.net/docannexe/file/2119/last_rastier_valette_polysemie.pdf, consultado em 12-06-2009.

RÉCANATI, François, (1997), La polysémie contre le fixisme, *Langue Française*, Aux sources de la polysémie nominale, Larousse, 113, Paris, pp.107-123.

REY, Alain, (1976), Neologisme, un pseudo-concept, *Cahiers de lexicologie*, nº 28, Paris, pp. 3-17.

REY, Alain, (1973), Langage et temporalités, *Langages*, 8e année, nº32, 1973, pp. 53-78.

ROTHENBURGER, Bernard, (2006), Du mode de prise en compte ontologique et terminologique de l'évolution des connaissances dans les domaines techniques, *Information - Interaction - Intelligence*, Cépaduès Editions, Numéro spécial Des documents aux connaissances : évolution et maintenance dans les textes, les terminologies et les ontologies, Vol. Hors-série, p. 9-29, 2006, disponível em http://www.revue-i3.org/hors_serie/annee2006/revue_i3_hs2006_01_02.pdf, consultado em 15-11-2009.

SAGER, Juan Carlos, (2000), Pour une approche fonctionnelle de la terminologie, *Le sens en terminologie*, In.: BÉJOINT, Henry et THOIRON, Philippe, (dir.), Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 40-60.

SAGER, Juan Carlos, (1990), A practical course in terminology processing, Amsterdam - Philadelphia, John Benjamins Publishings Company, pp.257.

SALAGER-MEYER, Françoise, (1999), Referential Behavior in Scientific Writing: A Diachronic Study (1810-1995), *English for Specific Purposes*, vol. 18, nº 3, pp. 279-305, 1999, The American University, published by Elsevier Science, printed in Great Britain, disponível em http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6VDM-4037X2S-4&_user=5062993&_coverDate=05%2F15%2F1999&_rdoc=1&_fmt=high&_orig=gateway&_origin=gateway&_sort=d&_docanchor=&_view=c&_searchStrId=1714232740&_rerunOrigin=google&_acct=C000057395&_version=1&_urlVersion=0&_userid=5062993&_md5=095f26101c1c14e375d8da0753b98b5c&_searchtype=a, consultado em 11-04-2011.

SÁNCHEZ MANZANARES, Maria Carmen, (2009), Procedimientos trópicos en la neología semántica: sistematicidad y creatividad, *Revista de Investigación Lingüística*, vol. 12, (2009), pp. 123-146.

SÁNCHEZ-MARCO, Cristina, BOLEDA, Gemma, FONTANA, Josep Maria, DOMINGO, Judith, (2010), Annotation and Representation of a Diachronic Corpus of Spanish, In Nicoletta Calzolari (Conference Chair), Khalid Choukri, Bente Maegaard, Joseph Mariani, Jan Odjik, Stelios Piperidis, Mike Rosner, Daniel Tapias (ed.) *Proceedings of the Seventh conference on International Language Resources and Evaluation (LREC'10)*, European Language Resources Association (ELRA). Valletta, Malta. 2010, disponível em <http://www.lsi.upc.edu/~gboleda/pubs/2009-2010/sanchezmarcoetalLREC2010.pdf>, consultado em 06-04-2011.

SARDINHA, Tony Berber, (2000), Lingüística de Corpus: histórico e problemática, *D.E.L.T.A.*, Vol. 16, N.º 2, 2000, p. 323-367, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>, consultado em 08-12-2009.

SASSI, Najla, JAZIRI, Wassim, GARGOURI, Faiez, (2010), CONSISTOLOGY: A Semantic tool to support ontology evolution and consistency, *Proceedings of the First Workshop on Ontology Repositories and Editors for the Semantic Web (ORES2010)*, 7th Extended Semantic Web Conference Hersonissos, Crete, Greece, May/June 2010 disponível em http://ontolog.cim3.net/file/resource/OOR/eswc2010_ORES2010-workshop-proceedings.pdf, consultado em 20-03-2011.

SASSI, Najla, et JAZIRI, Wassim, (2007), Types de changements et leurs effets sur l'évolution de l'ontologie, disponível em http://liris.cnrs.fr/gom/JFO_2007/5.pdf, consultado em 14-06-2011.

(de) SCHAETZEN, C. (1989), *Terminologie diachronique*, Actes du colloque du 25-26 mars 1988, CILF – Conseil International a la Langue Francaise, Bruxelles, Belgique, 289 p.

SCHWER, Sylviane, TOVENA Lucia, (2009), Ontologies temporelles et sémantique de la temporalité, *Rencontres interdisciplinaires sur les systèmes complexes naturels et artificiels : Ontologie et dynamique des systèmes complexes*. 16° journées de Rochebrune, Megève: France (2009), disponível em <http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/53/35/51/PDF/Rochebrune09rev.pdf>, consultado em 27-03-2011.

SÉGUÉLA, Patrick, (2001), Construction de modèles de connaissances par analyse linguistique de relations lexicales dans les documents techniques, Tese de Doutorado, disponível em http://patrick.seguela.free.fr/these_ps.PDF, consultado em 14-06-2009.

SIFOROV, V. I., (1981), Prefácio, *Texte Choisis de terminologie*, (rédacteurs), RONDEAU, G., FELBER, H., (dir.) SIFOROV V.I., I. Fondements théoriques de la terminologie, GRISTERM, Université Laval, Québec, pp. ix-xiii.

SILVA, Augusto Soares, (2006), *O Mundo dos Sentidos em Português - Polissemia, Semântica e Cognição*, Edições Almedina, Coimbra, 392 p.

SILVA FILHO, Sebastião, (2006), *Dicionário Contextual da Toxicodependência: A polissemia nos neologismos técnicos e científicos*, [Dissertação de Mestrado], Faculdade de Ciência Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2006.

SILVA FILHO, Sebastião, (2009), *Neologia semântica: aspectos culturais e sociais de um novo termo* in *Atas do Encontro Internacional Lugares da Lusofonia*, realizado na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade do Algarve, 26 e 27/01/2009, pp. 153-160.

SILVA FILHO, Sebastião, CONTENTE, Madalena, (2009), *A criação neológica nas variantes portuguesa e brasileira*, in *Atas do II SIMELP – Simpósio Mundial de Estudo de Língua Portuguesa*, Évora (Portugal), 6 a 11/10/2009, disponível em <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg1/05.pdf>.

SILVA FILHO, Sebastião, (2010), *Reflexões sobre as competências terminológicas face às atividades profissionais*, VI Jornada Científica da Rede Panlatina de Terminologia, Formação em terminologia: da investigação em comunicação multilingue às competências para o exercício profissional, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 14/05/2010 disponível em <http://realiter.net/spip.php?article2024>.

SILVA FILHO, Sebastião, (2010), *Análise e descrição da variação conceptual a partir do corpus de especialidade*. in *Atas do IX Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL* Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Palhoça - SC, de 20 a 22/10/2010, disponível em <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Sebastiao%20Silva%20Filho.pdf>.

SILVA FILHO, Sebastião, (2011), *A variação terminológica no domínio da toxicodependência*, Colóquio Traduction, terminologie et rédaction technique: des ponts entre le français et le portugais, Paris 3 - Sorbonne, 13 e 14 de Janeiro. (no prelo)

SILVA FILHO, Sebastião, (2011), *Terminologia e diacronia – pressupostos para o estudo sobre a neologia semântica*. II Congresso Internacional de Neologia das Línguas Românicas – CINEO. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 05 a 08 de Dezembro de 2011. (no prelo)

SILVA FILHO, Sebastião, (2012), *The need for linguistics training to access the specialized information from documents*, GLAT 2012 - Terminologies: textes, discours et accès aux savoirs specialises, Gênova, de 14 a 16 Maio de 2012, Aula Meridiana Facoltà di Giurisprudenza de l'Università di Genova, pp. 289-296.

SLIMANI, Thabet, BEN YAGHLANE, Boutheina, MELLOULI, Khaled, (2009), *Evaluation d'associations sémantiques dans une ontologie de domaine*, disponível em

http://ic2009.inria.fr/docs/papers/SlimaniEtAl_IC2009_12.pdf, consultado em 15-11-2009.

SLODZIAN, Monique, (2000), L'émergence d'une terminologie textuelle et le retour du sens, *Le sens en terminologie*, In.: Henry Béjoint et Philippe Thoiron, dir., Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 61-85.

SLODZIAN, Monique, VALETTE, Mathieu, (2009), Connaissances prescrites ou connaissances décrites? L'apport de la sémantique des textes, Patrimoine 3.0, *Actes du 12e Colloque International sur le Document Electronique (CIDE.12)*, Khaldoun Zreik, dir., Europia Productions, Paris, pp. 129-141, disponível em http://mathieu.valette.free.fr/Articles/Slodzian_Valette_2009_Connaissances_prescrites_Cide_12.pdf, consultado em 12-02-2011.

SMITH, Barry, (2004), Beyond Concepts, or: Ontology as Reality Representation", Achille Varzi and Laure Vieu (eds.), *Formal Ontology and Information Systems. Proceedings of the Third International Conference (FOIS 2004)*, Amsterdam: IOS Press, 2004, 73–84, disponível em <http://ontology.buffalo.edu/bfo/BeyondConcepts.pdf>, consultado em 01-04-2011.

SMITH, Barry, CEUSTERS, Werner, (2010), "Ontological Realism as a Methodology for Coordinated Evolution of Scientific Ontologies", *Applied Ontology*, 5 (2010) 139–188, disponível em <http://iospress.metapress.com/content/1551884412214u67/fulltext.pdf>, consultado em 02-04-2011.

SOLÉ, Elisabet, (2002), Textes i neologisme, *In Atas do Lèxic i Neologia*, Observatori de Neologia, (Ed.) CABRÉ, Maria Teresa, FREIXA, Judit, SOLÉ, Elisabet, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, pp. 79-90.

SOWA, John F. (1999), Building, sharing and merging ontologies, disponível em <http://www.ifsowa.com/ontology/ontosar.htm> consultado em 02-04-2008.

SPERANZA, Manuela, MAGNINI, Bernardo, (2010), Merging global and specialized linguistic ontologies, *Ontology and the Lexicon: A Natural Language Processing Perspective (Studies in Natural Language Processing)*, (Editor) HUANG, Chu-ren, CALZOLARI, Nicoletta, GANGEMI, Aldo, LENCI Alessandro, OLTRAMARI, Alessandro, PRÉVOT, Laurent, Cambridge University Press, pp. 185-200.

SPITERI, Louise, (2008), Concept theory and the role of conceptual coherence in assessments of similarity, disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/meet.2008.1450450206/pdf>, consultado em 12-05-2011.

STOCK, Wolfgang, (2010), Concepts and semantic relations in information science. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 61(10), 1951-

1969, disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.21382/pdf>, consultado em 31-03-2011.

ŠTRBÁKOVÁ, Radana, (2007), *Proceso de cambio léxico en el español del siglo XIX: el vocabulário de la indumentaria*, Tese de Doutorado, disponível em <http://epub.sub.uni-hamburg.de/epub/volltexte/2009/2045/pdf/16920600.pdf>, consultado em 07-04-2009.

TARTIER, Annie, (2006a), *Analyse automatique de l'évolution terminologique*, disponível em http://www.revue-i3.org/hors_serie/annee2006/revue_i3_hs2006_01_05.pdf, consultado em 10-04-2008.

TARTIER, Annie, (2006b), *terminologique et analyse diachronique*, In *Actes de la 13e conférence sur le traitement automatique des langues naturelles*, disponível em <http://cental.fltr.ucl.ac.be/~taln2006/index.php?lang=fr&page=95>, consultado em 18-03-2008.

TARTIER, Annie, (2004), *Analyse automatique de l'évolution terminologique: variations et distances*, Tese de Doutorado, disponível em http://www.tdr.cesca.es/TESIS_UPF/AVAILABLE/TDX-0513108-173853/taa.pdf, consultado em 04-05-2009

TEBÉ, Carles, (2005), *La representació conceptual en terminologia: l'atribució temàtica en els bancs de dades terminològiques*, Tese de Doutorado, disponível em http://www.tdr.cesca.es/TESIS_UPF/AVAILABLE/TDX-0329106-105835/tct1de2.pdf, consultado em 12-04-2010.

TEBÉ, Carles, (2002), *Bases de dades i neologia*, In *Atas do Lèxic i Neologia*, Observatori de Neologia, (Ed.) CABRÉ, Maria Teresa, FREIXA, Judit, SOLÉ, Elisabet, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, p. 91-105.

TERMMERMAN, Rita, (2000), *Towards New Ways of Terminology Description, The sociocognitive approach*, Amsterdam-Philadelphia, John Benjamins Publishings Company, 258 p.

TEUBERT, Wolfgang, (2010), *La linguistique de corpus: une alternative*, *Semen* [em linha], 27/2009, 10 de dezembro 2010, disponível em <http://semen.revues.org/8923>, consultado em 08-03-2011.

TEUBERT, Wolfgang, (2007), *Escritura, hermenéutica y lingüística de corpus*, *Rev. signos* v.40 n.64 Valparaíso 2007, 431-453, disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-09342007000200008&script=sci_arttext, consultado em 16-03-2011

TEUBERT, Wolfgang, (2004), Language and corpus linguistics, *Lexicology and corpus linguistics – an introduction*, In. Michael A. K. HALLIDAY, Wolfgang TEUBERT, Colin YALLOP and Anna CERMÁKOVÁ, (2004), London, New York: Continuum, pp.73-112.

TEUBERT, Wolfgang, CERMÁKOVÁ, Anna, (2004), Directions and corpus linguistics, *Lexicology and corpus linguistics – an introduction*, In. Michael A. K. HALLIDAY, Wolfgang TEUBERT, Colin YALLOP and Anna CERMÁKOVÁ, (2004), London, New York: Continuum, pp.113-166.

TEUBERT, Wolfgang, KERVIO-BERTHOU, Valérie, (2000), Linguistique des corpus et lexicographie, *Cahiers de lexicologie*, vol.76, 2000-2, Paris, p.137-163.

THELLEFSEN, Martin, (2010), Knowledge Organization, Concepts, Signs - A Semeiotic Framework, Tese de Doutorado, disponível em http://forskning.iva.dk/files/30869761/MT%20PhD%20Dissertation%20OKT_rev_final_edition_2010%20edition.pdf, consultado em 31-03-2009.

ULLMANN, Stephen, (1957), Principles of semantics: a linguistic approach to meaning, Oxford: Blackwell, 2nd edition, 348 p.

VALENTIM, Helena Topa, (2007), A questão da polissemia na mudança linguística, 1^o Work(shop) em Gramática & Texto (WGT) – “Polissemia”, Lisboa, 2007, pp.13-15, disponível em http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/hv_pol.pdf, consultado em 18-05-2011.

VALETTE, Mathieu, (2010), Des textes au concept. Propositions pour une approche textuelle de la conceptualisation, *Actes des 21es Journées francophones d'Ingénierie des Connaissances (IC'2010)* (8-11 juin 2010), Nîmes Sylvie Despres, éd., Publication de l'Ecole des Mines d'Alès, pp. 5-16, disponível em http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/49/10/37/PDF/Valette_IC_version_finale.pdf, consultado em 12-02-2011.

VENEGAS, René, (2005), Las relaciones léxico-semánticas en artículos de investigación científica: Una aproximación desde el análisis semántico latente, Tese de Doutorado, disponível em, consultado em 18-07-2011.

VENEGAS, René, (2006), La similitud léxico-semántica en artículos de investigación científica en español: Una aproximación desde el Análisis Semántico Latente, *Revista Signos*, 2006, vol. 39, nº 60, 75-106 pp., disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-09342006000100004&script=sci_arttext, consultado em 18-07-2011.

VICTORRI, Bernard, FUCHS, Catherine, (1996), La polysémie, construction dynamique du sens, Editions Hermes, Paris, 220 p.

WERSIG, G., (1981), Procédes et problèmes de la recherche terminologique, Texte Choisis de terminologie, (rédacteurs), RONDEAU, G., FELBER, H., (dir.) SIFOROV V.I., I. Fondements théoriques de la terminologie, GRISTERM, Université Laval, Québec, pp. 283-300.

WARBURTON, Kara, (2007), Le Terminologue d'entreprise, disponível em http://www.ugo.ca/terminologie2007/documents/Warburton_terminologue.pdf, consultado em 31-03-2010

WIERZBICKA, Anna, (1995), Lexicography and conceptual analysis, Karoma Publishers, Inc., Tucson, 258 p.

WÜSTER, Eugen, (1981), L'étude scientifique générale de la terminologie, zone frontalière entre la linguistique, la logique, l'ontologie, l'informatique et les sciences des choses, Texte Choisis de terminologie, (rédacteurs), RONDEAU, G., FELBER, H., (dir.) SIFOROV V.I., I. Fondements théoriques de la terminologie, GRISTERM, Université Laval, Québec, pp. 56-114.

WÜSTER, Eugen, (1985), Einführung in die allgemeine terminologielehre und terminologische lexikographie, Auflage herausgegeben vom Fachsprachlichen Zentrum, Handelshochschule Kopenhagen, Denmark, 214 p.

WÜSTER, Eugen, (1998), *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*, Barcelona, IULA, 227 p.